

CLASSICOS CULTRIX

APULEIO

O ASNO DE OURO

Introdução e tradução direta do Latim por
RUTH GUIMARÃES



00397271



EDITORA CULTRIX

SÃO PAULO

10-11283

CLASSICOS CULTRIX

APULEIO: O ASNO DE OURO

5ELLWPKX
871-31
A655_{pc}

39727-1
2-10-78

U.F.S.
BIBLIOTECA
Reg. no. 623
1419167

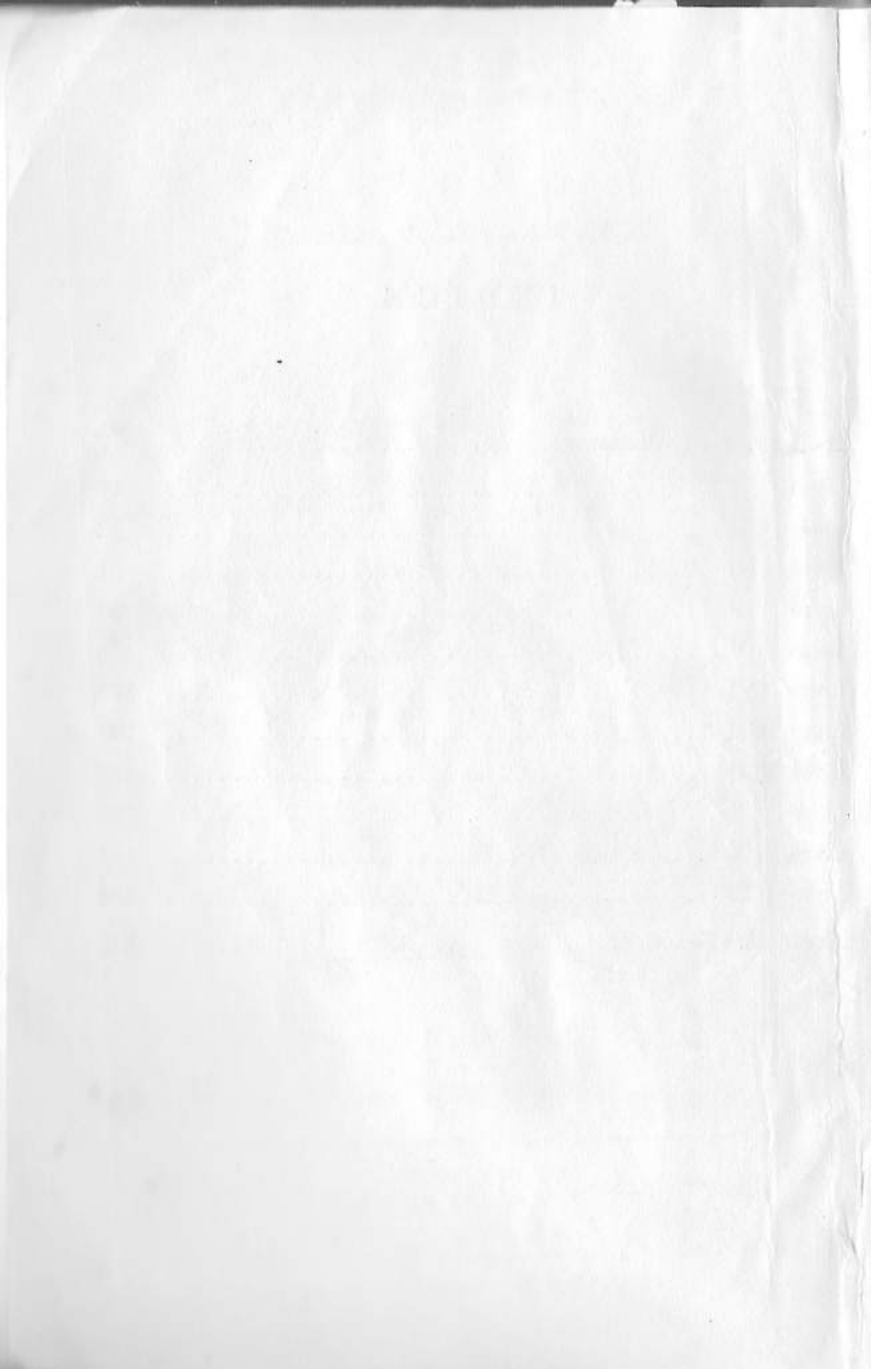
MCMLXIII

Direitos Reservados
EDITORA CULTRIX LTDA.
Rua Conselheiro Furtado, 520 — São Paulo

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in the United States of Brazil

ÍNDICE

	PÁG.
<i>Mem de Madaura</i>	7
I	17
II	32
III	51
IV	67
V	88
VI	105
VII	123
VIII	139
IX	159
X	185
XI	208
<i>da Tradutora</i>	229



O HOMEM DE MADAURA

Ia-se, sob os dois primeiros Antoninos, Nerva e Trajano, esgotando-se cada vez mais a literatura latina, já em franco processo de decadência havia várias décadas. Os escritores de mérito desse período eram de origem grega, ou nascidos nas províncias do Império. Então, nada de poesia, mas somente hábeis manejos do metro, e nada de história, mas somente nugas. Claudiano é medíocre, Suetônio fraco. A dissolução vinha de longe. Petrônio e Sêneca portavam já o germe sutil que ataca as coisas e as almas que estão para morrer. Uma renovação se dera, entretanto, plena de vida fecunda e resistente: o aparecimento de um gênero novo — o romance. Surgira com o Satyricon, o livro mais estranho de toda a literatura romana, atribuído a Petrônio — sátira forte, feroz, cruel, realista, impiedosa, obscena, sem nenhuma ternura humana, sem nenhum pensamento generoso, sem nenhum ideal. Livro que chafurda na imoralidade e na corrupção, parecendo deleitar-se o seu autor com elas. No entanto, espelhava com uma verdade dolorosa a vida da sociedade romana do tempo. Nas pegadas desse livro funesto, viria Apuleio com O Asno de Ouro, e viria Gil Blas, de Santillane, dezessete séculos mais tarde, e viriam depois Tristram Shandy e Tom Jones.

O autor do livro que se chamou Metamorfoses, O Asno, O Asno de Ouro, ou Lúcio, nos aparece envolto em mistério. O próprio livro, que tem tantos vocativos, mal se sabe como foi primitivamente batizado. Parece provado que o nome pelo qual é mais conhecido modernamente — O Asno de Ouro — veio de uma aposição do restritivo "de Ouro" ao nome primeiro de "Asno", porque se tratava de uma história de ouro, para ser lida, de ouro para ser apreciada, de ouro porque de ouro mesmo, tão extraordinária era; e o restritivo implica num julgamento.

Apareceu na decadência mais extrema de Roma, dissemos. Depois de Plínio e de Suetônio, de Tácito e de Juvenal. Plutarco acabara de morrer. Julga-se que se trata da tradução e adaptação de um livro perdido, pois chegou até nossos dias uma outra versão grega, de certo Luciano. Assegura o patriarca bizantino Fócio, que havia Luciano por sua vez imitado Lucius de Patras, e êste sim seria a fonte original.

Se compararmos as obras de Luciano e de Apuleio, veremos que as narrativas são muito parecidas. O conto de Amor e Psiquê inexistente no grego, e os desfechos são diferentes. Ao passo que o Lúcio grego reconquistou a forma humana do modo mais laico e simples, durante uma reunião do povo para assistir aos jogos, o Lúcio de Apuleio volta ao Lúcio que era na procissão dos fiéis de Cibele. E aparece todo um excrescente capítulo XI, de iniciação nos mistérios da religião, e que destoa do tom geral irreverente do livro.

Isto, com relação ao enredo, que é, grosso modo, assim: um môço, viajando de sua pátria para a Tessália (considerada a terra das artes mágicas), com o auxílio de uma escrava, cuja ama é feiticeira, tenta se transformar em coruja, mas por infelicidade trocam os potes do unguento que se passava no corpo para conseguir tal resultado e a metamorfose faz dêle um burro, em vez da ave desejada. Não parece muito grave o mal, pois é bastante comer pétalas de rosas para readquirir a figura humana. Na mesma noite, tendo o môço, em virtude da nova aparência, se recolhido à estrebaria, com o seu cavalo e mais um burro pertencente ao hospedeiro, Milão, vêm os bandidos da montanha, matam o dono da casa e levam, carregados de prataria furtada, os três animais. O livro conta as aventuras do burro, que fôra gente, e várias outras histórias.

Antes de o comentarmos, falemos de Apuleio.

O pouco que dêle sabemos, sabemos por seu próprio intermédio. Os contemporâneos silenciaram a seu respeito. Alguns traços biográficos foram confirmados por autores latinos, dois ou três séculos depois, mas não parecem muito dignos de fé.

Sabe-se que nasceu em Madaura, atual Mdauruch. Escritores antigos referiam-se a êle como o filósofo platônico madaurense. Na sua Apologia, sem nomear a cidade natal, conta que é uma florescente cidade romana, situada nos confins da Numídia, e isto

se ajusta a Madaura, colônia romana da África. O pai era homem de grandes cabedais, rico, provavelmente culto. Ao morrer, deixou-lhe dois milhões de sestércios.

Madaura era nessa ocasião a Roma e a Atenas da África. Apuleio, que ali haurira tôda a sabedoria que pudera, empreendeu uma viagem para completar a educação. Viajou pelo Oriente, foi à Grécia e à Itália. Conheceu cultos estranhos, e dogmas, as religiões tôdas do mundo conhecido. Sua curiosidade insaciável o levou a observar, e quem sabe a praticar, a magia. Estudou Filosofia na Grécia, Direito e Eloquência em Roma. Que era brilhantemente versado em muitas ciências, em Filosofia, Retórica e Liturgia, vê-se na sua obra. E entendia de Geometria, de Astronomia, de Poesia e de Música. É possível que tenha sido discípulo de Gaio, o célebre professor de filosofia platônica, que assistia em Atenas, nos meados do século II, pois a data provável do nascimento de Apuleio é 125 depois de Cristo (Morreu em 170).

Quando escreveu, e seu talento era muito versátil, fê-lo nas duas línguas mais difundidas no mundo. Ele o diz: "Poemas em todos os gêneros, épicos e líricos, de botas e de coturnos, sátiras e enigmas, histórias variadas, discursos e diálogos, faço de tudo, tanto em Grego, como em Latim." E igualmente bem, podemos acrescentar.

É em Floridas que êle acentua, com um ufanismo delicioso:

"Empédocles compôs poemas, Platão diálogos, Sócrates binos, Epicarmo mimos, Xenofonte história, Cratos sátiras: vosso Apuleio abrange todos êsses gêneros e cultivava as nove musas com um zêlo igual."

Quando se encaminhava para Alexandria, Apuleio ficou doente e parou em Oea, atual Trípoli, na África. Ali encontrou um antigo condiscípulo, Ponciano. Poucos dias depois, casava-se com a mãe do môço, Pudentila, uma viúva riquíssima, muito mais velha que êle. Não estêve pelos autos o cunhado da viúva, Sicínio Emiliano. Em nome do sobrinho mais nôvo, menino de catorze anos, acusou Apuleio de ter recorrido a práticas de magia para conquistar a viúva e induzi-la ao casamento. Teria sido movido por interêsses de dinheiro, e aquela matrona, que se recusara a contrair nôvo matrimônio durante tantos anos, resolvera-se, incompreensivelmente, em poucos dias. Apuleio viu-se em maus

lençóis. Perigosa acusação aquela. A lei cornélia, "de sicariis e veneficis", emparelhava a magia ao envenenamento. O castigo era a morte. Advogado êle era. Tinha o verbo fácil, rico, fluente e brilhante. Tinha o dom de persuadir, era belo e ousado. Vemos que sua narração é clara, direita, reta, ilustrada com histórias. Vemos que interessa e prende. Advogado em causa própria, defendendo a pele, imaginai como não seria um espetáculo, atraindo ao forum todos os dias multidões ávidas de o ouvirem e de o verem. Escreveu, continuando a defesa verbal, o livro Apologia, em que alinha argumentos de pêsso. Que Pudentila era dona de excelsas virtudes, e poderia ser amada por si, não por seu dinheiro. Que êle não queria se casar, fazendo-o tanto pelo encanto da nobre dama como também por insistência de Ponciano, o filho, diretamente interessado, como herdeiro da mãe, e que não poderia, portanto, ser conivente numa fraude e crime, se crime e fraude existissem. Que em questões materiais não ganhava nada com o casamento, o que poderia provar: vissem o contrato de núpcias. Vissem o testamento de Pudentila. E que, por tudo isto, não iria praticar a magia para conseguir um casamento que não lhe traria vantagens. Demais, 'não entendia de feitiços não era mágico, mas filósofo.' Não lhe foi difícil convencer os ouvintes de que não usara de magia para se fazer amado da nobre Pudentila, e se converter em seu espôso em poucos dias. Mas do que não persuadiu a todos foi de que não praticasse a magia. Continuaram vendo nêle o feiticeiro e talvez não fôsse mesmo tão inocente como queria demonstrar. A crença de que era mágico durou vários séculos. Santo Agostinho lhe atribui um poder sobrenatural e conta que os pagãos opuseram Apuleio a Cristo.

E assim, era para êle um perigo viver em Oea, com a reputação que granjeara na guerra familiar de grande repercussão pública. Fugindo à notoriedade nada invejável, foi morar em Cartago. Diante da lei, era um homem livre, mas o processo poderia ser reaberto a qualquer tempo, arquivado que fôra por falta de provas. Que nada mais resultou disto de mal, prova-o a continuação de sua carreira. Foi alta autoridade do mundo pagão agonizante, exerceu grande influência. Consta que seus concidadãos votaram-lhe uma estátua, construída às expensas de um personagem consular. Sua eloquência e triunfos ficaram célebres e êle desempenhou gloriosas funções.

O processo que tanto o embaraçou ocorreu entre 148 e 161. Teve duas consequências utilíssimas para o mundo. Primeiro, figura como documento sôbre a história da magia, de que há tão poucos subsídios, e segundo, é um exemplo fiel, genuíno, da eloquência judiciária sob o império romano.

Com muita insistência reclamou Apuleio o reconhecimento de sua qualidade de filósofo, não sômente na Apologia, em que afinal tinha de apresentar algum substitutivo à qualidade de feiticeiro, mas também em Floridas, obra de pura retórica.

Porém, mesmo sendo filósofo, se o levassem a sério, não lhe correriam as coisas no sentido de clarear-lhe a reputação. Se a liberdade era limitada nessa época, era a vida livre. Andavam juntas a filosofia e a sensualidade. A decadência da religião, e a decadência em geral, afrouxavam os laços mais estáveis. Os filósofos eram convidados a suprir a grande lacuna existente entre o fim melancólico de uma religião que agonizava e o indeciso comêço do Cristianismo, que mal despontava para o mundo. Parece que Apuleio mesmo aludiu ao Cristianismo, isto é, à religião absurda, dizia êle, em que se considera um deus único. O clima, tanto moral como filosófico, era extremamente conturbado. Espalhou-se um platonismo contaminado. Atraía como um imã tudo quanto se poderia chamar de espiritualismo místico. Preparava-se o sincretismo de Plotino e Porfírio. Nessa direção caminhavam os ensinamentos de Apolônio de Tiana. Os pensadores platonicos aceitavam também os mistérios elêusicos, os dionisiacos, as divindades orientais, e os ritos egípcios, entre os quais se contava a iniciação nos mistérios de Isis e de Osíris. Além disto, acreditava-se em demônios intermediários, que podiam ser invocados. E havia a generalizada crença nas adivinhações, nos oráculos, nos prodígios. De tudo isto, resultava que a magia campeava soberana. E tanta a crença, tantas as perturbações que daí adivinham, que o Estado tomava providências enérgicas, reprimindo as práticas mágicas. Leis como a cornélia pediam para o mágico a pena capital.

Acredita-se que O Asno de Ouro tenha sido obra da maturidade de Apuleio. Escrito depois das viagens. De tôdas as viagens que realizou, e com a rica experiência que elas lhe outor-

garam. Aprendera perfeitamente o Grego. Aprendera o Latim na terra dos Quirites na própria cidade dos latinos, é o que diz no prólogo do livro, que numa certa medida é autobiográfico, com exclusão do maravilhoso, evidentemente. Apuleio não nos parece homem capaz de acreditar em metamorfoses como a que descreve. É grande a variedade dos meios em que transcorre a história. O asno-viajante, nas suas atribulações, ora está entre os bandidos nas montanhas, ora entre os mercadores das grandes cidades, gente rica da Tessália e de Corinto. Dá-nos um grande quadro da Grécia do século II, sob a proteção da paz romana. A variedade dos meios é extrema: as estradas e os campos, palácios e choupanas, mercados, templos, teatros, ruas, o forum. Ficamos conhecendo os edis, a policia, os vendedores de peixe, as alcoviteiras, os donjões, os moleiros, o hortelão, o avarento, o agiota, e assistimos a banquetes, festins, discussões, casamentos, festas, jogos, cerimônias religiosas, bailados. Convivemos com escravos miseráveis, com soldados insolentes, com os bandidos donos das estradas. E de tôdas estas coisas fala Apuleio como homem que as viu com os seus olhos. Pois, por mal amanhada que esteja a continuidade do arranjo, por mal entrosadas que estejam as histórias à história, tudo é vivo, poderosa e encantadoramente vivo. De fato, é uma espécie de pupurri extraordinário, onde encontramos de tudo, num tom de veracidade, de testemunho dos costumes do tempo. Embora não possamos tomar como documento quanto nos conta Apuleio, assim ao pé da letra, há uma veracidade que não pode ser contestada, seja quando se perde nos meandros da Jurisprudência, seja na pintura dos costumes, ou quando descreve por miúdo os programas litúrgicos. No seu espírito se reflete, como num espelho, o espírito do tempo.

E o tempo é de conhecimentos vastos, mas dispersos. Onde o sincretismo de Apuleio? Ambos, êle e o tempo são mais brilhantes que profundos. Um e outro, inquietos e confusos, por um lado se entregam aos dogmas egípcios, do outro ao neo-platonismo cheio de mitos e de artes ocultas.

Como a sua época, Apuleio é homem dos contrastes e das contradições. Sério e frívolo, devoto e libertino, desejoso de verdade e um pouco charlatão. Quer se instruir e quer se mostrar. Faz especulações em torno de Deus e dos destinos da alma, e anda à procura do mistério tanto em estudos da Natureza como na reve-

lação, tendo chegado à alta hierarquia sacerdotal. Sua universalidade se perde em curiosidades científicas, em citações literárias, em lugares comuns da moral e da política, em descrições brilhantes, muito longas, e em traços picantes.

Apuleio conta em *Latim* uma história grega. Diz que aprendeu na cidade dos latinos a língua forense, com grande trabalho, muito esforço e sem mestre para o orientar. Tinha aprendido antes o Grego em Atenas. Em Madaura, de civilização helênica antes que africana, deveria ser o Grego a sua língua cotidiana. "O próprio fato de passar de uma para outra linguagem", êle explica, "verdadeiro exercício acrobático, harmoniza-se com o meu estilo."

Dizem os comentadores que a presença do asno, do começo ao fim do relato, confere ao livro uma unidade mais ou menos exterior. Como se verá, para encaixar no todo as histórias, Apuleio freqüentemente passa a palavra a uma personagem qualquer que conta um caso. Mas, outras vezes, contenta-se de dizer, com o maior desembaraço, que em tal ou tal sítio ouviu contar uma história, e êle também a vai contando. Ou então imbrica episódios uns nos outros, com grande desenvoltura. Por exemplo, a história de Telifrão se divide em duas, e se contamina com mais elementos da tradição. A do moleiro enganado enquadra duas histórias galantes. Vá lá que falte unidade de concepção, mas o seu modo de contar histórias é uma delícia. Também se fazem restrições ao luxo de pormenores das suas descrições, o que as torna ora monótonas, ora confusas. Não seria custoso ao tradutor dar a êsses períodos um torneio mais arredondado, ou mais claro, ou pontuar de outra maneira, facilitando a compreensão. Todavia, imagino que seria atrevimento muito desmedido pretender melhorar Apuleio, pelo que o que estava escrito assim, ficou assim mesmo.

O madaurense é grande apreciador dos jogos de palavras. São muitos, tropeçamos com êles a cada passo, como aquêle "inquieta quiete" — a inquietação do sono inquieto; como o trocadilho feito com a palavra sagrada, ao tratar de Proserpina; e acontece-lhe, por exemplo, ao falar no asno que puxa interminavelmente a almanjarra do moinho, caminhando em círculos e círculos sôbre os seus próprios passos, comentar que "seguiu em marcha errante um itinerário invariável". E sem falar nas inúmeras vezes em que joga

com as palavras que aludem à situação do burro-pessoa, talvez para não nos deixar esquecer que êsse que conta está na pele e na situação intolerável de um quadrúpede. Ao falar de certa môça, a certa altura declara: "Eu não era tão burro assim que...", o que funciona como lembrete, devolvendo-nos à realidade (apuleiana), e tem um inesperado efeito cômico.

O tom geral de ironia, e a escolha de palavras, dão um toque inimitável à sua prosa. Ah! sim, a escolha de palavras. A língua portuguesa nos dá sobre tradutores de outras línguas, com exceção do Italiano talvez, a vantagem de traduzir mais facilmente, de escrever, digamos, um Latim atualizado, passado a limpo. Vê-se como o talento versátil, o temperamento do autor, torna o estilo acrobático. Em meio à séria, às vêzes, solene, construção com palavras medidas e severas, reponta a orelha do asno. São locuções raras, arranjos inesperados. A própria presença da palavra, com um toque, uma significação um nada distorcida, guarda um certo sabor, um sal, é tão engraçada e imprevisita como uma piscadela intencional dêsses burros cinzentos, doutorais, burro que puxa carroça de italiano. Ou é como se encontrássemos aí na rua uma dessas matronas cheias de aprumo, das meias aos óculos, e ela de repente nos mostrasse a língua. Vamos até o fim do livro sofrendo dêsses ultrajes, e jamais nos prevenimos suficientemente. Sempre somos apanhados. E quando não é a palavra, como um diabinho abstrato, é a irônica alusão. Ali está por exemplo a irreverência de chamar os ladrões das montanhas, uns bandoleiros muito ordinários, de coorte de Marte, — o que lembra imediatamente a "legio martia" da qual falou altivamente Cícero: "Não leva ela êste nome, o do deus de que nasceu o povo romano?" (Diz a lenda que Remo e Rômulo eram filhos de Marte e de uma flor.)

E, com tudo isto, o que falta em pureza da língua e em simetria na construção, sobra em pitoresco e colorido, nesse conto de fadas rico, fantástico, erótico e, sobretudo, poético. Onde encontramos relatos como o caso de Tlepólemo e Caridade, melodramático e até de mau gosto, e a bela história de Amor e Psiquê, à qual, quando muito e em raros trechos, podemos opor a restrição de ter certa ênfase declamatória, mas onde figura o extraordinário estudo sobre o nascimento da inveja e sua evolução nas almas.

O filósofo, volta e meia, comparece. "Há preço para tudo", êle diz, e não tem nenhuma fé na Humanidade. "A fidelidade

humana é coisa frágil, não há obstáculo para o ouro. O ouro abre até portas de aço." Também não tem fé nas mulheres. Seu julgamento sobre elas, não se dirá que seja injusto, mas é duro e sem atenuantes. Culpa de quem? — perguntará o filósofo, amavelmente cético: "A chama do amor, fraca a princípio, nos deleita com seu suave calor. Mas quando o hábito o alimenta, êle se transforma em fogo ardente, que nada detém e consome inteiramente os homens." (E as mulheres.)

Há tanto em Apuleio, que procuraram chaves para sua compreensão. O Asno de Ouro, realmente o seu melhor livro, foi exaustivamente explicado e interpretado. Deram-lhe valor simbólico, mas são vários os símbolos e vários os caminhos. Assim:

a) as atribuições de Lúcio transformado em burro, por ter querido penetrar os mistérios da magia, seriam a punição da alma encadeada, sofrendo de prova em prova até encontrar a salvação;

b) O livro seria espelho da vida humana, que oscila entre volúpias e trabalhos;

c) Seria uma transposição romanceada de Platão e Pitágoras;

d) Seria uma reação contra a corrupção do mundo romano imperial, onde o roubo, o adultério, o incesto, o banditismo apodreciam a sociedade;

e) Seria a apresentação de uma solução aos males sociais, buscando corrigi-los com a religião.

Propósitos tão ortodoxos, como a reforma pela religião, não os teria Apuleio. Apesar da liturgia e da religião do livro XI, O Asno de Ouro não é nada edificante, sua religião nos parece muito exterior, sem nenhum espírito de santidade, antes com preocupações materialistas. É o "do ut des" — dou para que me dê — dos romanos, muito piorado. Aliás, a intenção confessada de Apuleio foi a de escrever mesmo um romance-folhetim. Queria escrever e escreveu contos milesianos. É o que diz no prólogo.

A primeira origem dos contos milesianos foi a crônica escandalosa de Mileto, na Ásia Menor, escrita por um utro Aristides, no I século de nossa era. Eram contos droláticos, muito livres, verdadeiramente cínicos. Do mesmo tipo foi a Matrona de Éfeso, do Satíricon, de Petrônio. Apuleio contou as histórias milesianas muito atrevidamente e, em matéria de obscenidade, não recusou diante

de nada. Não sabemos se foi preciso coragem para isso. A coisa era do gosto dos antigos. É Ovídio quem comenta: "Aristides compôs a crônica escandalosa de Mileto, e no entanto não foi banido de sua cidade. E Sisena (que era conhecido como historiador, de resto bastante romanesco) traduziu Aristides de Mileto, sem que lhe tivesse acontecido nada."

Não será pois O Asno de Ouro, nem símbolo nem sátira, mas narrativa popular, a modo de contador de histórias, pois que Apuleio se revela um imoderado apreciador de contos da tradição popular.

Uma contradição, aparente, jamais explicada no Asno de Ouro, é que o herói, Lúcio, meio abstrato, que aparece durante dez livros como cidadão grego, e que seria de Himeto, do Ifireu, de Tenaro, em Esparta, com família e língua e característicos gregos, inesperadamente no livro XI se revele um africano de Madaura. Comenta-se que são muitas pátrias para um homem só. Para um Apuleio, que estruturou essas histórias, o erro é grosseiro demais. Não se pode argumentar com algum engano de interpretação, pois o texto é claro e fácil. Então o quê? Imagino que, como se trata de narrativas populares, o Lúcio, o Asno, Apuleio enfim, é este, aquele, e outros, gente de todos os tipos e feitios, é o que escuta e é o que conta, para se resumir no fim, numa síntese, como o homem de Madaura que enfeixou os contos.

Bem. Esta é uma explicação, tão boa e tão imaginosa quanto outra qualquer. Deixa o prefácio, amigo leitor, que não te acrescenta nada, e segue o mandamento de Apuleio: "lê esta história que veio da Grécia. Ela vai te alegrar".

R. G.

NOTA: A tradução foi feita a partir do texto latino estabelecido por O. S. Robertson, da Univ. de Cambridge.

LIVRO I

I. Muitas fábulas quero apresentar-te, em variada seqüência, nesta conversa de estilo milesiano, e agradar teus benévolos ouvidos com um álcree sussurro, no caso em que não desdenhes ler o papiro egípcio, coberto de letras gravadas pelo fino estilete de um caniço do Nilo. Verás, encantado, seres humanos, despojados de sua imagem e condição, tomarem outra forma; depois, ao contrário, e por uma ordem inversa, serem convertidos em si mesmos. Começemos. Quem sou eu? Ei-lo, em poucas palavras. A Himeto ática, o Istmo efíreu e a Tenaro espartana, terras felizes, de eternidade assegurada por obras ainda mais felizes, são o berço ancião da minha raça. Lá, a língua ática foi o preço para eu iníciar os primeiros exercícios militares, criança ainda. Mais tarde, na cidade dos latinos, aprendiz de letras estrangeiras, principiei o estudo e adquirir prática do idioma natal dos Quirites, com grande trabalho e muito esfôrço, sem mestre para me orientar. De antemão, suplico que me perdoes se, manejando como principiante uma língua estranha, a língua forense, eu cometer algum deslize. Entretanto, o próprio fato de passar de uma para outra linguagem, verdadeiro exercício acrobático, harmoniza-se com o meu estilo. Da Grécia veio esta história. Atenção, leitor: ela vai-te alegrar.

II. Fui para a Tessália — origem, pelo lado materno, de uma família na qual temos a glória de contar o ínclito Plutarco, e mais tarde seu sobrinho, o filósofo Sexto; fui, pois, para a Tessália, a negócios. Tinha transposto escarpados montes, úmidos vales, frescas praias e campos cultivados, e o cavalo indígena, um cavalo todo branco que me levava, já estava fatigado. Fatigado também estava eu próprio de estar sentado, e quis caminhar, para me sacudir um pouco e desentorpecer. Pulei para o chão, enxuguei com fôlhas de árvores o suor do cavalo, esfreguei-lhe a cara cui-

dadosamente, passei-lhe a mão pelas orelhas, retirei-lhe a brida e o conduzi tranqüilamente, a passo, para lher dar tempo de dissipar a lassidão e esvaziar o ventre pelas vias usuais e naturais. Enquanto o animal pastava, a caminhar virando a cabeça para o lado e abaixando o pescoço para agarrar de passagem, ao longo dos campos, um punhado de erva, eu me voltei a meio para dois companheiros de viagem que se encontravam, por acaso, um pouco adiante de mim. Como eu apurasse o ouvido para apanhar o assunto da conversa: "Ah!", exclamou um deles, torcendo-se de rir. "Também contas tantos absurdos e tão grandes mentiras!" A estas palavras, e como sempre ávido de novidades, eu lhes disse: "Ponde-me a par dessa brincadeira; não que eu seja curioso, mas gosto de saber tudo ou pelos menos, o mais que fôr possível. E, ao mesmo tempo, o amável entretenimento de uma história aplai-nará a áspera encosta que temos a escalar."

III. A estas palavras, o que tinha começado replicou: "Ah! Não são mentiras? São tão verídicas que se pretende que, murmurando palavras mágicas, obrigam-se os rios a subir para as nascentes; encadeia-se o mar, tornado inerte; adormece-se o sôpro dos ventos; detém-se o Sol; atrai-se a Lua; desprendem-se as estrélas; suprime-se o dia; pára-se o curso da noite..."

Então, num tom mais tranqüilizador, eu disse: "Vamos, tu que começaste essa conversa, não te detenhas, nem recuses contar-nos a história até o fim." E continuei, dirigindo-me ao outro: "Quanto a ti, quem sabe se uma pesada obstinação não fecha tuas orelhas e o teu entendimento a um fato verídico? Minha opinião tu não conheces: o êrro e o preconceito não querem ver senão mentira quando não se está preparado para ouvir, nem habituado a ver, essas coisas que parecem pelo menos ultrapassar o nível da inteligência; mas um acurado exame te convencerá de que tais fatos são, não sòmente de uma verdade irrefutável, mas de fácil execução.

IV. "Assim, eu, ontem à tarde, querendo levar vantagem aos meus companheiros de mesa, dispus-me a consumir um pedaço de bôlo com queijo um pouco maior do que seria razoável, quando a pasta mole e viscosa se me pegou à glote e me obstruiu tão bem as vias respiratórias, que por um triz não perco a vida. E, no entanto, um dia destes, em Atenas, diante da Pecila¹, eu vi clara-

mente um artista de feira engolir, com a ponta para a frente, uma afiada espada de cavalaria. Com o incitamento de algumas moedas, enfiou ainda até as entranhas, pela ponta mortífera, uma lança de caça. E eis que acima do ferro da espada, no lugar onde o cabo da arma virada de cabeça para baixo emerge da emboadura, subindo para a ponta, um rapaz, belo como uma môça, se erguia tomando atitudes plásticas, tão ágil e flexível como se fôsse deslocado e desossado. Na assistência, estávamos todos estupefatos: dir-se-ia serpente generosa, enlaçando, em apertado abraço dos seus anéis móveis, o bastão nodoso, de ramos cortados, que o deus-médico² carrega. Mas retomemos o fio da história começada, (digo) eu te suplico. Acreditarei por êle e por mim, e, na primeira hospedaria em que entrarmos, participarás do meu almôço. É êsse o prêmio que te espera.”

V. “Sensibiliza-me a tua proposta” — respondeu — “e, quanto ao relato cujo exórdio ouviste, vou retomá-lo. Mas, antes de mais nada, juro por êsse divino Sol que vê tudo, nada conto que não possa ser averiguado; uma vez chegados à cidade de Tessália, que é a mais próxima e onde êssas coisas se passaram e são comentadas abertamente pelo povo, não duvidareis mais. Mas sabei, primeiro, quem sou eu e qual é o meu país: Aristômenes sou, o egeu; ouvi, também como me mantenho: negocio com mel, queijo, e outras mercadorias do mesmo gênero, e percorro em todos os sentidos a Tessália, a Etólia, a Beócia. Tendo sabido que em Hípata, a cidade mais importante da Tessália, havia, para venda, queijo fresco de fino sabor, a um preço muito vantajoso, corri o mais depressa que pude para comprar todo o estoque. Mas, saí com o pé esquerdo. Quando cheguei, o lucro com que contava fracassou: na véspera, com efeito, o negociante por atacado, Lupo, tinha comprado tudo.

“Fatigado de ter corrido tanto para nada, dirigi-me a um estabelecimento de banhos, ao cair da noite.

VI. “E eis que ali vejo o meu amigo Sócrates. Estava sentado no chão, mal coberto por uma capa rasgada, a pele terrosa, irreconhecível, desfigurado pela magreza de causar dó, semelhante a êsses náufragos da vida que mendigam tostões nas encruzilhadas. Apesar de estreitamente ligado a êle e conhecendo-o muitíssimo bem, ao vê-lo nesse estado, foi com alguma hesitação que dêle me

aproximei. "Que vejo, Sócrates, meu amigo, que é isto? Que fazes? Que infâmia é essa? Em casa dos teus te acreditam morto, e realizaram em tua memória o derradeiro apêlo³; teus filhos foram providos de tutores pelo juiz da província; tua mulher, depois de ter cumprido os últimos deveres de espôsa, e ter-se consumido longamente no luto e na aflição, a ponto de prejudicar os olhos, se vê constrangida pelos próprios pais a alegrar com os júbilos de um nôvo casamento o desolado lar. Eis que, neste lugar, para nossa maior desonra, tu me apareces como um fantasma."

"Aristômenes", respondeu, "Vê-se bem que ignoras as voltas falaciosas da fortuna, seus golpes de surpresa, e correspondentes vicissitudes." Enquanto falava, cobria com os trapos o rosto, agora rubro de vergonha, deixando nu o resto do corpo, do umbigo ao púbis. Não pude suportar mais a vista lamentável de tal infortúnio, e, estendendo-lhe a mão, esforcei-me para erguê-lo.

VII. "Mas êle, permanecendo como estava, com a cabeça velada, dizia: "Não, não, que a fortuna desfrute à vontade o troféu que ela mesma fixou."

"Consegui arrastá-lo. Dei-lhe uma de minhas duas túnicas, com que o vesti apressadamente, ou antes, o abriguei. Logo em seguida, conduzi-o ao banho, apresentei-lhe eu próprio o óleo e as roupas para usar, e arranquei, à fôrça de esfregação, a espessa camada de caraca que o recobria. Depois de bem limpo, levei-o ao meu estalajadeiro, sustendo seus membros fatigados com grande esforço, pois eu também sentia grande lassidão. Procurei um leite para reparar-lhe as fôrças, fi-lo comer à farta e beber quanto quisesse, e acalmei-o contando-lhe histórias. Deixava-se levar para a conversa e o prazer, fazia frases, arriscava-se a lançar alguns ditos de espírito; de súbito, arrancando do fundo do peito um suspiro dilacerante e batendo na fronte com fúria, exclamou: "Desgraçado de mim que, correndo atrás do prazer representado por um espetáculo famoso de gladiadores, caí nesta infelicidade. Como tu sabes, certamente, eu tinha ido à Macedônia, a negócio. Depois de nove meses de contínuos esforços, voltava bem provido de dinheiro, quando, pouco antes de antigir Larissa⁴, onde eu queria, de passagem, assistir ao espetáculo, eis que, num desfile afastado e profundo, terríveis bandoleiros me cercaram. Despojado de tudo, escapei, por fim, e nesse extremo a que estou

reduzido, fui procurar abrigo em casa de uma velha estalajadeira chamada Méroe, muito agradável, apesar da idade. Contei-lhe as circunstâncias de minha longa viagem, as angústias da volta, a causa lastimável de minha nudez. Tratou-me, no comêço, de modo muito humano; ofereceu-me um generoso repasto e, mais que depressa, no fogo do desejo, fêz-me partilhar do seu leito. Ah! mísero! Não foi preciso mais: uma única vez com ela, foi para mim o comêço de uma interminável e pestilenta ligação. As próprias roupas que os ladrões, na sua bondade, tinham deixado para eu me cobrir, eu lhas entreguei. Abandonei-lhe até o magro salário que pude obter como carregador, pois tinha ainda vigor suficiente para isso. Enfim, tu me viste há pouco: eis o estado a que me reduziram minha boa espôsa e minha má sorte."

VIII. "Por Pólux, na verdade mereces bem o pior dos tratamentos, se por acaso houver sorte pior do que a tua. Pois então, às volúpias de Vênus e à pele de uma rameira, sacrificas teu lar e teus filhos?" "Psiu, cala-te", fêz êle, pousando o índice na bôca, como que cheio de estupor. Depois, olhando em tórno para ver se podia falar com tôda a segurança, continuou brandamente: "É uma mulher demoníaca. Contém tua língua, se não queres atrair nenhum malefício."

"Verdade? Que espécie de mulher é então essa estalajadeira tão poderosa, essa rainha de bordel?"

"Mágica e adivinha, tem o poder de abaixar o céu, de suspender a terra, de petrificar as fontes, de diluir as montanhas, de sublimar os manes e derrubar os deuses, de apagar as estrélas e iluminar o Tártaro." ⁵

"Ora, vamos", digo eu, "desce a cortina da tragédia, afasta a encenação de teatro e fala como tôda a gente."

"Queres saber", disse êle, "uma ou duas de suas façanhas? Ou queres ouvir muitas? Faz-se amar até à loucura por homens que habitam, já não digo sòmente esta região, mas a Índia, mas as duas Etiópias, e até os antípodas, e para ela isto é a infância da arte, e mera bagatela. Mas ouve o que ela perpetrou, diante de diversas testemunhas.

IX. "Um de seus amantes cometeu a temeridade de lhe ser infiel. Com uma única palavra, ela o transformou em castor, a fim de que êle tivesse o destino daquele animal selvagem que, por temor do

cativeiro, corta as partes genitais para se livrar dos caçadores. O dono de uma casa de prazer vizinha, e, que, por isso mesmo, lhe fazia concorrência, foi trocado por ela em rã. Agora, o velho nada no tonel e, mergulhado no limo, saúda com tôda a cortesia, com os seus coaxos roucos, aquêles que outrora vinham beber do seu vinho. De outra feita, um advogado tinha falado contra ela. Foi transformado em carneiro, e agora temos um carneiro que advoga. A mulher de um de seus amantes se permitira, contra ela, umas brincadeiras um pouco ferinas. Essa mulher estava grávida: ela aprisionou no ventre o fruto e, demorando-lhe o desenvolvimento, condenou a môça a uma gravidez perpétua. Há oito anos, segundo a conta de alguns, a desgraçada arrasta seu fardo, com o ventre esticado, como se fôsse dar à luz um elefante.

X. "A repetição de tais fatos, e o número das vítimas, fêz crescer a indignação pública. Decidiu-se que, no dia seguinte, castigá-la-iam sem piedade, lapidando-a. Porém, ela previu o plano em virtude de seus sortilégios. Do mesmo modo que a famosa Medéia que, tendo obtido de Creon um dia sòmente de adiamento, consumiu nas chamas lançadas de uma coroa tôda a casa do velho rei, sua filha e êle próprio, assim Méroe, operando sôbre uma cova, com ritos sepulcrais, conforme me contou recentemente, num dia em que estava bêbada, manteve todos os habitantes da cidade fechados em suas casas pela fôrça muda das potências divinas. Ninguém pôde forçar as fechaduras, nem arrancar as portas, nem mesmo furar as paredes, durante dois dias inteiros. Por fim, pela instigação de uns e outros, a uma só voz gritaram e juraram, com o juramento mais sagrado, que nenhum dêles levantaria a mão contra ela, e que, se alguém resolvesse o contrário, ela encontraria nêles auxílio e proteção. Sob estas condições, ela abrandou e libertou a cidade inteira. Quanto ao autor do plano, numa noite escura ela o transportou com tôda a sua casa, fechada como estava, paredes, assoalho e alicerces, para um lugar a cem milhas de distância, numa outra cidade, situada no mais alto pico do mais escarpado morro, e, por essa razão, privado de água. E, como as habitações estivessem muito apertadas para darem lugar a uma forasteira, atirou a casa diante da porta da cidade e se foi."

XI. "Isto que contas, meu bom Sócrates", disse eu, "é terrível e maravilhoso. De tal maneira, que até a mim inspiraste uma

tremenda inquietação, para não dizer pavor. É como se me tivessem cutucado não com um espinho, mas com a ponta de uma lança. E se essa velha, servida pelos divinos poderes, chegasse a conhecer o teor da nossa conversa? Apressemos-nos a dormir, e, quando o sono dissipar nossa fadiga, antes da aurora, toquemos para longe, o mais longe que pudermos."

"Eu aconselhava ainda, e já o honesto Sócrates, baqueado pelas libações inusitadas e por um longo cansaço, tinha dormido, e roncava barulhentemente. Quanto a mim, reforcei a porta, experimentei os ferrolhos, instalei meu catre contra os batentes, e ali me espichei. O medo me manteve desperto algum tempo, no comêço. Depois, lá pela terceira vigília⁶, fechei um pouco os olhos. Mal dormira, quando, bruscamente, com um repelão forte demais para ser atribuído a ladrões, a porta se abriu, ou antes, foi projetada para a frente, as dobradiças quebradas e arrancadas do pino. Meu catre, de resto muito curto, e com um pé mutilado e carunchado, virou-se com a violência do choque; por minha vez, rolei por terra, caído da cama, a qual, ao tombar, voltou-se e me recobriu inteiramente.

XII. "Fiquei sabendo, então, que é próprio de certas emoções manifestarem-se por efeitos contrários. É do conhecimento de todos que freqüentemente se derramam lágrimas de alegria: do mesmo modo, nesse pavor extremo, não pude conter o riso, vendo-me de Aristômenes transformado em tartaruga. Entretanto, agachado dentro da carapaça, sob a proteção prudente do catre, lancei um olhar de esguelha, na expectativa dos acontecimentos. Vejo duas mulheres de idade muito avançada; uma levava uma lâmpada acesa, outra uma esponja e uma espada nua. Assim equipadas, cercaram Sócrates, que dormia serenamente, e aquela que tinha a espada falou: "Aqui está êle, Pância, minha irmã, o caro Endimião;⁷ ei-lo, o meu Catâmito,⁸ que por muitos dias e muitas noites se aproveitou da minha idade terna demais, e aqui está, desprezando meu amor. Não contente de me difamar, ainda se prepara para fugir. E eu, sem dúvida, nova Calipso, abandonada pelo astucioso Ulisses⁹, chorarei e lamentarei a minha solidão eterna." Assim falando, estendeu o braço e me mostrou à sua amiga Pância: "Quanto a êsse ali", acrescentou, "o honesto conselheiro Aristômenes, que teve a idéia da fuga, êsse que neste momento, mais próximo da morte do que nunca, prostrado no

chão, e jacente sob o seu grabato, observa tudo isto, pensa que me ultrajou impunemente. Paciência; mas não, num instante, ou antes, imediatamente, quero que se penitencie de seus sarcasmos de antes e da sua curiosidade de agora."

XIII. "Ouvindo êste discurso, coitado de mim, um suor frio me corria ao longo do corpo, e estavam as minhas vísceras sacudidas por um tal tremor que meu catre, movimentado pelos sobressaltos, dançava aos pulos sôbre o meu lombo. Mas a boa Pância respondeu: "Que achas minha irmã, de primeiro despedaçarmos êsse homem, como fazem as bacantes, ou de lhe ligarmos os membros, e cortar-lhe o instrumento da virilidade?"

"Não", replicou Méroe, pois era ela, eu a reconhecia agora, visto Sócrates ter-lhe mencionado o nome em suas narrações, "não, mas que êle pelo menos sobreviva para amontoar um pouco de terra sôbre o cadáver dêste pobre rapaz." E, inclinando para a direita a cabeça de Sócrates, mergulhou a espada inteira, até o punho, no lado esquerdo da garganta; depois, aproximou um odrezinho e recolheu o sangue que jorrava, diligenciando para que nenhuma gôta se perdesse. Tudo isto eu vi com os meus olhos. Para conservar, creio, a essa imolação, tôdas as características de um sacrifício, a doce Méroe introduziu a mão direita no ferimento, remexeu até o fundo das entranhas, e retirou o coração do meu desgraçado camarada. A violência do golpe tinha-lhe cortado a garganta e êle, deixando escapar pela fenda um som que não passava de um vago sôpro, exalou o último suspiro. Pância, com uma esponja, tampou a larga abertura, dizendo: "Esponja, tu que nasceste no mar, guarda-te de atravessar um rio." Feito isto, retiraram-se, empurrando o catre. Depois, agachadas, com as pernas separadas acima de meu corpo, esvaziaram sôbre mim a bexiga, e me deixaram inundado de imunda urina.

XIV. "Mal transpuseram a soleira, os batentes da porta se mostraram intatos, e voltaram à sua posição primitiva: os pinos se recolocaram nas dobradiças, as trancas se ajustaram nos passadores, os ferrolhos se ajeitaram no encaixe. Mas eu fiquei lá como estava, jogado no chão, desfalecente, nu, transido, molhado de urina, tal como um recém-nascido ao sair do útero materno. Assim mesmo, meio morto, era o meu próprio sobrevivente, o meu prolongamento póstumo, e, em qualquer caso, candidato à cruz.

Que acontecerá, eu me dizia, quando, amanhã pela manhã, descobrirem a garganta cortada? Adiantaria dizer a verdade? Quem acreditaria? "Poderias ao menos pedir socorro, se, de talhe avançado como és, não pudeste resistir a uma mulher. Degola-se um homem na tua frente e calas-te? Demais, por que não pereceste, vítima do mesmo atentado? Por que essa crueldade feroz, pelo simples temor de uma denúncia, não suprimiu a testemunha do crime? Escapaste da morte; pois bem, volta para ela."

"Enquanto eu ruminava essas coisas, ia-se a noite, e vinha o dia. Pareceu-me que o melhor partido a tomar era escapar furtivamente, antes da madrugada, e rápido pegar a estrada, sem deixar vestígio. Agarrando minha pequena bagagem, introduzi a chave na fechadura e manobrei os ferrolhos. Porém, aquela porta honesta e fiel que, por si mesma, durante a noite, tinha feito saltar as dobradiças, foi com enorme trabalho, e à fôrça de virar e revirar a chave, que cedeu por fim.

XV. "Olá, onde estás?", chamei. "Abre a porta da estalagem, quero partir antes do dia." O porteiro, que se tinha deitado no chão, atravessado na entrada, disse, ainda meio dormindo: "Que pensas? Não sabes que os caminhos estão infestados de bandidos, para te meteres na estrada a esta hora da noite? Se tens algum pecado na consciência, que te dá ganas de morrer, eu não tenho cabeça de melão para ir morrer em teu lugar." "O dia não demora", respondi. "E demais, que queres que os ladrões roubem de um viajante que de seu só tem a pobreza? Ou és tão tolo que é preciso te explicar que mesmo dez lutadores da Academia não poderiam despojar um homem nu?" O porteiro, caindo de sono, e quase dormindo outra vez, virou-se resolutamente para o outro lado, dizendo: "E quem me prova que não degolaste o teu companheiro de viagem, com o qual aqui te alojaste ontem, e que não procuras, com a fuga, salvar-te da prisão?"

"Nessa hora, lembro-me, vi abrir-se a terra, e o fundo do Tártaro aparecer, com o cão Cérbero pronto para me devorar. Acudiu-me não ter sido por misericórdia, seguramente, que a boa Méroe me tinha poupado, em lugar de me degolar; mas havia, por crueldade, me reservado para a cruz.

XVI. "Voltei para o meu cubículo, deliberando sôbre o mais expedito dos gêneros de morte. Mas o destino não me punha à dis-

posição outra arma mortífera, a não ser o meu catre: "Grabato", digo-lhe eu, "grabato caro ao meu coração, companheiro de tantas desgraças que agüentamos juntos, tu que conheces como eu, por havê-los presenciado, os acontecimentos desta noite, única testemunha de minha inocência que posso invocar porventura, quando me acusarem — tenho pressa de descer à região dos mortos: fornece-me arma eficiente." Dito isto, dei-me ao trabalho de desmanchar a corda com a qual era trançado o estrado; apanhei uma das pontas e fixei-a em tórno de uma tranca que, prêsã à janela, formava uma saliência de um lado; com a outra ponta, fiz um nó firme; depois, subindo ao leito, e não me elevando senão para perecer, ergui a cabeça para o nó corredio e o passei em tórno do pescoço. Mas, quando repeli com o pé o suporte que me servia de ponto de apoio, de maneira que, apertado pelo meu pêso, o laço se apertasse na minha garganta, detendo-me a respiração, a corda, já velha e podre, arreventou. Caí no vazio, bem em cima de Sócrates, que, deitado ao meu lado, rolou para o chão comigo.

XVII. "Nesse instante, o porteiro surgiu, gritando, com tôda a fôrça: "Onde estás ó tu que, no meio da noite, te impacientavas tanto por partir, e que, no entanto, agora roncas enrolado nas cobertas?" Sócrates, despertando, seja pela nossa queda, seja pelos gritos ensurdecedores do outro, levantou-se dizendo: "Não é sem razão que os viajantes maldizem os taberneiros. Vejam o indiscreto, que irrompe intempestivamente — êle gostaria, creio, de nos furtar alguma coisa — e cujos barulhentos clamores, quando mais não seja, me arrancaram de um sono profundo."

"Eu surgi alegre, verdadeiramente inundado de contentamento por essa felicidade inesperada: "Vê, incorruptível porteiro, eis aí o meu companheiro, meu irmão, que esta noite, bêbado, me acusavas de ter matado." E assim dizendo, eu abraçava Sócrates e o cobria de beijos. Mas êle, nauseado com o mau cheiro do líquido tremendamente repugnante com que as Lâmiãs¹⁰ me haviam emporcaldado: "Arreda-te", disse, "tu fedes a latrina", e perguntou interessado como tinha eu me perfumado daquela maneira. Imediatamente, em meu embaraço, inventei qualquer absurda brincadeira para desviar-lhe a atenção, e, pondo a mão direita no seu ombro, disse-lhe: "Que esperamos? Partamos e aproveitemos a amena caminhada matinal." Tomei minha peque-

na bagagem, paguei ao tendeiro o preço de nossa dormida, e eis-nos na estrada.

XVIII. "Mal nos tínhamos pôsto a caminho, o Sol, nascendo, iluminou tudo com seus raios. Eu observava, com uma atenta curiosidade, o pescoço do meu companheiro, no lugar onde vira mergulhar o gládio, e dizia comigo mesmo: "Louco, tinhas bebido, foi o espírito encharcado de vinho que te fez ter sonhos insensatos. Estás aí, Sócrates, intato, sadio, incólume. Onde está o ferimento? Onde estão a esponja e a cicatriz, tão profunda quanto recente?" E, dirigindo-me a êle, falei: "Médicos dignos de fé pretendem, com razão, que um estômago estufado de comida e bebida faz sonhar coisas trágicas e ameaçadoras. Pois foi isso. Bebi mais do que seria razoável. Passei uma noite terrível, que me trouxe imagens de espanto e de horror. Isso chegou a tal ponto, que neste momento creio-me ainda molhado e sujo de sangue humano."

"De sangue?" inquiriu Sócrates, sorridente. "Não é de sangue que estás molhado, mas de urina. De resto, eu também tive um sonho. Sonhei que me cortavam a goela. Senti a dor aqui na garganta. Pareceu mesmo que me arrancavam o coração e até agora como que me falta o sôpro, tremem-me os joelhos, estão inseguros os meus passos, e sinto a necessidade de tomar algum alimento que me reanime."

"Viva!", disse eu, arreando a sacola do ombro, "aqui está um almôço já servido", e estendi-lhe queijo e pão. "Sentemo-nos junto deste plátano."

XIX. "Feito isto, tomei por minha vez um pouco das mesmas provisões. Olhando para o meu companheiro, que comia com avidez, vi seus traços se cavarem, seu rosto se tornar de um palor de bucho, as fôrças o abandonarem. Ficou, enfim, tão irreconhecível, com as côres tão mortalmente alteradas, que, em meu horror, cria rever diante de mim as Fúrias¹¹ da noite, e o primeiro bocado de pão, por pequeno que fôsse, se me atravessava na garganta, sem poder descer nem subir. E o que levava ao cúmulo o meu mêdo era que só de raro em raro passava gente. Com efeito, a quem convencer que, de dois companheiros, um tivesse perecido sem que o outro interviesse? Contudo, Sócrates consumira boa quantidade de alimento e foi tomado de sêde irrisis-

tível. Havia engolido um grande bocado de um queijo excelente, e, não longe das raízes do plátano, sereno como um lago, corria preguiçoso um regato de curso lento, da côr da prata e do vidro. "Está bem", eu lhe disse, "bebe da água leitosa daquela fonte, até matar a sede." Ele se levantou, procurou por um instante, no barranco, um lugar ao nível da água; depois, dobrando os joelhos, inclinou-se e se aproximou, ávido, para beber. Não tinha ainda atingido com os lábios a superfície da água, quando profundo e largo ferimento se abriu em seu pescoço, a esponja bruscamente escapou, seguida de um filêtezinho de sangue, e seu corpo inanimado iria de cabeça para diante dentro d'água se eu não o tivesse segurado por um pé e arrastado, com grande esforço, para a margem. Ali, depois de ter chorado, tanto quanto permitiam as circunstâncias, o meu desgraçado companheiro, recobri-o de terra arenosa e deixei-o nas vizinhanças do rio para sempre. Ao mesmo tempo, cheio de inquietação e de temor por minha própria sorte, fugi, pelos caminhos mais afastados, para solidões impenetráveis. Como se tivesse a morte do homem na consciência, abandonei minha pátria e o meu lar. Exilado, habito hoje a Etólia, onde celebrei nôvo contrato matrimonial."

XX. Esta foi a narração de Aristômenes. E a isto, seu companheiro, que desde o comêço tinha-se retraído em sua incredulidade, e recusava-se a ouvi-lo, disse: "Nada existe de mais fabuloso que essa fábula, nem mais absurdo que essa mentira. E tu", continuou, voltando-se para mim, "e tu, que tens o ar e as maneiras de um homem educado, dás ouvido a êsse conto?"

"Sou de opinião", respondi, "que não há nada impossível: Como decidirem os fados, assim decorre a vida para os mortais. A ti, a mim, a não importa quem, acontecem coisas extraordinárias e quase inéditas. Contai-as a quem ignore tudo isso, e perdereis todo o crédito. Quanto a êle, sim, certamente, eu creio nêle, e lhe rendo graças infinitas por nos ter mantido tão bem sob o encanto de uma agradável história, de maneira que cheguei ao fim desta rude e longa escalada, sem esforço e sem aborrecimento. O benefício atingiu até a minha montaria, que obteve um inesperado proveito, pois que, sem fadiga para ela, eu vim até a entrada desta cidade levado, não por seu lombo, mas por minhas orelhas."

XXI. Acabou aqui nossa conversa e nosso itinerário em companhia. Os dois companheiros viraram para a esquerda, em direção a uma casinhola de campo, situada a pouca distância. Quanto a mim, aproximando-me da primeira hospedaria que avistei, perguntei logo à velha hospedeira: "Esta cidade é Hípata?" Ela fez sim com a cabeça. "Conheces um certo Milão, um dos principais da cidade?" Ela riu e disse: "Verdadeiramente, Milão passa por tal, pois habita fora do perímetro urbano." "Fora de brincadeira, excelente mulher", digo-lhe eu, "responde-me, eu te peço: que espécie de homem é êle, e em que casa mora?" "Vês aquelas janelas, lá embaixo, que dão para fora, em direção da cidade, e, do outro lado, uma porta dando por trás para a rua vizinha? É lá que mora o teu Milão, um homem que possui haveres em abundância, mas desacreditado por sua extrema avareza e sua sórdida baixaza. Com efeito, êle pratica a usura proveitosamente, tomando como penhòres o ouro e a prata. Confinado numa salinha, ali vive possuído pela paixão que o consome. Tem, não obstante, uma espôsa, companheira da sua calamitosa existência. Êle não sustenta senão uma pequena escrava, e sai sempre vestido como um mendigo."

A estas palavras, repliquei, rindo-me: "Benigno e previdente Deméias, que velou por mim, dando-me, quando partia, uma recomendação para tal homem: um hospedeiro em casa de quem não tenho que temer nem a fumaça nem o cheiro da cozinha."

XXII. Assim dizendo, dei ainda alguns passos, detendo-me diante da entrada da casa, cuja porta estava sòlidamente aferrolhada. Pus-me a bater e a chamar. Por fim, apareceu uma mocinha: "Eh! tu aí, que dás tão vigorosos golpes na porta, sòbre que espécie de penhor desejas o empréstimo? Ou só tu ignoras que não aceitamos como garantia senão o ouro e a prata?" "Bom proveito" disse-lhe eu. "Tu farias melhor em me dizer se teu patrão está em casa." "Sim", respondeu, "mas por que essa pergunta?" "Trago-lhe carta de Deméias de Corinto." "Vou-te anunciar", disse ela, "espera aqui." E, aferrolhando de nôvo a porta, entrou na casa. Um instante depois, voltou e abriu, dizendo: "Êle te espera."

Entrei. Encontrei-o justamente no momento em que se instalava sòbre um pequeno estrado e se dispunha a jantar. A seus

pés, sentava-se sua mulher. A mesa vazia estava posta. Designando-a, êle falou. "Eis o que posso oferecer aos meus hóspedes." "Está bem", digo, estendendo-lhe ao mesmo tempo a carta de Deméias. Leu-a rapidamente. "Agradeço", disse, "ao meu caro Deméias, por ter-me apresentado um hóspede tão distinto."

XXIII. Assim dizendo, convidou a mulher a me ceder o seu lugar, e a mim, para que me sentasse. E como, por timidez, eu fizesse ainda alguma cerimônia, agarrou a barra de minhas vestes e me puxou para si. "Senta-te", disse, "senta-te junto de mim. Pois o temor dos ladrões não nos permite procurar nem cadeiras nem mobília conforme nossas necessidades." Quando obedeci, continuou: "A elegância que transparece em tua pessoa, aliada à modéstia verdadeiramente virginal, teria por si só feito pressentir a nobreza de tuas origens, se a carta do meu amigo Deméias não se pronunciasse a respeito de tudo isso. Não desprezes, então, suplico-te, a exigüidade do nosso humilde cubículo. O quarto ao lado te oferecerá um abrigo decente. Que te seja possível encontrar prazer na estadia entre nós. A dignidade que emprestarás a esta casa a tornará mais considerada e tu adquirirás um título de glória se, contente com o pobre lar, imitares as virtudes dêsse Teseu, homônimo de teu pai, que não desdenhou a humilde hospitalidade da velha Hecaléia¹²."

Depois, chamando a pequena escrava: "Fótis, encarrega-te da bagagem do hóspede e deposita-o em segurança no seu cubículo, e, ao mesmo tempo, tira do armário, logo, o óleo para fricção, linhos para enxugar, enfim tudo que é preciso, e conduz meu hóspede à casa de banho mais próxima: sua árdua viagem o fatigou bastante."

XXIV. A estas palavras, considerando o ponto de vista de Milão e sua parcimônia, e querendo conquistar melhor as suas boas graças, disse-lhe: "De nada preciso. Esses objetos me acompanham em tôdas as minhas viagens. E o banho, eu o encontrarei facilmente. Muito mais importante para mim é meu cavalo que me trouxe valentemente até aqui. Toma, Fótis, estas poucas moedas e compra feno e aveia."

Feitos êsses arranjos, e depositadas as minhas coisas no feio cubículo, dirigi-me ao banho. Mas, querendo antes prover ao nosso repasto, fui ao mercado e vi ali expostos magníficos peixes.

Perguntei o preço: cem sestércios. Recusei. Por vinte denários efetuei a transação. Justamente ao sair de lá encontrei Píteas, meu condiscípulo em Atenas. Mostrou, ao me reconhecer depois de tanto tempo, uma alegria cordial, saltou-me ao pescoço, abraçou-me afetuosamente: "Caro Lúcio", disse, "há um século que não nos vemos, por Hércules, desde que deixamos de freqüentar nosso mestre Clício. Mas o que te trouxe a esta terra?" "Saberás amanhã", respondi. "Mas que é isto? Meus cumprimentos. Eu te vejo com as insígnias, os feixes, todo o aparato que convém a um magistrado." "Sou encarregado da anona¹³ e exerço as funções de edil. Se há alguma vitualha que desejes, estou às tuas ordens." Agradei-lhe. Eu tinha provido suficientemente o jantar com os peixes. Mas Píteas, avistando o meu cêsto e sacudindo os peixes para lhes apreciar melhor o aspecto, perguntou: "Quanto pagaste por êsses peixinhos?" "Com algum esforço", disse eu, "arranquei-os a um pescador por vinte denários."

XXV. Mal ouviu isto, imediatamente me tomou pela mão, levou-me de volta ao mercado de onde eu vinha. "De quem compraste êsse rebotalho?" perguntou-me. Mostrei-lhe um velhinho, sentado num canto. Apostrofando-o logo, com voz rude, em virtude dos seus poderes de edil, gritou: "Eis a consideração que demonstrais por nossos hóspedes e, de maneira geral, pelos estrangeiros em trânsito! Vendeis caro peixinhos sem valor, e desta cidade, flor da Tessália, fazeis, com o alto preço dos víveres, um deserto, um escolho solitário. Mas isto não ficará impune. Eu me encarrego de mostrar como, sob a minha administração, a desonestidade será reprimida." Despejando no chão o conteúdo do meu cêsto, ordenou ao seu ajudante que pisasse os peixes e os esmagasse até o último. Depois, satisfeito com a sua severidade, o amigo Píteas me convidou para sair, acrescentando: "É suficiente, Lúcio, ter infringido a êsse velhinho tal afronta."

Consternado com semelhante ato e aturdido, retomei o caminho do banho. A prudente energia do meu sábio condiscípulo me tinha privado ao mesmo tempo do dinheiro e do jantar. Uma vez lavado, voltei cêdo para a casa do meu hospedeiro Milão, e entrei para o quarto.

XXVI. Então apareceu a escrava Fótis: "Teu hospedeiro te chama", disse. Mas, edificado já a respeito do regime de abstinência de Milão, escusei-me cortêsmente: para dissipar a fadiga da

viagem, eu cuidava ter mais necessidade de sono que de alimento. Dado o recado, foi êle próprio quem veio me procurar. Pou-sando delicadamente a mão sôbre mim, procurou me levar. Vendo que eu me furtava e resistia por discricão, disse: "Não irei se não me seguires." Jurou, e, tendo sua obstinação forçado minha obediência, conduziu-me até o seu pequeno grabato, fazendo-me sentar. "Como estão", perguntou, "nosso Deméias? E sua mu-lher? E os filhos? E a esvrvavaria?" Narrei-lhe tudo pormenori-zadamente. Em seguida, quis saber exatamente o objetivo de mi-nha viagem, e quando lhe contei, foi sôbre a minha pátria, seus maiorais, seu governador, que êle indagou minuciosamente. Re-parando, todavia, que ao abalo de uma dura viagem se acrescena-tava para mim o cansaço de uma conversa prolongada, tanto que eu dormia no meio de uma palavra e, incapaz de articular, tentava sem êxito vagos balbucios, tolerou que em me fôsse deitar. Es-capei, enfim, ao importuno ancião, anfitrião loquaz e famélico. Pesado de sono, e não de comida, e não tendo ceado senão his-tórias, voltei para meu quarto para ali saborear o ambicionado repouso.

LIVRO II

I. Esmacceu a noite, veio um nôvo Sol e fêz-se o dia. Emer-gindo ao mesmo tempo do sono e do leito, com o espírito sempre ansioso e ávido ao mais alto ponto de conhecer fatos raros e mara-vilhosos, encontrei-me, pois, no coração da Tessália, nesse país que o mundo inteiro concorda em celebrar como o berço das artes mágicas e dos encantamentos, tendo ocorrido nessa cidade a origem da aventura do meu valente companheiro Aristômenes. Incitado pelo desejo e pela impaciência, eu considerava cada objeto com olhar curioso. De tudo que via, nada nessa cidade me parecia ser o que era. Persuadia-me de que algum feitiço infernal havia dado a cada coisa uma nova configuração. Quando encontrava uma pedra, acreditava ver um homem petrificado. Se ouvia um pássaro, era um homem ainda, no qual tinham crescido penas. Do mesmo modo, eram homens enfolhados as árvores que bordavam os arre-dores da cidade, e provinha a água das fontes de corpos humanos liquefeitos. Parecia-me que as estátuas e as imagens iam marchar, as muralhas falar, os bois e outros animais de rebanho anunciar o

porvir. Do próprio céu, e do radioso orbe do Sol, cairia de repente algum oráculo.

II. Assim obsedado, fascinado, tornado estúpido por um desejo que era o meu tormento, eu errava por tôda parte, sem encontrar vestígio nem traço do que desejava tão vivamente. Enquanto vagava de porta em porta, como um homem adoidado ou bêbado, eis-me, de súbito, sem ter percebido, no mercado, pelo qual passava nesse instante uma mulher, seguida de numerosa famulagem. Apertei o passo para alcançá-la. O engaste de ouro de suas pedrarias, e os fios de ouro com que estavam entrançados os seus vestidos, anunciavam uma pessoa de categoria. Ao seu lado caminhava um ancião carregado de anos, que disse, logo que reparou em mim: "Por Hércules, sim, é Lúcio." Ao mesmo tempo, me deu um beijo; depois murmurou algumas palavras indistintas ao ouvido da dama: "Que esperas?", ajuntou êle, "para te aproximares e saudares tua mãe?" "Não ousou", respondi, "não conheço essa senhora." O rubor me subiu ao rosto e, baixando a cabeça, quedei-me no mesmo lugar, imóvel. Porém ela, voltando os olhos para mim, disse: "É bem a generosa modéstia da virtuosa Sálvia, sua mãe. E em tôda a sua pessoa, é prodigioso como podemos encontrá-la exatamente: um talhe desempenado, sem desproporção, esbelto, bons músculos, tez de rubor moderado, a loura cabeleira sem complicados arranjos, olhos verdoengos, mas vigilantes, de olhar móvel como o de uma águia, a flor da saúde visível no rosto, o andar cheio de graça, sem afetação."

III. E continuou: "Fui eu, Lúcio, que te criei com estas mãos. Que há de surpreendente nisso, se eu estava ligada à tua mãe pelo duplo liame do sangue e da alimentação em comum? Oriundas ambas da família de Plutarco, sugáramos juntas o leite da mesma ama e crescêramos como irmãs em estreita intimidade. Não há diferença entre nós senão a posição social, pois tua mãe desposou um alto personagem, eu um simples cidadão. Eu sou essa Birrena cujo nome te lembras talvez de ter ouvido pronunciar entre aquêles que te educaram. Não temas, pois, aceitar minha hospitalidade, ou antes, vem para uma casa que, de agora em diante, é a tua."

Durante essa conversa, meu rubor se dissipara. Respondi: "Não posso pensar, minha mãe, em abandonar meu hospedeiro

Milão sem motivo nenhum de queixa. Mas farei tudo que puder ser feito sem descortesia. Cada vez que passar por aqui, não deixarei de descer em tua casa."

Assim dialogando, demos alguns passos e chegamos à mansão de Birrena.

IV. O átrio era belíssimo. Em cada um dos quatro ângulos se elevava uma coluna, que sustentava uma estátua da Vitória. A deusa das asas espalmadas não caminhava: a florando com a fresca planta dos pés o instável ponto de apoio de uma bola móvel, nela pousava sem se fixar, e parecia desferir vôo. Um bloco de mármore de Paros¹⁴, figurando uma Diana, ocupava o meio da sala, que dividia simetricamente. Obra-prima sem defeito, a deusa, túnica ao vento, parecia, na sua carreira ágil, colocar-se diante dos que entravam, e por sua majestade inspirava veneração. Estava flanqueada de cães, à direita e à esquerda, eles também de pedra. Tinham olhos ameaçadores, orelhas empinadas, ventas largas, fauces em posição de morder: se ressoasse por perto um latido, poder-se-ia acreditar ter saído dessas goelas de mármore. Mas o maravilhoso escultor havia sobrepujado a si mesmo: os cães de peito alto tinham os membros posteriores em repouso, as patas da frente na atitude de correr. Por trás da deusa, elevava-se um rochedo, cavado em forma de gruta, com musgos, ervas, fôlhas, galhos flexíveis, aqui moitas, ali arbustos, tôda uma floração saída da pedra. A sombra da estátua, no interior da gruta, iluminava-se com os reflexos do mármore. Sob a cornicha do rochedo pendiam frutos e cachos de uva, num trabalho bem acabado, pois que a arte, rival da natureza, tinha sabido lhe dar a aparência da realidade. Dir-se-ia que na vindima, quando o sôpro do outono os tivesse dourado e amadurecido, poder-se-ia colhê-los para comer, e, ao inclinar-se para olhar a fonte, que ondulava aos pés da deusa com suas vagas de doces frêmitos, tinha-se a ilusão de que tais cachos se balançavam na natureza, não lhes faltando os atributos da verdade, mesmo o movimento. Do meio da folhagem, um Acteão¹⁵ de pedra avançava a cabeça, pousando na deusa um olhar curioso. Quase transformado já em animal, sob a forma de um cervo, êle se via, ao mesmo tempo, na pedra do rochedo e na água da fonte, que espiava o banho de Diana.

V. Eu não me desprendia dêsse espetáculo e me deleitava com êle infinitamente. "Tudo que vês", me disse Birrena, "é teu."

Ao mesmo tempo, mandou sair todos os presentes, para que conversássemos a sós. Quando todos se distanciaram, recomeçou: "Juro por esta deusa, meu caríssimo Lúcio, que padeço grandes angústias por tua causa, e queria, pois te amo como a um filho, velar pela tua segurança, antes que o mal aconteça. Guarda-te, guarda-te enérgicamente dos perigosos artifícios e da criminoso sedução dessa Panfília, mulher do Milão que dizes ser o teu hospedeiro. Ela passa por mágica de primeira ordem, e entendida em todos os gêneros de encantamentos sepulcrais. Consegue, soprando sôbre varinhas, pedregulhos, ou outros objetos miúdos, mergulhar tôda a luz do mundo sideral no fundo do Tártaro e no antigo caos. Reparando num môço bonito e bem feito, atraída por sua beleza, não tira dêle mais nem os olhos nem os pensamentos. Prodigaliza-lhe carícias, apodera-se do seu espírito, enlaça-o para sempre nas armadilhas de um amor insaciável. Mas aquêles que se mostram morigerados, e que, por seus desdêns, incorrem em seu desfavor, num instante ela os transforma em pedras, em carneiros, em quaisquer animais, sem falar daqueles que simplesmente suprime. Eis o que temo, e contra o que te previno. Pois que ela arde sem descanso, e tu, por tua idade, tua aparência, tens muito que impressioná-la." Assim falou Birrena, cheia de ânsia.

VI. Mas eu, com a minha habitual curiosidade, logo que ouvi mencionar a arte mágica, desde sempre objeto de meus desejos, em vez de ter cautela com Panfília, ambicionei, ao contrário, ardentemente, meter-me em tal escola, custasse o que custasse, e precipitar-me de um pulo em pleno báratro. Minha pressa chegava ao delírio. Desprendi-me da mão de Birrena, como faria com uma cadeia, disse-lhe brevemente adeus, e voei, rapidíssimamente, para a casa do meu hospedeiro. Cada vez apertava mais o passo, como um louco: "Atenção", dizia a mim mesmo, "atenção, Lúcio! Vigia e mantém alerta o teu espírito. Eis a ocasião sonhada. Teu antigo voto será cumprido. Vais poder faltar o coração com relatos maravilhosos. Banidos os pueris temores, aborda o negócio às claras e de frente. Nada de intriga amorosa com a tua hospedeira. Respeita religiosamente o leito nupcial do honesto Milão. Mas a fâmula Fôtis, podes resolutamente atacar. É uma bonita môça, gosta de rir e é viva. Ontem à tarde, ainda, quando caías de sono, ela gentilmente te conduziu ao teu quarto,

te pôs no leito com gesto brando, te cobriu com ternura. Depois, tendo-te beijado a fronte, retirou-se com pena, isso se lia no seu rosto. Afinal, deteve-se por diversas vêzes, voltando-se para te olhar. Então, experimentemos essa Fótis, e que possa ser a consequência disso boa, feliz e próspera.”

VII. Assim deliberando comigo mesmo, cheguei à porta da casa de Milão, louvando-me em minha opinião, como se diz. De resto, não encontrei na casa nem Milão, nem sua mulher, mas somente minha cara Fótis. Ela preparava para seus amos um prato de carne com lingüiça picada miúdo, com um refogado e um pastelão de carne de conserva, tudo muito saboroso, o que se podia adivinhar pelo cheiro. Estava graciosamente ataviada com uma túnica de linho. Uma faixa de um vermelho vivo lhe cingia o talhe, à altura dos seios. Com suas mãos pequenas, mexia a panela, e enquanto acompanhava êsse movimento circular com rápidas sacudidelas, fazendo deslizar seus membros com delicadeza, o ligeiro meneio dos rins fazia vibrar docemente a espinha móvel, obrigando-a a ondular com graça. Vendo isto, a surprêsa e a perturbação me sacudiram e me pregaram no lugar. Meu corpo ficou tenso pela emoção, até naquelas partes que no momento anterior estavam mais inertes. Por fim, eu lhe disse: “Com que lindo movimento do traseiro, e com que graça, adorável Fótis, tu mexes essa caçarola! Que fino cozido preparas! Feliz, sim certamente, e favorecido pelo destino, aquêle a quem permitires enfiar o dedo aí.”

Então, a lépida e maliciosa menina disse: “Salva-te, desgraçadinho, arreda-te para bem longe do meu fogão. Se a menor faísca te atingir, queimarás até a medula, e ninguém extinguirá o braseiro, senão eu, que conheço as boas receitas e sei fazer dançar agradavelmente uma caçarola — e um leito.”

VIII. Assim dizendo, ela voltou-se para mim e riu. Entretanto, antes de me distanciar, demorei-me explorando todos os pormenores de sua pessoa. Inútil falar do resto, quando a cabeleira foi sempre o meu único interêsse. É o que na rua tenho o cuidado de olhar primeiro, e com ela me encanto ainda, depois de ter entrado em casa. E esta preferência está fundada em boas razões. Com efeito, não é essa parte do corpo que, dominando as outras e mostrando-se a descoberto e colocada em evidência, atrai pri-

meiro os olhares? O que é para os membros a alegria de um tecido de côres vivas, é para a cabeça êsse enfeite natural. E vêde: numerosas mulheres, para fazerem valer seus atrativos pessoais, lançam de si tôda a roupa, afastam as bordas da túnica e querem que sua beleza se apresente tôda nua. Contam, para agradar, menos com o ouro das vestes que com a rósea frescura da pele. Verdadeiramente, dizer isto é um sacrilégio e pensar uma blasfêmia, e é preciso desejar que fique sem exemplo: despoja-se de sua cabeleira uma mulher da mais peregrina beleza, privando assim o rosto do seu ornamento natural. Que ela tivesse caído do céu, fôsse nascida do mar, nutrida da substância das ondas, que fôsse a própria Vênus e caminhasse cercada de todo o côro das Graças, escoltada de todo o enxame dos Amôres, ataviada com o seu cinto¹⁶, exalando o perfume do cinamomo, e banhada de fragrantessências; se fôsse calva, não poderia agradar nem mesmo o seu Vulcano¹⁷.

IX. E que dizer de uma cabeleira cujo colorido rico resplandece como a luz, devolve os raios do Sol, seja em vivos clarões, seja em amortecidos reflexos, ou toma tons cambiantes que se opõem entre si? Ora como o ouro cintila, para ir esmaecendo até o louro dourado do mel. Ou então, quando de um negro azulado, assemelha-se à plumagem de um corvo. Lembra os desenhos que enfeitam o colo das pombas, e, quando perfumada com essências da Arábia, delicadamente repartida com o dente fino de um pente, e enfeixada para trás, ela se oferece aos olhos de um amante, e lhe devolve, como um espelho, uma imagem que o lisonjeia. Que dizer, por fim, daquela que, apertada em pesadas tranças, coroa o cimo da cabeça, ou da que, livremente espalhada, cascadeia ao longo do dorso? É tão grande a dignidade da cabeleira que uma mulher pode se apresentar ataviada com ouro, belos tecidos, pedras preciosas, todo o aparato da elegância, mas se estiver mal penteada, não passará por uma mulher que se saiba vestir.

Mas minha Fótis não tinha nada de estudado em seu arranjo, e essa negligência era um encanto a mais. Seus opulentos cabelos, molemente atirados para trás, caíam para a nuca, espalhavam-se sôbre o pescoço, depois, ligeiramente enrolados, iam até a barra da túnica. Estavam apanhados pelas pontas e apertados em um nó no alto da cabeça.

X. Não pude suportar por mais tempo o suplício de volúpia tão rara. Inclinei-me e, na raiz dos cabelos, quando êles sobem para o alto da cabeça, dei um beijo, um beijo dulcíssimo, tanto quanto o mel. Ela então, com uma flexão da nuca, voltou-se para mim e me disse, com um olhar oblíquo e uma piscadela: "Olá, menino de escola, o fruto que furtas é doce e amargo ao paladar. Que a doçura dêste mel não se transforme por muito tempo na tua bôca em amargo fel."

"Que dizes?", repliquei. "Festa minha, por um único beijo que me dá vida, estou pronto a me deixar assar em seguida, estendido sôbre um braseiro." E assim dizendo, apertei-a em meus braços e cobri-a de beijos. Logo, rivalizando de ardor, ela pôs seus transportes em sintonia com os meus, e o hálito perfumado de sua bôca entreaberta, o toque perturbador de sua língua, tudo demonstrava que ela era sensível ao apêlo do desejo. "Eu morro", disse-lhe eu, "ou melhor, morrerei se não te mostrares caridosa." A isto, dando-me outro beijo, ela respondeu: "Tem paciência. Teus sentimentos são correspondidos. Sim, eu sou tua escrava e nosso prazer não será diferido por muito tempo mais. À hora em que as luzes se acendem, eu estarei no teu quarto. Vai, então, e mantém-te em forma, pois durante a noite quero lutar valentemente contigo e com isso alegrar o coração."

XI. Depois desta troca de doces frases, separamo-nos. Estávamos no meio do dia, quando me levaram, da parte de Birrena, como presente de boas-vindas, um porco bem gordo, cinco frangos e uma jarra de um precioso vinho velho. Chamei então Fôtis e lhe disse: "Eis que vem Baco, por si mesmo sustentar a coragem de Vênus e lhe trazer suas armas. É preciso hoje sorver êste vinho até a última gôta. Que êle afogue o pudor que desencoraja e comunique aos nossos sentidos o vigor e a alegria. Quando se navega com Vênus, não são necessárias outras provisões para passar a noite de vigília, senão a lâmpada cheia de óleo e o cálice cheio de vinho."

O resto do dia foi consagrado ao banho, e depois ao jantar. Por insistência do honesto Milão, abanquei-me à sua engenhosa mesinha. Tendo presentes na memória as advertências de Birrena, evitava tanto quanto possível os olhares de sua mulher, da qual observava o rosto com um ôlho tão amedrontado como o faria para olhar o Lago Averno¹⁸. Porém, voltava-me sem cessar

para Fótiis, que nos servia, e vê-la me reanimava a coragem. Caíra a tarde, quando Panfília disse, olhando para a lâmpada: "Que chuva abundante teremos amanhã!" E como o marido lhe perguntasse como sabia, ela respondeu que era sua lâmpada que lho predizia. A estas palavras, riu-se Milão, dizendo: "Que famosa Sibila mantemos na pessoa desta lâmpada: do alto de seu candelabro, como de um observatório, ela contempla tudo que se passa no céu, e o próprio Sol."

XII. Intervim, considerando: "Êsses são os primeiros passos da arte da adivinhação. E não é de admirar que essa pequena flama, por modesta que seja, e apesar de produzida por mãos humanas, conserve, como do pai que a engendrou, a memória de outro fogo maior, o fogo celeste. Que saiba e nos anuncie, por divina presciência, que obras prepara êle nas alturas do éter. Está neste momento entre nós um caldeu¹⁹, de passagem para Corinto. Emociona cotidianamente tôda a cidade com espantosos oráculos e ganha a vida publicando os segredos do destino, indicando o dia que dá fôrça às relações matrimoniais, aquêle que é propício aos negócios, um outro que assegura às paredes alicerces duráveis, o que se presta para percorrer estradas, o que se deve escolher para a navegação. Pois a mim mesmo, que lhe perguntei o que adviria desta viagem, anunciou uma quantidade de coisas perfeitamente miríficas e muito variadas: eu teria uma fama estrondosa; seria, por outro lado, o herói de uma longa história, de uma fábula incrível, e para o futuro escreveria livros."

XIII. A estas palavras, sorriu Milão: "Que aparência tem êsse teu caldeu e como se chama?" "É alto, de tez um pouco baça, chama-se Diófanes." "É êle mesmo, não pode ser outro. Entre nós também, para numerosas pessoas, fêz oráculos idênticos" tornou êle. "Já tinha ajuntado, não digo alguns níqueis, mas lucros opulentos, quando, por desgraça, a estupidez, ou, se preferem, a crueldade da Fortuna, sobreveio.

"Pois um dia, quando, circundado e premido pela multidão, êle via a sorte de pessoas que o cercavam, aproximou-se um negociante chamado Cerdão, que desejava saber qual o dia propício a uma viagem. Designaram-lhe um, e o nosso homem tinha já deposto a bôlsa, espalhado o dinheiro, contado cem denários para o adivinho, como preço da consulta, quando um nobre adolescente,

deslizando por trás, puxou Diófanos pela barra das vestes, e tendo êste se voltado, apertou-o nos braços, beijando-o. O outro devolveu-lhe o carinho, fê-lo assentar-se ao seu lado, e esquecendo na surpresa, pois estava atônito com êsse encontro imprevisto, o negócio que o ocupava nesse instante, disse: "Ver-te quanto me alegra! Desde quando estás aqui?" "Desde ontem", respondeu o outro. "Porém, conta-me tu agora, meu irmão, como, desde tua precipitada partida da Ilha de Eubéia, decorreu tua viagem por mar e por terra."

XIV. "A isto, Diófanos, êsse egrégio caldeu, que não se tinha recuperado e ainda estava aturdido, disse: "Eu desejaria aos meus inimigos, e a todos que me querem mal, uma viagem assim horrível. A de Ulisses não foi pior. O navio que nos levava, batido pela tempestade e sacudido em todos os sentidos pelos turbilhões, privados de seus dois pilotos, acabou por ser atirado contra a margem e depois foi a pique. Quanto a nós, era muito justo que nos salvássemos a nós mesmos a nado, tendo perdido tudo o mais. Socorridos pela caridade de pessoas que não conhecíamos e pela bondade de amigos, uma súcia de ladrões surripiou tudo que tínhamos recolhido assim. Lutando contra os agressores, meu único irmão, Arignoto, no mesmo verão, diante dêstes meus olhos, foi degolado, o infeliz."

"Ainda estava narrando sua deplorável história, quando Cerdão, o nosso negociante, agarrou as moedas destinadas ao pagamento da predição e escapuliu. E foi somente então que Diófanos, enfim desperto, tomou consciência de sua desastrosa distração, vendo que todos nós, ao seu redor, ríamos às gargalhadas.

"Entretanto, Senhor Lúcio, estimo que só a ti, único entre todos, o caldeu tenha dito a verdade: sê feliz, é meu desejo, e prossegue a tua rota com sucesso."

XV. Enquanto Milão prolongava assim a conversa, eu gemia baixinho, e não pouco me irritava contra mim mesmo, por ter, tão inoportunamente, aberto o capítulo das anedotas, e com isso perdido boa parte da minha noite e seus dulcíssimos frutos de volúpia. Por fim, sufocando tôda a vergonha, eu disse a Milão: "Seja feito de Diófanos o que sua fortuna quiser. Que junte de nôvo, percorrendo a terra e o mar, os espólios das populações. Quanto a mim, sinto-me ainda dolorido com a fadiga de ontem. Permite que eu

de pronto me acomode." Assim dizendo, retirei-me e fui para o quarto, onde encontrei os preparativos de uma ceia das melhores. A cama dos escravos tinha sido arranjada no chão, fora e longe do quarto, sem dúvida a fim de afastar qualquer testemunha dos nossos encontros noturnos. Perto do meu catre se erguia uma mesinha, que sustinha os restos honestos da ceia, assim como cálices de boa dimensão, cheios de vinho até meia altura, não esperando senão a água destinada a temperá-lo. Ao lado, uma ânfora, cujo orifício, com um rebordo, se abria cômodamente a quem quisesse se servir. Em suma, tudo que era preciso para os combates que iam travar os gladiadores de Vênus.

XVI. Acabara de me deitar, quando minha Fótis, tendo deitado já sua senhora, aproximou-se de mim alegremente, com grinaldas de rosas e outras rosas sôltas enfeitando as pregas do vestido. Beijou-me ternamente, cingiu-me a cabeça com coroas, espalhou flôres sôbre mim. Pegando um copo, nêle derramou água tépida e mo estendeu para beber. Depois, sem me deixar tempo para o esvaziar até o fundo, apoderou-se dêle docemente, tocou devagar o resto com os lábios, e, gulosa, sorveu a pequenos goles todo o conteúdo, olhando para mim. Um segundo e um terceiro copos, seguidos de muitos outros, passaram por ela e por mim, alternadamente. O efeito do vinho, acrescido do ardor e do ímpeto com os quais, não sômente meu espírito, mas os meus sentidos aspiravam à volúpia, me supliciavam. Minha túnica, levantada até as virilhas revelava a Fótis a impaciência dos meus desejos: "Tem piedade de mim", eu lhe roguei "socorre-me depressa. Como vês, minhas fôrças estão tensas à aproximação do combate que me anunciaste, sem proclamação do ficial²⁰. Agora que senti a primeira flecha do cruel Cupido penetrar-me o coração, também estiquei meu arco, e com tamanho vigor, que tenho mêdo que o nervo tenso arrebente com o excesso. Entretanto, se queres tornar perfeita a tua bondade, solta a cabeleira, e que ela ondule em liberdade sôbre o teu torso adorável."

XVII. Um instante depois, removido todo o arranjo da mesa, despojada de todos os véus, com a cabeleira desnastrada, no mais amorável abandono, Fótis me aparecia como a própria Vênus, quando emerge das espumas do mar, e tal como a deusa, muito de indústria e não por pudor, sombreando com seus dedos de rosa

a brancura polida do sexo. "À luta", disse ela, "à luta mais forte, pois por mim não recuarei nem voltarei as costas. Se és homem, avança direito para a frente e combate face a face. Ataca sem desfalecimento e mata como quem deve morrer: a batalha de hoje é sem tréguas." Assim disse; subiu ao leito, acorrou-se sôbre mim pouco a pouco, e, agitando o torso delicado com lúbricos gestos e rápidos sobressaltos, ela me dispensou, com movimentos de pêndulo, os dons de Vênus, até o momento em que, esgotados ambos, no fim das forças, com os membros lassos, caímos ofegantes nos braços um do outro. Tais foram os prélios, que nos mantiveram despertos até quase a madrugada. Por vêzes, pedíamos ao vinho nôvo ânimo para nossa lassidão, estímulo para os nossos desejos, excitantes para as nossas volúpias. E a esta noite se ajuntaram para nós muitas outras do mesmo gênero.

XVII. Aconteceu que, um dia, Birrena me convidou com muita insistência para ir jantar em casa dela. Aleguei várias excusas, ela se recusou a considerá-las. Não me restava, então, senão encontrar Fótis e me aconselhar com ela, assim como quem aceita um auspício. Se bem que ela visse com desprazer eu afastar-me, mesmo que fôsse à distância de uma unha, concedeu-me gentilmente um curto feriado de ausência das lides do amor. "Mas tem o cuidado de voltar cedo do teu jantar", recomendou, "pois bandos de jovens loucos das melhores famílias perturbam a tranquilidade pública. Verás pessoas trucidadas estendidas em plena rua, e as tropas da polícia do governador estão muito distantes para livrarem a cidade dêsse flagelo. A tua brilhante fortuna e o pouco caso que se faz de um estrangeiro poderiam atrair para ti algum mau encontro."

"Não te preocupes, minha Fótis. Sem mencionar que, a um jantar na cidade, prefiro nossos prazeres, porei fim aos teus sustos regressando cedo. De resto, não irei sem escolta. Com o fiel punhal que levo ao lado, na cintura, terei com que defender a vida."

Tomadas estas disposições, fui ao jantar.

XIX. Ali encontrei um grande número de convidados, e, como seria de esperar em casa de tão grande senhora, a flor da cidade. Opíparas mesas onde esplendiam o cedro e o marfim, leitos recobertos de estofos tecidos em ouro, cálices de grandes dimensões,

variados em sua beleza, mas igualmente preciosos. Aqui o vidro de relevos perfeitos, ali o cristal sem mácula, além a prata de claros fulgores e o ouro de brilho coruscante, e o âmbar cavado maravilhosamente, assim como pedras por onde se bebia, em suma, tudo se via ali, mesmo o impossível. Diversos escanções²¹, envolvidos em mantos esplêndidos, apresentavam com habilidade pratos copiosos. Rapazes de cabelo cacheado, ostentando belas túnicas, ofereciam continuamente vinho velho em taças feitas cada uma de uma gema. Logo trouxeram luzes. A sala do festim se encheu do rumor de conversas, risos esfuziaram de todos os lados, trocaram-se palavras espirituosas e divertidas.

Então Birrena, dirigindo-me a palavra, disse-me: "Estás contente da estadia em nossa pátria? Que eu saiba, pelos templos, banhos, e outros edifícios públicos, somos bem superiores a não importa qual cidade. Quanto a utensílios, estamos providos satisfatoriamente. E é certo que se vive livremente e à vontade. Um forasteiro ativo aqui encontra a animação de Roma. Um hóspede modesto, a paz do campo. Em suma, por tôda a província, somos um retiro encantador."

XX. "Dizes a verdade", aquiesci ao ouvi-la. "Não creio que em nenhum país do mundo se viva em tanta liberdade como aqui. Todavia, temo extremamente as armadilhas invisíveis e inevitáveis da ciência mágica. Pois as próprias sepulturas dos mortos não estão seguras, dizem, mas ali vão roubar, nos montículos de terra, e nos restos das fogueiras dos condenados, relíquias tomadas dos cadáveres, para a perdição dos vivos. E no próprio momento das cerimônias fúnebres, velhas mágicas avançam, céleres como pássaros, sôbre aquêles que procedem ao sepultamento."

A estas minhas palavras, um outro acrescentou: "Podes até dizer que os vivos, aqui, não são tratados melhor. Testemunha isto certa pessoa que uma desventura dêsse gênero mutilou, a ponto de ficar completamente desfigurado."

A isto, a assembléia tôda desatou em licenciosas gargalhadas, enquanto os rostos se voltavam para um homem deitado num canto afastado. Confundido por ser objeto de atenção tão indigna, êle murmurou despeitado alguma coisa e quis se levantar para partir.

"Fica um pouco mais, meu bom Telifrão", disse Birrena, "e, com a urbanidade costumeira, conta ainda uma vez a tua his-

tória, a fim de que êste meu filho, Lúcio, desfrute da graça aprazível da tua palavra.”

E êle respondeu: “Ah! tu, senhora, és sempre a mesma, cheia de bondade e delicadeza. Mas a insolência da tua gente é intolerável.” Estava muito excitado. Porém, a insistência de Birrena, que o conjurava, por sua vida, a falar, venceu por fim suas repugnâncias.

XXI. Tendo amontoado as cobertas do leito, apoiou-se Telifrão sôbre o cotovêlo. Com o corpo erguido a meio, estendeu a mão direita como fazem os oradores, fechados os dois últimos dedos, os outros dois abertos e alongados sem rigidez, enquanto que o polegar apontava para a frente. Depois, começou:

“Eu era ainda pupilo quando vim de Mileto assistir aos espetáculos olímpicos. Desejei visitar também a região em que estamos, parte de uma illustre província²². Tinha então percorrido tôda a Tessália, quando os pássaros da desgraça me levaram a Larissa. Minhas magras provisões de viagem estavam muito diminuídas, e eu errava pela cidade, à procura de qualquer meio de me desembaraçar de minha pobreza, quando reparei, no meio do forum, num velho alto. De pé, em cima de uma pedra, avisava ao público em voz retumbante que, se alguém queria vigiar um defunto, podia dar preço.

“Dirigindo-me a um transeunte, perguntei: “Que ouço? Que é isto? Aqui os mortos costumam fugir?”

“Cala-te”, respondeu. “Vê-se bem que és um menino e peregrino de muito longe, pois ignoras que te encontras na Tessália, país onde as feiticeiras têm o hábito de roubar com os dentes, do rosto dos mortos, material com que prover suas artes mágicas.”

XXII. “Tornei a perguntar: “E em que consiste essa vigília fúnebre? Dize-mo, eu te peço.” “Para começar”, respondeu êle, “é preciso ficar bem desperto, do princípio ao fim da noite, com os olhos abertos, sem cochilos, fixos sôbre o cadáver; não voltar a vista para nada, nem arriscar um olhar de lado. Pois quando essas medonhas criaturas, que têm o poder de se transformar em animais, tomam a forma de um irracional qualquer, deslizam tão furtivamente, que enganariam sem esforço os próprios olhos do Sol e da Justiça. Revestem-se da figura de pássaros, de cães, de ratos, e até de môscas. Depois, por meio de seus infernais encantamentos,

fazem o vigilante cair num sono de morte. Verdadeiramente, ninguém poderia contar todos os estratagemas inventados por sua fantasia perversa. No entanto, para serviço tão perigoso, oferecem-se apenas como salário quatro ou seis moedas de ouro. Ah! E temos mais isto, que eu ia esquecendo: se, pela manhã, não se entrega o corpo intacto, tudo o que foi subtraído ou estragado tem que ser substituído, às custas do próprio rosto do guardião."

XXIII. "Munido destes conhecimentos, enrijei a alma com uma coragem viril e fui direito ao pregoeiro: "Chega!", eu disse. "Está aqui diante de ti um guardião. Indica teu preço." "Mil sestércios", disse êle, "é a soma que te será reservada. Mas presta atenção, rapaz. Trata-se do filho de um dos nossos cidadãos principais. Toma cuidado ao guardar seu cadáver da malvadez das Harpias."

"Tolices e bagatelas", repliquei. "O homem que vês tem um corpo de ferro, não dorme, e possui vista mais penetrante do que o próprio Lince, ou Argos. Em resumo, é feito inteiramente de olhos."

"Mal terminei, conduziu-me êle a uma casa, cuja entrada principal estava fechada. Convidou-me a segui-lo, penetrando por uma portinha de trás, num quarto de persianas fechadas, mergulhado em penumbra. Designou-me uma mulher em prantos, coberta de luto; parou junto dela e lhe disse: "Aqui está um homem que se empregou como guarda de teu marido e garante o seu serviço." Ela, afastando os cabelos que caíam para a frente, deixou ver um rosto que, mesmo na dor, era fresco, e levantou os olhos para mim: "Faze por estar bem desperto, durante a missão que deves desempenhar." "Não te preocupes", disse eu, "e somente conserva pronta uma honesta gratificação."

XXIV. "Concluído o negócio, ela se levantou e me conduziu para um outro quarto. Encontrava-se ali o corpo coberto de linhos esplêndidos. Sete pessoas foram introduzidas na qualidade de testemunhas. Ela descobriu o corpo com a sua própria mão, chorou longo tempo sobre êle, e depois, apelando para a boa fé dos presentes, levantou um inventário minucioso, cujas cláusulas, concebidas de antemão, tinham sido anotadas por um dêles sobre tabuinhas. "Vêde", dizia ela, "o nariz está inteiro, incólumes estão os olhos, salvas as orelhas, ilibados os lábios, o queixo sólido."

Disto, meus bons quirites²³, vós prestareis testemunho." Logo que as tabuinhas foram seladas, ela ia se retirar, quando eu disse:

"Manda que me tragam, senhora, tudo que é necessário para o meu serviço." "O quê?" "Uma lâmpada de bom tamanho, óleo em quantidade suficiente para me iluminar até vir o dia, água quente com ânforas de vinho, e um cálice e uma bandeja guardada com os restos da ceia."

"Então, sacudindo a cabeça, disse ela: "Vai-te, impertinente, que, numa casa desolada pela presença da morte, vens falar de ceia e reclamar a tua parte. Há dias que aqui dentro não se vê sequer uma fumaça. Crês que vieste para comilanças? É melhor que tomes uma atitude que às circunstâncias convenha, a atitude do luto e das lágrimas."

XXV. "Assim falando, ela se voltou para uma pequena escrava, ordenando: "Mirrena, providencia uma lâmpada de óleo. Depois, fecha o quarto." Assim, deixado sozinho com o morto, eu esfregava os olhos, fortificando-os para a vigília, e cantava para me dar coragem. E então, veio o crepúsculo, depois a noite, depois as trevas fechadas, depois as horas em que tudo dorme, e aquelas, enfim, em que tôda a vida se cala. Verdadeiramente, meu medo não cessava de crescer. De súbito, uma doninha, deslizando pelo aposento, parou diante de mim e fixou-me um olhar tão agudo, que a nímia segurança de um animal tão pequeno me causou profundo mal-estar. Por fim, eu lhe disse: "Queres tu sair daqui, bêsta abjeta, e te esconderes junto dos ratos, teus semelhantes? Senão, eu te farei sentir a minha força, imediatamente. Queres sair?"

"Ela virou as costas e foi direito para o quarto. Um instante depois, pesado sono mergulhou-me, de súbito, no fundo de um abismo. O próprio deus de Delfos²⁴ teria que fazer um certo esforço para decidir, dos dois jacentes, qual era o morto. Inanimado, e tendo eu próprio necessidade de um guarda, por assim dizer não estava lá.

XXVI. "O povo de crista esburacava com seu canto barulhento a treva da noite, quando por fim despertei. Penetrado de horror até a medula, corri para o cadáver, aproximei dêle a luz, descobri-lhe o rosto, examinei-lhe miudamente cada um dos pontos a respeito dos quais houvera acôrdo. Eis que a pobre viúva em

pranto, acompanhada das testemunhas da véspera, irrompeu, cheia de ansiedade, atirou-se logo sôbre o corpo, cobrindo-o de beijos; depois, ajudada com a luz de uma lâmpada, passou revista em tudo. Voltando-se então, chamou seu intendente Filodéspotos, e lhe ordenou que pagasse sem demora ao bom vigilante o salário que lhe deviam. Isso foi feito imediatamente, e depois ela acrescentou: "Nós te devemos, jovem, a maior obrigação e, em reconhecimento da tua consciência no exercício de tuas funções, eu declaro, nós te contaremos, de hoje em diante, no número dos nossos amigos."

"Transbordante de alegria, em vista do lucro inesperado, fascinado pelo coruscar das peças de ouro, que não parava de fazer tilintar nas mãos, respondi: "Dize antes, senhora, no número dos teus servidores, e tôdas as vêzes que tiveres necessidade de meus serviços, não hesistes em me chamar."

"Mal tinha deixado escapar estas palavras, as pessoas da casa, acolhendo-as como execrações e de pressago sacrilégio, se apoderaram das primeiras armas à mão e se puseram a me perseguir. Um esmurrou-me as faces; outro, a cotoveladas, me cutucou as costelas; um outro esbofeteou-me os flancos. Deram-me pontapés, arrancaram-me os cabelos, dilaceraram-se as vestes. Foi assim que, à semelhança do jovem aônio ou ao canto inspirado de Pípleu, lançaram-me para fora da casa, rasgado e feito em pedaços.

XXVII. "Eu estava na rua vizinha, tomando um fôlego, e pensava, um pouco tarde, sôbre a estupidez de minhas funestas palavras, reconhecendo que, com justiça, eu merecia mais pancada ainda, quando reparei que o morto já tinha saído da casa, depois dos prantos e dos chamados supremos. Segundo o uso tradicional, como se tratava de um membro da aristocracia, faziam-lhe funerais públicos e o cortejo passava através do forum. Eis que sai ao seu encontro um homem de roupa sombria, triste, lavado em lágrimas, arrancando os nobres cabelos brancos. Esse ancião se atirou para a urna funerária, agarrou-a com as duas mãos e disse com voz forte, se bem que sacudida de contínuos soluços: "Apelo para a vossa boa fé, Quirites, apelo para a piedade pública; para vingardes a morte de um dos vossos e para impordes a uma infame celerada o castigo que merece o último dos criminosos. Foi ela, com efeito, e ninguém mais, quem fêz perecer pelo veneno

êsse desgraçado môço, filho da minha irmã, para comprazer um amante e se aproveitar da herança.”

“Assim ia o velho de um para outro, fazendo soar as lamentosas queixas. O povo, entrementes, tornava-se ameaçador. A verossimilhança do fato os predispunha a dar crédito à acusação. Pediram tochas em grandes gritos, procuraram pedras, juntaram calhaus, quiseram matá-la. No entanto, a mulher, derramando lágrimas estudadas e jurando por tôdas as divindades, por tudo quanto encontrou de mais sagrado, negou ter cometido tal abominação.

XXVIII. “O ancião recomeçou: “Deixemos a demonstração da verdade à divina providência. Temos entre nós o egípcio Zatchlas, profeta de primeira ordem, que, mediante um preço muito elevado, combinou comigo trazer por um momento, dos infernos, o espírito do defunto, e chamar êsse corpo da morte para a vida.” Assim dizendo, empurrou para a frente, no meio da multidão, um homem môço, vestido com uma túnica de linho, calçado com sandálias de fibra de palmeira e a cabeça inteiramente raspada. Beijando-lhe longamente as mãos, e tocando mesmo seus joelhos, disse o velho: “Piedade, oh! padre, pelos astros do céu, pelas potências do inferno, pelos elementos da natureza, pelo silêncio das noites, pelos santuários de Coptos, pelas enchentes do Nilo, pelos mistérios de Mênfis, pelos sistros de Faros! Permite um breve retôrno à claridade do dia, e nesses olhos fechados para a eternidade, derrama uma luz fugidia. Não nos revoltamos contra o inevitável, nem recusamos à terra o que lhe pertence: o consôlo da vingança, e, para obtê-la, um curto instante de vida, é tudo que pedem nossas preces.”

“Instado desta maneira, o profeta colocou um raminho de planta na bôca do morto, e outro sôbre seu peito. Depois, voltando-se para o oriente e invocando em silêncio a augusta majestade do Sol que subia no horizonte, pela solenidade dessa atitude fêz crescer cada vez mais, entre os assistentes, a expectativa do milagre.

XXIX. “Misturei-me à multidão, e, atrás do próprio esquife, empo-leirado sôbre uma pedra bem alta, eu era por inteiro um ôlho curioso. E eis que o peito se distende e se eleva. O pulso começa a bater. O corpo se anima de um sôpro de vida, o cadá-

ver se levanta e o môço fala. Ele disse: "Quando eu já tinha bebido das águas do Letes, quando já navegava nos pantanais do Estige, por que me chamas para as funções de uma vida que não deve durar senão um instante? Deixa-me, deixa-me, eu te imploro, abandona-me ao repouso."

"Tais foram as palavras que se ouviram dêsse corpo. Mas o profeta indignou-se. "Quê? Tu recusarias relatar ao povo tudo que se passou, esclarecendo assim o mistério da tua morte? Pensas que meus encantamentos não têm o poder de evocar as Fúrias, e o poder de torturar teus membros fatigados?"

"Retomando a palavra, aquê que estava sôbre o esquife, com um profundo gemido, dirigiu-se ao povo nestes têrmos: "São as artes culposas de minha nova espôsa as causadoras de minha morte. Vítima de uma beberagem perniciosa, deixei um adúltero no meu leito ainda tépido."

"Então, armando-se de audácia, a virtuosa espôsa opôs às peremptórias acusações do marido um desmentido sacrílego. A multidão se partiu em diversas tendências, as opiniões se dividiram: uns queriam que tão odiosa criatura fôsse enterrada viva, imediatamente, com o corpo do marido; outros sustentavam que não se devia acreditar nas falsidades de um cadáver.

XXX. "Mas o prosseguimento da cena cortou cerce tôdas as hesitações. Retomando a palavra, com um gemido ainda mais fundo, o môço acrescentou: "Vou dar uma prova incontestável da minha intemerata veracidade, revelando fatos de que nenhum outro, a não ser eu, terá tido conhecimento nem pressentimento. Quando o homem que está ali", e êle me designava com o dedo, "exercia junto ao meu corpo uma atenta vigilância, velhas feiticeiras, que queriam meus despojos, e tinham-se metamorfoseado com essa intenção, fizeram diversas tentativas vãs para enganar seu zêlo diligente. Nada conseguindo, por fim, fizeram descer sôbre êle uma nuvem de sono. Quando êle foi envolvido num profundo torpor, puseram-se a me chamar pelo nome, sem cessar. Meus membros entorpecidos e meus órgãos gelados faziam preguiçosos esforços para obedecerem às injunções mágicas. Ora, aconteceu que êste homem, que estava vivo e não tinha de um morto senão o sono, era meu homônimo. Ao apêlo de seu nome, levantou-se sem saber e, como sombra sem vida, avançou maquinalmente. A

porta estava cuidadosamente fechada, mas por um buraco lhe cortaram primeiro o nariz, depois as orelhas, e foi em meu lugar que êle sofreu essas amputações. Em seguida, a fim de que nenhuma desordem lhes descobrisse a traça, no modelo das orelhas cortadas fizeram orelhas de cêra que lhe applicaram perfeitamente, e, do mesmo modo, um nariz. O desgraçado está agora muito perto daqui, e o preço que lhe tocou foi não do seu trabalho, mas de sua debilidade."

"Apavorado com essa fala, quis verificar minha aparência. Agarrei o nariz, êle me ficou na mão. Tateei as orelhas, elas se desprenderam. As pessoas estendiam o dedo, sacudindo a cabeça do meu lado, para me designar, enquanto estouravam as risadas. Passei por entre as pernas dos mais próximos que me cercavam, molhado de suor frio. Mutilado como estava, tornara-me ridículo. Não pude mais voltar aos pátrios lares. Espalhando o cabelo à direita e à esquerda, escondi a cicatriz das orelhas. Velei por vergonha o nariz, colando êste pano, por decência."

XXXI. Logo que acabou a narração de Telifrão, os convivas, aquecidos pelo vinho, recommçaram as gargalhadas, e enquanto pediam os copos para beber, em honra do Riso, conforme o uso, Birrena se dirigiu a mim:

"É amanhã", disse ela, "a festa anual cuja instituição remonta à fundação desta cidade. Nesse dia, invocamos o favor do Venerável Deus Riso, santíssimo entre os mortais, por meio de tradicionais brincadeiras. Tua presença aumentará nosso divertimento nesse dia. Desejamos mesmo que tua própria alegria natural te inspire, para honrar o deus, alguma jocosa invenção, que torne mais completa nossa homenagem à divindade."

"Bem", respondi, "faça-se como ordenas. Sentir-me-ei feliz, certamente, se encontrar alguma idéia que possa fornecer ampla matéria ao grande deus." Tendo o meu criado me advertido, depois disto, que a noite avançava, com o estômago distendido pela bebida, levantei-me logo, despedi-me rapidamente de Birrena e, com passo inseguro, tomei o caminho de casa.

XXXII. Mas na primeira rua pela qual enveredamos, uma brusca lufada de vento extinguiu a luz com que contávamos. Com grande esforço, escapamos da súbita escuridão da noite, e nos orientamos para a casa do meu hospedeiro, esgotados de fadiga e com

os artelhos machucados de bater contra as pedras. Aproximávamo-nos já, andando juntos, quando três valentes, de possante arcabouço, se lançaram com tôda a fôrça contra nossa porta, tão pouco intimidados por nossa presença, que, ao contrário, multiplicavam seus assaltos, rivalizando entre si em violência. Julgamos, eu sobretudo, não sem razão, que eram ladrões e dos mais empedernidos. Tirei logo do seio a espada que tinha levado sob as vestes, para casos desta espécie. Com a arma na mão, precipitei-me sem hesitar no meio dos ladrões e a mergulhei, profundamente e ao azar do encontro, no corpo do primeiro que me resistiu, até que, por fim, crivados de grandes feridas, exalaram seu último suspiro aos meus pés. O tumulto do combate tinha despertado Fótis. Encontrando a porta aberta, deslizei para dentro, banhado em suor e sem fôlego. Meu combate contra três bandidos me tinha fatigado como se tivesse feito o morticínio de Gérion²⁵. Lancei-me sôbre o leito e adormeci no mesmo instante.

LIVRO III

I. Agitando seu braço de rosa, a Aurora atirou no céu os cavalos de rutilantes faleras²⁶ e a noite se transformou em dia, arrancando-me à tranqüilidade do sono. À lembrança dos sucesos da véspera, a febre tomou conta de meu espírito. Com os pés colocados um sôbre o outro, as mãos juntas e os dedos cruzados sôbre os joelhos, acorei-me no leito e chorei abundantemente, antevendo já o forum, o tribunal, a sentença, o próprio carrasco, por fim. "Poderei cair com um juiz tão suave, tão benévolo, que me proclame inocente, quando trago sôbre mim os vestígios de uma tríplice morte e estou coberto pelo sangue de tantos cidadãos? Está aí a gloriosa viagem que me anunciava, com tanta segurança, o caldeu Diófanes." Tal era o discurso que repetia a mim mesmo, chorando barulhentemente sôbre o meu infortúnio.

Entretanto, com grande ruído, bateram à porta, gritaram.

II. E logo, irrompendo pela casa aberta, os magistrados, seu pessoal, todo o povo misturado, invadiram o lugar. No mesmo instante, sob as ordens dos magistrados, dois litores me agarraram e

me arrastaram, sem encontrarem, podeis crer, a menor resistência. Mal enveredamos pelo primeiro beco, tôda a população espalhada fora se apertou sôbre nossos passos, formando surpreendente cortejo. Ao avançar, eu tinha os olhos tristemente abaixados para o chão — para o inferno, diria melhor; lançando um olhar de esguelha, reparei, porém, numa coisa espantosa: na multidão que me cercava não havia ninguém, absolutamente ninguém, que não risse às gargalhadas. Percorremos assim tôdas as ruas. Por fim, quando, à maneira das vítimas que são levadas de um para outro lugar, para conjurar as ameaças de um prodígio por meio de cerimônias lustrais e sacrifícios expiatórios, depois de terem-me feito percorrer os menores recantos, a tôda a volta da cidade, pararam comigo no forum, diante do tribunal. E os magistrados já tinham-se colocado no alto do estrado, o pregoeiro público pedira silêncio, quando, de repente, a uma só voz, o povo inteiro rogou que, por motivo da afluência, e do perigo de haver alguém esmagado no apêrto, um julgamento de tal importância fôsse feito no teatro. Dispersou-se logo o povo, correndo com incrível rapidez para ocupar todo o espaço reservado aos espectadores. Amon-toaram-se nos corredores de acesso e até nos vigamentos do teto. Muitos se atracaram às colunas, abraçando-as. Outros se suspenderam às estátuas. Encheram as fendas das janelas e as aberturas tôdas — todos ávidos de ver, tanto que esqueceram o perigo a que se expunham. Então, os funcionários da cidade me fizeram avançar como uma vítima, atravessando a cena, e me colocaram no meio da orquestra ²⁷.

III. Ao mesmo tempo, o pregoeiro, alteando de nôvo a voz, deu a palavra ao acusador. Um homem de certa idade se levantou, e, depois de ter derramado água numa espécie de vaso furado, como um funil, com uma estreita abertura por onde escorria o líquido gôta a gôta, para medir o tempo, dirigiu-se ao povo nestes termos:

“O presente caso, honrados quirites, não é destituído de importância. Trata-se da paz da cidade inteira, e é necessário que se dê um severo e salutar exemplo. Convém, pois, que tanto individualmente como todos juntos, como ordena a dignidade pública, tenhais o cuidado de não deixar o infame assassino escapar ao castigo dessa orgia sangrenta a que se entregou. Não me julgueis animado por um ressentimento privado, nem que ceda à violência

de um ódio pessoal. Como prefeito, responsável pela custódia noturna da cidade, ninguém, até hoje, encontrou falha em meu zêlo vigilante. Eu vos exporei fielmente o que se passou na derradeira noite. Por volta da terceira vigília, eu fazia a ronda da cidade e inspecionava tudo, de porta em porta, com escrupulosa exatidão, quando vi êste jovem crudelíssimo que, de arma na mão, fazia uma carnificina, tendo feito já três vítimas. Elas jaziam a seus pés, agonizantes, e palpitavam lavadas em sangue. De resto, êle próprio, consciente da enormidade do seu crime e justamente perturbado, fugiu, esgueirando-se, com o favor das trevas, para uma casa onde se manteve escondido a noite inteira. Porém, a providência divina não permitiu que tal crime ficasse impune, e, antes que furtivamente escapasse por ignoradas vias, de manhã muito cedo eu o detive e o fiz comparecer diante da tremenda majestade do vosso tribunal. Tendes, assim, diante de vós, um acusado maculado por muitas mortes, um acusado apanhado em flagrante, e estrangeiro neste país. Condenai, pois, sem fraqueza, por um crime pelo qual puniríeis severamente mesmo um dos vossos concidadãos, êsse homem de outras terras.”

IV. Depois dêste violento requisitório, a voz formidável do acusador se calou. Em seguida, o pregoeiro avisou que, se eu quisesse responder, podia principiar. Nesse momento, eu não era capaz senão de chorar, devo dizer que não tanto sob o efeito da feroz acusação, mas por causa dos tormentos da minha consciência. Todavia, com uma audácia inspirada pela providência divina, repliquei:

“Não ignoro quanto é difícil, em presença dos cadáveres de três cidadãos, o acusado das mortes persuadir de sua inocência uma assembléia tão grande, mesmo se disser a verdade; mesmo se, sem dificuldade, explicar-se. Entretanto, se vossa bondade, cidadãos, me conceder um momento de atenção, não terei muito trabalho em demonstrar que não se trata de uma falta que põe minha cabeça em perigo, mas foi o efeito fortuito de uma indignação razoável que me trouxe o labéu do odioso crime de que não sou culpado.

V. “Eu tinha ceado na cidade e voltava um pouco tarde, bêbado, sim, eu estava bêbado. Êste crime não negarei. Justamente diante da casa do meu hospedeiro, o bom Milão, concidadão vosso, desci e vi audaciosos malfeitores que tentavam assaltar a casa, forçando

os gonzos e procurando fazer saltar a porta. As trancas que a matinhã cuidadosamente fechada tinham sido arrancadas brutalmente, e êles já deliberavam entre si se matariam os moradores. Um dêles, enfim, mais resoluto que os outros e mais cor-pulento, excitou-os: "Vamos, rapazes, a quem anima uma alma viril e que têm um braço alerta, ataquemo-los durante o seu sono. Para longe de nós qualquer hesitação ou covardia. Adaga em punho! E que corra sangue pela casa inteira. Quem dorme no seu leito que seja degolado. Quem procurar se defender, que seja abatido. Não sairemos daqui a salvo se deixarmos viva alguma pessoa nesta casa." Confesso, quirités, que acreditei cumprir um dever de bom cidadão acometendo contra êsses ladrões da pior espécie, porquanto temia pela vida dos meus hospedeiros e pela minha. Eu estava armado de punhal, na previsão de semelhantes perigos, e experimentei pôr-lhes mêdo, para que fugissem. Mas êsses bárbaros, êsse selvagens, não pensaram em salvar-se, mas, vendo-me de arma na mão, resistiram com a mesma audácia.

VI. "Eis-nos em linha para o combate. O próprio chefe da súa, e seu porta-insígnia, se atirou contra mim com tôdas as suas fôrças, me agarrou bruscamente com as duas mãos pelos cabelos e me virou a cabeça para trás, com o manifesto intento de a esmagar com uma pedra. Enquanto êle pedia com insistência que lhe passassem uma, eu o atravessei com mão segura e felizmente o estendi por terra. Um outro se agarrou às minhas pernas, mordendo-me. Com um golpe bem calculado, eu o atingi entre as espáduas, matando-o. Do mesmo modo matei o terceiro, que correu imprudentemente para mim. Golpeei-o em pleno peito. Tendo assim restabelecido a ordem, protegido a casa dos meus anfitriões, e assegurado a salvação comum, pensei que, em vez de ser punido, deveria receber públicos louvores. Antes disto, jamais tive o menor atrito com a justiça. Considerado entre os meus, sempre pus a inocência acima de tôdas as outras coisas. Não posso explicar, então, como o justo impulso que me levou a vingar-me de abomináveis ladrões me valha hoje esta acusação. Ninguém pode demonstrar que eu tive anteriormente, com êsses bandoleiros, nenhuma animosidade pessoal, ou que simplesmente os tenha conhecido. E ninguém pode, ao menos, mostrar uma prêsa para ser partilhada, que tornasse verossímil semelhante crime."

VII. Acabado êste discurso, minhas lágrimas jorraram de nôvo. Estendendo as mãos num gesto de súplica, implorei tristemente pela pública misericórdia a uns, por suas afeições mais caras a outros. Acreditava-os já tocados de humanidade e comovidos com o meu pranto. Tomava por testemunhas os olhos do Sol e da Justiça, recomendava à providência divina meu infortúnio, quando, erguendo um pouco mais os olhos, reparei que todo o povo reunido entregava-se a um louco riso geral. Até meu bondoso hospedeiro e pai Milão, ria um enorme riso dissoluto. Vendo isso, disse eu comigo mesmo: "Eis aí, por minha fé, o que se chama gratidão. Eu, por ter salvo o anfitrião, sou assassino e réu de uma acusação. E êle, não contente de ter-me recusado até o confôrto de sua assistência, ainda escarnece da minha funesta sorte."

VIII. Entrementes, uma mulher lacrimosa atravessou correndo o teatro. Queixosa, vestida de negro, levava uma criancinha apertada contra o seio. Outra mulher a seguia, uma anciã coberta de horrendos trapos, igualmente dolorosa e, como aquela, chorando. Ambas agitavam ramos de oliveira²⁸. Colocando-se ao lado do esquife, onde jaziam sob véus os cadáveres das vítimas, puseram-se a lamentar-se, desferindo lúgubres clamores: "Pela misericórdia pública", diziam, "e pelo direito comum de humanidade, tende compaixão dêstes moços, indignamente chacinados, e, vingando-nos, consolai nosso abandono e nossa solidão. Socorrei ao menos o infortúnio desta criancinha, deixada sem proteção nos seus verdes anos, e ofereci o sangue dêsse bandido, como expiação, às vossas leis e à ordem pública."

Depois disto, o magistrado mais velho se levantou e se dirigiu ao povo: "Que houve um crime que exige severo castigo, o seu próprio autor não pode negar. Só um ponto subsidiário nos deixa ainda confusos. É preciso procurar os cúmplices. Não é verossímil, com efeito, que um indivíduo sozinho tenha podido tirar a vida de três moços tão vigorosos. Devemos então obter pela tortura a verdade. Pois o escravo que o acompanhava fugiu, e não temos outro recurso senão levar o acusado, através do interrogatório, a denunciar aquêles que participaram do seu ato celerado, a fim de extirpar radicalmente o terror espalhado por êsse bando maldito."

IX. Logo após, conforme o costume dos gregos, trouxeram fogo, a roda, e látigos de várias espécies. Minha tristeza aumentava,

ou antes, dobrava, por não ter nem o direito de morrer sem mutilação. No entanto, a velha cujo pranto havia causado tanta emoção, falou: "Antes de ligar à cruz, honrados cidadãos, o ladrão que infligiu êsses infortúnios à minha ternura, permiti que se descubram os corpos dos mortos, a fim de que a contemplação de sua beleza e juventude, avivando vossa justa indignação, vos inspire um rigor proporcional ao crime."

Aplaudiram estas palavras, e, sem demora, o magistrado me ordenou que fôsse eu mesmo descobrir os cadáveres do esquife. Resisti, recusei-me obstinadamente a renovar por esta exibição a cena trágica da véspera. Por ordm dos magistrados, os litores me compeliram com insistência a fazê-lo. Por fim, apoderando-se da mão que me pendia ao longo do corpo, estenderam-na, para sua perda, até os cadáveres. Vencido, afinal, pela necessidade, consenti, e, bem contra a vontade, retirei o manto que os recobria. Bons deuses, que vejo? Que prodígio foi êsse? Que repentina transformação se dera em minha sorte? Eu me contava já entre o tesouro de Proserpina e a família de Orco²⁹ e de repente tudo adquiriu uma feição nova, que me paralisava de estupefação. Nenhuma palavra haverá capaz de exprimir o imprevisito de tal espetáculo. Os cadáveres de nossos degolados eram três odres estufados, com rasgões aqui e ali, e largos dilaceramentos, que, a julgar por minhas lembranças da peleja da véspera, correspondiam aos ferimentos que eu fizera nos ladrões.

X. Então, o riso, que alguns tinham tido a malícia de reprimir por um momento, explodiu livremente e se propagou na multidão. Uns, no excesso da alegria, cacarejavam, outros seguravam a barriga com as duas mãos para que não doesse, e foi com uma transbordante satisfação que todos deixaram o teatro, voltando-se para olhar-me. Quanto a mim, imóvel na atitude em que tinha pegado a mortalha, permanecia frio como pedra e quieto como as estátuas e as colunas do teatro. Não ressurgi dos infernos senão quando Milão, meu hospedeiro, se aproximou, pousando a mão sôbre mim. Apesar de minha resistência, e ao passo que minhas lágrimas jorravam novamente, acompanhadas de convulsivos soluços, êle me arrastou com doce violência e me conduziu para casa, tendo o cuidado de fazer algumas voltas por solitários caminhos. Procurava palavras consoladoras para acalmar meu desgosto e para serenar a emoção que me agitava ainda. Porém, não conseguia

amenizar de maneira nenhuma a indignação que eu sentia por uma afronta que de modo tão profundamente grave me atingia o coração.

XI. Mas eis que, nesse instante, os próprios magistrados, revestidos com suas insígnias, penetraram em nossa casa e fizeram quanto podiam para me apaziguar: "Não ignoramos, Senhor Lúcio, nem tua classe, nem teu nascimento, nem o renome da ilustre família que é a tua e que se estende por tôda a província. O que te aflige tão fortemente, não foi para te ofender que to fizemos suportar. Espanta do coração a tristeza e expulsa a amargura da alma, pois os divertimentos periódicos aos quais nossa cidade se entrega todo ano, em honra do Deus Riso, devem sempre seu sucesso a uma invenção nova. Fôste tu a fonte e o instrumento do Riso. O favor e a amizade do deus te acompanhará por tôda a parte. Ele não permitirá jamais que tua alma prove nenhum infortúnio, mas sem cessar iluminará tua fronte de serena graça e de alegria. Em reconhecimento pelo que te deve, a cidade inteira te prestará honras extraordinárias. Ela te nomeará seu patrono e decidiu te elevar uma estátua de bronze."

A êsse discurso, repliquei desta maneira: "Cidadãos da mais ilustre entre tôdas as cidades da Tessália, minha gratidão por essas honrarias está à altura da benfeitoria. Porém, reservai as estátuas e imagens, eu vos peço, para outros mais dignos e melhores que eu."

XII. A essa modesta alocução, distendi o rosto num sorriso, e, fazendo o possível para recuperar alguma alegria, saudei cortêsmente os magistrados e êles se retiraram. E eis que entra correndo um criado de Birrena: "Tua mãe", disse êle, "te reclama e te lembra que se aproxima a hora do jantar, para o qual fôste convidado ontem à noite." Apavorado e cheio de horror, só de pensar nessa casa, mandei dizer a Birrena: "Eu gostaria muito, mãe, de obedecer às tuas ordens, se pudesse fazê-lo sem faltar à minha palavra. Meu hospedeiro Milão, com efeito, me fêz prometer, tomando como testemunha a divindade protetora dêste dia, que eu cearia com êle esta noite. Ele não consente nem suporta que eu me afaste. Deixemos, pois, para mais tarde êsse compromisso de jantar."

Eu falava ainda, quando Milão me agarrou com mão firme, e, ordenando que levassem atrás nossos utensílios de banho, me conduziu ao estabelecimento vizinho. Mas eu, para evitar os olhares do público e não me expor ao riso dos passantes, de que eu mesmo tinha sido o provocador, caminhava a seu lado, dissimulado. Como me banhei, como me enxuguei, como voltei para casa, a vergonha que eu sentia me fêz tudo esquecer. Todos me designavam com os olhos, com a cabeça, com o dedo, e eu caíra num aturdimento estúpido.

XIII. Depois de ter, por fim, consumido às pressas o jantarzinho magro de Milão, tomei como pretexto a violenta dor de cabeça causada pelo abalo e por minhas lágrimas sem fim, e obtive facilmente permissão para ir deitar. Estendido no leito, repassava tristemente, em pensamento, todos os pormenores da aventura, quando, por fim, Fótis, após acomodar a patroa, chegou, bem diferente de si mesma. Não tinha mais nem a alegre expressão, nem o tom zombeteiro, mas rugas profundas tornavam-lhe sombria a fronte cuidosa. Falou, por fim, hesitante e tímida: "Fui eu, eu mesma, confesso, que te proporcionei esta desgraça." Tirando do seio uma espécie de chicote, mo apresentou, dizendo: "Toma, eu te peço, e vinga-te de uma pérfida mulher. Inflige-lhe mesmo, se queres, um suplício mais severo. Não creias, todavia, que te causei desgosto voluntariamente. Não praza aos deuses que tenhas de sofrer por minha causa o mais ligeiro dissabor. Se alguma desgraça ameaça tua cabeça, possa o meu sangue resgatá-la inteiramente. Mas do que fiz, cumprindo ordens, e com outra intenção, minha má sorte fêz recair sobre ti as abomináveis conseqüências."

XIV. Sentindo despertar minha curiosidade natural, e ardendo do desejo de descobrir as origens da aventura, repliquei: "Aqui está um látego, inigualável em audácia e crueldade. Tu o destinavas ao teu próprio suplício. Será êle que, despedaçado e cortado em bocadinhos, se acabará na minha mão antes de tocar tua pele delicada como a pluma e branca como o leite. Mas conta-me sinceramente: que cometeste afinal, que os fados transformaram tão nêciamente em objeto de minha perdição? Juro por tua cabeça, caríssima, não são palavras ao vento; ninguém poderá me persuadir de que nutriste a meu respeito desígnios prejudiciais.

Ora, quando a intenção é honesta, não são as conseqüências de um acaso desencontrado que podem torná-la culpável."

Terminando estas palavras, olhei e vi os olhos de minha Fó-tis, úmidos e trêmulos, se escurecerem de desejo e se entrecer-rarem de langor, enquanto eu os fechava com os lábios e os devorava, com desespêro, de beijos apaixonados.

XV. Tendo recuperado sua costumeira alegria, ela disse: "Dei-xa-me primeiro fechar a porta dêste quarto, para que nenhuma frase escape daqui. A indiscrição seria, de minha parte, de uma abjeção profana." Enquanto falava, passou os ferrolhos, firmou os ganchos, e depois, voltando-se para mim e cercado com os dois braços meu pescoço, disse baixinho, com voz quase imperceptí-vel: "Estou tremendo, estou cheia de horror, ao pensar em revelar o que sucede nesta casa, e ao pensar em desvendar os segredos misteriosos de minha ama. Mas não, eu tenho a mais alta opinião de ti, de tua educação, e, sem falar da generosa classe a que per-tences por nascimento, ou da elevação do teu espírito, sei que, ini-ciado como és em mais de um culto, conheces seguramente a santa lei do silêncio. Assim, seja o que fôr que me aconteça confiar ao piedoso santuário do teu coração, guarda-o fechado nesse retiro seguro, e recompensa a franqueza de minhas revelações com uma discrição a tôda prova. Trata-se de coisas que neste mundo só eu sei. É o amor por ti que me domina, e que me obriga a te contar isso. Vais saber o que é esta casa. Vais saber dos mara-vilhosos segredos pelos quais minha ama se faz obedecer dos manes³⁰, perturba o curso dos astros, constrange as potências divinas, serve-se dos elementos. Mas jamais recorre ela com mais vontade à fôrça de sua arte como quando um bonito rapaz lhe chama a atenção, o que, em verdade, acontece freqüentemente.

XVI. "É assim que, neste momento, ela morre de amor por um jovem beócio, de admirável beleza, e movimenta fervorosamente todos os recursos de sua arte, tôdas as suas máquinas de guerra. Ouvi-a esta tarde, com os meus ouvidos. Porque o Sol tinha sido lento demais para baixar no céu, e não se tinha retirado logo para dar lugar à noite, para ela se entregar aos seus encantamen-tos, ameaçou o próprio Sol de o envolver num véu de escuridão e de trevas eternas. Ontem, por acaso, quando ela voltava do banho, reparou num môço sentado num salão de barbeiro. Orde-

nou-me que levasse, às escondidas, seus cabelos que caíam sob as tesouras e juncavam o solo. Ajuntava-os com furtivo cuidado, quando o barbeiro me surpreendeu. Nós já somos mal vistas na cidade, como gente dada à ciência dos malefícios. Ele me apanhou e me increpou àasperamente: "Velhaca, tu não paras de vir roubar os cabelos dêsses jovens senhores? Põe um fim a essas práticas criminosas, ou, sem esperar mais, eu te entrego aos magistrados." Juntando o gesto à palavra, para me revistar mergulhou a mão entre meus seios, vasculhou, e retirou irado os cabelos que eu escondera ali. Pensando no mau humor de minha patroa, que essa espécie de insucesso deixava num estado tão violento que me desancava sempre com a maior brutalidade, dispunha-me a fugir, mas teu pensamento, tua imagem, bem depressa me fizeram abandonar êste projeto.

XVII. "Distanciava-me triste, com o temor de voltar com as mãos completamente vazias, quando vi um homem que tosava com uma tesoura uns odres de pêlo de cabra. Eu os via ali, sòlidamente amarrados, cheio, e já pendurados. Os pêlos que estavam no chão eram de um tom louro que lembrava a cabeleira de um jovem beócio. Levei uma certa quantidade e a entreguei à minha ama, disfarçando a verdade. Nas primeiras horas da noite tu não tinhas voltado ainda do jantar. Panfília, fora de si, subiu, do outro lado da casa, a um terraço coberto de pranchas, livre, acessível a todos os ventos, de onde a vista abrange o oriente e se estende de outro lado em várias direções. Êsse lugar se presta como nenhum às suas operações mágicas, e Panfília o frequênta em segredo. Ela dispôs então, para começar, o aparelhamento ordinário de sua oficina infernal, cheia de substâncias aromáticas de todo o gênero, de lâminas cobertas de inscrições desconhecidas, de velas de navios perdidos no mar. Estavam ali expostos inúmeros fragmentos de cadáveres, já chorados ou mesmo já colocados no túmulo: aqui narizes e dedos, ali cavilhas de fôrça, com langanhos de carne, além o sangue recolhido de gargantas cortadas, e crânios mutilados arrancados dos dentes das feras.

XVIII. "Ela pronunciou em seguida encantamentos sôbre etranhas palpitantes e derramou como oferenda de feliz presságio, sucessivamente, água da fonte, leite de vaca, mel das montanhas,

por fim o hidromel. Trançou então os cabelos de que falei, formando nós³¹ e os atirou, com uma certa quantidade de substâncias odorantes para fazê-los queimar, sôbre brasas. E, de repente, pelo poder irresistível da ciência mágica e pela fôrça escondida das divindades a seu serviço, os corpos, cujo pêlo fumegava crepitando, tomaram uma alma humana: sentiram, ouviram, caminharam. Guiados pelo odor de seus despojos em combustão, dirigiram-se para a casa. Tomando o lugar do jovem beócio, tentaram entrar, forçando a porta. Foi então que, nesse momento, cheio de bebida e induzido em êrro pela súbita escuridão da noite, tu corajosamente tiraste o teu punhal e te serviste de tua arma, como um Ajax na sua loucura³². Mas eram animais vivos que atacaram Ajax quando êle massacrava rebanhos inteiros. Quanto a ti, és bem mais forte; pelejaste com três odres de pêlo de cabra, arrancando-lhes o sôpro de que estavam cheios. Derubaste teus inimigos sem te manchaes com uma só gôta de sangue, e aí está por que abraço neste momento não um homicida, mas um odricida.”

XIX. Êste lépido sermão me fêz rir, e eu disse a Fótis, tomando parte na brincadeira: “Eu bem que posso, neste caso, comparar minha aventura, meu primeiro título de glória, com um dos doze trabalhos de Hércules: três odres mortos valem bem o tríplice corpo de Gérion ou as três cabeças de Cérbero³³. Mas se queres que eu te perdoe, sinceramente e de bom coração, a falta por intermédio da qual me trouxeste tais angústias, concede aos meus desejos o que êles reclamam tão insistentemente, e mostra-me a tua senhora quando entregue a algum trabalho da ciência divinatória. Que eu a veja quando ela invoca os deuses, ou então quando se metamorfoseia. Queimo na ânsia de conhecer de perto, e com os meus olhos, a magia. De resto, tu própria tens o ar de não ser novata, nem inexperiente, nessas coisas. Sim, eu sei, estou vendo. Pois sempre desdenhei os favores das mulheres: mas teus olhos cintilantes, tuas faces coradas, a deslumbrante cabeleira, teus beijos ávidos, teus seios perfumados, fizeram de mim uma coisa tua, e me mantiveram cativo, voluntariamente escravo. Já não mais suspiro por meu lar, nem me disponho ao regresso. Nada há que eu prefira a uma só das nossas noites.”

XX. “Eu gostaria bem, Lúcio”, respondeu Fótis, “de contentar teu desejo. Mas além de ciumenta, ela se retira sempre para a

solidão, longe de qualquer presença, para cumprir seus ritos secretos. Entretanto, a tua vontade está para mim acima do perigo: aguardarei o momento favorável e me esforçarei por te satisfazer, com a condição, todavia, de que, como eu disse no começo, tu guardes fielmente silêncio sobre negócio tão grave."

Tagarelando dessa maneira, um mútuo desejo vejo despertar ao mesmo tempo nossos espíritos e nossos sentidos. Despojando-nos de tôdas as vestes, abandonamo-nos desnudos aos transportes de Vênus. Quando me fatiguei, Fótis, com liberalidade ofereceu como corolário o seu prazer. Por fim, o sono se espalhou sobre nossos olhos, lassos da vigília, e não nos deixou senão dia claro.

XXI. Algumas noites somente decorreram assim na volúpia, quando certo dia Fótis, em tremenda agitação, chegou correndo e me anunciou que sua senhora, vendo que os outros meios não adiantavam em nada os seus negócios do coração, devia, na noite seguinte, revestir-se da plumagem de um pássaro e voar assim para o desejado. "Prepara-te", acrescentou ela, com precaução, "para observar êsse grande acontecimento." Por volta da primeira vigília da noite, caminhando na ponta dos pés e sem fazer nenhum ruído, ela me conduziu ao aposento do alto e me convidou a olhar por uma fresta da porta, e eis as coisas de que fui testemunha: primeiro Panfília se despiu completamente, abriu um cofre e dali tomou diversas caixas, abriu a tampa de uma delas, tirou uma pomada, e esfregando-se longamente com as mãos, untou o corpo todo, desde a ponta das unhas até o alto dos cabelos. Depois de longo conciliábulo com a lâmpada, agitou os membros com trêmulos movimentos. Enquanto docemente batia o ar, via-se flutuar a penugem macia, crescerem fortes penas, endurecer-se um curvo nariz, espessarem-se em garras as unhas. Panfília tornou-se um môcho. Então, com um grito estrídulo, e para experimentar, ela se ergueu da terra aos poucos, mas logo se atirou para o alto, e, batendo as asas, se afastou.

XXII. Por suas artes mágicas, Panfília se metamorfoseara voluntariamente, e a mim, sem encanto nem encantamento, o que acabara de suceder, diante dos meus olhos, me fixara em tal estupor, que eu me parecia ser tudo no mundo, menos Lúcio. Assim, fora de mim, atônito até a demência, eu sonhava acordado. Fi-

quei por muito tempo esfregando as pálpebras, para me certificar de que não era tudo um sonho. Devolvido, por fim, ao sentimento da realidade, agarrei a mão de Fótis e a aproximei dos olhos, dizendo: "Concede-me, por favor, agora que se apresenta a ocasião, uma prova esmagadora e singular da tua afeição. Por êstes meus olhos de que és a dona, eu te conjuro, doçura de minha vida, dá-me um pouco daquele unguento. Torna-me para sempre teu escravo, com um favor que nada no mundo poderá pagar. Faze com que eu esteja nos teus flancos, oh! minha Vênus, como um alado Cupido."

"Vêde", respondeu ela, "a rapôsa, o bem-amado, que me quer convencer a bater o machado em minhas próprias pernas. Inerme como é, é com esfôrço que o defendo das lôbas tessalianas. Tornando-se pássaro, onde poderei procurá-lo, quando quiser revê-lo?"

XXIII. "Defenda-me o céu de semelhante crime", repliquei. "Mesmo que me elevasse com asas de águia, percorrendo os espaços celestes como mensageiro fiel de Júpiter soberano ou altivo portador de seu trovão, eu poderia, nobre volátil, reencontrar, depois de tantas honrarias, o caminho para o meu pequeno ninho. Juro por esta doce cabeleira, cujo nó mantém minha alma cativa: não há mulher no mundo que eu prefira à minha Fótis. Demais, lembro-me agora de uma coisa: uma vez que, graças a êste unguento, eu me transforme nessa ave, terei de me manter distante de qualquer habitação. Que belo e galante amoroso, com efeito, o môcho, e muito bem dotado para fazer a felicidade de uma mulher! E então? E não vemos que, quando essas aves da noite penetram em qualquer casa, tomam o cuidado de as agarrar e de as pregar sôbre a porta, a fim de que as calamidades com as quais seu vôo de funesto presságio ameaça a família, sejam expiadas por sua crucifixão? Mas, ia-me esquecendo de perguntar: que seria preciso dizer, ou fazer, para me despojar da plumagem e voltar ao Lúcio que era?"

"Quanto a isto, podes ficar tranqüilo", disse ela. "Isso foi previsto. Minha senhora me mostrou por que meio se pode, depois de cada metamorfose, voltar a revestir a forma humana. Não por benevolência, creio, mas para que, na sua volta, eu possa administrar-lhe o remédio salutar. E veja como são humildes e comuns as ervas que produzem tão grandes efeitos: um brôto

de aneto, jogado na água pura, com fôlhas de loureiro, e já temos com que fazer um banho e uma beberagem.”

XXIV. Renovando os protestos de garantia, ela deslizou pelo quarto, palpitante de emoção, e tirou uma caixa do cofre. Agarrei a caixa e a beijei, pedindo-lhe que me concedesse a graça de um vôo feliz. Depois, arrancando às pressas tôdas as minhas roupas, nela mergulhei àvidamente as mãos, tirei uma boa dose de unguento, e esfreguei tôdas as partes do corpo. E já fazia como uma ave, tentando balançar alternativamente os braços. De penugem, no entanto, ou de penas, nenhum sinal. Porém, meus pêlos se espessaram em crinas, minha pele macia endureceu como couro, a extremidade de minhas mãos perdeu a divisão dos dedos, que se ajuntaram todos num casco único; da parte mais baixa da minha espinha, saiu uma longa cauda. Eis-me agora com uma cara monstruosa, uma bôca que se alonga, ventas largas, lábios pendentes. Minhas orelhas, por sua vez, cresceram desmedidamente e se eriçaram de pêlos. Miserável transformação, que me oferecia como consôlo único, impedido que estava, de agora em diante, de ter Fôtis entre os braços, o desenvolvimento de minhas vantagens naturais.

XXV. Desprovido de meios de salvação, eu considerava meu corpo sob todos os seus aspectos. Não vi uma ave, mas um burro, e maldisse a conduta de Fôtis. Não tendo, no entanto, de homem, nem a voz nem o gesto, não podendo fazer mais, eu estava reduzido a olhá-la de través, com a beizola pendurada, os olhos úmidos, dirigindo-lhe mudas censuras. Quanto a Fôtis, quando me viu nesse estado, voltou contra si mesma as mãos, e batendo no rosto, gritava: “Ah! desgraçada de mim, fui culpada! Em minha perturbação e em minha pressa, cometi um engano. A semelhança das caixas me induziu em êrro. Mas, felizmente, o remédio para esta metamorfose é fácil de encontrar: é suficiente que masques rosas para logo te despojares do burro e voltares ao meu perdido Lúcio. Não tivesse eu ontem à tarde, como de costume, tecido algumas coroas, e não terias que suportar nem mesmo uma noite de demora. Mas assim que desponte o dia, o remédio estará depressa aqui.”

XXVI. Assim ela se lamentava. Eu, entretanto, se bem que asno acabado e de Lúcio transformado em bêsta de carga, conservara

uma inteligência humana. Deliberei longamente comigo mesmo se devia matar a abominável celerada, despedaçando-a a coices ou estraçalhando-a com os dentes. Depois de alguma reflexão, abandonei êsse projeto insensato. Se, para punir Fótis, eu a matasse, suprimiria, com o mesmo golpe, o socorro de que dependia a minha cura. Baixando então a cabeça, balouçante, eu remoía à parte minha humilhação momentânea, e, acomodando-me à dura situação, fui para a estrebaria, para junto do cavalo, minha leal montaria. Encontrei ali instalado, igualmente, outro burro que pertencia a Milão, que, na altura, ainda era meu hospedeiro. Pensava eu que existia, entre os animais privados de palavra, um liame tácito e natural de solidariedade. Êsse cavalo, pois, me reconheceria, teria compaixão de mim, me acolheria portanto como hóspede, e me trataria com a hospitalidade que o senado oferece aos embaixadores estrangeiros. Mas, por Júpiter Hospitaleiro, santuário secreto da Boa Fé! Estando ambos próximos, cabeça contra cabeça, minha digna montaria e o burro se combinaram logo para me perder, e, temendo sem dúvida por sua pitança, mal me viam aproximar-me da manjedoura, já, de orelhas abaixadas, cheios de fúria, perseguiram-me a patadas. Fui assim enxotado para bem longe da cevada que, na véspera, à noite, eu tinha levado com as minhas mãos, para aquêle gratíssimo fâmulos.

XXVII. Maltratado pela sorte, e relegado à solidão, retirei-me para um canto da estrebaria. Enquanto meditava sôbre a insolência dos meus colegas e preparava a vingança que, tornado Lúcio por virtude das rosas, eu exerceria no dia seguinte sôbre o meu cavalo, reparei que, à meia altura do pilar central que sustentava as vigas da estrebaria, uma imagem da Deusa Épona estava em seu nicho cuidadosamente ornado de coroas, e coroas de rosas frescas. Reconhecendo o instrumento da salvação, e cedendo à atração da esperança, ergui vigorosamente, tão alto quanto podia, minhas patas da frente, estendendo-as para encontrar um ponto de apoio; alonguei o pescoço, avancei desmesuradamente os lábios, e, com o máximo de esforço, procurei alcançar as coroas. Quis a minha má sorte que, quando assim diligenciava, o criadinho ao qual tinha confiado durante todo o tempo o cuidado do meu cavalo, aparecesse de repente. Levantou-se com indignação, gritando: "Até quando suportaremos êste velhaco? Há um momento queria a ração dos animais; agora ataca até a imagem dos

deuses. Espere êsse sacrílego, manquitola, impotente, vou já mostrar-lhe. *Kigim oricyrabdi yna arnam seys iy.*” Logo, procurando uma arma, seus olhos pousaram sôbre um feixe de lenha caído ali, por acaso, e um pau ainda enfolhado, mais grosso do que os outros. Machucou-me com êle, dolorosamente. Houvera continuado por muito tempo se não tivesse fugido apavorado, ao ouvir bater à porta, com um enorme barulho e um grande rumor de vozes, enquanto pela vizinhança ecoava o grito de alarme: “Aos ladrões!”

XXVIII. Um momento depois, abriu-se a porta com violência e um grupo de bandoleiros invadiu o lugar; um cordão de homens armados cercou cada ala da construção, enquanto outros se dispersaram para manter à distância gente que, de tôdas as partes, voava para prestar socorro. Armados todos de gládios e de tochas, iluminavam a noite. O ferro e o fogo lançavam clarões de Sol nascente. No meio da casa estava situada uma sala de reserva, fechada completamente e protegida com fortes fechaduras. Lá estavam acumulados os tesouros de Milão. Atacaram a porta a machadadas, para abrir uma brecha; fizeram saltar em pedaços os fechos, levaram tôdas as riquezas, e repartiram entre si os pacotes amarrados às pressas. Mas a carga ultrapassava o número de carregadores. Atrapalhados com o excesso da opulência, tiraram-me da estrebaria, com o outro asno e o meu cavalo, carregaram-nos quanto puderam com as bagagens mais pesadas, e, sob a ameaça de cacêtes, fizeram-nos sair da casa, agora vazia. Depois, deixando um dos seus com a missão de observar e de lhes dar notícias do inquérito aberto sôbre o roubo, levaram-nos em marcha batida, à fôrça de pauladas, pelas trilhas perdidas da montanha.

XXIX. O pêso do fardo, a aspereza da subida e o longo caminho fizeram com que entre um morto e mim não houvesse diferença. Foi então que um pouco tarde, mas não por acaso, veio-me ao espírito usar de um expediente aberto a qualquer cidadão: o de invocar o nome venerado do príncipe, para me livrar de meus infortúnios. Já era dia claro e atravessávamos uma cidade populosa, na qual uma feira atraía tôda a gente. Bem no meio do povo, tentei invocar, na própria língua dos gregos, o nome augusto de César. Consegui soltar um ô distinto e vigoroso ³⁴,

mas o resto, o nome de César, não me foi possível pronunciar. Os ladrões, não achando do seu gôsto o som desafinado de minha voz, encarniçaram-se, cada qual mais afoito, sôbre o meu mísero couro, e o deixaram em tal estado que não daria nem para fazer uma peneira. Mas, por fim, o grande Júpiter me ofereceu um inesperado meio de salvar-me. Como passássemos ao longo de numerosas casinholas campestres e de algumas habitações espaçosas, reparei, a alguma distância, num jardinzinho muito aprazível, onde, entre outras plantas de enfeite, rosas abriam a corola virginal na rósea madrugada. Arquejante de desejo e estimulado pela esperança da salvação, aproximei-me contentíssimo. Com água na bôca, ia apanhá-las com os lábios, quando uma feliz inspiração me fêz tomar um partido mais seguro. Pois o caso é que, se reaparecesse como Lúcio, encontraria evidentemente a morte entre as mãos dos bandidos, que me suspeitariam de magia ou me acusariam de querer, um dia ou outro, denunciá-los. Por necessidade, abster-me portanto de tocar nas rosas, e, resignando-me à desgraça presente, pus-me, como um burro que se preza, a mascar o meu feno.

LIVRO IV

I. Por volta do meio do dia, quando estava já ardente o calor do Sol, paramos numa aldeia cheia de velhos que eram, para os bandidos, conhecidos e amigos. Por muito asno que eu fôsse, seu encontro, suas conversas prolixas, os ósculos trocados, me elucidaram. Os bandidos retiraram alguns objetos do meu lombo, para com êles os presentarem e cochicharam-lhes alguma coisa, à parte, que significava certamente ser aquilo fruto de seus latrocínios. Depressa desembaraçados de tôdas as nossas bagagens, puseram-nos a pastar livremente e à vontade num campo vizinho. Pouco me agradava ser o comensal do burro e do meu cavalo, e era para mim insólito almoçar feno. Mas eis que, atrás do nosso pasto, vejo uma horta. Faminto, atirei-me para lá, atrevidamente. Que importava que os legumes estivessem crus? Enchi com êles a pança, até não agüentar mais. Dirigindo uma prece a todos os

deuses, inspecionei os arredores na esperança de descobrir, nos jardins vizinhos, as vivas côres de um roseiral. O lugar era solitário e isso precisamente era que me dava confiança. Afastado da estrada, escondido entre arbustos, eu poderia, pensei, graças ao remédio salutar, tornar a erguer-me, deixando a marcha inclinada para o solo, de bêsta de carga de quatro patas, e renascer para a dignidade humana, sem ser notado por ninguém.

II. Quando flutuava assim nesse oceano de cogitações, vi, a alguma distância, um vale sombrio, estendido à sombra de um frondoso bosque. Entre plantas de várias espécies e ricas verduras, havia rosas de viva côr, tudo alegrando com seu fulgente sorriso. E no meu espírito, que não era inteiramente o de uma bêsta, dizia-me comigo que deveria ser dedicado a Vênus e às Graças êsse bosque secreto, onde, entre a sombra espessa, a nobre flor resplandecia com sua pompa real. Invocando, então, o Êxito, deus das iniciativas felizes, parti num rapidíssimo galope, pois em verdade não me sentia burro, mas cavalo de corrida. Porém, essa agilidade, êsse magnífico esforço foi impotente contra as ciladas da minha fortuna. Logo que me aproximo, vejo que não são frescas e macias rosas, úmidas do orvalho celeste e de néctar, surgidas das abençoadas sebes e do espinho afortunado. No vale, nada vejo senão a escarpada margem de um curso d'água, bordada de espessa cortina de árvores. Essas árvores, cuja folhagem abundante lembra a do loureiro, ostentam, à maneira de flôres perfumadas, longos cálices inodoros, de um vermelho desbotado. O vulgo ignorante lhes dá o nome de rosas de loureiro, e elas são um perigo mortal para qualquer animal que as coma.

III. Assim castigado pela fatalidade, perdi até o desejo de viver, e então, foi por minha plena vontade, dessa vez, que me preparei para comer as venenosas flôres. Se bem que hesitante, aproximava-me para colhê-las, quando um môço, que me pareceu ser o hortelão do sítio onde eu comera todos os legumes, tendo-se dado conta do prejuízo, correu furioso, armado com um grosso cacête, agarrou-me e malhou-me todo o corpo, a ponto de correr perigo a minha vida, se não me lembrasse de me socorrer a mim mesmo. Levantando as ancas, desfechei-lhe, com as patas de trás, um par de coices. Quando o vi gravemente ferido, caído por terra, na encosta do monte, fugi. No mesmo instante uma mulher, a

dêle, ao que parecia, vendo-o, do alto, prostrado no chão e semi-morto, atirou-se a êle, ululando plangentemente, na evidente intenção de provocar piedade e a minha perda. De fato, todos os camponeses, alertados por seus clamores, chamaram logo os cães e os soltaram em cima de mim, apressadamente, excitando-os, em sua raiva, a me dilacerarem. Dessa vez, não duvidei que a morte estivesse próxima, vendo reunidos contra mim mastins de estrutura possante, capazes de lutar contra ursos e leões, e muito numerosos. Aconselhei-me com as circunstâncias. Renunciando a fugir, voltei sôbre os meus passos, ràpidamente, para alcançar o estábulo junto do qual acampáramos. Mas os homens, que agora se esforçavam para segurar os cães, apoderaram-se de mim, amararam-me a uma argola com uma forte correia, recomeçaram a bater-me, e teriam certamente acabado comigo, se meus intestinos, contraídos pela dor das pancadas, estufados de legumes crus, como sabeis, e afligidos por uma forte diarréia, não tivessem esguichado um jato de excremento, de maneira que, aspergidos pelo líquido infecto, ou afugentados pelo seu odor repugnante, escapuliram, deixando-me com o lombo quebrado.

IV. Entrementes, avançava o dia, e o Sol começava a baixar. Os ladrões carregaram-nos de nôvo, impondo-me pêso maior, e nos fizeram sair do abrigo. Tínhamos percorrido boa parte da estrada. Esgotado pelo comprido trajeto, dobrado sob os fardos, machucado de pauladas, coxo, e sofrendo por causa dos cascos gastos, parei à beira de um regato, cuja água serpenteava docemente. Era uma oportunidade que deveria agarrar pelos cabelos. Pensei em me deixar cair para a frente, com todo o corpo, dobrando as pernas. Estava firmemente decidido (podiam me bater), a não me levantar para reencetar a marcha, e preferia morrer sovado com um cacête, ou mesmo, se fôsse o caso, furado de pontações de adaga. Completamente no fim das fôrças, dizia-me, e impotente, eu tinha direito à reforma por enfermidade. Entretanto, os bandidos, ou impacientes de esperar, ou com pressa de garantirem a fuga, repartiram a bagagem que eu tinha sôbre o dorso, entre as duas outras bêstas de carga, e, por tôda vingança, me deixaram como prêsa aos lóbos e aos abutres.

V. Mas tão belo projeto foi atrapalhado por uma desgraçada aventura, pois o outro burro adivinhou e, de repente, imitou mi-

na idéia. Fingindo fadiga, caiu com tôda sua carga, e ficou deitado como morto. Fustigaram-no, aguilhoaram-no, arrastaram-no em todos os sentidos, para levantá-lo, pegando-o pela cauda, pelas orelhas, pelas pernas. Ele não fêz nenhum movimento para se pôr de pé. Por fim, os ladrões, cansados do esforço sem resultado, deliberaram entre si. Para não demorar a fuga, embaraçando-se indefinidamente com um burro morto, isto é, transformado em pedra, distribuíram a sua bagagem entre mim e o cavalo. Depois do que, arrancando os gládios, cortaram-lhe cada jarrête, arrastaram-no um pouco para fora do caminho e o atiraram, respirando ainda, do alto de um profundo precipício, em plano valado. A sorte do meu desventurado camarada me fêz refletir. Renunciei deliberadamente às astúcias e enganosa, para me conduzir, com os meus donos, como um burro de respeito. Pois, prestando atenção às suas conversas, eu comprehendera que íamos logo fazer alto e gozar de descanso, no término da viagem, onde êles tinham sua residência e morada. Por fim, depois de uma subida em aclive suave, chegamos ao destino. Descarregaram os fardos para arrumá-los no interior, e, livre agora do pêso, eu rolava na poeira, a modosa de banho, para dissipar a fadiga.

VI. O assunto e as circunstâncias exigem que eu coloque aqui uma descrição dos lugares e da caverna habitada pelos bandidos. Darei assim uma prova do meu talento, e vos darei medida para julgardes exatamente se eu era asno também pelo espírito e pela inteligência. Imaginai uma montanha selvagem, de uma altitude extraordinária, coberta de sombra por uma espessa floresta. Ao longo dos seus flancos inclinados, centenas de penhas agudas, portanto inacessíveis, largos buracos nas ravinas, erçadas de moitas de espinho e isoladas por todos os lados cercavam-na como uma defesa natural. Uma fonte abundante jorrava grossa, borbulhante, do cimo da montanha, e se encrespava em ondas de prata, que despencavam pela encosta. Dividia-se em diversos regatos. Depois se espraiava em lençóis tranqüilos, através dos valados, formando, de sua reunião, como que um mar fechado ou um rio preguiçoso. Acima da caverna, à beira da falésia, erguia-se uma soberba tórre. Fortes cercados, feitos de grades sólidas, próprias de currais de rebanhos de carneiros, prolongavam-se paralelamente, de um e outro lado, protegendo como uma muralha um estreito corredor de acesso. Vós

teríeis dito certamente, e eu confirmaria, que era aqui o átrio da morada dos bandidos. Ao lado, nada, senão uma pequena cabana, coberta de caniços reunidos ao acaso, na qual, como eu soube mais tarde, os vigias, escolhidos por sorte entre os bandidos, montavam guarda durante a noite.

VII. Foi por ali que êles deslizaram, um por um, abaixando-se ao passarem. Quanto a nós, amarraram-nos diante da porta com uma sólida tira de couro. Havia lá uma velha, curvada ao pêso dos anos, que parecia encarregada de zelar, ela sòzinha, pelo bem-estar e pela vida de tôda aquela súcia de moços. Êles a interpelaram grosseiramente: "Ê assim, então, cadáver velho, fugido do túmulo, vergonha dos vivos, único objeto do desprezo de Orco, que te vemos sempre no divertimento, arrastando a tua preguiça pela casa, sem mesmo nos oferecer, nesta hora tardia, alguma coisa para nos restaurar as fôrças e nos fazer esquecer nossas penas e perigosos trabalhos? Dia e noite, o que sabes fazer é introduzir, no teu estômago em fogo, canadas de vinho puro."

Temerosa e trêmula, a velha respondeu, com uma vozinha muito aguda: "Perdão, meus valentes jovens, meus fiéis protectores. Tôdas as vossas iguarias estão servidas, cozidas bem no ponto, e succulentas. Tendes pão à vontade. O vinho foi derramado em abundância nos cálices a que dei brilho, e a água quente está pronta como sempre, para servir a qualquer hora para as vossas abluções."

Quando acabou de falar, êles se despiram logo, expuseram os corpos nus ao calor vivificante de um grande fogo, molharam-se com água quente e se esfregaram com óleo. Depois, se acomodaram diante das mesas cheias de comestíveis.

VIII. Acabavam de se instalar, quando chegou um grupo muito mais numeroso de jovens, que ninguém teria hesitado em tomar igualmente por ladrões. Traziam também o produto de um saque, composto de moedas de ouro e de prata, de vasos e de panos de sêda entretecidos de fios de ouro. Uma vez repousados com abluções semelhantes às dos primeiros, ajeitaram-se sôbre os estrados, como os companheiros, depois que a sorte designou quais ficariam de serviço. Comeram e bebêram sem conta, engoliram comida aos montões, pão às fornadas, viraram copos em cerradas

fileiras. Divertiram-se gritando, cantaram barulhentemente, trocaram injurias para rir. Dentro em pouco, tudo se transformou no festim dos lápitas³⁵, metade animais, e dos centauros, metade homens. Então, um dêles, que ultrapassava em fôrça todos os outros, tomou a palavra: "Nós, que corajosamente assaltamos a casa de Milão de Hípata, sem falar do copioso saque que nos valeu nossa coragem, tendo vencido em tôda a linha, voltamos, se isto deve entrar na conta, mais ricos de quatro pares de patas. Mas vós, que tínheis como objetivo a cidade da Beócia, trouxestes uma tropa diminuída, sem seu chefe, o valente Lâmaco, a salvação do qual me seria mais preciosa que todos êsses embrulhos que trouxestes. Mas, enfim, êle, se morreu, morreu vítima de sua excessiva bravura. Entre os reis ilustres e os generais, deverá ser colocado êsse herói, para que sua memória seja celebrada. Quanto a vós, honestos ladrões, que, satisfeitos com miúdos furtos, próprios de escravos, ides surripiar coisas medrosamente nos banhos e nas choupanas das velhas, tendes um ofício de negociantes de quinquilharias."

IX. Um dos homens da segunda turma respondeu: "Só tu ignoras que as grandes casas são as mais fáceis de forçar? Uma residência espaçosa abriga, é verdade, numeroso pessoal, mas cada qual se interessa por sua própria conservação, muito mais que pelos bens do dono. Ao passo que as pessoas simples, que vivem sós, se tiverem fortuna, pequena ou grande, vigiam-na de perto, mantendo-a escondida e defendendo-a com perigo de vida. Provarão os próprios fatos a veracidade do que digo. Assim que chegamos diante de Tebas das Sete Portas, como indagássemos sôbre a exata situação de fortuna dos habitantes (e, em nosso ofício, esta é a primeira coisa a saber), acabamos reparando num certo Críseros³⁶, banqueiro e possuidor de abundantes riquezas. Por temor das obrigações e encargos, dissimulava, a fôrça de habilidade, uma grande opulência. Só e retirado êle vivia, contentando-se com uma casinha modesta, mas bem fortificada. Cobria-se de trapos e sua aparência era sórdida, mas deitava-se sôbre sacos de ouro. Resolvemos então dirigir nosso primeiro ataque para êsse lado, contando com a pouca resistência de um adversário isolado, e pensando em nos apoderar, sem esforço e à vontade, de tudo quanto êle possuía.

X. "Eis-nos, então, desde a noitinha, de guarda diante da porta. Não queríamos arrombá-la, nem forçá-la, nem arreventá-la, temendo que o ruído das batidas despertasse tôda a vizinhança e nos atraísse más consequências. Foi então que nosso chefe Lâmaco, com o arrôjo de uma coragem mais que provada, introduziu devagar a mão na abertura que dava passagem à chave, esforçando-se por fazer saltar a fechadura. Porém, êsse Críseros, o mais malvado de todos os bípedes, vigiando sem dúvida havia algum tempo, seguia todos os nossos movimentos. A passo macio, e no mais completo silêncio, aproximou-se sub-repticiamente e, de repente, por meio de um grande prego, pregou na almofada da porta, com uma pancada bem assentada, a mão do nosso chefe. Depois, deixando-o prêso como o crucificado sôbre seu lenho, subiu ao teto, e de lá, com grandes clamores, dirigindo-se aos vizinhos, chamando cada um pelo nome, e invocando a salvação comum, espalhou a falsa notícia de que um súbito incêndio acabara de se propagar por sua casa. De maneira que cada um, temeroso de um perigo que o tocava tão de perto, correu em seu auxílio, com grande ânsia.

XI. "Na perigosa alternativa de nos perdermos ou de abandonarmos nosso companheiro, premidos pelas circunstâncias, lembramo-nos de um remédio enérgico, que teve o consentimento do chefe. A parte inferior do braço nós a cortamos prontamente com um golpe bem calculado em cima da articulação. Depois, deixando lá o tóco, vedamos o ferimento com um tampão de fazenda, para evitar que gôtas de sangue traíssem nossa passagem, e levamos apressadamente o que restava de Lâmaco. Mas, em nosso ansioso cuidado, sentíamo-nos perseguidos por um tumulto ameaçador, e o temor do perigo apressava nossa fuga. Então, não podendo nem seguir bem depressa, nem demorar sem risco, êsse homem de alma sublime e de uma valentia sem igual, nos dirigiu a palavra, fazendo-nos súplicas as mais tocantes, exortando-nos, pela mão direita de Marte, pela fé do juramento, a que livrássemos um companheiro dos seus sofrimentos e, ao mesmo tempo, da prisão. Pois de que serve, a um bandido corajoso, sobreviver à sua mão, se êle é só capaz de rapinar e degolar? Sentir-se-ia feliz de sucumbir voluntariamente, abatido por mão amiga. Não podendo impelir nenhum de nós ao parricídio que reclamava, com a mão que lhe restava

apanhou a espada, beijou-a, e, com um fortíssimo golpe, mergulhou-a em pleno peito. Depois de honrar a coragem dêsse chefe magnânimo, enrolamos cuidadosamente numa mortalha o que restava de seu corpo, e o confiamos aos recessos inacessíveis do mar. E agora nosso Lâmaco jaz sepulto num elemento uno.

XII. "Ele deu à sua vida um fim digno de suas virtudes. Apesar da solércia dos seus projetos, Alcimo não pôde obter o mesmo favor da Fortuna cruel. Entrara êle, para roubar, no tugúrio de uma velha mulher adormecida. Subiu ao pavimento superior, e, em lugar de começar por apertar-lhe o pescoço para estrangulá-la, preferiu jogar primeiro os móveis para fora, um depois do outro, por uma janela bastante larga, a fim de, vós o compreendeis, no-los dar sucessivamente para transportar. Tudo foi indo muito bem concatenado, mas, não querendo abrir mão sequer do catre em que a velha repousava, êle a despejou para baixo da cama, e, tendo retirado as cobertas, preparava-se para fazer o móvel tomar o mesmo caminho do resto, quando a velhaca, tombando de joelhos, começou a suplicar: "Meu filho, eu te peço, responde-me, por que fazes presente dos pobres teres e dos trapos de uma velha miserável aos vizinhos ricos, para a casa dos quais dá aquela janela?" Enganado por essas palavras de insidiosa astúcia, Alcimo acreditou que ela dissesse a verdade. Temendo, evidentemente, que tudo o que tinha enviado e tudo quanto tinha ainda para enviar caísse, não nas mãos dos companheiros, mas na casa de outrem, pendurou-se à janela para investigar atentamente os arredores, e, em particular, para calcular a riqueza da casa contígua, de que a outra havia falado. Plano arrojado, mas imprudente. Enquanto balouçava suspenso no vazio, e, demais, com o espírito ocupado pelas coisas que procurava ver, a velha celerada, com mão fraca, mas gesto rápido e inesperado, o empurrou para a frente, de cabeça para baixo. Caindo de tão alto, êle bateu contra uma enorme pedra que havia por lá e quebrou a caixa torácica. Vomitou rios de sangue, do fundo do peito, e, após ter-nos contado o que se passara, deixou a vida, sem mais longos sofrimentos. Como um digno êmulo, em idêntica sepultura, nós o associamos à sorte de Lâmaco.

XIII. "Depois disso, vergados sob o golpe dessa dupla perda, renunciámos aos nossos empreendimentos em Tebas e subimos até

Platéias, a cidade mais próxima. À nossa chegada, corria o rumor de que um certo Demócares devia oferecer um combate de gladiadores. Esse homem de alto nascimento, de grande riqueza, e de liberalidade inaudita, provia os prazeres do povo, preparando-lhe um espetáculo digno de sua fortuna. Que talento, que eloquência poderiam descrever, em termos exatos, o múltiplo aparato dêses preparativos? Havia gladiadores afamados pela força do braço, caçadores conhecidos por sua agilidade, criminosos que, votados a uma sorte sem esperança, eram nutridos para engordar as feras. Havia ainda máquinas feitas de uma estrutura articulada, tórres formadas com pavimentos de pranchas, à maneira de casas móveis, com receptáculos para caças futuras, e pinturas floridas. E que número e que aspecto das feras! Punha-se um cuidado particular em fazer vir, mesmo do estrangeiro, êses animais generosos, sepulcros dos condenados à morte. Mas de tudo quanto devia concorrer para a magnificência do espetáculo, nada igualava os enormes ursos, procurados em grande número, e com os quais êle despendia, sem contar, os recursos do seu patrimônio. Àqueles apanhados durante suas próprias caçadas, ou que êle comprava caro, se acrescentavam os que seus amigos solícitos lhe ofereciam de todos os lados; e êle garantia aos animais manutenção suntuosa e alimento escolhido.

XIV. "Mas êses grandiosos e esplêndidos preparativos para o divertimento do povo não escaparam ao ôlho maléfico da Inveja. Esgotados por um longo cativeiro, enfraquecidos pelos calores do verão, e debilitados também pela inação e pela imobilidade, os ursos contraíram peste, repentinamente, e morreram quase todos. Podiam-se ver, a cada passo, espichados pelas ruas, como despojos de um naufrágio, os corpos dos animais agonizantes. A populaça ignóbil, que, por sua abjeta miséria, não escolhia alimentos, mas era obrigada a pegar, para guarnecer o ventre, sórdida comida e restos que não custam nada, acorria a êses repastos jacentes no solo.

"A situação nos inspirou, a Eubolo, que está aqui, e a mim, uma engenhosa idéia. Avistando um urso mais corpulento do que os outros, nós o levamos para a nossa cabana, como se o quiséssemos preparar para comer. Esfolamo-lo cuidadosamente, separando couro e carnes. Conservamos tôdas as unhas. Guardamos igualmente intato, até o ponto em que começa o pescoço, a cabeça

do animal. Quanto ao resto do corpo, raspamos bem a pele para torná-la mais fina, e, depois de a ter salpicado com cinza peneirada, pusemo-la a secar ao sol. Enquanto ela perdia gordura, ao ardente hálito do sol, empanturrávamo-nos valentemente com a carne do animal, dispondo, sob juramento, os planos para a próxima operação. Ficou combinado que um de nós, superior aos outros não tanto pelo vigor físico, como também pela força de caráter, oferecer-se-ia como voluntário e vestiria o tosão. Disfarçado em urso, seria introduzido na casa de Demócares e aproveitaria o silêncio da noite para nos fazer entrar ali, pela porta.

XV. "Em nosso fortíssimo grupo, não foram poucos aquêles que, à idéia de proeza tão engenhosa, desejaram enfrentar os riscos da tarefa. Mas a facção optou por Trasileão, e foi êle que aceitou os riscos do perigoso estratagem. Com o rosto sereno, recobriu-se com êsse couro, que, tornado delicado e maleável, se ajustou bem ao seu corpo. Então, aplainamos as dobras por meio de forros e dissimulamos as costuras sob os altos pêlos. Forçando um pouco, fizemos a cabeça de Trasileão entrar na do animal, ali onde o pescoço fôra cortado, e crivamos de pequenos buracos o couro, à altura das suas narinas e dos seus olhos, para que êle pudesse olhar e respirar. Assim transformado o nosso fortíssimo sócio em verdadeira bêsta feroz, fizemo-lo entrar numa jaula comprada a preço módico, isto é, êle próprio nela se introduziu, com intrépida resolução.

"Estando tudo dêste modo preparado, passamos à execução do nosso golpe falaz.

XVI. "Tendo conseguido obter o nome de um certo Nicanor, de origem trácia, que mantinha com Demócares laços de grande amizade, forjamos uma carta, nos têrmos da qual Nicanor, como bom amigo, consagrava as primícias de sua caça ao embelezamento dos jogos. Ia já avançada a noite quando, graças à proteção das trevas, apresentamos a Demócares a jaula de Trasileão, e, ao mesmo tempo, a carta falsificada. Êle admirou o porte do animal, comovido com a oportuna generosidade do amigo; mandou contar imediatamente dez peças de ouro, tiradas de sua caixinha, e no-las deu, como portadores, segundo acreditava, de um objeto de alegria para si. E como um espetáculo inédito atrai sempre, pois é êste o efeito da novidade sôbre os espíritos, correu grande nú-

mero de espectadores para admirar a bête. Examinavam-na com uma curiosidade de que o nosso Trasileão inibia o ímpeto, com alguns pulos ameaçadores. E todos celebravam, a uma voz, a prosperidade do feliz Demócares, que, depois do desastre que fôra a perda de suas feras, encontrava, com a nova remessa, uma resposta aos golpes da Fortuna.

"Por fim, ordenou êle que, sem demora, e com as maiores precauções, transportassem o animal para os seus parques.

"Mas eu intervim:

XVII. "Repara, senhor. Êle está fatigado pelo calor do sol e pela extensão da caminhada. Não o ponhas em companhia de muitos animais, que, pelo que ouvi dizer, são portadores da peste. Por que não procuras, antes, em tua casa, um lugar aberto e arejado, de preferência perto de um tanque que possa refrescá-lo? Não sabes que os ursos desta espécie procuram sempre lugares arborizados, cavernas úmidas, e a vizinhança de fontes amenas?"

"Impressionado por meu aviso, e recenseando tudo o que perdera, Demócares foi facilmente persuadido, e nos permitiu, de boa vontade, que collocássemos a jaula onde nos parecesse bem. "E depois", acrescentei, "estamos prontos a ficar vigiando, à noite, aqui mesmo diante da jaula, para proporcionarmos a êste animal, incomodado pelo calor e pela fadiga do transporte, seu alimento nas horas requeridas, e sua bebida do costume."

"Não vos preocupeis, nem é necessário terdes tanto trabalho", respondeu. "Tôda a minha gente está habituada, por uma longa prática, a alimentar ursos."

XVIII. "Então nos retiramos, e, depois de têmos saído da porta da cidade, vimos um monumento, situado um pouco afastado da estrada, num lugar apartado e ao abrigo de olhares. Havia ali antigos túmulos de tetos vetustos e bichados, habitados por mortos já em cinza e poeira. Abrimos alguns, ao acaso, para servir de receptáculos ao produto do nosso futuro assalto. Depois, fiéis à regra de nossa confraria, aguardamos o momento em que a noite não tem lua; em que o sono, sem ser procurado, vem assaltar os corações dos mortais e os derruba com seu primeiro e mais vigoroso ataque. Foi então que detivemos nossa coorte, armada de gládios, diante da porta de Demócares, como para um

encontro de roubo. Não menos exato, Trasileão aproveitou o instante propício aos latrocínios noturnos. Deslizou para fora da jaula, matou com sua espada, do primeiro ao último, todos os guardas que repousavam adormecidos junto dêle, depois o próprio porteiro, e, apoderando-se da chave, escancarou-nos a porta. Um pulo rápido e eis-nos no coração da casa. Ele nos mostrou, então, um aposento onde seu ôlho perspicaz vira encerrarem à noite grande quantidade de prataria. Reunimo-nos todos, forçando o acesso ao lugar. Ordenei a cada um dos nossos companheiros que levasse o que pudesse de ouro e prata, e que o escondesse bem depressa na casa dos mortos, guardiães incorruptíveis, e voltassem correndo para um nôvo carrêto. Eu sôzinho, no interêsse de todos, me manteria diante da soleira da casa, para vigiar cuidadosamente até sua volta. Contava eu com a aparição do urso, correndo daqui para ali, no meio da casa, e atemorizando os escravos que, por acaso, viessem a acordar. Quem seria de tal maneira corajoso e intrépido que, à noite sobretudo, pôsto em presença de um animal assim monstruoso, não se apressaria em fugir, tremendo de pavor, indo-se fechar no quarto, sob ferrolho?

XIX. "Tôdas essas felizes disposições, tão judiciosamente concebidas, malograram por um fatal contratempo. Enquanto eu aguardava inquieto a volta dos meus companheiros, um pequeno escravo, que acordara com o ruído, ou talvez fôsse uma advertência divina, saiu de mansinho. Quando viu a fera que, correndo livremente daqui e dali, passeava na habitação tôda, arrepiou caminho, num silêncio absoluto, e comunicou de algum modo a todos o que tinha visto. Logo os domésticos, num grupo numeroso, encheram com sua presença a casa inteira. Tochas, lâmpadas, círios, candeias, luminárias noturnas de várias espécies, espantaram as trevas. E não havia ninguém sem armas nessa multidão. Munidos de pau, de lança, de espada nua, guardavam as redondezas. Ao mesmo tempo excitavam os cães, êsses cães de caça cujas orelhas se empinam e cujo pêlo se eriça ao acuairem a fera.

XX. "Então, como o tumulto fôsse crescendo, bati de mansinho em retirada, distanciando-me da casa, mas antes, escondido atrás da porta, vi Trasileão que resistia prodigiosamente aos cães. Se bem que percorrendo as metas últimas da vida, êle não se

esquecia de quem era, nem de nós, nem de sua antiga coragem, e embora já, pode-se dizer, na goela do próprio Cérbero, que se preparava para devorá-lo, continuava a lutar. Fiel, até o último suspiro, ao papel que voluntariamente assumira, quer negaceando como resistindo e variando atitudes e movimentos, atirou-se enfim para fora da casa. Mas mesmo devolvido à liberdade da rua, teve que renunciar à salvação pela fuga. Pois todos os cães da rua vizinha, tão ferozes quanto numerosos, misturaram-se aos cães de caça que saíam da habitação, e todos se puseram a perseguir a mesma presa. Miseró, funesto espetáculo! Vi nosso Trasileão cercado, de todos os lados, pela malta de cães furiosos, crivado de mordidas, dilacerado por elas. Por fim, não suportando mais a dor, misturei-me aos grupos instáveis da multidão que me cercava, e como único meio de ir em socorro do meu bravo companheiro sem traí-lo, procurei distrair aquêles que lhe seguiam a pista: "É um escândalo", eu disse, "é a última das vergonhas. Perdemos um animal magnífico e de alto preço."

XXI. "Mas não adiantou falar. Meu estratagema de nada serviu ao desventurado môço, pois um valentão, alto e sólido, que saiu correndo da casa, enterrou sua lança, sem hesitar, em pleno peito do urso. Um segundo lhe seguiu o exemplo, depois a multidão, e, dissipado o mêdo, todo aquêles que se aproximava dava-lhe um golpe com a espada. Quanto a Trasileão, honra sem rival do nosso bando, grande alma digna da imortalidade, sucumbiu por fim, mas não sucumbiu o seu ânimo viril. Não traiu a fé jurada nem por uma queixa, nem por um clamor. Rasgado já de mordeduras, e feito em frangalhos pelo ferro, êle se applicava, mugindo, roncando como uma fera, e suportava sua desgraça com altiva energia. Para si guardou a glória. A vida, entregou-a ao destino. Tinha sido, entretanto, tão grande o terror e o espanto que perturbaram a todos ali reunidos, que até a aurora, e até dia claro, ninguém ousou tocar nem com a ponta do dedo o animal caído por terra. Enfim, com mão incerta e tímida, um carniceiro, um pouco mais ousado, abriu o ventre do animal, e o escorchou, tirando como de um útero, o magnífico ladrão. Assim pereceu, por sua vez, Trasileão, mas sua glória não perecerá jamais. Apresamo-nos, então a apanhar os pacotes que os mortos, guardas fiéis, tinham conservado para nós, e, deixando com precipitado passo o território de Platéias, repetíamos que não era sem razão que a

boa fé não se encontra entre os vivos, pois, por ódio da nossa falsidade, elegeu seu domicílio entre os manes e entre os mortos. Foi assim que, fatigados todos pelo pêso da carga e as asperezas do caminho, privados de três dos nossos companheiros, aqui chegamos com o saque que vêdes.”

XXII. Depois dessa narração, com os copos de ouro fizeram libações de vinho puro em memória dos colegas defuntos. Cantaram, em seguida, hinos de louvor ao Deus Marte e quiseram repousar um pouco. Quanto a nós, a velha de que já falei nos tratou liberalmente e sem medida, com cevada fresca, de maneira que o meu cavalo, diante dessa abundância, da qual era o único a se aproveitar, acreditava-se à mesa dos sális³⁷. Eu, que nunca tinha comido cevada crua, mas pilada e reduzida a papa por um longo cozimento, avistando um canto no qual tinham amontoado restos do pão de tôda a súa, fiz valentemente trabalhar a goela cansada de uma longa fome e cheia de teias de aranha. Era já noite alta quando os ladrões, despertando, levantaram acampamento e, arranjados diversamente, uns armados de gládios, outros fantasiados de fantasmas, desapareceram com passo rápido. Entretanto, eu mascava sempre com coragem e perseverança, sem ser detido nem mesmo pelo sono que de mim se apossava. Eu que, outrora, no tempo em que era Lúcio, ficava satisfeito com um pão ou dois, antes de deixar a mesa, dessa vez, para contentar as exigências de um ventre tão profundo, cheguei a esvaziar a terceira cesta. Absorvido nesse trabalho foi que a clara luz do dia me surpreendeu.

XXIII. Quando terminei, senti vergonha, pelo menos tanta quanta pode sentir um burro, e fui-me desalterar no rio mais próximo. No mesmo instante, voltaram os ladrões, muito ansiosos e preocupados. Não traziam bagagem, absolutamente, nem a trouxa mais vil. Traziam, e era tudo, defendida por todos os seus gládios, por todos os seus braços, por tôdas as suas fôrças conjugadas, uma môça com um altivo ar de nobreza, pertecente, como indicavam seus modos de mulher de sociedade, a uma das grandes famílias do país, e muito desejável, por Hércules, mesmo pelo burro que eu era. Enquanto ela se lamentava, dilacerando as roupas e arrancando os cabelos, êles a fizeram entrar na caverna e procuraram, com boas palavras, atenuar os motivos de sua mágoa: “Não temas”, diziam, “por tua vida nem por tua honra, e dá-nos uma oportunidade de lucro, com um pouco de paciência. É a dura lei

da pobreza que nos obriga a êste ofício. Mas teus pais possuem montões de riquezas e não demorarão, por maior que seja a sua avareza, a encontrar o que é preciso para o resgate do seu sangue.”

XXIV. Com estas proposições, e outras do mesmo gênero, era em vão que procuravam apaziguar a dor da mocinha. E que fazer, quando, com a cabeça entre os joelhos, ela chorava desconcertadamente? Então, êles mandaram entrar a velha, recomendando-lhe que fizesse companhia à menina, que a consolasse tanto quanto possível, com palavras carinhosas, e que depois voltasse às suas ocupações costumeiras. Mas nada do que dizia a pobre velha chegava a distrair a môça de seu pranto. Ela se lamentava, ao contrário, cada vez mais, e, sacudida por ininterruptos soluços, a ponto de até a mim arrancar lágrimas, falava assim: “Mísera eu sou. Com uma casa como a minha, de numerosos servidores, criados estimados, venerandos pais, e eis-me aqui sòzinha, abandonada, vítima de um maldito rapto. De mim, fizeram mercaderia. Fechada como uma escrava neste buraco na pedra, nesta câmara de tortura, tendo perdido tôdas as doçuras entre as quais nasci e cresci, não ousando esperar a salvação, entre todos êsses bandoleiros e êsse povo horrível de gladiadores, como posso deixar de chorar, ou continuar a viver?”

Era assim que se lamentava. Acabrunhada pelo desgosto, com a garganta em fogo, o corpo lasso, fechou os olhos desfalecentes e adormeceu.

XXV. Porém, mal tivera tempo de cerrar as pálpebras, ei-la que, arrancada do sono como uma possessa, aflita ao mais alto ponto, machucava o próprio peito, voltando as mãos contra si mesma e batendo no rosto fresco. E quando a velha lhe perguntou com insistência a causa dêsse desgosto recomeçado, replicou a môça com um profundo suspiro: “Ai! Que será feito de mim agora, agora que digo adeus à esperança de salvar-me! Um nó corredio, um gládio, ou, ainda, um salto no precipício, aí está, certamente, o partido que me resta.”

A estas palavras, a velha se zangou. Com o rosto dessa vez mais irritado, disse: “Isto vai mal! Podes-me explicar por que choras, quando dormias tão bem; por que te abandonas de nôvo, em brusca reviravolta, a lamentações desordenadas? Bem vejo do que se trata: queres fraudar meus homens do rico proveito

de teu resgate. Pois continua! Os ladrões fazem pouco das lágrimas e, apesar das tuas, eu me encarrego de te fazer queimar viva."

XXVI. Aterrorizada por êsse discurso, e beijando-lhe as mãos, disse a môça: "Por favor, mãe, ouve a voz da piedade humana e concede um pouco de ajuda para dirimir o meu cruel infortúnio. Pois se a idade e a vida te amadureceram, sob êsses veneráveis cabelos brancos presumo que a compaixão não esteja em ti de todo ressequida. Vê, pois, a história dramática da minha calamidade. Era uma vez um belo môço, primeiro entre seus iguais, e que tinha sido adotado como filho da cidade, por escolha unânime dos concidadãos. Demais, era meu primo e meu irmão, três anos apenas mais velho do que eu. Crescendo juntos, desde os mais tenros anos, éramos inseparáveis; ocupávamos a mesma doce casa; mais, o mesmo quarto, o mesmo leito. Estávamos ligados pela ternura santa da mútua afeição. O casamento devia consagrar o pacto feito há longo tempo. O consentimento de nossos pais lhe tinha, por ato oficial, conferido o título de espôso. Durante o ofício nupcial, cercado pela multidão dos parentes, que lhe faziam um cortejo de honra, êle imolou vítimas nos templos e nos santuários públicos. Tôda a casa, atapetada de loureiros, iluminada pelas tochas, ressoava com os cantos do himeneu. Minha pobre mãe me apertava contra o seio, me enfeitava com belas vestes nupciais, e, enquanto me cobria de ternos beijos, seus desejos inquietos viam já realizada a esperança de uma progenitura. De súbito, irromperam homens portadores de gládios, visão dos furores da guerra: o ferro nu e ameaçador despedia chispas. Porém, seus braços não perpetravam mortes, nem faziam pilhagem. Em formação cerrada, o batalhão foi diretamente ao nosso quarto, invadindo-o. Sem que nenhum dos nossos lutasse para nos defender, ou oferecesse sequer a menor resistência, arrancaram-me, exânime de formidável espanto, perda de atroz pavor, dos próprios braços de minha mãe. Assim como os de Átis ou de Protesilau, os esposais foram interrompidos e dispersados.

XXVII. "E eis que agora um sonho horripilante me fêz reviver o meu infortúnio, ou antes, o intensificou. Parecia-me que, arrancada violentamente de minha casa, de meus aposentos, de meu quarto, do meu leito, eu atravessava solidões inacessíveis, invo-

cando o nome de meu desgraçado marido. E êle, tal como no momento em que se viu privado de meus abraços, ainda úmido de perfumes e coroado de flôres, seguia meus passos enquanto eu fugia, levada pelos pés de outrem. Enquanto êle clamava com grandes gritos, lamentando o rapto de sua bela espôsa, e tomava o povo como testemunha, chamando-o em seu socorro, um dos bandidos, enfadado com essa perseguição importuna, apanhou aos pés uma grande pedra e golpeou mortalmente meu pobre espôso tão jovem. A atrocidade de tal visão me encheu de pavor e me arrancou, tôda trêmula, do meu sono funesto."

A velha, que misturava seus suspiros às queixas da môça, replicou então: "Mocinha, ânimo, e não te deixes apavorar pelos vãos fingimentos de um sonho. As imagens que o sono nos traz, quando o dia chega passam por mentirosas, e até acontece que as visões da noite tenham efeito contrário do que nos apresentam. Assim, chorar, ser espancado, ou então ser degolado, pressagia lucros e bons proveitos. Ao passo que rir, encher a pança de quitutes e de doces, ou saborear o prazer do amor, significa que a tristeza, a doença, e mil outras desgraças estão para vir." Demais, eu poderei te distrair com lindas histórias e contos de gente velha." E ela começou:

XXVIII. "Havia em certa cidade um rei e uma rainha. Tinham êles três filhas de conspícua beleza. No entanto, as mais velhas, por mais agradáveis que fôsem à vista, não tinham, ao que parecia, nada que o humano louvor não pudesse condignamente celebrar. A mais môça, ao contrário, de beleza tão rara, tão brilhante, tinha tal perfeição que, para celebrá-la com um elogio conveniente, era pobre demais a língua humana. Gente do país e do estrangeiro, todos aquêles que a fama de espetáculo tão único congregava em multidão, imóveis e curiosos, permaneciam atônitos de admiração por essa beleza sem igual, e, levando a mão direita aos lábios, pousavam o índice sôbre o polegar erguido³⁸. Devotavam-lhe a mesma adoração que à própria Deusa Vênus. Já nas cidades vizinhas e nos campos circundantes, espalhara-se o rumor de que a deusa nascida do seio azulado dos mares e formada do orvalho da vaga espumejante, dignara-se tornar acessível seu poderio e misturar-se à sociedade dos homens. A menos que as gotinhas celestes tivessem feito germinar uma nova Vênus, enfeitada com a flor da virgindade, não das ondas, mas da terra.

XXIX. "Foi assim que a crença ganhou terreno, dia a dia; de uma ilha a outra, depois no continente, e de província em província, a fama se estendeu e propagou. Numerosos foram os mortais que, empreendendo grandes viagens e longínquas travessias, afluíram para ver a gloriosa maravilha do século. Em Pafos, em Cnido, na própria Citera³⁹, nenhum navegador aportava mais para contemplar a Deusa Vênus. Seus sacrifícios foram relaxados, os templos estavam-se derruindo, enxovalhavam-se os nichos, ficavam as imagens sem coroas e as cinzas frias maculavam os desolados altares. Era à môça que dirigiam as preces, e era sob os traços de um ser humano que imploravam mercês da augusta divindade. Quando, pela manhã, aparecia a virgem, era de Vênus ausente que se invocava o nome propício, oferecendo-lhe vítimas e festins, e, quando ela atravessava as praças, o povo se apressava a adorá-la com coroas e flôres.

"Esta extravagante transferência do culto celeste para a virgem mortal incendiou de veemente cólera o ânimo da verdadeira Vênus. Ela não pôde conter a indignação. Sacudiu a cabeça, fremente, e falou:

XXX. "Então, a mim, antiga mãe da Natureza, origem primeira dos elementos, nutriz do Universo, Vênus, reduziram-me a esta condição de partilhar com uma mortal as honras devidas à minha majestade! E meu nome consagrado no céu é profanado pelo contacto com impurezas terrestres. Será preciso, aparentemente, na comunhão equívoca das homenagens prestadas ao meu nome, ver a adoração me confundir com uma substituta? Aquela que por tôda a parte apresentará minha imagem é uma môça que está para morrer. Foi em vão que aquêle pastor⁴⁰, cuja imparcial justiça foi aprovada pelo grande Júpiter, me preferiu, pelos meus atrativos sem par, às deusas mais eminentes. Porém, não se rejubilará por muito tempo essa, quem quer que ela seja, que me usurpou as honrarias. Poderei, com essa mesma beleza à qual ela não tem direito, fazer com que se arrependa."

"Imediatamente, chamou o filho, o menino alado, êsse perverso velhaco que, agravando com sua má conduta a moral pública, armado de tochas e de flechas⁴¹, corre daqui e dali durante a noite, pela casa dos outros, incendeia todos os lares, comete impunemente os piores escândalos, nunca faz coisa boa. Se bem que êle já fôsse impudente por natural velhacaria, ela

o excitou ainda mais com seus discursos, conduziu-o à cidade de que falamos, e mostrou-lhe Psiquê — tal era o nome da menina.

XXXI. "Fêz-lhe também o completo relato dessa rivalidade em beleza. Por fim, gemendo, trêmula de indignação, disse: "Eu te conjuro pelos laços do amor materno, pelas doces feridas de tuas flechas, pelas deliciosas queimaduras da tocha que carregas, vinga aquela que te deu à luz, mas ving-a completamente, e castiga sem piedade essa bela rebelde. Consente apenas — e isto sòmente me satisfará — em fazer de maneira que essa virgem seja possuída de ardente amor pelo derradeiro dos homens, um homem que a Fortuna tenha amaldiçoado em sua classe, seu patrimônio, sua própria pessoa; tão abjeto, em uma palavra que, no mundo inteiro, não se encontre miséria que à sua se compare."

"Ela o disse. Com os lábios entreabertos, beijou o filho longamente, àvidamente. Depois, ganhando o lugar mais próximo da praia onde a onda morre, calcou com os pés de rosa a crista de espuma das vagas cintilantes, e ei-la bem depressa levada sôbre a clara superfície do mar profundo. Mal teve tempo de exprimir a sua vontade, e, como se fôsse uma ordem dada antecipadamente, os deuses marinhos apressaram-se a servi-la. Aqui as filhas de Nereu, cantando em côro, e Portuno, de barba azulada, tôda eriçada, e Salácia, com as pregas da veste pesadas de peixes, e Palêmon, o pequeno auriga, conduzindo um delfim⁴²; acolá, pulando sôbre o mar, as tropas dos Tritões: um dêles docemente sopra em sua concha sonora, outro vela com um tecido de sêda a flama do sol importuno; êste mantém um espelho diante do olhar da rainha; aquêles nadam aos pares, atrelados ao seu carro. Tal foi a escolta que acompanhou Vênus em seu passeio pelo Oceano.

XXXII. "Entrementes, Psiquê, com tôda a sua estonteante beleza, não tirava proveito nenhum dos seus encantos. Todos a contemplavam, todos a louvavam, mas ninguém, nem rei, nem príncipe, e, à falta dêstes, nem homem da plebe desejava sua mão ou se apresentava para obtê-la. Admirava-se a sua face de deusa, mas era como a uma estátua, obra de arte perfeita, que a admiravam. Havia muito tempo que suas irmãs mais velhas, cuja beleza comum em nenhuma parte fôra proclamada pelo público, concedidas a pretendentes reais, tinham feito brilhantes casamentos. Psiquê,

virgem desdenhada, ficava em casa, a chorar seu abandono e sua solidão. Corpo dolente, coração machucado, detestava em si a beleza que constituía o encantamento de nações inteiras. Afinal, o triste pai da desventurada jovem, suspeitando haver contra ela alguma celeste maldição, e temendo ter incorrido na cólera do alto, interrogou o antigo oráculo do deus de Mileto⁴³. Ofereceu a essa poderosa divindade preces e vítimas, pediu para a desdenhada virgem um himeneu e um marido. Apolo, apesar de grego e jônio, em consideração pelo autor da nossa milesiana, entregou êste oráculo em Latim:

*Montis in excelsi scopulo, rex, siste puellam
ornatam mundo funerei thalami.
Nec speres generum mortali stirpe creatum,
sed saeuum atque ferum uipereumque malum,
quodo pinnis uolitans super aethera cuncta fatigat,
flammaque et ferro singula debilitat,
quod tremuit ipse Ious quo numina terrificantur,
fluminaque horrescunt et Stygiae tenebrae.*

(Sôbre o rochedo escarpado, / suntuosamente enfeitada, / expõe, rei, a tua filha, / para núpcias de morte. / Então, ó rei. não esperes / para teu genro, criaturas / originadas de mortal estirpe, / mas um monstro cruel e viperino, / que voa pelos ares. / Feroz e mau, não poupa ninguém, / Leva por tôda parte o fogo e o ferro, / e faz tremer a Júpiter, / e é o terror de todos os deuses, / e apavora até as águas do inferno, / e inspira terror às trevas do Estige.)

XXXIII. "O rei, feliz anteriormente, depois que recebeu o santo vaticínio voltou para casa queixoso, com a alma triste e explicou à mulher o que havia prescrito o infausto oráculo. Lamentaram-se e choraram, os lamentos lhes encheram os dias. Porém, o prazo fatal apressava a execução trágica. Prepararam-se para a infornada virgem os aparatos das núpcias de morte. A chama das tochas escureceu com a fumaça e morreu sob a cinza. Os sons da flauta nupcial foram substituídos pelos plangentes acordes da melopéia lídia, o alegre canto de himeneu acabou em lúgubres queixumes, e a espôsa da manhã enxugava as lágrimas no seu próprio véu. A triste sorte que pesava sôbre aquela casa provocava o pranto de simpatia da cidade inteira, e a dor generalizada se traduziu logo pela proclamação de luto público.

XXXIV. "Mas a necessidade de obedecer às advertências celestes exigiu que Psiquê, a pobrezinha, sofresse a pena que a esperava. Ultimaram, então, em profunda tristeza, os solenes preparativos dêsse tálamo fatal, e, seguido de todo o povo, o cortejo se pôs em marcha, acompanhando êsse cadáver vivo. Psiquê, em lágrimas, não participava de suas núpcias, mas de seu funeral. Entrementes, os pais, acabrunhados e cheios de mágoa com a desgraça, não se resolviam a consumir o nefando crime. Foi a própria filha que os exortou com estas palavras:

"Por que infligir à vossa infeliz velhice o suplício de contínuo pranto? Por que êsse alento, que, mais que vosso, é meu, atormentar, sem tréguas, com clamores? Por que manchar com lágrimas inúteis um rosto para mim venerável? Por que, em vossos olhos devastados, obscurecer a claridade dos meus? Por que arrancar vossos cabelos brancos? Por que bater no peito, nos seios santos para mim? Aí está para vós o prêmio glorioso de minha egrégia formosura. É a inveja sôbre-humana que vos desfere o golpe letal, e tarde demais vos dais conta disto. Quando as nações e os povos nos prestavam honras divinas, quando unânimemente me chamavam nova Vênus, então era preciso gemer, era preciso chorar, então era preciso vestir luto, como se eu já vos tivesse sido arrebatada. Hoje eu compreendo. Hoje eu vejo. Foi o nome de Vênus, só, que me perdeu. Levai-me, pois, colocai-me no rochedo que a sorte me destinou. Tenho pressa de consumir essa feliz união, tenho pressa de ver o nobre espôso. Para que adiar, para que me furtar ao encontro daquele que nasceu para a ruína do Universo?"

XXXV. "Assim falou a virgem. E com passo firme se misturou à multidão que formava seu cortejo. Atingiram o rochedo marcado, na escarpada montanha, e no alto cume colocaram a môça. Depois, todos a abandonaram. Para longe atiraram as tochas nupciais, que haviam iluminado a caminhada e que tinham antes apagado com suas lágrimas, e, de cabeça baixa, retomaram o caminho de suas casas. Os desgraçados pais, acabrunhados pela calamidade, fugiram da luz, e, no fundo de seu palácio, encerraram-se numa noite eterna. Psiquê, entrementes, apavorada e trêmula no alto do seu rochedo, não parou de chorar. O doce hálito do Zéfiro, caricioso, agitou de um leve tremor a barra do seu ves-

tido, e o encheu de pregas. Soergueu a virgem com um movimento suave e, com tranqüilo sôpro, a levou serenamente ao longo da parede rochosa. Ao pé desta, no escavado vale, êle a depositou deitada gentilmente no leito da relva florida.

LIVRO V

I. "Psiquê, nessa ervinha tenra, lânguidamente estendida sôbre o leito da relva úmida de orvalho, serenou de sua perturbação e docemente adormeceu. Depois de um plácido sono reparador, ressurgiu-lhe o ânimo. Viu um bosque plantado de árvores frondosas e uma fonte cuja onda era de vidro translúcido. No meio do bosque, junto do lugar onde corria o manancial, havia um palácio real, edificado não por mão de homem, mas por arte divina. Não poderíeis duvidar, mal assomásseis à entrada: tínheis diante de vós a luxuosa e aprazível residência de um deus. Os tetos com labores de cedro e de marfim esquisitamente esculpidos, sustinham-se sôbre colunas de ouro. As paredes, revestidas de prata cinzelada, mostravam desde a entrada feras e outros animais. Certamente fôra um semideus ou mesmo um deus, que animara com arte sutil essa fauna de prata. A pavimentação fôra feita de pedras preciosas, diminutas, hàbilmente colocadas, formando desenhos variados. Felizes, decerto, duas e três vêzes felizes aquêles cujos pés descansam nas gemas e nas pérolas. As outras partes da casa, por mais longe que se estendessem, tanto em largura como em comprimento, eram de preço inestimável. Tôdas as paredes, feitas de blocos de ouro maciço, resplandeciam com seu próprio brilho, de tal modo que se iluminariam por si mesmas se o Sol lhes recusasse a sua luz. Tanto os quartos como as galerias, como os portais, fulguravam. Riquezas que enchiam a casa, correspondiam a essa magnificência. Dir-se-ia, com razão, que, para permanecer entre os homens, o grande Júpiter construíra ali um palácio celeste.

II. "Atraído pela beleza dêsses lugares, Psiquê se aproximou. Atreveu-se a franquear o portal e, seduzida logo pelo interêsse de tão formoso espetáculo, examinou cada coisa atentamente. Do

outro lado do palácio, viu os pavimentos de uma arquitetura grandiosa, onde se acumulavam tesouros reais. Nada havia que ali não se encontrasse. Porém, mais prodigioso que essas imensas riquezas, tão espantosas por si mesmas, era que não houvesse nem cadeia, nem fechos, nem guardas para defender êsse tesouro vindo do mundo inteiro. Psiquê olhou para tudo, com volúpia, eis senão quando vem até ela uma voz destituída de corpo: "Por que senhora, tanto espanto à vista dêste esplendor? Tudo isto te pertence. Entra no quarto, deita-te no leito, repousa os membros fatigados, e, quando quizeres, pede um banho. Nós, estas de quem ouves a voz, somos tuas escravas, executaremos apressadamente as tuas ordens, e, acabado o cuidado com a tua pessoa, um festim real te será destinado, e não se fará esperar."

III. "Psiquê reconheceu nessa felicidade o cuidado de uma providência divina. Dócil aos avisos da voz incorpórea, dissipou a fadiga com um sono, seguido de um banho. Depois, de súbito, percebeu junto dela um móvel disposto em forma de semicírculo. Os arranjos de um repasto fizeram-na pensar que êle estava colocado ali para ela, a fim de que se restaurasse, e, de boa vontade, pôs-se à mesa. Logo, vinhos semelhantes ao néctar, e bandejas carregadas de iguarias variadas e abundantes, foram colocados diante dela, sem ninguém para fazer o serviço, e impelidos sòmente por um sôpro. Ela não vislumbraava nenhum ser, apenas ouvia palavras vindas de alguma parte e não tinha senão vozes como servas. Depois de um copioso festim, entrou alguém que cantou, sem se deixar ver; um outro dedilhou a cítara e, do mesmo modo, permaneceu invisível. Então um grande número de vozes modulou um concêrto, e, se bem que nenhum ser humano apparecesse, seus ouvidos confirmaram a presença de um côro.

IV. "Terminados êsses prazeres, viu Psiquê que caíra a noite, e foi-se deitar. Era noite alta, quando um ligeiro rumor lhe chegou ao ouvidos. Temendo então por sua virgindade, estremeceu medrosa, e mais que com outra desgraça qualquer, apavorou-se com o que ignorava. E eis que se aproxima o marido desconhecido. Subiu ao leito, fêz de Psiquê sua mulher, e antes que surgesse a luz do dia, partiu apressado. Logo as vozes, prontas junto do quarto, prestaram seus cuidados à recém-casada, da qual fôra imolada a virgindade. Como quis a natureza, à novidade

do prazer o hábito acrescentou uma doçura a mais, e o som da misteriosa voz consolava-a da sua solidão.

"Entretanto, seus pais envelheciam, consumidos sem descanso pelo luto e pela aflição, enquanto o rumor da aventura se espalhava ao longe; e, então, suas irmãs mais velhas souberam de tudo. Imediatamente, na tristeza e na desolação, abandonaram o lar e, cada qual mais afoita, correram para junto dos pais, para vê-los e levar-lhes palavras de afeição.

V. "Naquela noite, o marido, dirigindo-se à sua Psiquê (pois, embora invisível, podia ser ouvido e tocado): "Psiquê", disse-lhe, "dulcíssima e querida espôsa minha, a Fortuna, no seu cru rigor, te ameaça com um perigo mortal. Vela e guarda-te cuidadosamente, eis o meu aviso. Tuas irmãs, que te acreditam morta, em sua perturbação procuram teu rastro, e chegarão logo ao rochedo que tu sabes. Se, por acaso, vires que elas chegam, ouvires lamentos, não respondas, olha mesmo para outra direção, sob pena de me causar uma grande dor, e a ti o pior dos desastres."

"Psiquê concordou. Empenhou-se em fazer a vontade do marido. Mas quando, juntamente com a noite, aquêlé desapareceu, passou a pobrezinha todo o dia em lágrimas e em prantos, repetindo que nessa hora tinha sua vida se acabado, pois que, na opulenta prisão em que estava encerrada, privavam-na de todos os contatos, de tôdas as relações com seres humanos. E quando suas próprias irmãs se afligiam por ela, não poderia reconfortá-las, nem vê-las sequer. Não tomou banho, para se refazer, nem alimento, nem nada do que restaura as fôrças; apenas chorava abundantemente, e assim se retirou para dormir.

VI. "Uns instantes depois, pouco mais cedo que de costume, o marido se deitou ao seu lado, tomou-a entre os braços, ainda banhada em lágrimas, e murmurou, ralhando: "Era isso que prometias, minha Psiquê? Como confiar em ti, de agora em diante? O que esperar de ti? Dia e noite, e até nos braços do espôso, não cessas de te atormentar. Vai, então. Faze o que queres, e satisfaz, para desgraça tua, as exigências do teu coração. Lembra-te, no entanto, das minhas sérias advertências, quando, tarde demais, te arrependeres."

"Então, à fôrça de súplicas e ameaçando morrer, arrancou ao marido a permissão tão desejada de ver as irmãs, de lenir seu

luto, de conversar com elas. E não contente de ceder dessa maneira às instâncias da espôsa tão recente, êle concedeu-lhe mais, que lhes fizesse presente de quanto ouro, e quantos colares quisesse. Mas recomendou com insistência, e de maneira a assustá-la, que não procurasse conhecer a figura do marido, jamais, mesmo que suas irmãs lhe dessem o pernicioso conselho de fazê-lo. Sua curiosidade sacrílega trar-lhe-ia infelicidade e perdição, e a privaria, para sempre, de seus abraços. Psiquê agradeceu ao marido e disse, mais contente: "Mas não! Antes cem vêzes morrer que não mais gozar do nosso dulcíssimo conúbio. Pois eu ardentemente te amo, e te quero tanto quanto à minha vida, quem quer que tu sejas. Não. Nem mesmo Cupido é comparável a ti. Entretanto, eu te imploro, eu te suplico, tu podes conceder-me ainda isto: ordena a Zéfiro, teu servidor, que transporte minhas irmãs pelo mesmo caminho pelo qual eu vim e que mas traga aqui." Cobrindo-o de perturbadores beijos, e emocionando-o com ternas palavras, e enlaçando-o blandiciosa, acrescentou às carícias nomes como: "meu queridinho, meu marido, doçura da alma da tua Psiquê". O marido sucumbiu à fôrça e ao poder de Vênus, às palavras de amor murmuradas em voz baixa. Cedendo, apesar de o lamentar, prometeu tudo quanto ela quis. De resto, aproximava-se o dia, e êle se desvaneceu entre os braços da mulher.

VII. "Entretanto, as duas irmãs, tendo sabido qual era o rochedo e o lugar onde tinha sido Psiquê abandonada, para lá se dirigiram, às pressas, e lá choraram, bateram no peito, clamaram tanto, que seus brados repetidos ecoavam nas pedras e nas rochas. E como chamassem por seu nome a desgraçada irmã, ao agudo ruído de suas queixas estridentes que desciam da montanha, Psiquê, perdida e trêmula, atirou-se para fora de casa: "Por que", disse ela, "vos acabais sem motivo, com tantos dilacerantes lamentos? A causa de vosso luto está aqui diante de vós. Terminai vossos fúnebres gemidos, secai essas faces, por tanto tempo orvalhadas de lágrimas, pois que àquela que pranteais podeis agora abraçar."

"Chamou então Zéfiro e lhe transmitiu a ordem do marido. Dócil ao mando, êle as soergueu com um sôpro sereno, e, sem dificuldade, as conduziu ao seu destino. Ei-las agora que se abraçam e trocam beijos impacientes, saboreando a doçura de esta-

rem juntas. Lágrimas voltam ao apêlo da alegria. "Mas êste aqui é o meu teto e nosso lar", disse Psiquê. "Entremos. Nada de desgostos agora, e que vossos corações se refaçam de sua aflição em companhia de vossa Psiquê."

VIII. "Falando-lhes assim, mostrou-lhes as imensas riquezas da casa de ouro, fê-las ouvirem o povo de vozes que a servia, ofereceu-lhes, para se restaurarem, um banho luxuoso, e os refinamentos da mesa feita para os imortais. Saciadas com essa profusão de riquezas verdadeiramente celestiais, começaram elas, no fundo do coração, a nutrir pensamentos de inveja. Uma delas começou a fazer, com insistência, perguntas mais precisas: quem era o dono dessas divinas maravilhas, e que era o seu marido? Não infringiu Psiquê, absolutamente, as prescrições conjugais, nem as deixou escapar do segrêdo do seu coração. Inventou no momento que era um belo môço, do qual uma penugem de barba sombreava há pouco tempo as faces. Ocupava-se freqüentemente em caçar nos campos e nas montanhas. Depois, temendo que a conversa se prolongasse e ela deixasse escapar, por inadvertência, o que resolvera calar, carregou-as de ouro trabalhado, de colares de pedrarias, depois, sem esperar mais, chamou Zéfiro e as confiou para que as reconduzisse, o que foi feito no mesmo instante.

IX. "As excelentes irmãs, entrando em casa, cada vez mais devoradas pelo fel ardente da inveja, conversavam com barulhenta animação. Por fim, uma se exprimiu assim: "Aí estão, oh! iníqua Fortuna, tua cegueira e tua injustiça! Por que aprovaste que filhas de um mesmo pai e da mesma mãe tivessem sortes tão diversas? Nós, as mais velhas, fomos entregues a estrangeiros, para sermos suas escravas. Banidas do lar e mesmo da nossa pátria, levamos, longe dos pais, uma vida de exiladas. A última que veio, fruto tardio de uma fecundidade que ela esgotou, possui imensas riquezas, com um deus por espôso, e nem sabe usar, como é preciso, essa abundância. Tu viste, minha irmã. Quantos colares, valiosos, jogados pela casa! E brilhantes tecidos, e faiscentes pedrarias, sem falar dêsse ouro sôbre o qual se pisa, por tôda a parte. Se o marido que tem é tão belo quanto ela pretende, não haverá hoje, no mundo inteiro, mortal mais feliz. Quem sabe mesmo se, com a crescente intimidade e a fôrça do amor que avulta, o deus seu espôso não chegua até a torná-la

uma deusa? Ah! sim, vê-se que é isto, pelo seu ar, sua atitude. Desde agora ela aspira a subir mais alto, e tudo indica a deusa na mulher que tem vozes por escravas e que manda no vento. Enquanto que a mim, para minha desgraça, a sorte deu um marido mais velho do que meu pai, mais calvo que uma abóbora, um anão mais miúdo do que um menino, e que vigia tudo, trazendo tôda a casa debaixo de ferrolhos e correntes.”

X. “A outra replicou: “E o meu, então! Entrevado, torcido de reumatismo, e, por esta razão, não prestando senão raríssimas homenagens a Vênus, eis o marido que eu agüento. Fricciono continuamente seus dedos deformados e endurecidos como pedra. Compressas repugnantes, panos sórdidos, fétidos cataplasmas queimam estas mãos delicadas. Não tenho o ofício de espôsa, mas o penoso emprêgo de médica. Vê-se com que paciência, ou melhor, para dizer francamente o que sinto, com que servilismo suportas essas coisas. Mas eu, eu não poderei suportar mais ver tal felicidade concedida a uma indigna. Lembra-te, que ostentação, que arrogância na sua conduta a nosso respeito! Que insolente exibição do seu fausto, como deixou transparecer o orgulho que lhe enche o coração! E de tantas riquezas, atirou-nos algumas migalhas, com dó. Depois, logo depois, enfadada com a nossa presença, nos mostrou a porta da rua, mandou que o vento nos varresse, ou antes, que nos soprasse. Não quero ser mulher, e nem respirar mais, se não a precipitar do alto da sua abundância. Se tu também, como é devido, sentes a afronta, procuremos as duas um plano de conduta enérgico. Primeiro de tudo, não mostremos nada a nossos pais, nem a quem quer que seja, disto que levamos. Ignoremos mesmo se ela ainda está viva. Já foi suficiente têmos nós visto o que vimos, sem precisarmos ir aos nossos pais, e pelo mundo inteiro, trombetear a feliz notícia. Pois êles não serão felizes, se ninguém lhes conhecer as riquezas. Ela aprenderá que não somos suas servas, mas suas irmãs mais velhas. Por ora retornemos aos nossos pobres lares, que pelo menos são sóbrios, vamos para junto de nossos maridos. Deixemos passar algum tempo, reflitamos. Vejamos se nos pomos em condições de nos tornar mais fortes, para castigar o orgulho.”

XI. “As duas malvadas concordaram, achando excelente êsse pérfido plano. Esconderam todos os preciosos presentes, e, arrancando os cabelos e arranhando as faces — tratamento bem merecido —,

recomeçaram hipòcritamente a chorar. Assim, reavivaram a dor dos pais, dos quais tiraram a esperança, e regressaram às pressas para suas casas, sufocadas de louca raiva, para maquinar uma infernal astúcia, um ímpio atentado contra a irmã inocente.

"Entrementes, recebia Psiquê novas advertências do desconhecido marido, durante os seus encontros noturnos. "Tu vês", dizia-lhe, "quanto perigo te ameaça? A Fortuna te move, à distância, uma guerra de escaramuças. Se não te mantiveres vigilante, ela travará logo um combate corpo a corpo. Pérfidas lobas se esforçam para te apanhar numa armadilha abominável e para te persuadirem a conhecer meu rosto, que é tudo quanto querem. Ora, êste rosto, eu te previno sempre, se o vires uma vez, nunca mais o verás. Se, então, futuramente, vierem aqui essas bruxas detestáveis, como sei que virão, armadas de culpadas maquinações, recusa-te a conversar com elas. Ou, se isso é mais do que pode suportar tua natural candura e a ternura do teu coração, pelo menos a respeito do teu marido não escutes nada, não respondas nada. Nossa família se acrescenta, gera-se uma criança no teu útero; divina será se souberes calar e conservar nossos segredos, mortal se os profanares."

XII. "A esta nova, Psiquê, tonta de felicidade, bateu palmas, consolada ao pensamento da divina progenitura. Aturdia-se com a gloriosa esperança dêsse penhor prometido, e rejubilava-se com a dignidade que lhe conferia o título de mãe. Contava ansiosamente os dias que se somavam e os meses que fugiam, e, portadora novata de um fardo desconhecido, maravilhava-se de que, com uma breve picada, seu ventre se tivesse locupletado tão incrivelmente. Mas já aquelas pestes, aquelas Fúrias horríveis, esguichando o seu veneno de víboras, e animadas de uma pressa ímpia, atravessavam o mar. Então, uma vez mais, o intermitente marido preveniu sua Psiquê: "O último dia e o termo fatal chegaram. Um adversário, que é do teu sexo, e um inimigo, que é do teu sangue, já agarraram as armas, levantaram acampamento, alinharam as tropas e deram o sinal de combate. Tuas criminosas irmãs já desembainharam o gládio e se preparam para mergulhá-lo em tua garganta. Ah! Quantos desastres nos ameaçam, dulcíssima Psiquê! Tem piedade de ti e de nós. Por uma religiosa continência, livra a nossa casa, livra teu marido, livra-te a ti mesma e a êsse pequeno ser que nos pertence, das ruínas e do

infortúnio que nos ameaçam. E a essas celeradas mulheres às quais um ódio homicida fêz calcar aos pés os laços de sangue, o que não te permite mais chamá-las de irmãs, evita vê-las e ouvi-las, quando tais sereias⁴⁴, debruçadas no cimo da rocha, fizerem ressoar as pedras com seus funestos chamados."

XIII. "Psiquê respondeu com a voz entrecortada de soluços e o rosto lavado de lágrimas: "Parece-me que há muito tempo, já, podias ter percebido a minha descrição e a minha consciência. Aprovarás igualmente, no momento, a minha firmeza de ânimo. Assim, ordena só uma vez mais, a Zéfiro, que desempenhe essa incumbência, pois, na falta de contemplar teu sagrado rosto, o que me é recusado, deixa que eu veja ao menos minhas irmãs. Por essa cabeleira perfumada, espalhada em tórno de tua fronte; por essas faces macias e de linhas suaves, que se assemelham às minhas; por êsse peito, onde queima uma secreta flama; pelo desejo que eu tenho de conhecer tua face ao menos nesta criaturinha que é teu filho, eu te conjuro: concede às piedosas preces de uma suplicante ansiosa, a doçura de poder dar um abraço às irmãs, e com a alegria, devolve a vida à tua Psiquê, que não existe senão para ti. De teu rosto, de hoje em diante, não quero mais saber. As próprias trevas da noite não têm mais sombra para mim: eu tenho a ti, que és minha luz."

"Enfeitiçado por estas palavras, e pelos ternos amplexos, êle enxugou as lágrimas de Psiquê com os cabelos, e prometeu-lhe fazer o que ela pedia. Depois, apressou-se a se desvanecer na luz do dia nascente.

XIV. "As duas irmãs, dupla fraterna conjugada e ligada, sem mesmo visitar os pais, foram, velozes, diretamente do navio ao rochedo e, na sua precipitação, lançaram-se no vazio com louca temeridade, sem esperar a presença do seu portador, o vento. Zéfiro, fiel às ordens do seu senhor, recebeu-as, um tanto contra a vontade, no seio das auras, e as depositou no solo. Elas, sem perder um momento, entraram na casa com apressado passo, abraçaram a prêsa, da qual, por falsidade, se diziam irmãs, e cobrindo com uma expressão sorridente o tesouro de perfídia que se lhes escondia no fundo do coração, adularam-na com frases lisonjeiras: "Não és mais a menina de outrora, Psiquê; agora, por tua vez, és mãe. Que julgas nos trazes na tua sacolinha? De que alegria vais florir nossa casa! Felizes de nós que serviremos

de nutrizes a essa maravilhosa criança. Se sua beleza, como é de esperar, corresponder à dos pais, será um verdadeiro Cupido êsse que vai nascer."

XV. "Assim, com simulada afeição, insinuaram-se no ânimo da irmã. Apressada, ela lhes ofereceu cadeiras para descansarem da fadiga da viagem, os tépidos vapores de um banho para se refazerem, e conduziu-as ao tricínio, apresentando-lhes o mirífico regalo de iguarias deliciosas e de viandas escolhidas. Deu uma ordem, e retiniram as cítaras; uma outra, e as flautas soaram. Uma outra ainda, os cantos se elevaram em côro. E tôdas essas suaves melodias encantavam os espíritos dos que as ouviam, sem que ninguém se mostrasse.

"Porém, mesmo tais acentos, tão doces quanto o mel, não adoçavam a malvada iniquidade das duas celeradas. Pensavam sempre na armadilha concebida por sua malícia. Travaram uma conversa nesse sentido, interrogando a irmã sem parecer fazê-lo, perguntando-lhe quem era o marido, de que família provinha, de que meio saíra. Psiquê, na sua extrema simplicidade, esqueceu o que anteriormente dissera e forjou um nôvo conto: o marido era de uma província vizinha, disse. Tinha grandes negócios." Era um homem de meia-idade com algumas cãs. Depois, encerrando a conversa, carregou-as novamente de suntuosos presentes e as entregou aos cuidados do seu veículo, o vento.

XVI. "Feita a travessia dos ares, pelo sôpro tranqüilo de Zéfiro, regressaram às suas casas, dialogando assim: "Que dizer, minha irmã, da monstruosa mendacidade dessa tôla? Então o adolescente em flor, cuja barba era apenas uma recente lanugem, agora é um homem de meia-idade, de cabeleira salpicada com reflexos de prata. Como ocorreu em tão curto espaço de tempo essa metamorfose em ancião? A única explicação, minha irmã, é que a malvada inventa mentiras, ou então ignora a aparência do marido. De um modo ou de outro, qualquer que seja a verdade, é preciso desalojá-la quanto antes da sua prosperidade. Se ela não conhece a figura do marido, é que foi seguramente um deus que desposou, e um deus nos promete a sua gravidez. Se ela se inculcar como mãe de uma criança divina, que o céu tal não consinta, eu me enforco. Enquanto esperamos, voltemos para junto de nossos pais, e, em continuação a esta conversa, teçamos alguma astúcia conveniente."

XVII. "Assim inflamadas, saudaram os pais, com ar enfadado. Depois de uma noite perturbada pela insônia, pela manhã estavam fora de si. Correram ao rochedo, de lá voaram prontamente até embaixo, graças ao auxílio costumeiro do vento, e, apertando as pálpebras para fazer sair algumas lágrimas, dirigiram à jovem estas palavras cheias de astúcia: "És bem feliz, tu que repousas na ignorância do perigo que te ameaça, na felicidade que te assegura o desconhecimento de tua desgraça. Nós, entretanto, que estamos vigilantes para com os teus interesses, atormentamos-te cruelmente com os teus infortúnios. Pois soubemos de fonte segura, e não podemos escondê-lo de ti, associadas que estamos à tua pena e à tua prova, o seguinte: uma horrível serpente, um réptil de tortuosos anéis, com o pescoço estufado de baba sanguinolenta, de um veneno temível, a goela hiante e profunda, eis aí o que repousa à noite, furtivamente, a teu lado. Lembra-te do oráculo do deus de Delfos e da bête monstruosa que sua voz profética te assinalava como espôso. Numerosos são os lavradores, caçadores das redondezas, e vizinhos que a viram voltando à noite do pasto próximo, e nadando nas águas do rio que corre mais perto.

XVIII. "Não será por muito tempo, é o que afirmam, que êle diligenciará servir-te. Nem por muito tempo que te nutrirá de substanciosas iguarias, dos manjares mais finos. Mas assim que o fruto que amadurece no teu seio chegar à sua plenitude, tu te tornarás mais aproveitável por tua carne, e êle te devorará. Cabe a ti agora escolher, se queres ouvir tuas irmãs que tremem por tua preciosa existência, entre escapar à morte e viver conosco, sem temer nenhum perigo, ou ter como sepultura as entranhas de uma fera cruel. Se a solidão do campo, habitado por vozes; se o amor clandestino, a repugnante intimidade de noites cheias de perigos, e os abraços de uma serpente venenosa, têm para ti atractivos, nós, pelo menos, irmãs piedosas, cumprimos nosso dever."

"A estas tristes palavras, Psiquê, coitadinha, na simplicidade de sua terna alma ingênua, foi apanhada de surpresa. Aturdida, fora de si, esqueceu as advertências do marido e suas próprias promessas. Precipitou-se num abismo de calamidades. Trêmula, exangue, lívida, articulava com esforço, com voz sumida, palavras entrecortadas. Disse:

XIX. "Caríssimas irmãs, vós não fazeis senão permanecer fiéis, como convém aos deveres da piedade fraternal. É quanto àqueles que vos afirmam essas coisas, não me parecem que inventam. Com efeito, jamais vi o rosto de meu marido, não sei mesmo de onde vem. Sòmente à noite, e captando apenas o som de sua voz, suporto a aproximação de um espôso cuja condição me escapa e que foge da luz. Sim, dizeis a verdade, é um monstro, e eu tenho todo o direito de pensar como vós. Não cessou de me fazer grande mêdo, para não tentar vê-lo, e me ameaçou dos piores castigos caso tivesse eu a curiosidade de lhe conhecer os traços. Se podcis agora vir em socorro de vossa irmã em perigo, é o momento. Agir de outra maneira seria destruir, por vossa indiferença presente, o bem do vosso primeiro aviso."

"Encontrando escancaradas as portas da alma franqueada, descoberta, da irmã, as celeradas, sem mais dissimular, nem recorrerem a maquinações furtivas, desembainharam o gládio da impos-tura e se apoderaram dos tímidos pensamentos da cândida menina.

XX. "E assim tornou a outra: "Os laços do sangue afastam de nossos olhos, quando se trata de tua segurança, até a imagem do perigo. Então, depois de muitas e longas reflexões, nós te indicaremos qual o único caminho que conduz à salvação. Toma uma navalha bem afiada, repassa-a na palma da mão, para poli-la e aumentar-lhe o gume, e, sem ser vista, esconde-a no leito, no lugar onde te deitas sempre. Toma uma lâmpada de fácil manejo, cheia de óleo, de clarão bem vivo, e coloca-a debaixo de alguma tampa. Cerca todos êsses arranjos de um segrêdo impene-trável. Quando, arrastando-se na sua marcha ondulante de reptil, êle chegar até aqui e subir ao leito, segundo o seu costume, e estiver estendido; quando, derrubado pelo primeiro sono, ouvires que ressona e, portanto, dorme profundamente, desliza para fora do leito. Descalça, na ponta dos pés, docemente, e a passos miú-dos, vai libertar a lâmpada de sua prisão de trevas. Consulta a lucerna para saber qual o instante mais favorável para efetuar o teu glorioso feito. E, sem hesitar mais, levanta o braço direito, e depois, com tôdas as tuas fôrças, num vigoroso golpe da arma de dois gumes, corta o nó que liga à nuca a cabeça da serpente maléfica. Nossa assistência não te faltará, de resto. Aguar-daremos ansiosas. Logo que, por sua morte, estiveres livre, acor-

reremos. Levar-te-emos apressadamente, e contigo tudo que tens aqui. Unir-te-emos a uma criatura humana, a um ser humano, por um himeneu digno de teus desejos."

XXI. "Tais palavras atearam um incêndio nas entranhas já ardentes da irmã, que elas se apressaram a abandonar, temendo mesmo encontrar-se nas proximidades quando da trágica aventura. Depositadas, como de costume pelas asas do vento, no cume do rochedo, com uma fuga rápida, escapuliram: subiram para seus navios e desapareceram.

"Entretanto, Psiquê, deixada só, que digo? Só? Ela não estava só; as Fúrias a fustigavam. Agitada pelo desgosto, ela é como o mar de águas em turbilhão. Por firme que seja seu plano, por obstinado que esteja seu ânimo, no momento de executar o crime titubeia ainda, e vacila; sente-se dividida entre emoções contrárias, nela provocadas pela adversidade. Impaciência, indecisão, audácia, inquietação, desconfiança, cólera, e, afinal, no mesmo ser, ela odeia a bêsta e ama o espôso. Mas a tarde trouxe a noite. Ela precipitou os arranjos para o horrendo crime. O espôso chegou. E depois dos primeiros combates de Vênus, mergulhou num profundo sono.

"Então a Psiquê, débil, por natureza, de corpo e de alma, o fado cruel fortaleceu. Ela foi procurar a lâmpada e apanhou a navalha: a fraqueza do seu sexo se transformara em audácia.

XXII. "Mas assim que a oblação da luz revelou, no seu clarão, os segredos do leito, ela viu a mais feroz de tôdas as feras selvagens, o dulcíssimo, o adorável monstro. Cupido em pessoa, o deus formoso que formosamente repousava. Vendo isso, a própria chama da lâmpada se avivou alegremente, e a navalha amaldiçoou seu corte sacrílego. A Psiquê tal espetáculo espantou e aturdiu. Com o rosto lívido, descomposto, desfalecente e trêmula, deixou-se cair de joelhos e procurou esconder o ferro, mas no seu próprio peito. Isso teria feito se a arma, pelo temor de tal atentado, não lhe tivesse escorregado das mãos. Mas logo, por mais esgotada, por mais lânguida que estivesse, contemplar a beleza do divino rosto restituiu-lhe o ânimo. Viu uma cabeça dourada, uma nobre cabeleira inundada de ambrosia. Sôbre um níveo pescoço e faces coradas, erravam cachos, graciosamente enrolados, que caíam uns para a frente, outros para trás, e tão vivo era o seu brilho que fazia vacilar a própria luz da lâmpada. Nas espáduas

do deus alado, plumas cintilavam de brancura, como flôres orvalhadas, e nas bordas de suas asas, se bem que estivessem em repouso, uma tênue e delicada penugem ondulava, agitada sem cessar por um frêmito caprichoso. O resto de seu corpo era brilhante e liso de tal modo, que Vênus não podia se arrepende de o ter dado à luz. Aos pés do leito estavam pousados o arco, o carcaz e as flechas, armas propícias do poderoso deus.

XXIII. "Com ânimo insaciável, Psiquê, na sua curiosidade, quis examinar, manusear. Admirou as armas do marido, tirou uma flecha do carcaz, provou a ponta no polegar, com um dedinho trêmulo, apoiou-a um pouco mais forte, picou-se apenas o bastante para que algumas gotinhas de sangue rosado perolassem a superfície da pele. Foi assim, que, sem saber, Psiquê se tomou ela própria de amor pelo Amor. Então, cada vez mais se consumiu no desejo ardente pelo Autor dos desejos: inclinou-se para êle, arquejante de volúpia, beijou-o àvidamente com grandes beijos apaixonados, apesar de temer acordá-lo. Mas, enquanto o coração desfalecente se abandonava irresoluto a essa emoção deliciosa, a lâmpada, fôsse por baixa perfídia e malícia ciumenta, fôsse por impaciência de tocar também e beijar êsse belo corpo, deixou cair de sua mecha acesa uma gôta de óleo fervente na espádua direita do deus. Ah! audaciosa e temerária lucerna, vil escrava do amor, como ousaste queimar o próprio dono do fogo? Lembra-te que foi um amante que, para possuir por mais tempo, até a noite, o objeto de seus desejos, te inventou primeiro. O deus, sob a queimadura, saltou, e, quando viu a sua fé traída e maculada, arrancou-se dos beijos e dos abraços de sua infeliz espôsa e voou em silêncio.

XXIV. "Porém, Psiquê, no mesmo instante em que êle se elevou, agarrou-lhe com as duas mãos a perna direita. Mísera companheira de ascensão, suspensa ao vôo pelas plagas além das nuvens, obstinou-se em segui-lo. Por fim, com o extremo cansaço, escorregou para o solo.

"O divino amante, vendo-a jacente na terra, não a abandonou. Pousou num cipreste vizinho, e, do alto cimo da árvore, profundamente comovido, dirigiu-lhe estas palavras:

"Eu te confesso, Psiquê singela, esqueci as ordens de Vênus minha mãe, que te queria cativa de imperiosa paixão pelo mais infimo dos miseráveis, e condenada a uma abjeta união. Fui

eu, pelo contrário, que voei ao teu encontro, para ser o teu amante. Era agir levemente, eu sei. O ilustre sagitário⁴⁵ ferido com suas próprias flechas. Afinal, fiz de ti minha mulher, para que me tomasses por uma bêsta monstruosa e tua mão cortasse com o ferro uma cabeça onde tu vês olhos que te adoram... Contra isto a que chegamos, não te preveni quanto bastasse. No entanto, quanto ouviste de mim de benévolas advertências! Mas tuas excelentes conselheiras não tardarão a receber de mim o preço de seu pernicioso magistério. Para ti, minha fuga será a única punição." "Terminando estas palavras, voou para o alto e desapareceu.

XXV. "Entrementes, Psiquê, prostrada por terra, seguia com a vista, tão longe quanto podia, o vôo do marido, atormentando a alma com lamentos desesperados. Depois que, levado pelo remígio das plumas, afastou-se o espôso nas alturas do espaço, ela foi-se atirar nas águas do rio mais próximo. Mas o rio indulgente, honrando sem dúvida o deus que inflama até as ondas, e temendo por si próprio, tomou-a depressa num rodaminho, sem lhe fazer mal algum, e a depôs na margem, na florida relva.

"Nesse momento, por acaso, Pã⁴⁶, o deus rústico, sentara-se no alto e abraçava Eco, deusa das montanhas, ensinando-lhe a repetir algumas árias. Não longe da água, suas cabras retouçavam aqui e ali, pastavam e ruminavam a folhagem ao longo do rio. O deus de pés de bode, vendo Psiquê chorosa e desfeita (de resto, não lhe ignorava a aventura), chamou-a bondosamente e serenou-a com palavras lenientes: "Minha bela menina, não sou senão um camponês e um pastor de rebanhos, mas a idade e a velhice me tornaram rico de experiência. Se minhas conjecturas são justas, — e pessoas bem informadas chamam a isto adivinhação — essa marcha incerta e vacilante, essa extrema palidez, os suspiros contínuos, e, sobretudo, êsses olhos rasos de lágrimas, indicam que um grande amor é a causa de tua mágoa. Então escuta: não te precipites nem te faças matar de outra qualquer maneira. Não te entristeças. Esquece o desgosto. Venera, antes, por tuas preces a Cupido, o maior dos deuses, e faze por merecer, por meio de ternas homenagens, o favor do adolescente que êle é, voluptuoso e amigo do prazer."

XXVI. "Assim falou o deus pastor. Psiquê, por tôda resposta, adorou seu salutar poder, e prosseguiu a caminhada. Errara já

por algum tempo, quando, ao cair da noite, chegou, sem o saber, por um certo caminho, a uma cidade onde reinava o marido de uma das irmãs. Tendo sabido disso, pediu Psiquê que anunciassem à irmã sua presença. Introduziram-na. Depois dos mútuos amplexos, e saudações recíprocas, aquela perguntou a causa de sua vinda. E assim falou Psiquê: "Lembraí-vos do conselho que me destes? A êsse monstro que, sob o nome enganador de marido, passava comigo as noites, vós me convencestes a matá-lo com a navalha de dois gumes, antes que êle engolisse a pobre criança que trago nas entranhas, com sua goela voraz. Aceitei o conselho, mas quando a lâmpada cúmplice me mostrou seu vulto, eis que vejo um espetáculo maravilhoso e verdadeiramente divino: era o próprio filho da Deusa Vênus, Cupido em pessoa, que repousava num sono sereno. À vista do esplêndido espetáculo, fui tomada de perturbação tão deliciosa, e de tal excesso de volúpia, que me quedei imóvel. Mas eis que, por um acidente funesto, a lâmpada espirrou na sua espádua uma gôta de óleo fervente. Arrancou-o a dor, bruscamente, do sono, e êle, vendo-me armada com a flama e o ferro, disse: "Como castigo do teu crime abominável, divorcio-me de ti, "toma quanto te pertence" 47 e deixa-me. Eu desposarei tua irmã, — e foi teu nome que êle disse — desposá-la-ei, por confarreácio 48. Depois, ordenou a Zéfiro que com um sôpro me pusesse para fora dos limites da sua casa."

XXVII. "Psiquê não tinha ainda acabado de falar e a outra, sob o aguilhão de uma paixão libidinosa, e agitada pelo estímulo de um maligno ciúme, inventou um conto para enganar o marido, alegou a morte dos pais para sair, embarcou logo num navio, foi direito ao rochedo, e, se bem que soprasse um outro vento, cega de ávida esperança, disse: "Recebe oh! Cupido, uma espôsa digna de ti, e tu, Zéfiro, vem servir à tua senhora." E deu o grande salto no vazio. Mas nem morta pôde chegar aonde queria. Deixando de queda em queda, nas saliências do rochedo, os membros dispersos, teve o que merecia. Suas carnes em frangalhos foram oferecidas como pasto às aves de rapina e às feras.

"Igualmente para a segunda, a vindita não tardou. Pois, retomando a errante caminhada, Psiquê chegou a outra cidade onde morava a outra irmã. Também esta se deixou embair pela fraterna astúcia. Na impaciência de suplantar a irmã, com um

casamento criminoso, correu para o rochedo, precipitou-se, e morreu da mesma morte.

XXVIII. "Neste ínterim, enquanto Psiquê percorria a terra tôda, à procura de Cupido, êle, na dor do ferimento feito pela lâmpada, estava deitado, gemebundo, no próprio tálamo materno. Então, a ave de plumagem branca, que em vôo rasante aflora a superfície das ondas marinhas, a gaivota, mergulhou veloz no seio profundo do Oceano. Lá estava Vênus, banhando-se e nadando, e dela a gaivota se aproximou. Contou-lhe que seu filho tinha-se queimado, que a ferida era grave e dolorosa, que êle estava de cama em estado gravíssimo, que pelo mundo inteiro corriam rumôres e maledicências comprometedoras sôbre a família de Vênus. "Queixam-se", a ave falou, "de que desapareceste, êle para seguir uma criatura nas montanhas e tu para mergulhares no mar. E desde então, adeus volúpia, adeus graça, adeus doce alegria. Por tôda a parte o desmazêlo, a grosseria inculta. Não mais uniões conjugais, nem laços de amizade, nem a afeição dos filhos, mas o enorme e abjeto destregramento, o tédio sórdido em tôdas as ligações."

"Era assim que a ave indiscreta e tagarela murmurava ao ouvido de Vênus, dilacerando-lhe a honra do filho. A isto, Vênus, irada, exclamou de repente: "Com que então o meu bom filho já tem uma amiga? Dize-me tu, que és serva afetuosa, o nome dessa que desencaminhou o rapaz ingênuo e ainda inocente, se é do povo das Ninfas, do número das Horas ou pertence ao côro das Graças, minhas servas?" 49

"A ave loquaz não ficou muda, mas replicou: "Não sei, senhora. Creio, se não me falha a memória, que é chamada Psiquê, essa por quem êle está perdidamente apaixonado."

"Então, indignada, Vênus exclamou, completamente transtornada: "Psiquê! Ela, a usurpadora de meu nome e minha rival em beleza? E êle a ama, verdadeiramente? O velhaquete me tomou por uma alcoviteira, e imaginou que eu lhe mostrei essa môça, para que êle a conhecesse."

XXIX. "Esbravejando desta maneira, ela se apressou a subir à superfície, seguiu direito ao seu rico tálamo de ouro. Encontrando ali enfêrmo o filho, como lhe tinham anunciado, ainda na soleira da porta gritou com quanta fôrça tinha: "Honestá

conduta a tua, digna da nossa raça e da tua virtude! Para começar, desdenhaste as ordens de tua mãe e tua soberana, o que é pior! E, em lugar de infligir à minha inimiga os tormentos de um amor ignóbil, tu mesmo, rapazinho, sem respeitar coisa alguma, te uniste a ela, com laços precoces demais, penso que para me impor como nora a minha inimiga. Tu te presumes libertino, corruptor, sujeito odioso; pensas que podes constituir o tronco de uma família, e que eu, pela minha idade, não posso mais conceber? Pois fica sabendo, darei à luz outro filho, muito melhor que tu. Ou antes, para tornar a afronta mais sensível, adotarei um dos meus pequenos escravos domésticos e lhe darei essas asas, essa tocha, e o arco com as flechas, todo o aparelhamento que me pertence e que eu te confiei sabes para que uso. Pois seguramente tua herança paterna não se contribuiu em nada para êsse equipamento.

XXX. "Mas tu foste malcriado desde pequenino. Tens as unhas afiadas. Quantas vêzes destrataste teus irmãos mais velhos, sem o menor respeito! Tua mãe mesmo, sim, eu, digo, tua mãe, tu me desnudas todos os dias, parricida. Bateste-me freqüentemente, tu me desprezas, como a uma mulher relaxada, dir-se-ia, sem temor nenhum de teu padrasto, êsse grande e valente guerreiro⁵⁰. Afinal, por que não? Não tens por acaso o costume, para atormentar meu coração amante, de lhe fornecer meninas para suas galanterias? Mas eu farei com que te arrependas dessas brincadeiras e sintas o ácido e o amargo, nessas núpcias. Mas, desdenhada como sou, que fazer? Para que lado me virar? Como trazer à razão esta pequena víbora? Poderei pedir socorro à minha inimiga, a Sobriedade, que eu tenho ofendido freqüentemente, com a própria luxúria dêste rapaz? Em verdade, faz-me horror falar com essa mulher grosseira e suja. Mas o consôlo que nos traz a vingança não é para desdenhar, venha de onde vier. Então é a ela e a ninguém mais que tenho de recorrer para castigar duramente êsse malandro, para esvaziar seu carcaz, desarmar suas flechas, despojar seu arco, apagar a flama de sua tocha, e mais, para acabar com êle com remédios heróicos. Não considerarei vingada a minha injúria senão quando ela tiver raspado essa cabeleira que amiúde, com minhas próprias mãos, acariciei e fiz brilhar como o ouro, e roído essas asas que sôbre meu seio inundei de néctar."

XXXI. "Com estas palavras saiu, a bile fervendo de cólera, a cólera de Vênus. No mesmo instante se lhe juntaram Ceres e Juno. Vendo-a com o rosto alterado, perguntaram-lhe por que êsse zangado franzir de supercílios, e o que velava o brilho de seus belos olhos. "Oh!" disse ela, "viestes muito oportunamente, para dar ao meu coração ardente a satisfação que êle reclama. Não poupeis esforços, eu vos peço, para descobrir e me trazer essa Psiquê fugitiva, que voou não sei para onde. Não ignorais, eu creio, o escândalo de minha casa, nem as proezas daquele que não deve mais ser chamado meu filho."

"Elas, que sabiam o que se passara, tentaram acalmar a ira violenta de Vênus: "Que crime, senhora", disseram, "cometeu teu filho, para que com ânimo inflexível contraries seus prazeres e diligencies com paixão a perda daquela que êle ama? Ora, vamos, será tão grande crime gostar de se divertir com uma bonita môça? Ignoras que é macho e jovem, ou esqueceste a sua idade? Ou é porque êle carrega gentilmente os seus anos que tu o vês sempre como um menino? Mãe tu és, e mulher cordata. Irás sempre espionar suas folias, acusá-lo de má conduta, reprová-lo os seus amôres e condenar num filho tão formoso as tuas artes e a tua volúpia? A que deus, a que mortal, podés convencer de que tu expandes o desejo entre tôdas as criaturas, quando na tua própria casa impões aos Amôres um amargo constrangimento e fechas a oficina, aberta a todos, do pecado de amar?"

"Foi assim que, procurando as boas graças de Cupido, por temor de suas flechas, as duas deusas advogaram-lhe a causa, lisonjeando o ausente. Mas Vênus, indignada por ver ridicularizadas as afrontas recebidas por ela, voltou-lhes as costas e, com passo rápido, tomou o caminho do oceano.

LIVRO VI

I. "Entrementes, errava Psiquê, prosseguindo em suas indagações noite e dia, e, de alma inquieta, ansiava por lenir a cólera do marido com as carícias de uma espôsa, ou pelo menos desarmá-lo com as súplicas de uma escrava. Avistando de longe um templo, no vértice de um escarpado monte: "Quem sabe?", inda-

gou, "se não é lá que habita o meu senhor?" E para lá se dirigiu com passo rápido, estimulada por suas esperanças e desejos, ela que desfalecia já de ininterruptas fadigas. No alto cume, corajosamente escalado, ela se aproximou do altar da divindade. Viu espigas de trigo, amontoadas ou trançadas como coroas, e espigas de cevada. Havia também segadeiras e tôdas as ferramentas da colheita, mas tudo atirado por ali, jogado com incúria, tal como as teriam deixado, nas horas quentes do verão, as mãos dos trabalhadores. Psiquê as separou com cuidado, pôs cada uma em seu lugar, e as arrumou com ordem, considerando que, em lugar de negligenciar o culto de um deus, deve-se implorar a todos a sua misericórdia benfazeja.

II. "Quando ela se desempenhava dessa tarefa, com solicitude, Ceres nutriz a surpreendeu e teve uma longa exclamação: "Mas, como, mísera Psiquê? No mundo inteiro, Vênus, ansiosa, procura um vestígio teu, te reclama para o extremo suplício e prepara a vingança, usando todo o seu divino poder. E tu, no entanto, zelas os meus interêsses e pensas, não na tua salvação, mas em outra coisa?"

"Então, Psiquê se atirou aos seus pés, orvalhou-os com uma torrente de lágrimas, e, varrendo o solo com os cabelos, implorou-lhe a graça, com muitas preces: "Pela tua mão direita, que dispensa os frutos da terra, eu te conjuro; pelos ritos de fertilidade das messes; pelo segrêdo inviolável dos cêstos⁵¹; pela carruagem alada dos dragões teus escravos; pelos sulcos das glebas sicilianas; pelo carro do rapto e pela terra, guardiã avara; pela descida de Proserpina para as núpcias tenebrosas; pelo volta de tua filha, reencontrada, à luz das tochas; por tudo que cobre de um véu de silêncio o santuário de Elêusis ática, atende à súplica da mísera Psiquê. Consente que eu me esconda entre os montes de espiga, sòmente por alguns dias, o bastante para deixar à fúria desencadeada da poderosa deusa o tempo de se abrandar, ou, pelo menos, para que minhas fôrças esgotadas por um longo trabalho, tenham o intervalo necessário a um repouso apaziguante."

III. "Ceres replicou: "Tuas lágrimas, tuas preces me comovem e eu desejo te socorrer. Porém, Vênus é minha parenta colateral, e com ela mantenho velhas relações de amizade. É uma mulher excelente. Não quero provocar-lhe o ressentimento. Sai, pois,

depressa desta casa, e dá-te por feliz, se eu não te retenho em custódia.”

“Rejeitada, contra tôda a esperança, e duplamente aflita, Psiquê, voltando sôbre os passos, ao atravessar a penumbra de um bosque sagrado, num valado, viu, à sombra dêle, um templo construído com arte sábia. Não querendo negligenciar nenhuma oportunidade, mesmo incerta, de sucesso, nem de solicitar o favor de não importa que divindade, aproximou-se da divina entrada. Viu oferendas preciosas e, suspensos aos ramos das árvores e nos portais, tecidos sôbre os quais estava inscrito em letras de ouro, com o agradecimento de uma graça, o nome da deusa a quem se faziam tais presentes. Psiquê, ajoelhando-se, cercou com as mãos o altar ainda quente e, depois de ter enxugado as lágrimas, orou:

IV. “Espôsa e irmã do Grande Júpiter, tu que habitas em Samos, que se vangloria, ela sômente, de ter sido o teu berço, de ter ouvido teus vagidos, de ter alimentado tua infância. Tu que frequêntas as casas felizes da alta Cartago, a que te honra sob o aspecto de uma virgem percorrendo o céu, levada por um leão. Ou ainda que, junto das margens do Inaco, que reconhece em ti a espôsa do Tonante⁵² e rainha dos deuses, proteges os feitos ilustres de Argos. Tu que todo o Oriente venera sob o nome de Zígia, e todo o Ocidente sob o de Lucina⁵³, sê para mim, em minha extrema desgraça, Juno Auxiliadora. Tu me vês esgotada por tôdas as fadigas que tenho suportado. Livra-me do temor de um perigo ameaçador. Não és tu que vens por ti mesmo, sem chamado, em socorro daquelas que vão dar à luz e estão em perigo?”

“Enquanto ela assim rogava, Juno em pessoa lhe apareceu em tôda a augusta majestade de seu augusto poder. “Bem que eu queria”, disse, “podes crer, acolher favoravelmente as tuas súplicas. Mas a honra não me permite ir contra a vontade de minha nora Vênus, que eu sempre estimei como filha. De resto, impede-me também a lei que interdita recolher contra a vontade do dono um escravo fugido.”

V. “Acabrunhada por êsse nôvo naufrágio da fortuna, Psiquê, não podendo daí em diante procurar o espôso alado, e renunciando a tôda e qualquer esperança de salvação, cogitou: “Tentar o que, em minha desgraça, agora? Como procurar outro recurso, quando as próprias deusas, apesar de sua boa vontade, não me podem

dar nenhum apoio? Aonde ir se estou prêsa por todos os lados por um cordel? Em que abrigo, em que trevas me esconder, para escapar aos inevitáveis olhos da grande Vênus? Que esperas, então? Arma-te de máscula energia, renuncia corajosamente às ruínas de tuas pobres esperanças, entrega-te voluntariamente à tua soberana e senhora, e procura desarmar com tua submissa modestia, por tardia que seja, os transportes de sua fúria. E quem sabe mesmo se aquêle que procuras há tanto tempo não encontrarás lá embaixo, em casa da mãe?" Tendo assim tomado o partido de uma obediência arriscada, para não dizer de uma perda certa, meditava como deveria começar as súplicas.

VI. "No entanto, Vênus, renunciando a prosseguir suas buscas por meios terrenos, dispôs-se a subir ao Céu. Mandou equipar o carro que Vulcano, o sutil joalheiro, tinha feito para ela, com tôda a sua arte, e a ela oferecido como presente de núpcias, antes das primícias do himeneu. Embelezara-o em detrimento do tamanho, e afinando-o com o trabalho da lima, com a própria perda do ouro, tinha-lhe acrescentado valor. Das numerosas pombas que se aninhavam nos beirais da casa da senhora, avançaram quatro, tôdas brancas, que, com passo gracioso, e curvando o colo nuançado, colocaram-se sob o jugo ornado de pedrarias, receberam a dona e alçaram vôo alegremente. Pardais acompanharam o carro da deusa, com suas lascivas brincadeiras e seu pipilar barulhento, enquanto que outros pássaros de canto harmonioso faziam soar docemente sua melodia suave e anunciavam o advento da deusa. As nuvens se afastaram, o Céu se abriu para a filha, o Êter acolheu com alegria a imortal. Não houve encontro com as águias, nem as aves de rapina apareceram para causar terror ao cortejo canoro da grande Vênus.

VII. "Ela se dirigiu diretamente à real fortaleza, morada de Júpiter. Em voz alta, apresentou seu pedido requisitando os serviços de Mercúrio, o deus da voz sonora, para um negócio urgente. Júpiter anuiu, movendo o negro supercílio. Então, Vênus, triunfante, desceu do Céu acompanhada de Mercúrio e começou com ar solícito: "Tu sabes, não é verdade, meu irmão arcadiano⁵⁴, que tua irmã Vênus jamais fêz fôsse o que fôsse sem a assistência de Mercúrio. E tu não podes deixar de saber que, há já algum tempo, procuro em vão uma serva minha que se escondeu. Assim, não me resta outro recurso senão publicar, por

teu intermédio, o anúncio de uma recompensa a quem a tiver descoberto. Apressa-te, pois, a te desincumbir da missão que te confio. Dá um sinal, para que sem falta a reconheçam, a fim de que, se alguém, contra a lei, tornar-se culpado de a ocultar, não possa invocar a escusa da ignorância." Ao mesmo tempo estendia-lhe um papel, levando o nome de Psiquê e outras indicações. Depois, voltou para casa.

VIII. "Mercúrio não deixou de obedecer. Percorreu a Terra em todos os sentidos, visitou tôdas as nações, e assim se desincumbiu da proclamação de que estava encarregado: "Se alguém detiver a fugitiva Psiquê, escrava, filha de rei, serva de Vênus, ou revelar o lugar em que se esconde, que procure Mercúrio, pregoeiro público, atrás das metas de Múrcia, e êsse receberá, como prêmio da denúncia, da própria Vênus, sete doces beijos, mais um doce como mel, com um toque da ponta da língua."

"Êste anúncio de Mercúrio, e o desejo de tão grande prêmio, suscitaram logo entre todos os mortais o zêlo. Essa circunstância, mais do que tudo, acabou com as vacilações de Psiquê. Já se aproximava da casa da soberana, quando acorreu ao seu encontro uma serva de Vênus, chamada Consuetude⁵⁵, que logo gritou quanto pôde: "Então, escrava abominável, acabaste compreendendo que tens uma senhora? Ou, com tua temeridade habitual, fingirás também ignorar quantas fadigas sofremos para correr à tua procura? Por felicidade, caíste justamente entre minhas mãos, e estás nas unhas do próprio Orco, pois não esperarás por muito tempo o castigo da tua contumácia."

IX. "E arrastando-a brutalmente pelos cabelos, levou-a consigo, sem que ela opusesse a mínima resistência. Quando a viu levada assim prêsa, Vênus deu uma ampla gargalhada, como fazem as pessoas furiosamente iradas; depois, sacudindo a cabeça e coçando a orelha direita, disse: "Afinal, tu te dignaste a vir saudar a sogra? Ou vieste visitar o teu marido, a quem fizeste uma ferida que lhe põe a vida em perigo? Mas fica tranqüila. Eu te receberei como se deve receber uma boa nora." É: "Onde estão?", perguntou, "a Inquietação e a Tristeza, minhas servas?" Assim que entraram, Vênus lhes entregou Psiquê, para que a afligissem, e elas obedeceram às ordens da senhora, magoando com muitos tormentos a pobre criança. Apresentaram-na depois à soberana. Então um nôvo frouxo de riso sacudiu a Vênus. "Aí está", disse

ela, "para que eu me apiade, ela conta com a sedução do seu túrgido ventre, cujo fruto glorioso deve fazer de mim uma feliz avó. Verdadeiramente feliz, sim, na flor da idade, tratem-me de avó, e o filho de uma vil escrava passará por neto de Vênus! Mas eu sou tôla. Um filho, eu digo? Não. Os cônjuges são de condição desigual. Demais, um casamento contraído no campo, sem testemunhas, sem o consentimento do pai, não pode ser considerado legítimo. Então êste que vai nascer será espúrio, supondo-se que te deixemos levar essa gravidez até o têrmo."

X. "Assim disse, e caindo sôbre ela, despedaçou-lhe as vestes, arrancou-lhe os cabelos, bateu-lhe na cabeça, machucando-a cruelmente. Depois mandou trazer grãos de trigo, de cevada, de milho, de papoula, de ervilha, de lentilha e de fava, tomou grandes punhados, misturou-os, confundiu-os num monte, depois disse, dirigindo-se a Psiquê: "Disforme como és, vejo que para ganhar as boas graças de teus amantes contas com teu devotamento ao serviço. Pois bem, eu também quero experimentar se és mesmo diligente. Separa o monte confuso das sementes que aqui estão. Faze a triagem dos grãos e arranja-os em ordem. É preciso que tudo esteja arrumado e expedido até à tarde, e então submeterás o trabalho à minha aprovação."

"Depois de assim ter designado o montão de grãos de várias espécies, Vênus foi a uma festa de casamento. Psiquê nem a mão estendeu para aquela confusão inextricável, mas, conternada por essa desumanidade, quedou-se num silencioso estupor. Então a formiga, o humilde animalejo dos campos, medindo as dificuldades da tarefa, teve compaixão da companheira do grande deus e maldiçou a crueldade da sogra. Correndo ativamente de um lado para outro, convocou e reuniu todo o exército das formigas vizinhas: "Piedade, ágeis filhas da terra, mãe de tôdas as coisas, piedade para uma pobre menina, espôsa do Amor, que está em perigo. Acorrei, velozes, para socorrê-la." Vaga sôbre vaga, desfilou todo o povinho de seis patas, e, cada qual mais diligente, tôdas separaram grão por grão, repartiram, agruparam por espécies, depois se apressaram a desaparecer.

XI. "No comêço da noite, Vênus voltou de sua festa nupcial, úmida de vinho, perfumada, enfeitada de grinaldas de rosas, de côres brilhantes. Quando viu pronto o prodigioso trabalho, disse: "Não fôste tu, velhaca, não foram tuas mãos que fizeram a tare-

fa, mas foi sim aquêla a quem és cara, para tua desgraça, por tua desgraça e pela sua." E atirando-lhe um pedaço de pão grosso, foi-se deitar.

"Entretanto, Cupido, sòzinho no fundo da casa, prisioneiro num quarto isolado, estava severamente encerrado, tanto para evitar que seu petulante ardor agravasse e ferida, como para o impedir de se unir ao objeto de seus desejos. Foi assim que, longe um do outro, separados sob um mesmo teto, os dois amantes passaram uma noite desesperada.

"Mas antes que a Aurora subisse ao seu carro, Vênus chamou Psiquê e lhe disse: "Vês êsse bosque que, junto do rio onde suas raízes se banham, se estende ao longo da corrente, e cujas árvores sombreiam a fonte mais próxima? Ovelhas de tosão de ouro pastam ali sem pastor, errando à vontade. Procura agora um floco de lã dêsse tosão precioso, não importa como, e traze-mo. Eis a minha vontade."

XII. Psiquê pôs-se a caminho, não, em verdade, para executar a ordem recebida, mas para buscar o repouso de suas desventuras, precipitando-se de uma penha ao rio. Mas, do meio da corrente, um verde caniço, origem de sons melodiosos por inspiração divina, ao doce murmúrio da brisa ligeira sussurrou êste aviso profético: "Atormentada com tantos trabalhos, Psiquê, não poluas com morte misérrima as minhas águas santas; tenta, porém, aproximar-te das temíveis ovelhas. Quando o sol ardente lhes comunica o seu calor, uma raiva temerosa as galvaniza. Então, com seus acerados cornos, sua testa de pedra, e às vêzes com suas mordidas envenenadas, atacam os sêres humanos, para matá-los. Mas uma vez diminuído o ardor do sol do meio-dia, o rebanho repousa na serenidade das margens frescas do rio. Daqui até lá, poderás esconder-te sob o altíssimo plátano que bebe onde eu bebo. Desde que se mitigue o furor das ovelhas, e esteja seu ânimo apaziguado, bate as frondes do bosque vizinho. Encontrarás flocos da lã de ouro, que ficam presos nas pontas dos ramos."

XIII. "Foi assim que o caniço, humano e simples, ensinou à atormentada Psiquê como salvar-se. Não cometeu ela a falta de deixar de prestar atenção a essas instruções, mas teve, pelo contrário, o cuidado de as seguir cuidadosamente e furtou fàcilmente o macio tosão de ouro fulvo, tanto quanto bastasse para levar uma boa porção a Vênus. Nem o êxito desta segunda prova foi reconhecido por ela que, franzindo os supercílios, disse, com um

sorriso amargo: "Eu não me engano. Sei quem é o autor desta nova astúcia. Mas desta vez eu saberei averiguar se realmente tua alma é corajosa e tua prudência inigualável. Vês tu o cume desta montanha escarpada, dominando o altíssimo rochedo? Lá se encontra uma fonte sombria. É ela a origem do negro curso d'água que, recolhido na bacia escavada no vale vizinho, se transforma nos pantanais do Estige e alimenta as ondas retumbantes do Cocito. Eu quero que, no próprio cimo, onde a fonte jorra das entranhas da terra, apanhes um pouco de sua água gelada e me tragas sem demora, nesta pequena urna." E assim dizendo, entregou-lhe um vaso talhado em cristal, e acrescentou algumas terríveis ameaças.

XIV. "Psiquê, apertando o passo, dirigiu-se para o alto da montanha, para encontrar ali ao menos o fim de uma vida lamentável. Mal chegou às proximidades do cimo, viu a vastidão da empreza e suas dificuldades mortais. O rochedo era desmesuradamente alto, íngreme, liso, inacessível. As próprias entranhas da pedra vomitavam águas repugnantes que, escapadas das aberturas inclinadas, resvalavam ao longo da encosta, traçando um caminho por um estreito canal, onde se perdiam e caíam, despercebidas, no vale próximo. À direita e à esquerda das cavidades das rochas, emergiam, arrastando-se sobre o ventre, alongando o pescoço, dragões sanguinários, cujos olhos feitos para a vigília não se fechavam jamais, cujas pupilas velavam, perpétuamente abertas à luz. Além disso, as águas, dotadas de voz, se defendiam a si mesmas. "Afasta-te!" e "Que fazes? Abre os olhos!"; "Que pensas? Vamos!" e "Foge!" e "Morrerás" clamavam sem cessar. Então, ao ver a impossibilidade da tarefa, em lápide se mudou Psiquê, pois seu corpo estava presente, mas os sentidos estavam longe. Literalmente esmagada pelo peso de um perigo inexplicável, não lhe restava nem o supremo consôlo das lágrimas.

XV. "Mas as penas da alma inocente não escaparam aos olhos graves da boa Providência. Apareceu, de repente, de asas estendidas, a ave real de Júpiter soberano, a águia rapace. Lembrando-se de que outrora, ministro complacente, havia, sob a direção de Cupido, raptado para Júpiter o escanção frígio⁵⁶, quis, com um auxílio oportuno, obsequiar o poderoso deus nos trabalhos de sua espôsa. Abandonou então os radiosos caminhos da

abóbada celeste e voou para diante da môça, dirigindo-lhe a palavra: "Ah! Tu, simples como és, e inexperiente nessas coisas, esperas então que dessa fonte, terrível e sagrada, possas furtar algumas gôtas, ou pensas que possas mesmo atingi-la? Os próprios deuses, sem excetuar Júpiter, temem as águas estíguas, não ouviste contar? E os juramentos que fazes pelo poder dos deuses, fazem os deuses pela majestade do Estige. Porém, dá-me essa ânfora." Apanhou-a, rodeou-a com as garras, e, diligente, balançou a massa oscilante das asas, estendeu os remígios à direita e à esquerda, passou entre os dragões com seus maxilares de dentes cruéis e as línguas onde vibrava um dardo tríplice. As águas se afastaram, advertindo a águia com ameaças, para que se retirasse sem nada tomar. Ela respondeu que viera por ordem de Vênus, que estava a seu serviço, e essa invenção lhe garantiu acesso um pouco mais fácil.

XVI. "Assim, Psiquê recebeu com alegria a urnazinha cheia e se apressou a levá-la a Vênus. Mas mesmo então não pôde satisfazer a implacável deusa, que, ameaçando-a com piores e maiores castigos, apostrofou-a com um riso infernal: "Tu me pareces uma grande feiticeira, e muito versada em malefícios, para ter obedecido a ordens como as minhas. Mas há ainda, minha pequena, um serviço que me deverás prestar. Toma esta caixinha", e entregou-lhe uma, "desce aos infernos, e passa entre os penates do próprio Orco. Lá, apresentarás o cofre a Proserpina e lhe dirás: "Vênus te pede que lhe envies um pouco da tua formosura, apenas a razão de um dia. A que ela possuía, gastou-a completamente em cuidar do filho enfêrmo." Mas não voltes tarde demais. Preciso untar-me com isso antes de ir a um espetáculo no teatro dos deuses."

XVII. "Mais do que nunca, sentiu Psiquê que sua fortuna atingia um clímax, e compreendeu que a lançavam abertamente, sem disfarce, à morte. E então? Não a forçavam a ir com seus próprios pés, ela mesma, ao Tártaro, entre os manes? Sem hesitar mais, dirigiu-se a uma alta tôrre, para se precipitar de lá. Seria, pensava, o caminho mais direto e mais próprio para descer aos infernos. Mas a tôrre, súbitamente, começou a falar: "Por que", perguntou ela, "desgraçada criança, procurar a tua destruição, atirando-te daqui? Para que, nesta derradeira prova e neste derradeiro trabalho, desistires de tudo, sem motivo?"

Uma vez separado do corpo, o teu espírito, irás sem dúvida, ao fundo do Tártaro. Mas não poderá voltar mais, de maneira nenhuma. Escuta-me:

XVIII. "A Lacedemônia, cidade ilustre da Acaia, está situada não longe daqui. Nas suas fronteiras, o Tênaros desliza para lugares afastados. Descobre esse lugar. Lá se abre uma entrada para a casa de Dite⁵⁷, e pelas portas hiantes se divisa um ínvio caminho. Logo que franqueares a soleira, segue por êle e chegarás diretamente ao palácio de Orco. Mas não vás avançar assim de mãos vazias, através das trevas. Segura em cada uma delas um bôlo de farinha de cevada, amassado com vinho e mel, e leva na bôca duas moedas. Quando tiveres atrás de ti boa parte da estrada que conduz à casa dos mortos, encontrarás um burro coxo, carregado lenha, e um burriqueiro com o mesmo defeito. Êste te pedirá que lhe apanhes alguns cavacos caídos de sua carga. Mas não profiras nenhuma palavra; passa adiante. Logo chegarás ao rio da morte, com seu barqueiro Caronte. Êle exigirá primeiro que lhe deixes o direito de passagem. Ê com esta condição que, na sua barca de couro costurado, êle transporta os viajantes para a margem oposta. Vê, pois, que mesmo entre os mortos impera a avareza, e um deus como Caronte, preposto de Dite, não faz nada de graça. O pobre, quando morre, deve-se munir do viático, e, se lhe acontece não ter o dinheiro na mão, não lhe permitirão dar o último suspiro. A êsse velho esquálido, darás, a título de estipêndio, uma das peças que levars, porém de maneira que êle a tome de tua bôca, com sua própria mão. E não é tudo. Durante a travessia da água preguiçosa, um ancião morto, boiando à superfície, levantará para ti as mãos podres, e te suplicará que o puxes para o barco. Mas não te deixes arrastar por uma piedade que te é proibida.

XIX. "Quando tiveres atravessado o rio e caminhado um pouco, velhas tecelãs, tecendo um pano, te pedirão para lhes dares um auxílio. Não toques no seu trabalho, não tens direito. Isto será uma das muitas armadilhas engenhadas por Vênus, para te fazer largar pelo menos um dos bolos. Não julgues fútil a recomendação a respeito de cevada, nem que o prejuízo seja leve. Se perderes um dêles, acabou-se para ti a luz do dia. Pois um cão gigantesco, de três enormes cabeças — monstruoso e formidável animal que, contra os mortos a quem já não pode fazer

nenhum mal, lança, do fundo das fauces, latidos como trovões, que os encham de vão terror —, mantém-se na soleira do sombrio átrio de Proserpina, como sentinela vigilante da casa deserta de Dite. Joga-lhe como prêsa um dos bolos. Ele amansará. Passando por êle, sem mais dificuldades penetrarás então em casa da própria Proserpina. Ela te receberá graciosamente e com bondade; convidar-te-á para sentares numa poltrona macia, e para tomares um opíparo repasto. Mas tu, senta-te no chão, pede um pão grosseiro. Depois de comer, dize-lhe o que te leva e toma o que te fôr apresentado. Na volta, apazigua o cão furioso com o bôlo que te restar. Darás em seguida ao avaro barqueiro a moeda que tiveres reservado, e, uma vez atravessado o rio, calçarás o vestígio dos teus primeiros passos e voltarás a ver enfim nosso céu, e ouvirás os coros siderais. Porém, de tôdas as minhas recomendações, a mais importante é esta: não tentes abrir a caixa que trouxeres, nem examines seu interior. Em suma, guarda-te de qualquer movimento de curiosidade, a respeito do divino tesouro de beleza que êle encerra.”

XX. “E assim a tôrre, que via longe, fêz o seu vaticínio. Psiquê foi sem demora para o Tênaro. Devidamente munida das moedas, assim como dos bolos, desceu rãpidamente o corredor infernal, passou sem nada dizer pelo almocreve manquitola, deu ao barqueiro uma peça como portagem, permaneceu insensível ao pedido do morto que flutuava na superfície das águas, desde-nhou os pedidos insidiosos das tecelãs, acomodou a raiva terrível do cão, atirando-lhe o bôlo para comer, e penetrou, afinal, na casa de Proserpina. Sem aceitar nem cadeira macia nem iguarias requintadas, que lhe oferecia a anfitriã, sentou-se a seus pés, no chão, e, contente com um pão grosseiro, expôs a missão de que a encarregara Vênus. Em segredo, encheram a caixinha, fecharam-na, e Psiquê a recebeu. Com o auxílio do segundo bôlo, ela enganou o cão e silenciou a bêsta que latia, deu em pagamento ao barqueiro a peça que lhe restava, e, com passo bem mais ligeiro, saiu dos infernos. Mas assim que, reencontrando-o, adorou o branco luzeiro do mundo, apesar da pressa que tinha de chegar ao fim da prova, uma curiosidade temerária se lhe apoderou do espírito. “Então, sou tão bôba que vá levar a beleza divina, sem tirar nem um pouquinho para mim e agradar assim, quem sabe, o meu formoso amante?”

XXI. "Ainda falando, abriu a caixa. Mas naquele cofre não havia nada. De beleza nem sinal. Nada senão um sono infernal, um verdadeiro sono do Estige, que, libertado de sua caixa, a tomou tôda, infundindo em todos os seus membros uma espessa letargia, e estendendo-a, em colapso, no caminho, no próprio lugar onde pousara o pé. Ei-la, pois, jacente, imóvel, como um cadáver adormecido.

"Mas Cupido, com seu ferimento já cicatrizado, convalescia. Como não podia suportar a longa ausência de Psiquê, escapara pela alta janela do quarto onde o tinham encerrado. Revigoraram-se-lhe as asas durante o tempo de repouso. Com um vôo mais rápido que nunca, reuniu-se à sua Psiquê, afastou com cuidado o sono, fechou-o de nôvo dentro de caixa, no lugar que ali ocupava. Depois, despertando Psiquê com a inofensiva picada de uma de suas flechas, disse-lhe: "És vítima uma vez mais, desgraçada criança, da curiosidade que já te perdeu. Agora vai, acaba a missão de que te encarregou minha mãe. O resto compete a mim." Com estas palavras, o amante alado retomou o vôo e Psiquê se apressou a levar a Vênus o presente de Proserpina.

XXII. "Entrementes, Cupido, devorado por um excesso de amor, e com a feição dolente, temendo acima de tudo a súbita austeridade da mãe, voltou às antigas atividades. Com rápido vôo, penetrou até o Céu, apresentou sua súplica ao grande Júpiter, e advogou sua causa junto dêle. Júpiter, então, tomando-lhe com a mão a face, atraiu-o a si, para beijá-lo e disse-lhe: "Nunca, senhor meu filho, tu me prestaste as honras às quais tenho direito, com o consentimento de todos os deuses. E êste peito, onde se dispõem as leis dos elementos e dos movimentos dos astros, tu feres continuamente com teus golpes, e lhe infliges, sem nenhum respeito, a vergonha de fraquezas e aventuras terrenas. Com o desprezo das leis, da própria Lei Júlia⁵⁸, e da moral pública, tu comprometes, nas torpezas do adultério, minha honra e minha reputação, dando aos meus traços augustos forma aviltante de uma serpente de fogo, de um animal selvagem, de uma ave, de qualquer bêsta. Não me importa. Lembrar-me-ei, de boa vontade, que cresceste entre as minhas mãos. Farei o que me pedes, com a condição, todavia, de que, conhecendo teu dever, fiques de olho aberto contra os teus êmulos, e, se existir atualmente sôbre a Terra uma

beleza inigualável, que ma ofereças em recompensa do benefício presente.

XXIII. “Deu então ordem a Mercúrio, para convocar depressa todos os deuses em assembléia, proclamando que quem faltasse ao encontro celeste incorreria numa multa de dez mil sestércios. Com esta ameaça, encheu-se logo o anfiteatro do Céu, e Júpiter, dominando os outros do alto do seu elevado trono, assim falou:

“Deuses conscritos⁵⁹, cujos nomes estão no registro das Musas, aqui está um adolescente que criei com as minhas mãos, como vós todos sabeis. Achei que é preciso pôr um freio aos impetuosos ardores de sua primeira juventude. Assim, êle tem dado o que falar, pelo escândalo cotidiano de seus adultérios e tolices de tôda espécie. Tiremos-lhe a ocasião e acabemos-lhe com a luxúria de adolescente, encadeando-o com os laços do casamento. Êle escolheu uma môça e tirou-lhe a virgindade. Que a conserve, que a guarde para si, e, unido a Psiquê, possa fruir para sempre do seu amor.” Depois, voltando para Vênus a face, disse: “E tu, minha filha, não te entristeças, e que esta aliança com uma mortal não te inspire nenhum temor pela prosápia de tua ilustre casa. Farei com que êsse casamento não seja desigual, porém um matrimônio legítimo e conforme com o direito civil.” Então, ordenou que Mercúrio fôsse procurar Psiquê e a conduzisse ao Céu. Estendendo-lhe um copo de ambrosia: “Toma, Psiquê”, disse-lhe, “e sê imortal. Jamais Cupido se desembaraçará dos laços que o ligam a ti. As vossas núpcias são perpétuas.”

XXIV. “No mesmo instante, serviu-se um opíparo banquete nupcial. No triclínio de honra, acomodava-se o marido, que tinha Psiquê entre os braços. Vinham, depois, Júpiter com sua Juno, e todos os deuses, por ordem de importância. Aí o copo de néctar, que é o vinho dos deuses, foi apresentado a Júpiter pelo jovem rústico seu escanção. Os outros eram servidos por Líber⁶⁰; Vulcano era o cozinheiro, as Horas enfeitavam tudo de rosas e de outras flôres, as Graças espargiam perfumes, as Musas cantavam com voz harmoniosa. Depois, Apolo cantou acompanhando-se com a cítara, e Vênus, ritmando os passos com a doce música, dançou formosamente. Formou-se depois uma orquestra onde as Musas cantaram em côro, enquanto um Sátiro tocava flauta e um Panisco soprava a sua flautinha campestre⁶¹. Foi assim que Psiquê

passou, conforme os ritos, para as mãos de Cupido. Chegado o momento, nasceu-lhes uma filha que chamamos Volúpia."

XXV. Este foi o conto que a velha bêbada e falante narrou à jovem cativa. E eu, estando a poucos passos, deplorava, por Hércules, não ter nem tabuinhas nem estilo para tomar nota de história tão bela.

Nesse momento, os ladrões chegaram, carregados de roubo, e deviam ter travado algum rude combate; todavia, alguns, os mais ativos, deixando os feridos no abrigo a cuidarem de seus ferimentos, mostravam-se apressados. Iriam, diziam, buscar o resto do carregamento, escondido em uma caverna. Expedido prontamente o seu almôço, fizeram-nos sair para a estrada, ao cavalo e a mim, com grandes pauladas, para que transportássemos a bagagem. Depois de muitas subidas e muitas voltas, caindo cansado, chegamos, à noitinha, diante de uma caverna, dela tirando com que nos carregarem abundantemente. Levaram-nos de volta logo, sem tempo de tomar um fôlego. Estavam com tal febre e tal impaciência que, à fôrça de me moerem de pancada e de me empurrarem para a frente, fizeram-me cair sôbre uma pedra que havia à beira do caminho. Batendo sempre, com tôda a fôrça, obrigaram-me a levantar-me penosamente, com a perna direita e o casco esquerdo machucados.

XXVI. E um deles falou: "Até quando sustentaremos para nada este burro arreventado, que agora, ainda por cima, se pôs a mancar?" E o outro: "Sem contar que nos trouxe desgraça: desde que chegou, não tivemos nenhum lucro que valesse a pena. Ferimentos e morte derrubaram os mais valentes entre nós." "Por mim", disse um terceiro, "logo que, com tôda a má vontade, êle tiver levado sua carga ao destino, eu o mandarei direito para o fundo de um precipício, onde êle alegrará os abutres, que se fartarão de comê-lo."

Enquanto êsses homens cheios de mansidão altercavam a respeito de minha morte, chegamos ao abrigo, pois o mêdo me tinha pôsto asas nos cascos. Êles nos descarregaram depressa; depois, sem cuidar de nossa vida nem da minha morte, chamaram os camaradas que tinham sido retidos pelos ferimentos, repartiram tudo, correndo para transportarem o resto êles próprios, pois diziam estar cansados da nossa lerdeza. No entanto, eu remoía a minha in-

quietação, representando a morte que me ameaçava, e dizia comigo mesmo: "Para que adiar? Que esperas, Lúcio? Tudo está disposto para o teu fim — morte das mais cruéis, pois assim decidiram os ladrões. E a coisa não exige grande esforço. Vês, aqui perto, aquêles rochedos de onde se salientam pontas agudas e cortantes. Antes que chegues ao fim da queda, elas entrarão em tuas carnes e espalharão teus membros. Acontece que essa mágica tão gabada não te deu de burro senão a figura e os trabalhos. Ela te recobriu, não do couro espesso de um asno, mas de uma delicada membrana de sanguessuga. Então, arma-te de máscula energia e providencia a tua salvação, enquanto podes. Tens uma grande oportunidade para fugir. Os ladrões não estão. Temerás, por acaso, a vigilância de uma velha semimorta, a quem tu podes acabar com um coice? Porém, fugir para onde? Quem te dará hospitalidade? Questão bem tôla em verdade, e digna de um burro. Qual será o viajante que, encontrando uma montaria, não ficará bem satisfeito de a levar consigo?"

XXVII. Assim, fazendo um grande esforço, rompi a correia com que me haviam ligado, e saí galopando com quantas patas tinha. Não pude escapar, entretanto, aos olhos de águia da maligna velha. Pois, assim que me viu desamarrado, mostrando uma audácia acima de seu sexo e de sua idade, agarrou a correia e se esforçou para me fazer retroceder. Mas a lembrança dos mortíferos propósitos dos ladrões fechava-me a qualquer sentimento de piedade, e, com um coice bem dado das patas traseiras, aplastrei-a no chão. Apesar de estendida por terra, ela se agarrou tenazmente à correia, sem querer deixá-la, de maneira que seguia o meu galope, sendo arrastada por uma certa distância. Ao mesmo tempo, soltava gritos agudos, para implorar o auxílio de um braço mais sólido. Mas era em vão que chorava, em vão que procurava provocar tumulto: não havia ninguém para lhe levar socorros, com exceção da jovem cativa. Esta, atraída pelos gritos, saiu correndo e assistiu a um espetáculo que, por Hércules, valia uma olhadela: uma Dirce⁶² velhinha pendurada, não a um touro, mas a um asno. Armandose, então, de viril coragem, ela se arriscou numa proeza magnífica: arrancou o laço das mãos da velha, deteve meu impulso com aliciantes inflexões de voz, montou resolutamente sobre meu lombo e, uma vez montada, me incitou ao galope.

XXVIII. Quanto a mim, estimulado de um lado pela ânsia de escapar e pelo desejo de livrar a môça, e, de outro, pelas pancadas que ela prodigalizava de vez em quando a título de encorajamento, eu corria tão depressa como um cavalo, fazendo ressoar o chão com as minhas quatro patas, e me esforçava para dirigir à môça ternos relinchozinhos. Aconteceu-me até, sob o pretexto de coçar o lombo, inclinar a cabeça de lado, para beijar seus bonitos pés. Ela, então, levantou para o céu um rosto inquieto, e disse, com um profundo suspiro:

"Grandes deuses, vinde em meu socorro, neste extremo perigo, e tu, dura Fortuna, cessa a tua crueldade. Sofri bastante, já, para saciar-te. E tu, protetor da minha liberdade e de minha vida, se me levares sã e salva para minha casa, se me entregares a meus pais e ao meu belo pretendente, quanto eu te serei grata, quantas honras te prestarei, e quantas iguarias te oferecerei! Primeiro, pentearei bem penteada esta crina, e a enfeitarei com os meus colares de môça. Os pêlos da tua cauda, que, por incúria, estão amontoados em tufos embaraçados, eu os escovarei com fervoroso cuidado. Ornamentado com bolas de ouro, parecerás brilhar como as estrêlas sidéreas, e serás conduzido em triunfo, em meio da alegre população. Num saco de sêda, eu te levarei bolos e guloseimas, e, como meu salvador, eu te farei untar de unguentos caros todos os dias.

XXIX. "Além dessas iguarias delicadas, desse ócio profundo, e dessa vida de beatitude, não te faltará a dignidade gloriosa. Perpetuarei, com um testemünho visível, a lembrança de minha aventura presente e a intervenção da providência divina, consagrando, no átrio da minha casa, um quadro pintado, representando minha fuga dêste instante. Gente virá ver e ouvir contar, e o estilo dos sábios fixará para sempre a história rústica da jovem princesa que se evadiu do cativeiro montada num burro. Terás o teu lugar entre tôdas as maravilhas de outrora, e acreditaremos de agora em diante, vendo a realidade do teu exemplo, que Frixo⁶³ atravessou as águas montado num carneiro, que Ario pilotou um delfim⁶⁴ e que Europa se deitou no dorso de um touro⁶⁵. E se Júpiter mugiu verdadeiramente sob o aspecto de um animal de chifres, é possível que em meu burro se esconda o rosto de um homem ou o vulto de um deus."

Enquanto a môça repetia estas frases e entremeava a fala de contínuos suspiros, chegamos a uma encruzilhada. Segurando-me a brida, ela queria, à viva fôrça, me fazer tomar o caminho da direita, que, sem dúvida, era o que conduzia à casa de seus pais. Eu sabia que os bandidos tinham passado por lá para irem buscar o resto do saque, e então resisti teimosamente e lhe fazia em pensamento silenciosas advertências: "Que fazes, desgraçada criança? Que pensas? Por que queres correr para casa de Orco? Ou pretendes para lá ir com as minhas patas? Não é sòmente a ti que vais pôr a perder, mas a mim também." Puxávamos, assim, cada um do seu lado, disputando, como num processo de limites, a propriedade de um terreno, ou antes, a partilha de um caminho, quando os ladrões, carregados com o fruto de suas rapinas, nos apanharam. Ao clarão do luar, reconheceram-nos de longe. Saudaram-nos com um riso sarcástico.

XXX. E um da súcia nos interpelou: "Onde ides com o passo tão rápido, noturnos viajantes? Então não tendes mêdo, nesta hora tardia, dos Manes e das Larvas? E tu, virtuosa menina, tens tanta pressa de rever teus pais? Vamos auxiliar-te a encontrar o caminho mais curto para os teus." Juntando a ação às palavras, agarrou o laço e me obrigou a fazer meia volta, sem poupar os costumeiros golpes do cacête nodoso que levava. Então, vendome, bem contra a vontade, levado de volta para a morte que me esperava, lembrei-me do ferimento do casco e me pus a mancar, balançando a cabeça. "Aí está", disse o que me ia levando pela arreata, "começas tu a titubear e a vacilar. Então êsses pés carunchados são capazes de fugir, mas não de irem a passo? No entanto, há um momento, tu batias, no galope, a Pégaso, o cavalo alado."

Enquanto o amável indivíduo me agradava desta maneira, brandia também o cacête e atingimos a fortificação externa da casa dos ladrões. E eis que, de um dos ramos dum alto cipreste, pendia a velha, com um nó corredio em tórno do pescoço. Êles a desceram depressa e a atiraram, tal como estava, com sua própria corda, ao fundo de um precipício. Depois de terem amarrado os membros da môça, lançaram-se como bêstas esfaimadas sôbre a ceia que lhes deixara pronta a diligência póstuma da infeliz anciã.

XXXI. Durante o tempo em que faziam desaparecer tudo com uma avidez gulosa, deliberavam entre si sobre nosso castigo e sua vingança. E, como acontece numa assembléia tumultuosa, as opiniões se dividiram. Um queria que a mocinha fôsse queimada viva, um segundo aconselhava que a entregassem às feras, um terceiro propunha crucificá-la, um quarto declarava que era preciso esquarterá-la entre torturas, mas todos os votos, de um ou de outro modo, eram pela pena de morte. Então, um, tendo serenado o tumulto, tomou tranqüilamente a palavra. E disse: "Não está de acôrdo com os princípios do nosso colégio, nem com a mansuetude de cada um, nem com a minha moderação, consentir no que seria de vossa parte um rigor excessivo e desproporcionado. As feras, a cruz, o fogo, os instrumentos de tortura, nada disto convém, tudo isso apenas adianta para ela a hora tenebrosa da morte. Se quiserdes ouvir meu conselho, concedei a esta môça a vida, mas a vida que ela merece. Não perdestes certamente a memória a respeito de vossa recente decisão, que teve como objeto o burro preguiçoso, mas grande comilão, que ainda há pouco fingia, o impostor, que estava estropiado, mas era cúmplice e auxiliar da fuga da virgem. Proponho, então, degolá-lo amanhã, esvaziá-lo inteiramente de suas entranhas, costurar nua, dentro de seu ventre, a mocinha que o preferiu a nós, de maneira que só o rosto fique para fora, e o resto do corpo fique encerrado nessa bêsta, como numa prisão. Que assim recheado, como um pastel cheio de carne, o asno fique exposto sobre as pedras de pontas cortantes e aos ardores do sol de fogo.

XXXII. Dêste modo, suportarão um e outro, em sua totalidade, as justas sentenças que pronunciastes: o burro, a morte há muito tempo merecida, e ela a mordida das feras, quando os vermes transformarem seus membros em frangalhos; as queimaduras do fogo, quando o ardente calor do sol inflamar o ventre do animal; o suplicio da fôrça, quando os cães e os abutres lhe arrancarem as entranhas. E não é tudo: fazei a conta dos tormentos que a atormentarão ainda: viva, habitará os flancos da bêsta morta. Um fedor intolerável encher-lhe-á as narinas e a sufocará. Por muito tempo sem alimento, ela se consumirá lentamente, nas garras mortais da fome, e não terá nem mesmo as mãos livres para ser o instrumento de sua própria morte."

Quando êle acabou, todos os bandidos, sem deixarem seus lugares, mas de pleno acôrdo, declararam-se de sua opinião. E eu, que o ouvia com minhas longas orelhas, que podia eu, senão chorar sôbre o cadáver que seria amanhã?

LIVRO VII

I. Quando as trevas foram dissipadas pela claridade do dia, e o carro do Sol iluminou tôdas as coisas, apareceu um que era do número dos ladrões. Pelas saudações trocadas, reconheceram-no como tal. Sentou-se, cansado, à entrada da caverna. Quando retomou alento, participou ao colégio estas novidades:

"Com respeito à casa de Milão de Hípata, que saqueamos no outro dia, podemos, de agora em diante, deixar de lado tôda a inquietação e sentirmo-nos garantidos. Pois, enquanto retomáveis o caminho do nosso acampamento, depois de ter tudo obra-do por vossa fôrça e vossa coragem, eu, de minha parte, misturado aos grupos de pessoas do lugar, fingia dor e indignação. Observava quais as providências tomadas para o esclarecimento dos fatos, se procurariam os bandidos e até onde iriam as buscas, a fim de trazer-vos notícias, como me encarregastes. Ora, o consenso unânime, da multidão inteira, fundado não sôbre argumentos dúbios, mas sôbre probabilidades razoáveis, aponta como autor manifesto da façanha um certo Lúcio, que, alguns dias antes, com o auxílio de uma falsa carta de recomendação, fazendo-se passar por homem honesto, tinha tão bem se insinuado nas boas graças de Milão, que o recebera como hóspede, e o tratara como pessoa de intimidade. Passara êle lá vários dias, e com fingidos sentimentos de amor conquistara o coração da criada. Examinou as fechaduras da porta e explorou curiosamente as partes da casa onde Milão costumava encerrar todo o seu patrimônio.

II. "Alegava-se, a mais, um indício muito forte da sua culpabilidade celerada. Na própria noite, no momento exato do atentado, êsse mesmo Lúcio tinha desaparecido, e depois não foi mais visto em parte alguma. Além disto, para fugir mais depressa à

perseguição, e tomar um grande avanço para se esconder, encontrou um meio fácil de proteção, pois levou como montaria o cavalo branco que era seu. Na própria casa onde o tinham recebido, prenderam o seu escravo, que forneceria, pensava-se, indicações sobre os crimes e os planos do dono. Depois de encerrado, por ordem dos magistrados, na prisão da cidade, tinham-no feito suportar, no dia seguinte, tôda a sorte de tormentos, arrancando-lhe as carnes até deixá-lo quase morto. Pois não lhe extorquiram nenhuma confissão sobre êsse negócio. Entrementes, numerosos emissários foram enviados à pátria de Lúcio, para procurar o acusado e castigá-lo pelo seu crime."

Durante a narração, eu comparava ao Lúcio de outrora, com sua feliz fortuna, o pobre burro do presente e sua miserável condição. Não foi sem motivo que os antigos representaram a Fortuna, não somente cega, mas também sem olhos. É para os malvados e para os indignos que ela reserva os seus favores. Em vez de fundamentar com justas razões a escolha que faz entre os mortais, prefere a companhia de pessoas das quais deveria fugir, se enxergasse. E o pior de tudo, afinal, é que ela distribui a consideração de modo tão atribulário, que o mau se glorifica com a reputação de homem de bem, e o mais inocente, pelo contrário, sofre como um culpado.

III. Assim, eu, que o furor de seus assaltos tinha colocado no lugar de uma bêsta, o mais estúpido dos quadrúpedes; eu, cuja triste sorte inspiraria compaixão e encheria de dor o coração do mortal mais insensível, acusavam-me de banditismo para com um anfitrião que me era particularmente caro. E ainda não só me acusavam de bandido, como também de parricida, para apresentar o caso como era⁶⁶. No entanto, eu não podia advogar minha causa, nem proferir uma única palavra negando o crime. Para que meu silêncio não parecesse uma confissão da má consciência, quando me acusavam, diante de mim, de tal crime, sem poder conter-me quis gritar somente: "Não, eu não fiz isto." Consegui pronunciar a primeira palavra, com uma explosão da voz, por diversas vezes, mas foi-me impossível articular a seguinte. Não adiantava aplicar-me em arredondar os beiços pendentes, e agitá-los; ficava sempre nesta única sílaba, que repetia vociferando: "Não, não." Mas para que me queixar por mais tempo da estupidez da Fortuna, quando ela vergonhosamente fêz de

mim o companheiro de escravidão e de jugo do meu cavalo, meu fâmulos e minha montaria?

IV. Agitado por estas cogitações, um cuidado mais importante me preocupou o espírito. Lembrei-me da decisão tomada pelos bandidos de me sacrificarem aos manes da virgem, e, cada vez que, baixando a cabeça, olhava para o ventre, já me sentia grávido da pobre menina.

Entretanto, aquêles que acabara de espalhar as calúnias a meu respeito, tirou mil peças de ouro, que tinha costurado, para escondê-las, nas pregas de suas vestes. Tinha-as roubado de vários viandantes, e sua probidade ordenava, como um dever, que as depositasse na caixa comum. Também se informou com solicitude da saúde dos companheiros. Sabendo que alguns dêles, ou melhor, os mais valentes, tinham sucumbido em ações diversas, mas igualmente audaciosas, aconselhou que deixassem de frequentar as estradas, que cessassem por algum tempo os combates, e se esforçassem fazendo o recrutamento de homens, para que se reconstituísse a marcial coorte. Que se completasse o seu antigo efetivo, pelo arrolamento de novos companheiros de armas. Podiam-se constranger os recalcitrantes pelo terror, e atrair pela sedução do lucro alguns de boa vontade. Quantos homens renunciariam, sem pena, a uma existência humilde e servil, para abraçar uma vida que os faria poderosos como reis! Ele próprio tinha encontrado pouco antes um homem corpulento, de jovem aparência, alto, pronto para a ação. À fôrça de conselhos, conseguira persuadi-lo a consagrar-se a um ofício que aproveitasse melhor as fôrças em desgaste por um longo ócio. Que aproveitasse, enquanto podia, as benesses de uma boa saúde, e, em lugar de estender a mão robusta para pedir esmolas, que a usasse, antes, para recolher ouro.

V. Após êsse discurso, decidiu-se unânimemente admitir o homem de que se falava, considerado com experiência suficiente. Procurariam outros para completar a quadrilha. O ladrão saiu. Depois de um momento de ausência, voltou, tal como tinha prometido, trazendo um jovem gigante, com o qual nenhum dos presentes podia ser comparado, pois, não se falando nas dimensões do resto do corpo, em altura êle os ultrapassava de uma cabeça, e apenas uma lanugem de barba começava a apontar-lhe nas faces.

Vestia farrapos desparelhados e descosturados que mal o cobriam. Pelos rasgões apareciam-lhe o peito e o ventre, guarnecidos de um espesso revestimento de músculos.

Entrou. "Saúde", disse êle, "protegidos do valoroso Deus Marte⁶⁷ e, de hoje em diante, meus fiéis companheiros de armas. Acolhei de boa vontade quem de boa vontade vos procura, homem valente e resoluto, que prefere receber ferimentos pelo corpo do que apalpar o ouro, e cuja morte será o terror dos outros, e a exaltação da coragem. Não me tomeis por um indigente, um ser abjeto, nem avalieis minhas virtudes pelos meus trapos. Fui o cabeça de uma forte quadrilha e devastei tôda a Macedônia. Sou eu Hemo de Trácia, o famoso bandido, a cuja menção tremem de horror tôdas as províncias; meu pai era Terão, êle também bandido ilustre. Nutrido de sangue humano, educado entre as fileiras do bando, sou o herdeiro e o seguidor das virtudes paternas.

VI. "Porém, minha outrora numerosa tropa de bravos companheiros, meus amplos meios de subsistência, tudo que eu tinha, perdi em pouco tempo. Aconteceu que um procurador do príncipe, anteriormente no tratamento de duzentos mil sestércios⁶⁸, caiu em desgraça e foi destituído do cargo. Na sua passagem, eu o ataquei, e foi a minha desgraça. Mas, para que estas coisas sejam entendidas, vamos por ordem.

"Havia na côrte de César uma pessoa que, por numerosos serviços, distinguira-se conspicuamente e conquistara mesmo a estima pessoal do príncipe. Acusações astuciosas de uma implacável inveja acabaram dando com êle no exílio. Mas sua espôsa Plotina, mulher de rara fidelidade e singular pudicícia, que, com dez partos, alicerçara o lar do marido, desprezando e desconsiderando as luxuriosas delícias da cidade, acompanhou o marido em sua fuga, e compartilhou com êle do infortúnio. Com a cabeça raspada, as vestes de talhe masculino, levando sôbre o corpo colares valiosos e ouro amoedado, com o qual guarneceu cinturões, passava intrépida no meio dos soldados da guarda e das espadas nuas. Associando-se a todos os perigos do marido, velava sem desfalecimentos por sua vida, e suportava com viril coragem o pêso de misérias contínuas. Tinha já deixado atrás de si milhas de viagem difícil e os terrôres do mar. Dirigia-se para Za-

cinto⁶⁹, que um destino fatal decretara que deveria ser a residência temporária do banido.

VII. "Mas primeiro teriam que aportar à margem do Acio onde, vindos da Macedônia, operávamos então. Os viajantes, vendo que avançava a noite, deitaram-se, para evitar os balanços do mar, num pequeno albergue, nas proximidades das costas e do navio, quando caímos sobre eles, e roubamos-lhes tudo. Não foi, no entanto, sem que corrêsemos um sério perigo, que abandonamos o lugar. Ao primeiro rumor, com efeito, a matrona correu para a porta, atravessou o quarto, inquietou tôda a gente com seus clamores, dirigindo-se individualmente aos soldados, aos criados, chamando em seu socorro até os vizinhos. E sem o pavor dessa gente que, no íntimo, adotava o lema de cada um para si, não sairíamos dali impunemente.

"Mas logo a nobre mulher, inigualável de fidelidade, — é preciso dizer as coisas como as coisas são — despertou interesse por sua virtuosa conduta, implorou ao nume de César, obteve para o marido um pronto regresso, e para nossa agressão plena vingança. César decidiu logo que o bando do ladrão Hemo deixaria de existir, e de repente êle desapareceu. Tal é o poder que exerce a simples vontade de um grande príncipe. Realmente, tôda a quadrilha, batida pelos destacamentos de soldados, acabou por ser dismantelada e exterminada. Só eu escapei à pena e fugi, eis como, das fauces de Orco:

VIII. "Sob uma suntuosa roupa florida de mulher, com os seios flácidos, balouçantes, com uma pequena touca de fazenda sobre os cabelos, calçado com delicadas sandálias brancas, femininas, e escondendo minha identidade com os exteriores do sexo fraco, passei através da soldadesca ameaçante, sentado de banda num asno carregado de espigas. Tomavam-me pela mulher de qualquer tocador de burro, e deixavam-me livre para seguir, pois que, nessa ocasião, minhas faces glabras tinham a frescura e o brilho da infância.

"Entretanto, não desmenti nem a glória paterna nem a minha própria virtude: ainda pouco seguro, na vizinhança dos gládios belicosos, sob a proteção do meu disfarce enganador, ataquei sozinho fazendas e aldeias, e acumulei assim um pequeno viático." Ao mesmo tempo, abrindo os trapos, espalhou diante de todos duas mil moedas de ouro: "Aqui está", disse, "uma pequena

gratificação, e ainda me ofereço também, se não fizerdes objeção, como um chefe com o qual podeis contar, e que, em pouco tempo, fará desta casa de pedra, uma de ouro."

IX. Sem hesitação nem demora, todos os ladrões por unanimidade, o aclamaram seu chefe, levaram-lhe roupa mais decente, convidando-o a se desfazer dos seus ricos trapos. Operada essa metamorfose, cada um lhe deu um beijo. Depois, puseram-no sôbre o grabato, no lugar de honra, e para festejar a sua entrada solene, fizeram um banquete copiosamente regado. Em meio da conversa, êle soube como a môça tinha fugido, como eu lhe servira de montada e a que morte monstruosa fôramos condenados um e outra. Êle perguntou em que lugar se encontrava ela. Conduziram-no para lá. Depois de ter visto as cadeias com que a tinham sobrecarregado, voltou-se com uma careta de desaprovacão. "Não sou tão bruto, e nem tão temerário, certamente", disse, "que vá de encontro às vossa decisão. Não poderia, entretanto, dissimular meu modo de ver, sem expor minha alma às reprovações da má consciência. Começai por dar-me um voto de confiança, pois cuido do vosso interêsse. Pois bem, se a minha sentença vos desagradar, será sempre tempo de voltar ao burro. Mas eu acho que um ladrão, se fôr sábio, não deve colocar coisa alguma acima do seu lucro, nem a vingança, que mais freqüentemente recai sôbre aquêle que a exerce. Ora, se perderdes a virgem no burro, não fareis nada melhor do que satisfazer vossa indignação, sem o menor proveito. Opino ser mais lucrativo conduzi-la para alguma cidade e aí vendê-la. Com tal juventude, tira-se um preço não desprezível. Por mim, conheço alguns negociantes de gente que, um ou outro, penso, dará por esta môça belos talentos, que tanto vale por seu nascimento, para fazê-la entrar num lugar de onde não fugirá mais para os campos. Ao mesmo tempo, quando ela estiver reduzida à servidão do lupanar, vossa vingança estará completa. Isto é o que proponho, coisa sincera e vantajosa. Mas sois vós os donos de vossas decisões e de vossos bens."

X. Foi assim que, tendo-se arvorado em advogado do tesouro junto dos ladrões, apresentou nossa defesa, como protetor da virgem e do burro. Mas a deliberação entre êles foi longa, e a expectativa de uma decisão que tardava me torturava o coração.

ou antes, me arrancava uma vida expirante. Por fim, concordaram com a proposta do ladrão recém-chegado e livraram depressa a virgem dos seus vínculos. Assim que ela viu o môço e ouviu falar de prostituição e do tráfico de escravos, pôs-se a rir e a manifestar tanta alegria, que me senti impellido a acusar todo o seu sexo, dizendo-me que ali estava uma môça que fingia amar o noivo, desejar uma casta união, e que, no entanto, só o nome de lupanar a deleitava. E então, nesse instante, a totalidade das mulheres e sua moralidade dependeu do julgamento de um burro.

Entrementes, o môço retomava a palavra: "Que esperamos para oferecer vossas preces a Marte Companheiro, antes de irmos vender a môça e procurar ao mesmo tempo novos sócios? Mas vejo que aqui não há nenhum animal para o sacrifício, nem mesmo vinho em abundância para beber. Arranjai-me dez companheiros, e não é preciso senão atacar o castelo vizinho, para vos arranjar um banquete comparável ao dos Sálíos.

Ele se foi, enquanto os outros preparavam um vasto fogo e erguiam ao Deus Marte um altar de virente relva.

XI. Pouco depois, voltaram nossos homens, trazendo odres de vinho e tangendo um rebanho, no qual escolheram um grande bode velho, de áspero tosão, para sacrificar a Marte, Seguidor e Companheiro. E, em seguida, fizeram-se os preparativos de uma opípara refeição. O anfitrião retomou a palavra: "Não é sòmente em vossas pilhagens e vossas depredações, mas será verdadeiramente em vossos prazeres que encontrareis em mim as qualidades de chefe." E, pondo mãos à obra, arranjou tudo com notável facilidade. Varreu, arrumou a mesa, cozinhou, preparou os pratos de carne, serviu como um artista, mas sobretudo encheu até as bordas vastos copos, para uns e outros, tantos que poderia afogá-los a todos. Ao mesmo tempo, simulando precisar procurar tudo quanto exigia o serviço, ia sem cessar para junto da môça, a quem oferecia, sorridente, bocados sorrateiramente subtraídos, ou copos que tinha começado a provar. Tudo ela aceitava com bom apetite, e quando êle queria abraçá-la, ela o beijava prontamente. Estas coisas muito me desagradavam. "Com que então esqueceste teu casamento, e aquêle que, virgenzinha, também desejavas? Ao espôso que desconheço, e a quem acabavam de unir-te os teus pais, preferes êste adventício sanguinário? Não te aguilhoa a consciência? Apraz-te calcar aos pés as afeições, para te pro-

tituíres entre lanças e gládios? E se, de qualquer modo, os outros ladrões se aperceberem disso? Não voltarás então ao á no, sendo assim o instrumento da minha morte? Verdadeiramente, tu brincas com o couro dos outros.”

XII. Enquanto, com razões de sicofanta⁷⁰, eu disputava comigo mesmo, indignado ao máximo, algumas de suas palavras de sentido duplo, mas não totalmente obscuras para um burro prevenido, esclareceram-me que não se tratava de Hemo, o bandleiro famoso, mas de Tlepólemo, o próprio espôso da môça. Aconteceu que, ao correr da conversa, êle erguera um pouco a voz, sem se importar com a minha presença, como se de fato eu já estivesse morto: “Coragem, Caridade dulcíssima, pois todos êstes inimigos, logo os téras cativos.” E voltou a servir com mais freqüência. Aos camaradas já inseguros e mergulhados numa crapulosa bebedeira, não parou mais de os fazer entornar vinho, não misturado desta vez, mas ligeiramente aquecido, e do qual êle próprio se absteve. E, por Hércules, eu já suspeitava disso, juntava-lhe cântaros de alguma droga soporífera. Não tardou que todos, mas todos absolutamente, jazessem sepultados em vinho, bêbados, mortos. Então, sem o menor esfôrço, êle os amarrou bem amarrados, imobilizou-os à vontade, pôs a môça sôbre o meu lombo, e dirigiu nossos passos para a sua pátria.

XIII. Quando chegamos, tôda a cidade ao mesmo tempo saiu para nos contemplar. Acorreram ao nosso encontro pais, afins, clientes, protegidos, criados, a face alegre, delirantes de contentamento. E terêis visto, por Hércules, um memorável espetáculo, a multidão de todos os sexos e de tôdas as idades levando a virgem triunfante sôbre um burro. E eu então, tomando parte pessoalmente nessa alegria, para não ter um ar alheio às circunstâncias, e não cometer discrepância, empinei as orelhas, enchi bem de ar as ventas e me pus a zurrar vigorosamente, com um clamor de trovão. A môça fôra levada para o quarto, recebendo dos pais cuidados que a situação justificava. Tlepólemo se apressou a me reconduzir para o lugar de onde viéramos, com um grande número de jumentos e de cidadãos, o que não me desagradou, pois à minha curiosidade ordinária se acrescentava, dessa vez, o desejo de assistir como espectador à captura dos ladrões. Foram encontrados mais bem amarrados com o vinho do que com os vínculos. Tudo que lá havia foi tirado e levado para fora. Carregaram-nos

de ouro e prata, e outras valiosas coisas, e, quanto aos próprios ladrões, fizeram rolar alguns, atados como estavam, até os rochedos próximos, de onde os precipitaram; outros foram deixados no mesmo lugar, depois de terem-lhes cortado as cabeças com seus próprios gládios.

Voltamos à cidade cheios de alegria e satisfação com essa vingança. O tesouro foi confiado à custódia pública. Tlepólemo tomou posse legalmente da espôsa reconquistada.

XIV. A partir desse momento, a recém-casada, que me chamava seu salvador, teve comigo pequenos cuidados. No próprio dia das núpcias, recomendou que enchessem bem a manjedoura de cevada, e mandou que me servissem uma ração de feno, suficiente para um camelo de Batriana⁷¹. Mas com quantas imprecações maldisse eu a Fótis, que me trocou em burro e não em cão, pois os cães encheram a pança, quase a estourar, com os restos da abundante mesa ou com os bocados que furtavam.

Depois da primeira noite e da iniciação na arte de Vênus, a recém-casada não cessou de proclamar sua gratidão para comigo, aos seus pais, e aos do marido, até que obteve deles a promessa de me prestarem grandes honras. Convocaram finalmente os amigos, gente sensata, para consultá-los sobre a melhor maneira de me recompensar de acôrdo com os meus merecimentos. Um opinou que me conservassem em casa, ocioso, engordando-me com cevada escolhida, fava e ervilha. Mas prevaleceu a opinião de um outro que, concordando em tese com a minha liberdade, aconselhava que me deixassem correr de preferência pelos campos e pelas planícies, mesclando meus impulsos aos das tropilhas de cavalos, para que, cobrindo as éguas, desse aos meus donos, com êsse fogo generoso, grande número de mulas para criar.

XV. Mandaram vir então o zelador dos cercados dos cavalos e, depois de grandes recomendações, encarregaram-no de me levar. Com que alegria trotava eu diante dêle, sem carregamentos nem fardos, devolvido à liberdade, no comêço da primavera, certo de que encontraria algumas rosas nos prados cobertos de plantas. E vinha-me ainda ao espírito um outro pensamento: se tantos agradecimentos e tantas honrarias eram prestadas ao burro que eu era, quantos favores me seriam dispensados se retomasse a forma humana?

Mas, depois que êsse burriqueiro me conduziu para longe da cidade, não encontrei mais doçura, nem sequer liberdade. Aconteceu que sua mulher, uma criatura odiosa e avarenta, tomou logo conta de mim, para me fazer mover a mó do moinho, e, dispensando-me freqüentes corretivos com lenha verde, era na minha pele que ganhava seu pão e o de sua família. De resto, não se contentava em tirar da minha fadiga a sua própria subsistência: alugava meus serviços aos vizinhos para os quais moía trigo. Em troca de tanto trabalho, eu não recebia nem a alimentação estipulada. Pois que a minha cevada, pisada e esmagada na mó que eu mesmo volteava, era vendida por ela aos camponeses das vizinhanças. E eu, atrelado o dia inteiro à trabalhosa máquina, tinha que esperar a noite para que ela me servisse um sujo farelo misturado com areia.

XVI. Sentia-me acabrunhado com tantas provas, e a Fortuna, em sua crueldade, infligia-me ainda novas torturas, a fim de que nada faltasse à plena glória dos meus serviços civis e militares. Certo dia, por fim, o egrégio pastor de burros me enviou para misturar-me ao rebanho de cavalos, conformando-se, um pouco tarde, com as ordens dos donos. Alegre como um asno, por fim livre, eu saltitava, estremecia, avançava com imponência, e escolhia já as éguas, minhas futuras concubinas. Mas estas ridentes esperanças naufragaram uma vez mais, ao vir o terrível desastre. Os garanhões, que havia muito tempo deixavam pastar livremente e engordar à vontade, com vistas ao acasalamento, tornavam-se temíveis, e, em todo o caso, mais fortes do que qualquer burro, embirram comigo. Para prevenir uma degeneração adúltera, puseram-se a perseguir o rival com todo o furor de um ódio violento. Em desacôrdo com as leis de Júpiter hospitaleiro, um, erguendo o vasto peito, com o pescoço esticado, a cabeça alta, me atacou, beligerante, com os cascos dianteiros. Outro, voltando para mim sua anca larga, de poderosos músculos, me desancou de coices com as patas traseiras. Um terceiro, com um relincho maligno, deitando as orelhas e descobrindo, como facas, os dentes muito brancos, rasgou-me o corpo todo de mordidas. Era assim, tinha eu lido na História, que um rei trácio entregava seus desgraçados hóspedes para serem lacerados e devorados em galopes selvagens. Seria para economizar cevada que êle, tirano prepotente, acalmava

a fome das bÊstas vorazes com grande quantidade de corpos humanos ⁷².

XVII. Despedaçado eu também, do mesmo modo, pelos variados ataques dÊesses cavalos, até que gostaria de voltar às minhas voltas no moinho. Mas a insaciável Fortuna, que não se cansava de me torturar, arranjou-me um nôvo flagelo. Com efeito, deram-me como tarefa transportar lenha da montanha e puseram-me às ordens de um pequeno escravo, que era o mais detestável de todos os velhacos. Como se não bastasse a áspera subida dos píncaros escarpados, nem as pedras pontudas contra as quais eu arrebatava os cascos, estriava-me ainda o lombo, ao longo do caminho, com pauladas tão freqüentes, que a dor dos golpes me penetrava até a medula. E como era sempre na coxa que se abatia o cacÊete, à fôrça de golpear no mesmo lugar, tinha desaparecido o couro, e uma larga ferida cavara ali uma fenda, isto é, um buraco, ou ainda, uma janela. Porém, Êle se encarniçava cada vez mais sôbre o ferimento, do qual escorria sangue. Impunha-me, além disso, um fardo tão pesado, que quem visse meu carregamento de lenha di-lo-ia destinado a um elefante e não a um burro. E ainda havia mais: cada vez que o pêso, irregularmente repartido, fazia escorregar minha carga, em lugar de erguer, como deveria fazer, os paus que pendiam, ou de me aliviar, diminuindo um pouco o feixe, ou de restabelecer pelo menos o equilíbrio, fazendo-os passar para o outro lado, Êle lhes acrescentava pedras. Era a sua maneira de remediar a desigualdade do pêso.

XVIII. E ainda achava pouco acabrunhar-me, depois de tantos reveses, sob uma carga desproporcionada. Se nos acontecia atravessar o rio, que corria renteando a estrada, para proteger os sapatos, evitando molhá-los, Êle próprio saltava para cima de mim e caía sentado sôbre os meus rins, sem dúvida um suplemento muito leve ao pêso que eu já suportava. Às vÊzes, incidentalmente, eu fraquejava sob o pêso, que me ultrapassava as fôrças, e caía na lama visguenta que tornava escorregadias as margens altas do rio. Como consciencioso almocreve, Êle deveria me ajudar, suster-me pelos freios, levantar-me pela cauda, aliviar-me de parte da pesada carga, dar-me tempo, ao menos, de me firmar nas patas. Mas nada. Apesar de minha fadiga, não me socorria; porém, começando pela cabeça, ou antes, pela pontinha das orelhas, malhava-

-me todo o corpo com um enorme pau, até que, como se fôsem um estimulante, os próprios golpes me fizessem levantar.

Foi êle ainda quem excogitou, para mim, uma artimanha infernal. Tomou espinhos muito agudos, de ponta letal e picada venenosa, teceu um nó em tórno dêles, para reuni-los em feixe, e ligou-mos à cauda como um enfeite. Esse instrumento de suplício, pôsto em movimento quando eu caminhava, devia me cutucar com suas funestas agulhas e me cobrir de ferimentos.

XIX. Assim, eu sofria um duplo mal. Se galopava e me furtava às cruéis perseguições, os espinhos me espetavam mais acerbamente; se, escapando à dor, eu me detinha um momento, os golpes me forçavam a correr. Dir-se-ia que o velhaquete não tinha outra coisa na cabeça senão trabalhar para a minha perdição, de um ou de outro modo. Acontecia-lhe, mesmo, de resto, ameaçar-me disso, debaixo de juramento.

Sobreveio, precisamente nessa época, uma oportunidade que lhe estimulou a detestável malícia a empreender coisa pior. Um dia, com efeito, ultrapassando todos os limites, abusou de minha paciência, e eu lhe atirei um valente coice. E eis a armadilha que êle inventou para mim: carregou-me com um grande fardo de estôpa, fortemente amarrado com cordas, e fomos para a estrada. Na primeira fazenda, furtou uma brasa, que colocou no meio da carga. Vivificado e alimentado pelo ténue combustível, o fogo jorrou chamas e me envolveu inteiramente com sua ardência mortal. Nessa extremidade, eu não entrevia refúgio, nem remédio, nem salvação, e, no entanto, o incêndio não admitia delongas, e não esperava pelos conselhos da sabedoria.

XX. Mas a Fortuna houve por bem fazer brilhar em minha desgraça um raio de alegria. Talvez me reservasse para futuros perigos. O certo é que, na circunstância, salvou-me da morte já tão próxima. Aconteceu que forte chuva, caída na véspera, formara ali perto uma lagoa de água barrenta. Notei isso e, com um pulo inesperado, nela mergulhei completamente. Quando, afinal, saí, estava ao mesmo tempo livre do meu fardo e salvo da morte. Mas o patifezinho, ultrajado, ainda encontrou maneira de lançar sôbre mim o seu crime abominável. Afirmou a todos os pastôres que eu, voluntariamente, passando perto de um fogo aceso nas vizinhanças, tinha dado um passo em falso e caído, de modo que me

tinha incendiado de propósito. E acrescentou, rindo: "Até quando nutriremos sem proveito êsse incendiário?"

Daí a poucos dias, armou contra mim uma astúcia ainda mais pérfida. Depois de ter vendido numa cabana vizinha a lenha que eu transportava, reconduzia-me vazio, quando exclamou que não podia calcular até onde iria a minha malvadez, que estava farto do maldito ofício de tropeiro. E inventava calúnias desta ordem:

XXI. "Vêde êste preguiçoso, êste lerdo, mais burro do que é permitido ser. Não bastam todos os outros malfeitos seus, e ainda me põe em novos perigos. Se vê, de longe, passar na estrada uma bonita mulher, uma virgem núbil, ou um tenro juvenzinho, logo atira para longe a carga, sacode por vêzes até o arreio, e lança-se como um doido, furioso de libidinosos desejos por criaturas humanas, atira-as por terra, aproxima-se arquejante de desejo, faz tentativas monstruosas e inauditas de bestiais volúpias, convidando a núpcias que Vênus reprovava, pois não é dos beijos que êle procura a ilusão, apertando e mordendo a vítima com seu beijo insolente. Isto resultará em reclamações indignadas, disputas, e talvez perseguições criminosas. Ainda há pouco, vendo uma honesta môça, esparramou a lenha que trazia, caiu furiosamente sôbre ela, com um ímpeto de danado, estendeu-a na lama, e ali, diante de tôda a gente, êsse delicado amante deligenciou possuí-la. Se alguns passantes, alarmados, não tivessem acorrido em seu socorro, e não a tivessem arrancado e salvo de entre as patas do animal, a infeliz, pisada, quebrada, suportaria um suplício cruciante, e atrairia para nós, prevejo, a pena de morte."

XXII. Com falsidades dêste gênero, entremeadas de outras conversas mais acabrunhadoras para o meu honesto silêncio, excitou os ânimos dos pastôres para me fazerem perecer, enchendo-os de um ardoroso ódio. E um dêles disse: "A êste sedutor tarado, a êste perfeito adúltero, que esperamos para sacrificá-lo por suas núpcias monstruosas? Vamos, meu rapaz", acrescentou, "corta-lhe o pescoço; atirará sua barrigada aos nossos cães, e todo o resto da carne reservarás para a ceia dos obreiros. Curtiremos o couro, espazindo cinza sôbre êle, e o levaremos aos nossos donos. Não será difícil fazê-los acreditar que foi o lóbo quem o matou."

Sem mais hesitação, meu funesto acusador, e, ao mesmo tempo, executor da sentença dos pastôres, insultando meus males,

preparava já o ferro, aguçando-o alegremente numa pedra ao lembrar-se daquele coice que, com grande pena minha, eu vos juro, tinha ficado sem efeito.

XXIII. Mas alguém do grupo dos camponeses tomou a palavra: "Seria um crime", disse, "matar dessa maneira um burro tão bonito, sob pretexto de luxúria e libertinagem, privando-nos do seu trabalho e de seus preciosos serviços, quando é suficiente castrá-lo para impedi-lo de empreendimentos amorosos; vós ficaríeis, assim, livres de tôda apreensão. Ainda por cima, a operação o faria engordar e tomar uma bela aparência. Já vi freqüentemente, não digo asnos idolentes, mas fogosos cavalos, que os libidinosos sentidos trabalhavam a ponto de os tornarem inquietos e enraivecidos, e que essa amputação tornou tratáveis e mansos, habilitando-os para a carga, e fazendo-os mansos para todo e qualquer serviço. A menos que meus conselhos não vos agradem, eu, com pouco — o tempo de ir, como pretendia, ao mercado vizinho —, poderia apanhar em casa os instrumentos destinados a êsse trabalho, voltar depressa para vos encontrar, e encarregar-me de transformar êste bruto galã indesejável, afastando-lhe as coxas, num castrado mais inofensivo do que um carneiro."

XXIV. Esta proposta, se me arrancava das unhas de Orco, reservava-me em troca uma pena inominável, e eu chorava ao pensamento de que iria perecer totalmente a parte mais recôndita do meu corpo. Cheguei a pensar em suicídio, por uma abstinência prolongada, ou lançando-me de um precipício. Não deixaria de morrer, mas morreria inteiro. Enquanto eu assim hesitava sôbre a escolha de minha morte, pela manhã o rapaz que me assassinava me fêz retomar, como de costume, o caminho da montanha. Abara de me atar a um galho que pendia de uma árvore gigantesca, e, um pouco afastado dali, cortava com um machado a lenha que devia descer, quando, de súbito, de uma caverna vizinha, erguendo a cabeça funesta, saiu um urso carniceiro. Tremendo de mêdo ao ver isso, apavorado pela inesperada aparição, arriei com todo o pêso do corpo sôbre as patas de trás, espichei o pescoço, levantei a cabeça, arrebentei a correia que me prendia, e fugi a todo galope. Nem eram mais meus pés que me levavam, era todo o corpo lançado para a frente que rolava ligeiro pela encosta abaixo. Abria-se lá uma planície, por onde enveredei,

tendo pressa, antes de tudo, de escapar ao urso monstruoso e ao menino pior do que o urso.

XXV. Nesse momento, um passante, que me viu vagando solitário e sem dono, apossou-se de mim, montou ágilmente no meu lombo e, batendo-me com um pau que levava, conduziu-me por trilhas que eu não conhecia. Prestei-me, sem desagrado, a um galope que me distanciava do esmagamento de minha virilidade. Quanto aos golpes, não me comoviam absolutamente, habituado que estava, de acôrdo com as regras, a ser fustigado.

Mas a Fortuna, sempre encarniçada em me perder, opôs um obstáculo, com desastrosa rapidez, a uma retirada tão oportuna, e armou contra mim novas insídias. Os pastôres, procurando uma de suas novilhas que se tinha perdido, e percorrendo a região em todos os sertidos, encontraram-nos por acaso e reconheceram-me logo. Apoderando-se do meu freio, esforçaram-se por me arrastar. Mas o outro resistiu com tanto vigor como audácia, tomando por testemunhas os homens e os deuses. "Por quê?", perguntou êle, "êste rapto e esta violência? E por que êste ataque?"

"Que dizes? Nós te maltratamos, nós te causamos mal, quando foste tu que trouxeste nosso burro, depois de o teres roubado? Conta-nos, é melhor, onde escondeste o menino que tomava conta dêle. Mataste-o, sem dúvida." E logo o apearam, lançaram-no por terra, marretaram-no a murros, machucaram-no com pontapés. Êle jurou que não tinha visto o menino que tangia o burro; que, encontrando o asno sôlto e sôzinho, agarrara-o para que lhe tocasse o prêmio do achado. Que, demorando a procura, tinha a intenção de o restituir ao dono. "Ah, só o burro, só êle, que eu gostaria bem de jamais ter visto, se falasse como homem, poderia prestar testemunho de minha inocência. Lamentarêeis, estou certo, a injúria que me fazeis."

Todos êsses protestos foram em pura perda. Os pastôres, sem contemplação, agarraram-no pelo pescoço e o levaram para a nemorosa montanha, onde ficava o bosque percorrido pelo menino para tirar lenha.

XXVI. Não o descobriram em parte alguma, mas viram seu corpo reduzido a frangalhos, e os membros em pedaços, esparsos pelo chão. Eu sabia, fora de dúvida, que os dentes do urso haviam feito êsse trabalho, e certamente o teria dito se pudesse fazer uso

da palavra. Mas tudo quanto podia fazer era congratular-me inteiramente de que uma vingança tão tardia o tivesse alcançado. Quando, por fim, reuniram os fragmentos dispersos e penosamente reconstituíram o cadáver, confiaram-no ao seu lugar, na terra. Quanto ao meu Belerofonte⁷³, que acusavam como indubitavelmente autor de um rapto e de uma morte cruenta, levaram-no às suas cabanas, amarrado, esperando fazê-lo comparecer no dia seguinte, pela madrugada, diante dos magistrados, para sofrer, diziam êles, a pena de seu crime.

Entretanto, os pais do menino lamentavam sua sorte, batendo no peito e chorando, quando chegou o camponês, que, não faltando à promessa, insistia em fazer em mim a operação combinada. "Por causa dêle é que tivemos prejuízo, hoje", disse um dêles. "Mas amanhã queremos é isso mesmo; arrancar-lhe não sòmente as glândulas genitais, mas também a cabeça. E todos que aqui estão, não recusarão o seu auxílio."

XXVII. Foi assim que a minha catástrofe foi adiada para o dia seguinte. E eu abençoava o bom rapaz que, com sua morte, tinha-me pelo menos prestado o serviço de demorar a obra do carasco, quando mais não fòsse, pelo curto espaço de um dia. Mas mesmo esta modesta dilação foi recusada à minha alegria e ao meu sossêgo, pois a mãe do menino, chorando a morte prematura do filho, com os olhos inundados de lágrimas, coberta de luto, arrancando com as duas mãos os cabelos brancos enxovalhados de cinza⁷⁴, com gritos agudos e repetidos apelos, irrompeu pela minha estrebaria adentro. E enquanto batia violentamente nos seios, ferindo-se, dizia: "Vêde-o! Sem preocupações, inclinado sòbre a manjedoura, entrega-se à gula, e não pára de devorar, distendendo as profundezas insaciáveis do ventre. Não tem piedade do meu infortúnio, nem um pensamento para a desgraça inaudita do seu defunto dono. Ao que parece, despreza a desdenha minha idade, minha fraqueza, e se vangloria de um crime que permanecerá impune. E mais. Talvez se presuma inocente. Como é comum com os piores criminosos, apesar da consciêcia do mal feito, crê que não será inquietado. Entretanto, em nome dos deuses, abominável quadrúpede, mesmo que recebesses temporariamente o uso da palavra, poderias persuadir alguém que não tivesse culpa, quando poderias proteger o pobre pequeno com tuas patas e defendê-lo com os dentes? Mais de uma vez soubeste

persegui-lo com teus coices. E quando êle ia morrer, não pudeste vir em seu auxílio com a mesma prontidão? Podias, ao menos recebê-lo em teu dorso, apressando-te a levá-lo, arrancando-o às mãos sanguinárias do temível bandido; afinal: não abandonares sem socorro, para fugires sôzinho, o teu camarada de escravidão, teu dono, teu companheiro, teu pastor. Ignoras então que os que negam salutar auxílio aos que estão em perigo de morte, são, por isso mesmo, passíveis de castigo, por terem agido contra os costumes? Mas não te alegrarás por muito tempo com as minhas desgraças, assassino. Eu te farei sentir que para a dor cruel a natureza forja armas."

XXVIII. Assim dizendo, deslizou as mãos por sob as vestes, arrancou a própria faixa, e, ligando-a em tórno de meus pés, apertou-os fortemente um contra o outro, de maneira, penso, a não me deixar nenhum modo de exercer qualquer vingança. Depois, tendo apanhado uma tranca que servia para firmar a porta do estábulo, bateu até que, esgotada, no fim das fôrças, com seu próprio pêso a arma lhe escapou das mãos. Então, amaldiçoando a fadiga rápida demais dos seus braços, pegou um tição de fogo vivo, e mo enfiou entre as coxas; então, usando o único recurso que me restava, com um jato de fezes fedorentas emporcalhei-lhe a frente e os olhos. A cegueira e o mau cheiro, decidiram-na, por fim, a fugir, sem acabar comigo. Sem isso, o tição de uma Altéia delirante causaria a morte do asno Meleagro ⁷⁵.

LIVRO VIII

I. À noite, na hora em que canta o galo, chegou da cidade próxima um homem que me pareceu ser um dos fâmulos daquela Caridade que, entre os ladrões, tinha passado comigo por muitos infortúnios. Trazia estranhas e terríveis notícias. A dona havia perecido e tombara a desgraça sôbre a casa. Sentando-se junto do fogo, entre os escravos reunidos, falou:

"Palafreneiros e pastôres, e vós também boiadeiros, ela não existe mais, a nossa Caridade; não mais existe, pobre criança. Vítima de um destino trágico, foi-se para os Manes, mas não sem escolta. Para que não ignoreis nada, contarei desde o comêço.

Mereciam que gente mais douta, dotada pela fortuna do dom do estilo, pusesse por escrito, e em forma de história, o que aconteceu.

"Havia, na cidade vizinha, um môço que devia ao seu nascimento nobre uma situação brilhante e de amplos recursos; era, porém, libertino, gozador, sedutor de môças, e grande bebedor, em pleno dia. Ligara-se secretamente com facções de malfeitores e as suas próprias mãos não estavam limpas de sangue humano. Chamava-se Trasiló. Sua fama correspondia à realidade.

II. "Assim que Caridade amadureceu para o casamento, êle se colocou entre os seus principais pretendentes, pondo um particular ardor em obter-lhe a mão; se bem que fôsse de uma classe superior à de todos os concorrentes, e apesar dos ricos presentes com que pensava aliciar-lhe os pais, sua má reputação de improbidade, todavia, lhe trouxe a humilhação de uma recusa. Vendo, então, a filha dos nossos amos concedida ao honesto Tlepólemo, alimentava com perseverança o amor caído de tão alto, e ao mesmo tempo o ressentimento de pretendente preterido, procurando o jeito de cometer a sangrenta façanha. Tendo, enfim, encontrado uma oportunidade favorável para obter acesso à casa, dispôs tudo para o crime que meditara havia muito tempo. No dia em que a môça foi salva dos gládios ameaçadores dos ladrões devido à valentia e à astúcia do seu noivo, foi notada a satisfação com que, misturando-se ao povo que lhe levava cumprimentos, Trasiló testemunhou aos recém-casados alegria por sua libertação presente, e, esperanças de prole no futuro. Em consideração para com uma ilustre família, nossa casa o recebeu como hóspede de honra, enquanto êle escondia seus planos criminosos sob a máscara enganadora da leal amizade. Começaram logo as contínuas conversas, os encontros freqüentes. Às vêzes, êle era convidado também para comer ou para beber. O amigo se tornava cada vez mais estimado, enquanto, insensivelmente, sem percebê-lo sequer, precipitava-se no abismo para o qual o arrastava a sua paixão. O que não era de espantar. A chama do cruel Amor, fraca a princípio, nos encanta com seu suave calor. Mas quando o hábito o alimenta, êle se transforma em fogo ardente, que nada detém, e consome inteiramente os homens.

III. "Trasiló, havia tempo, cismava em como começar uma ligação amorosa clandestina com a nossa jovem ama. O amor adul-

terino, bem o via, era muito difícil. Compreendia que um sentimento nôvo, que crescia cada vez mais, era um laço muito sólido para poder ser rompido. Supondo-se que a mulher consentisse (consentimento muito problemático), havia em tórno dela vigilância suficiente para desencorajar qualquer iniciação nos furtos conjugais. No entanto, foi o impossível que o impeliu (como se fôsse possível), a obsessão que o perdeu. O que, no momento, julgou difícil, o seu amor, à medida que se fortalecia, fêz-lhe parecer perfeitamente realizável. E assim, vêde, eu vos peço, considerai, suplico-vos, com tôda vossa atenção, a que excessos podem levar os transportes de uma louca paixão.

IV. "Tlepólemo um dia partira para a caça, levando consigo Trasilo. Propunha-se seguir o rastro de animais selvagens, se é que a palavra selvagens se pode aplicar a veados. Caridade, com efeito, não permitia que o marido perseguisse bêstas armadas de dentes ou de cornos. Tinham chegado junto a um morro arborizado, coberto da sombra de ramadas que, limitando a vista, escondiam dos caçadores os cabritos. Soltaram então os cães, rastreadores de boa raça, com a missão de surpreenderem a caça no fundo de suas tocas. Fiéis às lições de uma orientação prudente, êles logo se dividiram e cercaram tôdas as saídas. Limitaram-se, de comêço, a rosnidos abafados; depois, bruscamente, a um sinal, tudo vibrou com o ruidoso clamor de seus latidos discordantes. Mas o que apareceu não foi um cabrito montês, nem um gamo trêmulo, nem, mais doce que todos os seus congêneres, uma corça. Foi um javali, tal como nunca se viu outro igual. Calombos de músculos faziam saliência sob a grossa pele; seu couro se eriçava, com um pêlo esqualido; cerdas se lhe erguiam hispídas sôbre a espinha; suas prêsas, de ruidoso atrito, estavam cobertas de espuma; os olhos ameaçadores tinham um olhar chamejante, e as bocadas furiosas de sua goela fremente faziam-no assemelhar-se ao raio. Primeiro, os cães mais arrojados o apertaram de perto. Aos avanços, daqui e dali, êle os destripou e matou. Depois, pisando os fracos rastros, lá onde detiveram o seu primeiro impulso, franqueou o obstáculo, e se foi.

V. "Aturdidos de pavor, e, demais, habituados principalmente a caças inofensivas; desprovidos mesmo, nas circunstâncias, de meios de defesa e proteção, abrigamo-nos entre as frondes, escondidos atrás das árvores. Trasilo, porém, vendo ali uma ocasião oportuna

para as suas fraudes e astúcias, dirigiu a Tlepólemo estas palavras capciosas: "Vamos ficar estuporados e confusos, presos de vão pavor, como escravos que se atiram ao chão, ou desfalecentes como mulheres, e deixar escapar de nossas mãos a presa magnífica? Que esperamos? Depressa, a cavalo! Agarrá-lo-emos. Vamos. Aqui está uma espada, eu tenho uma lança." Sem perder um instante, saltaram de um pulo sobre os cavalos e se lançaram com ardor à perseguição da fera. Esta, com genuíno vigor, fêz meia-volta, incendida de um ardor selvagem. Arreganhou os dentes e olhou, indecisa sobre a qual atacaria primeiro. Mas Tlepólemo começou, golpeando o dorso da fera com a arma que tinha na mão. Foi então que Trasilo; sem fazer mal ao javali, feriu com sua lança o cavalo que levava Tlepólemo e cortou os jarrêtes do animal. O quadrúpede se abateu no sangue, que perdia em abundância, e, virando completamente, sem querer fêz o dono rolar pelo solo. O môço não foi longe. O javali, furioso, lançou-se sobre êle, ainda estendido no chão, lanhou a dentadas, primeiro as vestes, depois o próprio Tlepólemo, que procurava se levantar. E o bom amigo lamentou tão pouco o nefando atentado, que até mesmo ver em tão grande perigo a vítima oferecida em sacrifício pela sua ferocidade, não bastou para satisfazê-lo; e, pois, quando Tlepólemo, abatido pelos golpes e tentando em vão proteger os ferimentos, implorava-lhe auxílio com voz lamentável, Trasilo lhe atravessou a coxa direita com a lança, tanto mais decididamente quanto contava que o ferimento do ferro se pareceria com os talhos de dentadas. Depois, com mão segura, trespassou também a fera.

VI. "E, dêste modo, tendo o jovem acabado assim seus dias, saímos todos dos esconderijos e acorremos, os servidores, em pranto. Apesar de alegre, por ver seu inimigo prostrado e seus desejos cumpridos, Trasilo escondeu o contentamento sob a expressão do rosto. Fronte sombria, exprimindo mágoa, abraçou doloridamente êsse cadáver que era obra sua, e aparentou pesar hipócrita. Só as lágrimas se recusaram a sair. Compondo a atitude à semelhança da nossa, e esta sim, sincera, e lamentando como nós isso de que era a sua mão culpada, imputava a culpa à fera.

"Mal fôra perpetrado o crime, e já a fama, tomando seu curso vagabundo, dava seus primeiros passos em direção à casa

de Tlepólemo, alcançando os ouvidos da espôsa infortunada. Ouvindo notícia tal, como jamais ouvira, fora de si, aturdida, lançou-se para as ruas populosas, como uma bacante em delírio, e seguiu em direção aos campos, clamando com voz de louca a desgraça do marido. Formaram-se grupos de cidadãos que se lamentavam, e outros passantes se associavam ao seu desespero. A cidade se esvaziou, pois todos queriam ver. E ei-la que corre para o cadáver do espôso. Arquejando, deixa-se cair sobre o corpo e pouco faltou para que entregasse ali mesmo a alma que lhe fôra devotada. Arrancada com esfôrço pelas mãos dos que estavam mais próximos, ficou viva, sem o desejar, enquanto o cortejo fúnebre, seguido por todo o povo, conduziu o defunto à sepultura.

VII. "Trasilo, todavia, sem discrição nem medida, lamentava-se com grandes gritos, e as lágrimas, recusadas às suas primeiras demonstrações de luto, vinham-lhe agora, transbordantes, sem dúvida, de alegria. Prodigalizava palavras de afeição, de tal modo que enganaria a Verdade em pessoa. Seu amigo, seu camarada, seu companheiro, seu irmão, assim êle chamava com voz lúgubre aquêle de quem repetia o nome, sem se esquecer de reter entre as suas as mãos de Caridade; quando ela tentava bater no peito, apaziguava-lhe o luto, moderava-lhe os gemidos, serenava com palavras ternas o aguilhão de sua mágoa, procurava, com diversos exemplos de uma desgraça que via de um para outro, motivos de consolação. Todos os cuidados de uma fingida piedade não serviam, todavia, senão de pretexto para o seu desejo de acariciar a jovem, dando ao seu culpável amor o alimento de um perverso deleite.

"Mas logo que voltaram dos ritos fúnebres, Caridade, impaciente de descer para junto do marido, tentou tôdas as vias, sem exceção, e em particular aquela que, tranqüila e igual, sem necessidade de nenhuma arma, se assemelha a um plácido sono. Extenuada pelo jejum, negligente até o desleixo, retirada no fundo das trevas, dissera já adeus à luz do dia. Mas Trasilo, com insistência e obstinação, fôsse em pessoa, fôsse por intermédio dos amigos, dos parentes, dos pais da môça, conseguiu por fim que ela tomasse um banho e algum alimento, para reanimar o corpo lívido, encoscorado de sujeira, quase arruinado. Como filha respeitosa, ela cedeu, se bem que relutante, às exigências de uma

piedosa submissão. Com a expressão, não alegre certamente, mas um pouco mais serena, entregou-se, como lhe pediam, às tarefas da vida. No fundo do coração, entretanto, consumia-se de luto e tristeza. Passava todos os seus dias e tôdas as suas noites ruminando desgostos. Dedicara-se de tal maneira ao serviço de prestar honras divinas às imagens do morto, que fizera representar sob os traços do Deus Líber, que o próprio consôlo se lhe tornava um tormento.

VIII. "Mas Trasilo, fogoso e temerário como o seu nome indicava⁷⁶, não esperou que tal dor fôsse esmaecida pelas lágrimas, nem que se lhe acalmasse o tumulto da alma agitada; nem que o luto, com o tempo, perdesse o que havia nêle de excessivo, e se finasse, esgotado por si mesmo. Enquanto ela chorava ainda o marido; enquanto dilacerava ainda as roupas; enquanto ainda arrancava os cabelos, teve êle o desplante de lhe fazer propostas de casamento, revelando-lhe imprudentemente os recessos secretos do coração, e, de modo implícito, a sua inconfessável felonía.

"Caridade repeliu com horror o nefando discurso. E como que batida por um estrondo de trovão, por um furacão vindo do céu, ou pelo próprio raio de Júpiter, seu corpo se aniquilou e a alma se lhe obnubilou. Mas, depois de algum tempo, voltando pouco a pouco a si, soltou rugidos de animal, e, percebendo a intriga armada pelo infame Trasilo, opôs adiantamentos calculados aos desejos do pretendente. No intervalo, a sombra de Tlepólemo, odiosamente chacinado, com o rosto maculado de sangue, pálido, desfigurado, apareceu à sua mulher no decorrer de um casto sono:

"Cara espôsa", disse êle, "para te chamar por um nome que outro, de agora em diante, terá o direito de te dar, se teu coração não conserva minha lembrança, ou se a catástrofe de minha morte prematura rompeu os laços mútuos, toma por marido quem tu queiras, e sê mais feliz do que comigo, contanto que a tua mão não ponhas na mão sacrílega de Trasilo; contanto que evites seu comércio, que não partilhes da sua mesa, nem repouses no seu leito. Foge da mão cruenta do meu assassino. Não macules o teu himeneu com os auspícios de um ímpio parricídio. Aquelas feridas, cujo sangue tuas lágrimas perolaram, não foram tôdas causadas pelo dente do javali. A lança maldita de Trasilo fêz

com que eu não mais te pertença." E acrescentou, em seguida, a narração que esclareceu todo o crime.

IX. "Caridade, tal como na sua tristeza havia adormecido, com o corpo afundado nas almofadas, e ainda sonolenta, orvalhou as faces com lágrimas abundantes. Arrancada da quietude do seu sono inquieto⁷⁷ pelo agudo sofrimento, recomeçou a se lamentar, soltou longos gemidos, dilacerou as roupas, machucou furiosamente os belos braços e as delicadas mãos. Sem, entretanto, contar a ninguém as visões da noite, e dissimulando cuidadosamente, ao contrário, a revelação do crime, decidiu, em segredo, punir o homicida infame, e furtar-se a uma vida desgraçada. Eis que, animado por uma cega volúpia, o detestável candidato se apresentou novamente, importunando com pedidos de casamento ouvidos obstinadamente fechados. Porém ela, com doçura, recusava-se a ouvir. Desempenhando seu papel com maravilhosa astúcia, aos seus instantes pedidos, às suas humildes súplicas, respondia:

"A bela face do teu irmão, e meu caríssimo marido, ainda está diante dos meus olhos; minhas narinas respiram ainda o odor de ambrosia do seu corpo; o formoso Tlepólemo vive ainda no meu coração. Penso que serias bom e prudente se concedesses à mísera espósa o prazo necessário à duração normal do luto, deixando passar os meses que restam para completar o espaço de um ano⁷⁸. Estas coisas têm que ver com o meu pudor, com o teu interesse, e com a tua salvação. Um casamento prematuro provocaria uma justa indignação nos manes irritados de meu marido e suscitaria a tua perda."

X. "Trasilo, contudo, sem querer ouvir palavra, nem se animar com um prazo, persistia nos ímprobos sussurros, repetindo impudentes solicitações até cansar a língua. Afinal, Caridade fingiu render-se e replicou: "Em todo caso, há uma coisa que não poderás me recusar, Trasilo, e isto te peço insistentemente: durante algum tempo, não digamos palavra, não tenhamos senão relações clandestinas. Que nenhum dos nossos suspeite, até que o ano tenha completado a conta dos seus dias."

"A essa falaciosa promessa da mulher, Trasilo, vencido, cedeu, e consentiu voluntariamente no furtivo coito. Então, já não pôde esperar a noite e a proteção das trevas; o desejo obsessivo da

posse o fazia esquecer tudo o mais. "Mas, cuidado", disse Caridade. "Cobre-te bem com teu manto, e não venhas acompanhado de ninguém. Na primeira vigília, em silêncio, pára diante da casa. Assobia uma vez, e nada mais, depois espera a minha ama, que conheces, e que vigiará diante da porta fechada, aguardando que chegues. É ela quem te abrirá e, fazendo-te entrar, te conduzirá até meu quarto, sem acender nenhuma luz."

XI. "O plano dessas núpcias mortais agradou a Trasilo. Sem nada suspeitar de assustador, agitado somente pela expectativa, não se queixava senão do tamanho do dia e das lentidões da tarde. Quando, por fim, o Sol foi substituído pela noite, dirigiu-se logo para lá, conforme as instruções de Caridade. Entregando-se à astuciosa vigilância da ama, deslizou para o quarto, cheio de ávida esperança. Então, a velha, por ordem da môça, o agradou; trouxe-lhe cálices e uma ânfora, que continha vinho misturado com um soporífero, e saiu furtivamente. Enquanto êle repousava sem desconfiança nem embaraço, e bebia copázios a grandes goles, ela o convenceu de que o que demorava a senhora era que ela estava à cabeceira do pai doente. E assim foi fácil deixá-lo a cair de sono. E então, vendo-o estendido de costas, exposto a tôdas as injúrias, a ama introduziu Caridade, que, fremente de máscula resolução e de ímpeto vingador, se atirou sôbre o sicário, dizendo:

XII. "Aqui estás, fiel companheiro de meu marido, eis-te aqui, egrégio caçador, aqui, meu caro espôso. Foi esta a mão que derramou meu sangue; êste o coração que urdiu para minha perdição pérfidias intrigas; são êstes os olhos que, por meu mal, agradei; êstes os olhos que, pressentindo as trevas que os aguardam, antecipam, de algum modo, o castigo que está a caminho. Dorme tranqüilo. Sonha belos sonhos. Não é com o gládio, não é com um ferro que me armarei contra ti. Longe de mim o pensamento de te igualar ao meu marido por uma morte semelhante. Tu viverás e teus olhos morrerão, e não enxergarás senão em sonhos. Eu quero que a morte que deste ao teu inimigo te pareça mais feliz que a tua vida. Disto pelo menos estou certa: não possuirás Caridade, não verás mais a luz, não gozarás do teu himeneu, terás necessidade do braço de um companheiro. Não repousarás na paz da morte, e não desfrutarás da doçura de viver. Fantasma errante, vagarás entre o Orco e o Sol, procurarás por muito tempo

a mão que destruiu tuas pupilas. E, o que é mais cruel nesta miséria, tu te queixarás sem saber de quem. Entretanto, eu espazirei o sangue dos teus olhos, em libação, sôbre o túmulo do meu Tlepólemo, e teus olhos sacrificarei aos seus manes santos. Mas para que conceder o benefício de um adiamento a essas torturas merecidas, e te deixar sonhar talvez com abraços, para ti fatais? Deixa as trevas do sono para despertar em outra noite, e isto será o teu castigo. Levanta a face vazia, reconhece a vingança, compreende tua desgraça, faz a conta dos teus sofrimentos. Teus olhos souberam agradar a uma honesta mulher. E aí está como iluminam o tálamo; são as tochas do casamento. As vingadoras do crime vêm presidir teu himeneu⁷⁹. Como companheira, a cegueira terás, e o agulhão de um remorso eterno. Tal é o teu quinhão.”

XIII. “Assim profetizando, a mulher tirou da cabeça um grampo de cabelo, e atravessou de lado a lado os dois olhos de Trasilo. Deixou-o completamente cego. Depois, enquanto uma dor jamais sentida dissipava nêle a embriaguez e o sono, ela desembainhou a espada que Tlepólemo tinha o costume de cingir; atravessou a cidade correndo como uma fúria, disposta, sem dúvida, a qualquer gesto extremo; e foi direito ao túmulo do marido. Então, um povo inteiro, deixando tôdas as casas vazias, iniciamos uma viva perseguição, exortando-nos uns aos outros a arrancar-lhe das mãos dementes a espada nua. Mas Caridade, em pé junto ao sepulcro de Tlepólemo, afastava-nos a todos com sua espada faiscante. Depois, abrangendo com o olhar o chôro e as lamentações da assistência, disse: “Fora com essas lágrimas importunas, fora com êsse luto que não está de acôrdo com as minhas virtudes. Vinguei-me do assassino sanguinário de meu marido; puni o funesto predador da minha vida conjugal. Agora é tempo de abrir uma estrada com êste gládio, para descer até onde está o meu Tlepólemo.”

XIV. “Depois de ter contado, pormenorizadamente, tudo o que o marido lhe havia revelado em sonho, e a astúcia por meio da qual atraíra Trasilo para a armadilha, mergulhou a espada sob o seio direito, caiu, e, afogada no seu próprio sangue, com alguns balbucios indistintos exalou a alma viril. Então os amigos da mísera Caridade, com acuradíssimos cuidados, procederam às ablu-

ções fúnebres e, numa só sepultura, uniram ao marido aquela que permanecera sua mulher para sempre.

"Trasilo, entrementes, soube de tudo. Não encontrando outra solução para seu desastre senão um nôvo desastre, e compreendendo que o próprio gládio era pouco para semelhante ato, fêz com que o levassem à sepultura: "Eis aqui", gritou por diversas vêzes, "eis aqui para vós, Manes irritados, uma vítima voluntária." Depois, fechando cuidadosamente as portas atrás de si, resolveu acabar, à falta de alimento, uma vida condenada por sua própria sentença."

XV. Este relato, cortado de longos suspiros e algumas vêzes de lágrimas, comoveu profundamente os rústicos. Temendo passar para um nôvo dono, e lamentando do fundo do coração a desgraça doméstica dos seus amos, resolveram êles fugir. Mas o tratador de cavalos, a cujos cuidados eu fôra confiado com insistentes recomendações, carregou sôbre o meu dorso e das outras bêstas tudo que tinha e guardava de precioso na casa. Com êsse furto, abandonou a antiga morada. Levávamos crianças e mulheres, frangos, aves, cabras, cãezinhos. Tudo aquilo cuja marcha hesitante podia demorar a nossa fuga, caminhava assim sôbre as nossas pernas. Por mim, nem sentia o pêsso do fardo, por maior que fôsse. Estava alegre demais de fugir, deixando para trás o abominável indivíduo que me queria arrancar a virilidade.

Havíamos transposto o cimo de áspero monte coberto de florestas e atravessado, a seu tempo, a vasta planície que se lhe estendia aos pés. Já a tarde espalhava trevas sôbre o caminho quando chegamos a uma aldeia rica e povoada. Os habitantes procuraram dissuadir-nos de sair à noite ou mesmo pela manhã, porque, diziam, bandos de lóbos enormes, corpulentos, ferozes, cruéis e acostumados à rapina, infestavam tôda a região. Chegavam a percorrer as estradas e a atacar os viajantes, como fazem os ladrões. E mais: na danação em que os punha a fome, forçavam o acesso às propriedades da periferia, e as pessoas se viam agora ameaçadas de morte, como um rebanho indefeso. Ao longo do caminho que teríamos de percorrer, jaziam corpos humanos, meio comidos, e viam-se por tôda parte, despojados de suas carnes, ossos esbranquiçados. Nós também devíamos, pois, tomar grandes precauções, e, sobretudo, esperar que fôsse dia pleno, com o Sol em todo o seu esplendor, para nos pormos a caminho. Devíamos evitar as em-

boscadas, escolhendo, para andar, as horas em que a própria luz amortecia o impetuoso impulso das feras terríveis, e, para franquear enfim os passos difíceis, não andarmos dispersos, em debandada, mas agrupados em fileiras cerradas.

XVI. Mas os abomináveis fugitivos que nos serviam de guias, na cegueira de uma pressa temerária, e na apreensão de uma perseguição muito incerta, sem levarem em conta os salutareis avisos nem esperarem a madrugada, nos levaram para a estrada com a nossa carga, por volta da terceira vigília da noite. Temendo o perigo que mencionei, fiz o possível para me dissimular, ora enfiando-me no meio da tropa, entre as filas compactas das bêstas de carga, protegendo o traseiro dos ataques de animais ferozes, ora avançando com tal velocidade que ultrapassava os cavalos e maravilhava a todos. Entretanto, essa rapidez em mim indicava não vivacidade, mas terror. A propósito, pensava eu que ao célebre Pégaso era o mêdo que o fazia voar. E se a tradição, com razão, lhe deu asas, foi porque êle se atirou para os ares, pulando até o céu, evidentemente porque temia a mordedura da Quimera que vomitava fogo. Os pastôres que nos levavam tinham-se armado como que para um combate. Um levava dardo, outro lança, outro arco com flechas, outro bastão. Alguns tinham pedras, que a trilha pedrenta fornecia em abundância, ou brandiam pedaços de pau de agudas pontas. A maior parte, no entanto, munira-se de tochas acesas, para manter as feras à distância. Não faltava verdadeiramente senão uma trombeta, para figurarmos uma tropa em formação de batalha.

Porém, com o espírito ocupado por temores vãos e sem fundamento, caímos numa armadilha muito mais perigosa, pois os lóbos, espantados talvez pelo ruído dessa juventude em coluna cerrada, ou pelo vivo clarão das tochas, ou ainda, por estarem em expedição para outros lados, não tentaram contra nós o menor ataque, e não vimos nenhum, nem de longe.

XVII. Mas os lavradores de um domínio rural junto do qual passamos, vendo-nos tão numerosos, nos tomaram por bandidos. Cheios de inquietação pelos seus bens, e extremamente agitados, com agudos clamores, como é seu costume, e com incitações de todo gênero, instigaram contra nós cães enormes, furiosos, mais cruéis que todos os lóbos e que todos os ursos do mundo, e espe-

cialmente treinados para a defesa e a guarda. Com a sua ferocidade natural exasperada pela balbúrdia dos donos, caíram sôbre nós, cercaram-nos por todos os lados, atacaram-nos desordenadamente, despedaçaram sem escolha bichos e gente, e o fizeram de tal modo que, no fim de pouco tempo, a maioria dos nossos jazia prostrada no chão. Espetáculo, por Hércules, memorável, mas mísero espetáculo. Teríeis visto cães possantes, cheios de selvagem ardor, apanharem os que fugiam, atacarem os que paravam, caírem sôbre os que caíam, irem e virem mordendo a todos os nossos, ao longo da caravana.

Nesse perigo terrível, sucedeu um mal pior ainda. Do alto dos telhados da colina vizinha, os camponeses fizeram rolar pedras e mais pedras sôbre nós, de maneira que não se sabia o que escolher, de que flagelo escapar: se do mais próximo, os cães, se do mais distanciado, as pedras. Uma delas bateu na cabeça de uma mulher que ia sentada no meu lombo. Sob a dor da pancada, ela se pôs a chorar e a gritar, chamando em seu socorro o marido, o pastor de que falei.

XVIII. Este, invocando os deuses por testemunhas, e estancando o sangue da mulher, protestou ruidosamente: "Por que, desgraçados, por que lapidais tão cruelmente viajantes sofredores? Que saque cobiçais? De que prejuízos esperais reparação? No entanto, não habitais cavernas como as feras, nem rochedos como os bárbaros, para assim vos alegrardes derramando sangue humano."

Mal tinha falado, parou a cerrada chuva de pedras. Revogada a muda hostilidade, a tempestade serenou. Por fim, um dêles falou do alto de um cipreste: "Não somos ladrões, nem queremos vossos despojos. Ao contrário, é uma violência idêntica que repelimos de vossa parte. Agora, nada mais perturba a paz, podeis avançar em segurança."

Assim falou êle. Cobertos como estávamos de ferimentos de tôda espécie, retomamos nossa marcha, levando marcas, êste de uma pedrada, aquêle de uma dentada, e todos em muito mau estado. Tendo, por fim, percorrido certa distância, chegamos a um bosque plantado de altas árvores e alegrado por verdejante relva. Nossos condutores julgaram conveniente acampar durante algum tempo, para repousar e cuidar dos membros retalhados em

todos os sentidos. Deitados aqui e ali, no solo, começaram por recobrar o ânimo fatigado; depois, apressaram-se a aplicar nos ferimentos remédios os mais variados: um estancou seu sangue com água de uma fonte que corria ali perto; outro pôs compressas de vinagre sôbre os seus tumores; um outro cercou com uma atadura as largas feridas. E assim todos procuraram alívio aos seus males.

XIX. Entrementes, do alto de uma colina, um velho olhava para longe, e os animais que pastavam em tórno proclamavam, sem sombra de dúvida, que êle era pastor. Um dos nossos Ihe suplicou que vendesse algum leite, fôsse líquido, fôsse recentemente coalhado para fazer queijo. Mas êle, sacudindo a cabeça longamente, falou: "Pois quê? Pensais neste momento em comer e beber, para vos restaurardes? Ignorais, então, completamente, em que lugar parastes?" Com estas palavras, tangendo as ovelhas, fêz meia volta e se afastou. Sua linguagem e sua fuga causaram aos nossos pastôres um mêdo extraordinário. Enquanto, em seu terror, procuravam se informar o que era êsse lugar, sem encontrar ninguém que respondesse, um outro ancião, alto, gravado de anos, apoiado com todo o pêso sôbre seu cajado, e que caminhava de modo lento e lasso, avançou ao nosso encontro, na estrada, mostrando vestígios de lágrimas abundantes. Quando nos viu, redobrou o pranto, e tocando os joelhos dos moços à tôda a volta, assim implorou:

XX. "Pela Fortuna, pelo vosso Gênio, e que possais, com essa boa ação, atingir uma idade tão avançada quanto a minha fortes e alegres, vinde socorrer o abandono de um velho, arrancai do inferno um pobre inocente, e alegrai os meus cabelos brancos. Era meu netinho, meu doce companheiro nesta estrada; eis que perseguindo, para o agarrar, um passarinho que cantava na ramada, caiu, perto daqui, numa fossa que se abre ao pé das moitas, e sua vida corre perigo. Pelo seu pranto e pelos repetidos apelos que dirige ao avô, mostra que está vivo. Como vêdes, minhas fôrças em declínio nada me permitem fazer por êle. Vós, que tendes juventude e fôrça, fácil vos é socorrer um misérrimo velho, e devolver-me sã e salva esta criança, o último dos meus descendentes, e meu único sucessor."

XXI. Assim suplicava, arrancando os cabelos brancos, e todos se compadeceram. Um, mais corajoso, mais jovem, mais robusto que os outros, e o único que saíra incólume da recente batalha, levantou-se açodado e perguntou em que lugar caíra o menino. O velho designou com o dedo, não longe dali, moitas espinhentas. O jovem acompanhou o ancião sem hesitar. Mas depois que acabamos de pastar, e êles de cuidarem de si, tendo todos restaurado suas fôrças, cada qual apanhou sua pequena bagagem para se pôr a caminho. Primeiro chamaram o môço pelo nome, com grandes gritos, por diversas vêzes. Depois, inquietos por sua demorada ausência, enviaram um dos seus à sua procura, para advertir o companheiro de que já era tempo de partir, e para levá-lo. Mas o emissário dali a pouco voltou: pálido como o buxo, e trêmulo, trazia acêrca do outro extraordinárias notícias. Tinha-o vislumbrado deitado de costas, meio devorado, e, agachado sôbre êle, um dragão que o mordia. Quanto ao desgraçado ancião, não o vira em parte alguma: desaparecera. Aproximando-se, então, aquêles que tinham acabado de ouvir as palavras do pastor, cujas sinistras advertências não designariam outra coisa senão o cruel habitante dessas regiões, deixaram o amaldiçoado lugar, apertando o passo para fugir e fazendo-nos avançar com o estímulo de grandes pauladas.

XXII. Depois de um longo trecho de caminho, ràpidamente vencido, chegamos por fim a uma localidade onde repousamos tôda a noite. Havia cometido nesse lugar um crime memorável, e que eu desejo contar.

Havia ali um escravo, ao qual o dono confiara a vigilância de tôda a famulagem e a autoridade máxima sôbre o vasto domínio onde nos alojáramos. Sendo casado com uma escrava ligada ao serviço dessa mesma casa, desejava êle ardentemente uma mulher livre, domiciliada fora. Não atendendo senão ao ressentimento causado por essa traição conjugal, a espôsa destruiu pelo fogo todos os registros do marido, tôdas as provisões que êle conservava no celeiro. Não contente de ter vingado com uma contumélia o ultraje feito ao seu leito, e voltando o furor contra suas próprias entranhas, enfiou a cabeça num laço, amarrou à corda a criança que tivera anteriormente dêsse mesmo marido, e se atirou num poço muito profundo, arrastando o pequeno após si. O

dono, muito perturbado com essa morte, agarrou o desgraçado escravo, cuja luxúria fôra a causa de tal crime, pô-lo nu, lambuzou-o inteiramente de mel, e o amarrou sòlidamente a uma figueira, da qual o tronco carcomido servia de habitação às formigas. Ocupadas em fazer seu ninho, elas saíam em multidão, num desordenado vaivém, de todos os buracos. Logo que sentiram o doce cheiro de mel naquele corpo, nêle se agarraram com suas pequenas, mas inumeráveis e implacáveis mandíbulas, e, num lento suplício, roeram assim as carnes, e até as vísceras do homem, e acabaram com êle. Nada restou dêle, a não ser a deslumbrante brancura dos ossos despojados da carne, que constituíam como que uma árvore funesta.

XXIII. Abandonamos essa detestável mansão, com seus camponeses enlutados, e retomamos nosso caminho. Depois de têrmos, durante o dia inteiro, perlongado os caminhos da planície, chegamos fatigados a uma cidade populosa e ilustre. Decidiram os pastôres fixar aí sua residência. Pensavam ter encontrado um retiro seguro contra as mais longínquas indagações, e estavam seduzidos pela abundância dos víveres, e a facilidade de aprovisionar. Depois de terem, durante três dias, deixado os animais se refazerem e alisarem o pêlo, para adquirirem melhor aparência, conduziram-nos ao mercado. A voz forte do pregoeiro público anunciava, um por um, os preços. Os cavalos e os outros burros encontravam ricos compradores. Só eu, preterido, via a maioria das pessoas passar adiante desdenhosamente. Começava a me aborrecer das apalpadelas daqueles que, de acôrdo com os meus dentes, me calculavam a idade. Como um dêles, com mão suja e fedorenta, recommençasse a me tatear as gengivas com seus dedos repugnantes, apanhei-lhe a mão entre os queixos e a apertei fortemente. Isso tirou tôda a vontade, àqueles que nos cercavam, de comprarem um burro assim feroz. Então, o pregoeiro, que gritara de romper a goela e estava rouco, montado no meu lombo pôs-se a fazer ridículas brincadeiras: "Até quando ficará exposto à venda êste velhaco? Velho, de casco gasto, já nem podendo andar; deformado pelas dores, feroz, preguiçoso, estúpido, eis o que êle é: uma peneira de coar entulho. Bem que faríamos presente dêle, se alguém tivesse pelo menos vontade de perder seu feno."

XXIV. Assim provocava o pregoeiro frouxos de riso na galeria. Mas sempre desumana, minha Fortuna, da qual eu fugia em vão, ao fugir por tantas regiões, sem apaziguá-la com as minhas desgraças anteriores, voltou uma vez mais para mim seus olhos cegos e pôs sôbre o meu caminho um comprador tal como não podia encontrar outro mais adaptado à minha cruel situação. Um devasso, um velho devasso, completamente calvo, à parte alguns cabelos que caíam em cachos grisalhos, uma dessas figuras saídas do mistério dos cruzamentos populares, que, pelas ruas, de cidade em cidade, tocando címbalo e castanholas, vão levando a Deusa Síria e a forçam a mendigar. Tinha um exagerado desejo de me comprar e perguntou ao pregoeiro de que país eu era. "Da Capadócia", foi a resposta⁸⁰, "e é muito forte, asseguro." Êle quis também saber a minha idade; e a isto respondeu o pregoeiro, fazendo graça: "Um astrólogo, que estabeleceu quais eram as suas estrêlas, calculou que êle andava pelos cinco anos. Mas êle próprio, evidentemente, sabe melhor, de acôrdo com as suas declarações de profissão. Se bem eu me exponha, e não o ignoro, aos rigores da Lei Cornélia, se te vender como escravo um cidadão romano, não hesites em comprá-lo. É um bom e honesto escravo que pode te prestar serviços tanto em casa como fora." Mas o odioso freguês, que continuava sem parar a fazer pergunta sôbre pergunta, queria também se informar sôbre a minha mansidão.

XXV. A isto respondeu o pregoeiro: "É um carneiro, o que vês, não um burro. Êle se presta sâbiamente a tôdas as necessidades. Não morde, nem mesmo escoiceia. Se queres verificá-lo, não é difícil. Introduze-te entre as suas coxas, como um hermafrodita; verás, por ti, como demonstrará imensa paciência."

Assim se divertia o pregoeiro, às custas do nosso libertino, mas compreendendo êste que caçoavam dêle, exclamou, com ar indignado: "Vê lá, cadáver surdo e mudo, pregoeiro que só sabe delirar! Que a Deusa Síria, a todo-poderosa, mãe universal, e o Santo Sabázio, e Belona, e a Mãe Idéia com seu Átis, Vênus soberana com seu Adônís, te tornem cego, a ti que me provocas há uma hora com tuas grosseiras bufonarias. Acreditas então, imbecil, que eu possa confiar a deusa a um animal duro de queixo, para que êle bruscamente estaque, e derrube a divina imagem, obrigando-me a mim, desgraçado, a correr para todos os

lados, cabelos ao vento, à procura de um médico para a minha deusa jacente?"

Eu, ouvindo êste sermão, planejava sair na disparada, de súbito, como um louco, a fim de que, vendo-me prêsa de um acesso de ferocidade exasperada, êle renunciasse à sua compra. Mas o velho, ansioso para concluir o negócio, antecipou-se ao meu projeto e imediatamente despejou a soma de dezessete denários, que o meu dono, feliz, como se pode imaginar, por se desembaraçar de mim, aceitou sem dificuldade. Amarrando-me logo uma corda em tórno do focinho, levou-me a Filebo, nome do que seria, dali em diante, o meu dono.

XXVI. Tendo êste, então, tomado posse de seu nôvo fâmulo, foi para casa, puxando-me atrás dêle. Mal transpôs a soleira, gritou de longe: "Meninas, eis aqui o gentil criado que trouxe do mercado." Mas as meninas eram, na realidade, um côro de invertidos que, exultantes, soltaram gritos desafinados, com voz de mulher quebrada e rouca, pensando, naturalmente, que se tratasse realmente de um pequeno escravo que lhes prestaria serviços. Mas quando viram, não uma corça no lugar de uma virgem, mas um burro por um homem, fizeram caretas e escarneceram do seu dirigente. Não, não era um servo, mas um marido para êle, certamente. "E depois", ajuntaram, "um franguinho tão bonito, não o comas sôzinho. Partilha-o algumas vêzes conosco, que somos as tuas pombinhas."

Conversando dêste modo, amarraram-me junto a um côcho. Havia lá um môço de forte corpulência, hábil tocador de flauta coral, que tinha obtido por baixo preço num leilão de escravos. Nas saídas, quando passeavam em procissão com a deusa, êle tomava parte no cortejo e tocava o instrumento. Em casa, associava-se às necessidades correntes, na qualidade de concubino comanditário. Logo que me viu na estrebaria, serviu-me, sem se fazer de rogado, uma larga ração de alimento, apostrofando-me alegremente: "Eis-te aqui, enfim, para me substituir neste trabalho desgraçado. Mas que vivas muito, e que consigas agradar teus donos, e traráš alívio aos meus rins fatigados." Ouvindo estas palavras, eu imaginava de antemão que novas provas me esperavam.

XXVII. No dia seguinte, vestiram camisas vistosamente coloridas, e buscaram compor uma odiosa beleza, lambuzando a cara com uma pintura argilosa, e desenhando a volta dos olhos com um bastão gorduroso. Saíram, em seguida, levando pequenas mitras, vestidos de tecidos de linho fino e de sêda de um amarelo côr-de-açafrão. Alguns vestiam túnicas brancas, apertadas na cintura e ornadas com debruns de púrpura, que corriam em todos os sentidos, em forma de ferro de lança. Calçavam sapatos amarelos. Deram-me a carregar a deusa vestida com um manto de sêda. Com os braços nus até os ombros, levantando enormes espadas e machados, pulavam êles como bacantes, e o som da flauta lhes estimulava a marcha tripudiante de possessos. Depois de terem visitado, aqui e ali, algumas ruinarias, chegaram à casa de campo de um rico proprietário. Logo na entrada, fizeram um barulho enorme, ululando horrivelmente, e lançaram-se para a frente como fanáticos. Mantendo abaixada a cabeça, e movendo com lúbricas torções a nuca, num movimento circular dos cabelos caídos, voltavam-se às vêzes contra si mesmos, para se morderem, e acabavam cortando-se os braços com a arma de dois gumes que levavam. Entrementes, um dêles se entregava a transportes ainda mais frenéticos. Do fundo do peito, vinha-lhe o arquejo, para dar a impressão de estar tomado pelo espírito da divindade. Simulava um delírio que o esgotava, como se em verdade a presença dos deuses não elevasse os homens acima de si mesmos, mas os tornasse fracos e doentes.

XXVIII. Vêde que lucro lhe trouxe a assistência do céu. Vociferando como um inspirado, inventou uma impostura, começou a se atanzar com censuras, a se acusar de uma profanação sacrílega a respeito da santa religião, e infligiu-se, com suas próprias mãos, o justo castigo de seu crime. Enfim, apanhando o que é o atributo por excelência dêsses semi-homens, um chicote que consistia em delicadas tranças de lã natural, terminadas por longas fímbrias e guarnecidas com ossinhos de carneiro em todo o comprimento, fustigou-se a grandes golpes com o nodoso instrumento, opondo à dor uma prodigiosa resistência. Podia-se ver o solo, sob o relampejar dos gládios e o entrecruzar de chicotadas, molhado do impuro sangue dêsses efeminados. Senti uma grande inquietação, à vista dêsse borbotão de sangue, correndo de tantos ferimentos. E se o estômago dessa deusa estrangeira tivesse a

fantasia de beber sangue de burro, como certos homens a de beber leite de jumenta?

Quando, por fim, esgotados, ou cansados, em todo caso, de rasgar as carnes, interromperam a carnificina, alguns lhes ofereceram moedas de cobre, e também de prata — que êles recebiam nas dobras dos vestidos — ou ainda uma medida de vinho, leite, queijo, um pouco de farinha ou de cereais. Alguns davam cevada ao portador da deusa. Eles tudo recolhiam com avidez, atulhavam os sacos preparados expressamente para êsse gênero de esmola, e os empilhavam no meu lombo. De modo que, ao péso da minha carga naturalmente dobrada, eu me tornara simultaneamente celeiro ambulante e templo.

XXIX. Perambulando desta maneira, depredavam tôda a região. Porém, numa aldeia da montanha, alegados por um lucro maior que de costume, organizaram um banquete. Como preço de um vaticínio forjado, reclamaram de um lavrador um carneiro bem gordo, cujo sacrifício, diziam, devia saciar a fome da Deusa Síria. Uma vez tudo arranjado para êsse jantar, foram banhar-se. Na volta do banho, trouxeram como convidado um robusto camponês, cujos flancos intrépidos e baixo ventre eram avantajados. Depois de terem provado algumas guloseimas, antes do repasto pròpriamente dito, eis que êsses desavergonhados imundos, ardendo de um fogo impuro, se abandonaram às mais escandalosas desordens de uma paixão contra a natureza. O môço, deitado de costas, completamente nu, foi cercado de todos os lados, e assediado com abomináveis solicitações. Meus olhos não puderam suportar por mais tempo essas infâmias. "Socorro, quirités!", tentei gritar, mas só consegui pronunciar, despojado das outras letras e das outras sílabas, um *O* retumbante e formidável, e tal como só um burro pode soltar. O zurro foi singularmente intempestivo, pois diversos moços da aldeia vizinha, procurando um burrinho que lhes tinha sido roubado durante a noite, e explorando com muito cuidado todos os abrigos, me ouviram zurrar no interior da casa. Pensando que o que lhes tinha sido arrebatado estava escondido no fundo daquela residência, ali penetraram imprevisitamente, em fileira cerrada, e surpreenderam nossa gente a pique de se entregar às suas ignomínias. Logo, chamando todos os vizinhos, expuseram-lhes a cena de torpezas, fa-

Informe

zendo aos sacerdotes cumprimentos irônicos sôbre a sua edificante castidade.

XXX. Espantados por êsse escândalo que, logo que fôsse divulgado pelo clamor público, lhes teria atraído, como êles bem mereciam, o ódio e a maldição gerais, êles no meio da noite, juntaram todos os seus pertences e deixaram a localidade às escondidas. Depois de terem percorrido um bom trecho de estrada, antes do nascer do sol, chegaram, já dia claro, a um lugar afastado e solitário. Lá, depois de um longo conciliábulo, resolveram matar-me. Retiraram a deusa de cima do seu portador, depuseram-na em terra, despojaram-me de tudo o que servia para me encilhar. Depois, ligaram-me com uma corrente, e me bateram com o chicote de ossos de carneiro, um depois do outro. Foi tal a sova que pensaram ter-me acabado e me deixaram por morto. Houve um que fêz menção de me cortar os machinhos com o seu machado, para me punir, sem dúvida, de ter tão horrivelmente triunfado de seu pudor virginal. Mas os outros, não por interêsse em minha salvação, mas pela imagem que estava estendida por terra, opinaram que deviam conservar-me a vida. Tornaram a carregarme com os fardos, e, incitando-me com golpes do sabre deitado, chegamos a uma cidade importante. Ali, um dos principais, homem devoto e reverente para com os deuses, atraído pelo tintinar dos címbalos, o ruído dos tímpanos, e a excitante modulação das árias frígias, correu ao nosso encontro e, desejoso de receber a deusa sob o seu teto, fêz-nos penetrar na sua ampla residência, onde, para aliciar o favor da divindade, nos deu sinal do mais piedoso respeito e ofereceu vítimas escolhidas.

XXXI. Foi nesse lugar que corri o maior perigo de que me lembro. Aconteceu que um colono da pessoa em questão havia enviado, como presente ao amo e como parte de sua caça, um pernil muito gordo de um cervo gigantesco. Como tal peça fôra pendurada um pouco baixo, atrás da porta da cozinha, um cão, que também era caçador, dela se apoderou às escondidas, e alegremente se escondeu dos olhos dos vigias. O cozinheiro, tendo verificado o dano, maldisse a sua negligência, e pôs-se a lamentar-se, derramando lágrimas que não consertavam nada, enquanto o amo reclamava o jantar. Então, acabrunhado de tristeza e inteiramente penetrado de profundo temor, disse adeus ao filho pequeno, e,

apoderando-se de uma corda, dispôs-se a fazer um nó para se enforcar. Mas essa decisão desesperada não escapou à espôsa, que, agarrando com tôda a fôrça de ambas as mãos, o funesto nó, disse: "Pois quê! O terror causado por essa desgraça te fêz perder a cabeça a ponto de não veres o inesperado auxílio que deixou em tua porta a divina providência? Na tormenta em que te lançou a fortuna, podes te ressarcir; desperta, pois, e escuta: êsse burro que acabou de chegar, condu-lo a um lugar afastado, degola-o, corta-lhe uma das coxas. Ela será parecida com a que perdeste. Apronta cuidadosamente um cozido, com um tempêro bem saboroso, e serve-o ao amo, em lugar da coxa do cervo."

O abominável velhaco aplaudiu a idéia de se salvar à custa da minha vida, e, elogiando a sagacidade da companheira, aguçou as facas para a retaliação que me esperava.

LIVRO IX

I. Assim armava o velhaco carniceiro, contra mim, suas mãos ímpias, mas eu, com uma resolução que a iminência de tão grande perigo precipitava, e sem me deter para longas reflexões, tomei o partido de escapular à operação de que estava ameaçado. Com um brusco puxão, rompi a corda com que me haviam amarrado, e disparei a galope, não sem mandar coices para todos os lados, para garantir a salvação. Atravessei rapidamente o primeiro pórtico que encontrei e atirei-me sem hesitação para a sala de jantar, onde o dono da casa fazia um repasto sacrificial com os sacerdotes da deusa. Com o impulso, despedacei e esparramei uma boa parte dos aprestos do jantar, as mesas e as tochas. Chocado com o triste espetáculo de tal devastação, o pai de família teve o cuidado de me confiar, como um estraga-festas sem modos, a um dos servidores, com ordem de me manter fechado em lugar seguro, para impedir-me a petulância de lançar de nôvo a desordem num pacífico banquete. Assim, salvo pela fina astúcia da minha artimanha, e arrancado das próprias mãos do carrasco, eu me felicitava de me ver bem guardado, dentro de uma prisão libertadora. Mas diz-se que, quando a Fortuna se opõe, nada corre bem para

os filhos dos homens, e não é o cálculo da prudência o remédio sutil para alterar ou corrigir os planos imutáveis da divina providência. Foi assim comigo. O próprio expediente que, ao que parecia, momentaneamente me salvara, atraiu sobre mim um grande perigo, ou, para dizer melhor, me pôs de nôvo a um passo da perda.

II. De súbito, um jovem escravo, com o rosto transtornado, trê-mulo de susto, irrompeu na sala onde os convidados conversavam familiarmente e anunciou ao dono que, vindo da rua vizinha, um cão raivoso acabara de se introduzir na casa, de um pulo, por uma porta de trás. Com o impulso da verdadeira loucura, atirara-se aos cães de caça. De lá fôra para a estrebaria, e atacara com a mesma fúria as bêstas de carga. Nem os homens tinham sido poupados. O muleiro Mirtil, o cozinheiro Heféstio, o camareiro Hipnófilo e o médico Apolônio, e muitas outras pessoas, entre os domésticos, haviam sido machucadas ao tentarem agarrá-lo. Teriam certamente algumas das suas mordeduras envenenadas passado para os jumentos os efeitos da raiva.

Tais coisas lhes chocaram os ânimos, e pensaram que o contágio do mal me causara o acesso de violência. Apoderaram-se então das armas mais à mão, excitando-se uns aos outros a conjurar a catástrofe comum. No entanto, eram êles que tinham o espírito perturbado pela moléstia. Puseram-se a perseguir-me, a espaldeiradas e lançasos, ou, ainda, a golpes de machados de dois gumes, de que os criados facilmente se muniram, e teriam-me arrancado membro por membro se, vendo em que abismo me arriscava a mergulhar, eu não me tivesse atirado para o quarto onde estavam alojados os meus donos. Então, depois de as portas fechadas e aferrolhadas sobre mim, instalaram-se diante do lugar, à espera, sem que ninguém se expusesse ao perigo de um encontro comigo. Esperavam que eu sucumbisse ao flagelo mortal, consumido pela teimosa raiva de que estava possuído. Assim devolvido à liberdade, agarrei avidamente a feliz oportunidade de estar sozinho, e, deixando-me cair sobre o leito muito bem arranjado, saboreei o repouso de um sono humano, pela primeira vez depois de muito tempo.

III. Era dia claro, eu estava sobre o leito macio, refeito da fadiga. Fresco e disposto, levantei-me e escutei a conversa, a meu

respeito, daqueles que tinham passado a noite revezando-se para me vigiar. "Que pensar, dizei-me, dêsse miserável burro? Estará ainda agitado pelo furor?" "Verdadeiramente, parece que o mal atingiu o paroxismo e extinguiu-se a sua virulência." Para terminar com a discussão, resolveram ir espiar. Olharam por uma fenda, e viram que eu lá me mantinha tranqüilo, sadio e sóbrio. Arriscaram-se então a abrir a porta mais largamente e procuraram verificar se eu estava mais manso. Mas um dêles, enviado do céu para ser meu salvador, a fim de experimentar minha sanidade, indicou aos outros êste meio: não tinham mais que me oferecer uma vasilha cheia de água fresca. Se eu bebesse sem demonstrar inquietação, à minha maneira de sempre, tomando-a com prazer, saberiam que eu estava bom, e isento de moléstia. Se, ao contrário, evitasse com horror a vista e o contacto da água, podiam estar certos de que a funesta raiva prosseguia obstinadamente seu curso. Era uma receita conhecida e já apresentada nos livros dos antigos.

IV. O alvitre pareceu bom. Apressaram-se a trazer da fonte vizinha uma vasilha enorme de água clara e límpida, que me ofereceram ainda hesitantes. Mas eu, longe de me fazer de rogado, avancei para a frente, estendendo o pescoço com avidez, e mergulhando a cabeça inteira nessas águas verdadeiramente salutarres, nelas me desalterei. Puseram-se então, a modo de experiência, a me dar tapas, a me beliscar as orelhas, a me arrastar pelo freio, e outras coisas; eu tudo os deixava fazer com placidez, até que enfim, contrariamente às suas loucas suposições, eu os convenci a todos da doçura das minhas maneiras.

E assim escapei a um duplo perigo. No dia seguinte, carregado de ornamentos sagrados, fizeram-me sair ao som de castanholas e de címbalos, para ir de nôvo mendigar pelas encruzilhadas. Passamos por algumas casinholas e postos fortificados e chegamos a uma aldeia construída entre as ruínas de uma cidade outrora opulenta, conforme informaram os habitantes. Alojamo-nos na primeira hospedaria, onde ouvimos contar a divertida historieta de um Pobre que se tornou Corno. A vós também quero contá-la.

V. Reduzido à pobreza mais extrema, êle tirava dos serviços de jornaleiro o magro salário para assegurar a subsistência. Tinha,

todavia, uma espôsa, de condição cativa ela também, que lhe dava muito que falar por sua excessiva lascívia. Um dia, em que nosso homem partira muito cedo para o trabalho, introduziu-se em sua casa, às furtadelas, um temerário adúltero. Enquanto os dois amantes se entregavam, seguros, aos combates do amor, o marido, que ignorava tudo e que estava longe de suspeitar, voltou para casa, inesperadamente. Encontrou a porta fechada e aferrolhada. Louvando já a virtude da mulher, bateu e assobiou para anunciar-lhe a sua presença. A mulher, então, que era ladina e astuciosa nesse gênero de proezas, libertando o homem dos seus apertadíssimos amplexos, escondeu-o no interior de uma jarra enfiada num canto e que se encontrava vazia; depois, abriu a porta. Não tinha o marido ainda entrado e já ela o acolhia com ásperas palavras: "Tenho sempre de te ver flanando, desocupado, preguiçoso, de mãos nos bolsos. Lá deixaste o teu trabalho, sem pensar no sustento, nem em procurar o que comeremos. E eu, desgraçada, tanto à noite como de dia, que tôrça os dedos a fiar a lã, para que em nosso pobre quarto uma lâmpada ao menos se mantenha acesa. Quanto a vizinha Dafne é mais feliz que eu! Rebola com seus amantes e embebeda-se desde cedinho, a ponto de ficar doente de tanto comer e beber."

VI. Admoestado dessa forma, respondeu o marido: "E que dizes disto? Retido por um negócio forense, nosso chefe da oficina nos deu um feriado; entretanto, providenciei para o nosso jantar de hoje. Olha para esta jarra, sempre vazia, que ocupa tanto lugar, inútilmente, e que não serve para nada, em verdade, senão para atulhar a casa. Vendi-a por seis denários e aqui está o freguês que vem pagar e levar sua compra. Então, vamos! Um auxíliozinho, peço-te, e nós a tiraremos do seu buraco e a entregaremos ao comprador."

A falaciosa mulher não perdeu o sangue-frio. Desatando num riso indecente, exclamou: "O grande homem! Vejam só o hábil comerciante! Um objeto que eu, simples mulher, e sem sair de casa, vendi há um momento por sete denários, êle se desfaz dêle por menos."

Surpreendido pelo alto preço, o marido perguntou: "E quem foi que to comprou por preço tão bom?" E ela: "Há que tempo, imbecil, que êle desceu para dentro da jarra, para experimentar-lhe a solidez!"

VII. A estas palavras da mulher, o outro não desperdiçou a deixa, mas surgiu todo álacre, dizendo: "Queres saber a verdade, mãe? Tua jarra é velha demais, e cheia de fendas e buracos." Voltando-se para o marido, fêz como se não o conhecesse: "Dize, homenzinho, quem és? Mas quem quer que sejas, dá-me uma lâmpada, depressa, para que eu possa raspar cuidadosamente as sujeiras que estão pregadas nas paredes do vaso e verificar se êle ainda serve para algum uso. Ou pensas que nosso dinheiro é roubado?" Sem demora nem supeita, o esclarecido espôso acendeu a lâmpada e depois acrescentou: "Retira-te, irmão, e espera aí tranqüilamente: eu ta apresentarei tão limpa quanto fôr necessário." Assim falando, tirou a roupa, desceu com a luz, convencido de estar obrigado a raspar, êle próprio, os velhos depósitos que encoscoravam as paredes do vaso. Brincava o adúltero, no entanto, e, enquanto a mulher do tarefeiro se inclinava para a frente sôbre a jarra, êle a apertava de perto e a trabalhava à vontade. Ela, mergulhando a cabeça no vaso, auxiliava o marido com uma astúcia de cortesã: "Aqui, ali, e lá ainda, e mais ali, de nôvo." Ela mostrava com o dedo os lugares para limpar, até o momento em que, acabada a dupla necessidade, e pagos os sete denários, o calamitoso obreiro foi obrigado a carregar a jarra nas costas até o domicílio do adúltero.

VIII. Passamos alguns dias nesse lugar. Quando engordaram bem com a munificência pública e com o produto de seus vaticínios, nossos dignos sacerdotes imaginaram uma nova fonte de lucro. Compuseram uma sorte única que se applicava a múltiplos casos, e dela se serviram para engambelar aquêles que vinham em multidão consultá-los sôbre uma coisa e outra. A sorte era assim:

*Os bois colocados sob jugo,
se escavam o sulco,
é para que um dia
germine a rica messe.*

Então, se os consultava alguém que queria, por exemplo, contrair matrimônio, tinham, diziam êles, resposta de acôrdo com a circunstância: o jugo era o do casamento, de onde nasciam meses de crianças. Pediam-lhe conselhos sôbre a compra de uma propriedade? Era muito a propósito que se falava de bois, de

jugo, de sementeiras e de opulentas colheitas. Tratava-se de pessoa ocupada com um projeto de viagem que queria o divino auspício? Os quadrúpedes mais mansos do mundo, já sob o jugo, o esperavam, e o escavar do solo anunciava um benefício. Havia chegado o momento de travar combate, ou de perseguir um bando de ladrões, e procuravam saber se a empresa seria bem sucedida, asseguravam êles que a vitória estava garantida pelo encorajante presságio: curvavam os inimigos a cabeça sob o jugo e a captura seria de um tesouro ubérrimo e proveitoso.

Nossos adivinhos, por sua capciosa astúcia, juntaram, desta maneira, somas não desprezíveis.

IX. Porém, à fôrça de responder continuamente às questões, acabaram por ficar cansados e se puseram a caminho. A estrada era bem pior que tôdas que percorrêramos, à noite: esburacada e cheia de ravinas, ora mergulhava em um pântano de água estagnada, ora se apresentava coberta de uma camada de lama viscosa. Depois de muitas escorregadelas e de freqüentes passos em falso, eu tinha as pernas machucadas, e, com dificuldade, cansadíssimo, cheguei a uma trilha na planície. E eis que aparecem, repentinamente, atrás de nós, cavaleiros armados. Dominaram com esforço o impulso de suas montarias, atiraram-se avidamente sobre Filebo e seus companheiros, agarraram-nos pelos gasnetes, chamando-os de infames sacrílegos; administraram-lhes uns bons murros, algemaram-nos e pediram com insistência o cântaro de ouro. Sim, que devolvessem o produto de seu crime, pois, a pretexto de uma pretensa cerimônia celebrada por êles em segredo, tinham furtado, às escondidas, dos próprios coxins da Mãe dos Deuses, e como somente pela fuga poderiam evitar o suplício devido a tal crime, haviam franqueado os muros, mal raiara o dia.

X. Um dêles, finalmente, pondo a mão no meu lombo e vasculhando o próprio seio da deusa que eu levava, descobriu o cântaro de ouro e dali o tirou, diante dos olhos de todos. Mas mesmo em presença da prova de seu crime hediondo, os impudentes não se mostraram nem embaraçados, nem intimidados. Até mesmo riram um riso caviloso, e tentaram caçoar. "Vêde", disseram, "que indignidade, e como com freqüência erradamente se condenam os inocentes. Por um único cálicezinho que a Mãe dos Deuses ofereceu à sua irmã, a Deusa Síria, como presente de hos-

pitalidade, tratam os ministros da religião como criminosos, e os agarram para um processo capital.”

Mas de nada lhes adiantaram êses frívolos discursos e outros do mesmo gênero; o pessoal da cidade os levou de volta e, imediatamente os encerraram, carregados de cadeias, no Tuliano⁸¹. O cântaro, e até a imagem que eu levava, foram depositados e consagrados no tesouro do templo. E eu, no dia seguinte, fui exposto à venda uma vez mais, por intermédio de um pregoeiro. Fui comprado, por sete sestércios a mais do que Filebo pagara anteriormente, por um moleiro do povoado vizinho. Na mesma ocasião, êle comprou trigo, e foi carregado a mais não poder que, por um pedregoso caminho, cortado de raízes de várias espécies, fui conduzido ao moinho onde êle trabalhava.

XI. Lá, numerosos jumentos, descrevendo múltiplos círculos, faziam rodar as mós de variados calibres. E não era só de dia, pois, durante tôda a noite, sem trégua nem repouso, com o auxílio das máquinas que giravam, espalhavam a farinha, fruto das vigílias. Mas, evidentemente para evitar que eu me zangasse com a iniciação à servidão, meu nôvo dono me tratou como a um embaixador estrangeiro⁸². Com efeito, no primeiro dia, êle me deu feriado e guarneceu ricamente a minha manjedoura com uma copiosa ração. Mas êsse lazer feliz e essa cara opulência não duraram mais que isso. No dia seguinte pela manhã, atrelando-me à mó que parecia a maior, cobriram-me a cabeça e logo em seguida me empurraram para a frente, no caminho circular de uma pista sinuosa, onde, limitado em meu trajeto por um orbe móvel, eu devia voltar sempre sôbre meus passos, calcar sem tréguas meu próprio rastro, e seguir, em marcha errante, um itinerário invariável.

Entretanto, eu esquecera inteiramente minha sagacidade e prudência. Mostrei-me pouco dócil à aprendizagem do meu ofício. Se bem que, no tempo em que me contava no número dos humanos, tivesse eu visto muitas vêzes manobrem assim semelhantes máquinas, fingi que não possuía de tal trabalho nem experiência nem conhecimento, e, fazendo-me de estúpido, permaneci imóvel. Esperava, com efeito, que, julgando-me inepto e inútil para essa espécie de serviço, me empregassem em qualquer outro trabalho, de qualquer maneira menos penoso; ou, quem sabe, talvez me dessem de comer mesmo sem eu fazer nada. Mas dessa frustra-

da solércia fui eu quem pagou as custas, pois, de repente e todos juntos, cercou-me um grupo armado de cacêtes, e enquanto, com os olhos fechados, eu não desconfiava de nada, a um dado sinal, e com um grito em unísson, atacaram-me com uma saraijada de pauladas, e me aturdiram tanto com a barulheira que fizeram que, abandonando todos os cálculos, puxei prudentemente, com o corpo, a corda de fibra, e pus-me a dar voltas alegremente. A essa repentina alteração da minha política, estalou o riso de tôda a companhia.

XII. Transcorrera a parte maior do dia, e eu estava deveras fatigado, quando me levantaram uma parte dos tirantes de fibra, e, livre da manivela à qual estivera ligado, puseram-me na manjedoura. Meu cansaço era extremo; sentia uma imperiosa necessidade de refazer as fôrças e estava perdido de fome. Não obstante, minha curiosidade natural me mantinha fascinado, com o espírito alerta. Negligenciando o alimento que estava diante de mim em abundância, observava com deleite a disciplina a que se submetia essa oficina indesejável. Bons deuses! Quantos cativos, com a epiderme tôda zebrada pelas marcas lívidas do chicote, e cujas machucaduras de pancada estavam mais escondidas que protegidas por uns trapos remendados! Alguns levavam uma faixa exígua, que não lhes cobria senão o púbis, e todos vestiam só farrapos, entre os quais nada dêles ficava desconhecido. Tinham as frentes marcadas de letras, os cabelos raspados de uma banda, os pés carregados de anéis, terrosa a tez, as pálpebras queimadas pelo tenebroso ardor de uma espêssa fumaça, a ponto de mal enxergarem. E, tal como os pugilistas que se empoam para combater, por todo o seu corpo se espalhava a brancura encardida da poeira de farinha.

XIII. Quanto aos jumentos com os quais eu partilhava a existência, como lembrar-me dêles? Velhos mulos, castrados, débeis, lá estavam em tórno do côcho, onde mergulhavam a cabeça para devorar montões de palha. Um sôpro arquejante agitava-lhes o couro encoscorado de úlceras purulentas. Suas ventas flácidas se dilatavam sob as sacudidelas de uma tosse contínua. Tinham o peito em carne viva, pela fricção incessante da corda. Suas ancas estavam escoriadas até os ossos pelos perpétuos castigos. A parte coriácea dos cascos, no voltear interminável, tinha-se acachapado

numa desmesurada largura, e todo o couro dêles era coscorento, pelado e de magreza exasperada.

A vista lamentável dessa tropa de escravos me fêz temer uma sorte semelhante para mim. Lembrei-me novamente de Lúcio e de sua fortuna de outrora, e, reduzido a uma sorte de solução impossível, baixava a cabeça e me acabrunhava. Nessa vida de tormentos, nenhum consôlo, a não ser o que a minha curiosidade natural para ela levava de divertimento, pois, sem se importarem com a minha presença, todos falavam diante de mim livremente e à vontade. Não foi sem razão que o divino criador da antiga poesia dos gregos⁸³, desejando apresentar um homem de sabedoria sem igual, conta dêle, nos seus versos, que havia adquirido as mais altas virtudes visitando muitas cidades e conhecendo povos diversos. Pois eu também conservo uma grata lembrança do burro que fui, e graças ao qual, escondido num envoltório e provado por atribulações as mais variadas, tornei-me, se não sábio, pelo menos rico de sabedoria.

XIV. E aqui está precisamente uma história, boa entre as melhores, espiritual e agradável, que resolvi contar-vos. Começo. O moleiro que me comprara a pêso de dinheiro, era um homem bom e modesto; porém, casara-se com a pior das mulheres, malvada entre tôdas as suas iguais; seu leito e seu lar eram, para êle, uma fonte tão amarga de desgosto, que até eu, por Hércules, gemia freqüentemente, à parte, sôbre a sua sorte. Pode-se dizer que nenhum vício faltava a essa infame criatura; pelo contrário, estavam todos reunidos na sua alma, como numa latrina emporcalhada: ela era cruel e mesquinha, bruta, bêbada, rebelde, teimosa, avara nas suas torpes rapinas, pródiga nos seus gastos vergonhosos, inimiga da fé, hostil ao pudor. Por outro lado, desprezava, calcando-os aos pés, os numes divinos. Em lugar da religião, falsa e sacrilegamente professava a crença presunçosa num deus que proclamava único. Sob a aparência de observâncias vãs, enganava a tôda a gente, principalmente ao mísero marido. Bebia de manhã à noite, e se prostituía durante o dia.

XV. Tal como era, essa mulher me perseguia com ódio. Nem bem tinha amanhecido, e, ainda no leito, ela gritava que atrelassem à máquina o burro recém-vindo. Depois, logo que saía do quarto, vinha-se plantar ao meu lado e ordenava que me admi-

nistrassem em sua presença uma sova de pau. Na hora de comer, desatrelavam as outras bÊstas, e não era senão muito tarde que ela me mandava para a manjedoura. Essas perseguições haviam aguçado singularmente, a respeito de sua conduta, minha curiosidade natural. Reparei que entrava assiduamente no seu quarto um môço e tinha muita vontade de lhe ver o rosto, se por acaso o tapa-ólho concedesse aos meus olhos um instante de liberdade, pois astúcia não me faltava para descobrir, de um modo ou de outro, as torpezas da detestável criatura. Uma velha, cúmplice de suas libertinagens e recadeira de seus amantes, passava os dias junto dela. Inseparáveis, as duas começavam por almoçar juntas. Depois de terem empinado vários copos de vinho puro, combinavam, com infernal astúcia, as artimanhas contra o mísero marido. Qualquer que fôsse o meu ressentimento contra o engano de Fótis, que, querendo fabricar um pássaro, conseguira um burro, restava-me, na cruel deformidade, uma única razão de consôlo para me levantar o ânimo: é que, graças às minhas longas orelhas, eu ouvia tudo sem o menor esfôrço, mesmo a considerável distância.

XVI. E foi assim que, certo dia, estas frases cautelosas da velha me vieram aos ouvidos: "Isso é contigo, senhora minha, se, sem ter-me consultado, te entregaste a um vagabundo e poltrão, que um franzir das sobranceiras do teu pasmado e *insípido* marido faz tremer como um covarde, cujo amor se esfria com o mêdo, e que castiga, com suas hesitações, o ardor de teu amplexo. Quão melhor é Filesítero, formoso adolescente, generoso e valente, que as vãs precauções dos maridos encontra sempre resoluto! Digno êle só, de usufruir os favores de tôdas as mulheres; digno êle só, de levar uma coroa de ouro na cabeça. Ainda recentemente, com mestria sem igual, imaginou uma astúcia contra um marido ciumento. Escuta, pois, e compara os gênios diversos dos amantes.

XVII. "Conheces bem um certo Bárbaro, decurião de nossa cidade⁸⁴, a quem o povo chama Escorpião, pela aspereza do seu caráter. Êle tinha mulher bem nascida, de extraordinária formosura, à qual cercava de inacreditável vigilância e mantinha cautamente encerrada em casa."

A essas palavras, a mulher do moleiro comentou: "Como não conheço? Pois falas da minha condiscípula Aretéia." "Se é as-

sim", replicou a velha, "sabes também tôda a história com File-sítero?" "Não, nada", disse ela, "mas desejo muito conhecê-la, mãe, e te suplico que ma contes sem omitir nada."

Sem demora, a infatigável faladeira começou: "Êste Bárbaro preparava-se para fazer uma viagem inadiável, e nada queria negligenciar para preservar a honra da cara espôsa. Deu, em segredo, instruções a um jovem escravo chamado Mirmécio, de quem conhecia a rara fidelidade. Confiou-lhe inteiramente a guarda da senhora, prometendo-lhe prisão, correntes perpétuas, e até a morte, morte lenta pela fome, se alguém, fôsse quem fôsse, mesmo de passagem, a tocasse com a ponta do dedo. Isso êle jurou, e confirmou o juramento por tôdas as divindades. Deixando Mirmécio assim aterrorizado, para que servisse à mulher de infatigável seguidor, Bárbaro se pôs a caminho com o espírito tranqüilo.

"Então, com ansiosa perseverança e ânimo obstinado, Mirmécio proibiu à ama tôdas as saídas. Quando ela estava na casa ocupada, fiando a lã, êle sentava junto dela, sem deixá-la nunca. E como era preciso que à tarde ela saísse para ir ao banho⁸⁵, colava-se a ela, apertando na mão a barra do seu vestido. Assim cumpria, com admirável pertinácia, a missão de confiança de que fôra incumbido.

XVIII. "Mas a beleza da nobre senhora não passaria despercebida a Filesítero, com seu ardor vigilante. Essa castidade tão famosa, e os próprios exagerados cuidados da vigilância, avivaram o seu fogo. Pronto a fazer tudo e tudo sofrer, reuniu as forças para triunfar da inflexível disciplina dessa casa. Sabendo bem que a fidelidade humana é coisa frágil, que não há obstáculo para o dinheiro, e que se vê o ouro forçar até portas de aço, aproveitou um momento em que Mirmécio estava sozinho, contou-lhe do seu amor e suplicou-lhe remédio para o seu tormento, pois sua resolução estava tomada: decidira recorrer à morte pronta, se não possuísse logo o objeto de seus desejos. De resto, era coisa muito fácil, e que não justificava nenhum temor, pois, estando sozinho à noite, escondido e protegido pelas trevas, podia, num instante, entrar e sair. A êsses meios de persuasão, ajuntou um último que devia, como uma cunha forte, abrir uma fenda na rígida firmeza do escravo: estendendo a mão, mostrou-lhe moe-

das de ouro novas e brilhantes. Vinte eram para a môça, e ao próprio Mirmécio, de boa vontade ofereceria dez.

XIX. "Mirmécio estremeceu de horror ao pensamento do inaudito crime, e fugiu, tapando os ouvidos. Mas o brilho chamejante do ouro não queria mais deixar seus olhos. Não lhe adiantou afastar-se a passo rápido. Mesmo depois de chegado a casa, continuava vendo o belo reflexo das peças, e mantinha no pensamento o opulento lucro. Agitado como as águas do mar, e em conflito consigo mesmo, o espírito do pobre rapaz se dividira, solicitado por paixões contrárias: aqui a fidelidade, ali o lucro; aqui os tormentos, ali a volúpia. Por fim, o temor da morte foi vencido pelo ouro. O desejo de possuir as belas moedas não diminuiu nem com o tempo. O flagelo da cobiça envenenava-lhe as noites e, se as ameaças do amo o retinham em casa, a voz do ouro o chamava para sair. Então, sufocando a vergonha, e banindo tôda hesitação, levou aos ouvidos da senhora a mensagem de que o tinham encarregado. Esta, longe de desmentir a leviandade natural do sexo, fêz imediatamente ao execrável metal o sacrifício da honra. Transbordando de alegria, precipitou-se Mirmécio de cabeça baixa para o aniquilamento de sua fidelidade. Queimava, já não digo de desejo de receber, mas simplesmente de apalpar o dinheiro que tinha visto, para sua perdição. Anunciou alegremente a Filesítero que, graças aos seus muitos esforços, dêle, Mirmécio, seus desejos seriam satisfeitos, e reclamou ao mesmo tempo a recompensa prometida. E eis as peças de ouro na mão de Mirmécio, que não conhecia nem o cobre.

XX. "Alta noite, êle conduziu à casa o audacioso amante, sòzinho e com a cabeça bem coberta, e o fêz entrar no quarto da senhora. Porém, quando ela e êle sacrificavam com seus primeiros amplexos ao nôvo Amor, e, soldados nus, faziam juntos os primeiros exercícios a serviço de Vênus, nesse instante, e contra tôda expectativa, aproveitando a sombra da noite, o marido se apresentou inesperadamente diante da porta da casa. Bateu, chamou, malhou na porta fechada com uma pedra, e a demora aumentava cada vez mais suas suspeitas, pelo que êle ameaçava Mirmécio de terríveis suplícios. O escravo, perturbado pela súbita desventura, não sabia como fazer na sua cruel perplexidade, e, como único recurso de que dispunha, acusou a escuridão da noite que

o impedia de encontrar a chave cuidadosamente escondida. Entretanto, Filesítero, ouvindo a balbúrdia, vestiu prontamente a túnica, mas, na pressa, esqueceu de se calçar, e saiu do quarto na disparada. Foi somente então que Mirmécio introduziu a chave sob a tranca, abriu a porta, e fez entrar o amo, que vociferava ainda, invocando todos os deuses. Depois, enquanto o marido alcançava o quarto, Mirmécio, o mais depressa que podia, orientou Filesítero para uma evasão clandestina. Estando aquêlé livre, portas a fora, o escravo, tranqüilo a seu respeito, fechou a casa e entrou para dormir.

XXI. “Mas quando, vindo os primeiros alvares do dia, Bárbaro saiu do quarto, viu sob o leito sandálias desconhecidas: aquelas que Filesítero levava quando entrara. Suspeitando, ao ver isso, do que se havia passado, sem contar o tormento do coração nem à mulher, nem a ninguém da casa, juntou as sandálias, introduziu-as furtivamente sob as roupas, e ordenou somente que Mirmécio, carregado de correntes e vigiado pelos companheiros, fôsse arrastado até o forum, enquanto que êle próprio, sufocando repetidos urros, se dirigiu com passos rápidos na mesma direção, calculando que as sandálias reveladoras o fariam encontrar sem esforço o rastro do sedutor. Avançava então Bárbaro, furioso, pela rua, com o rosto congestionado e as sobrancelhas franzidas. Atrás dêle, sob os ferros, Mirmécio, que, não compreendendo direito, era no entanto trabalhado por sua má consciência, e que, com uma torrente de lágrimas e veementes lamentações, excitava uma piedade impotente. Nesse momento exato os encontrou Filesítero. Sua caminhada tinha outro objetivo; todavia, o imprevisto espetáculo o atingiu sem desconcertá-lo. Veio-lhe à memória o esquecimento cometido com sua precipitação. Perspicaz, adivinhou tôda a seqüência e, apelando para sua segurança costumeira, afastou os escravos, lançou-se sôbre Mirmécio com grandes clamores, martelando-lhe as faces com murros inofensivos: “Ah! velhaco”, dizia, “perjuro! Possa o teu dono aqui presente, e possam tôdas as divindades do Céu, que invocaste temerariamente nos teus falsos juramentos, possam elas, malvado, te perderem miseravelmente. Fôste tu que, ontem, no banho, me roubaste as sandálias. Em verdade, mereces usar êsses ferros, e mereces apodrecer nas trevas do cárcere.”

"Enganado por essa oportuna astúcia, e pelo ar decidido do môço, e mais, alegremente crédulo, Bárbaro, de volta a casa, mandou chamar Mirmécio, apresentou-lhe as sandálias e, perdoando-o de bom coração, aconselhou-o a entregar ao legítimo dono o que havia furtado."

XXII. Não tinha ainda a velha terminado a sua prosa, quando a outra falou: "Feliz da mulher que encontra no amante tanto sangue-frio e presença de espírito! Enquanto que eu, pobre de mim, tremo de mêdo até do ruído da mó, e do vulto do burro sarnento que ali está."

E respondeu a velha: "Eu persuadirei o outro, cuja coragem confirmo, e trarei, fiel, ao teu encontro, o audacioso amante." Com isso, e combinando voltar à tarde, ela saiu do quarto.

A pudica espôsa logo preparou uma ceia comparável às dos sálíos. Decantou vinhos caros, misturou carne verde e em conserva, guarneceu abundantemente a mesa. Em suma, em vez do amante, parecia que um deus era esperado. O marido, muito a propósito, jantaria fora, em casa de um lavador de togas vizinho⁸⁶. Chegava o dia ao fim. Desarreado afinal, eu poderia, sem mais preocupação, restaurar as fôrças; mas, em verdade, alegro-me menos de estar livre do trabalho que de ter os olhos destapados e poder, dali para a frente, seguir à vontade todo o manejo da celerada. O Sol mergulhara no oceano, e iluminava as regiões inferiores do mundo, quando, lado a lado com a sórdida velha, chegou o temerário amante: um menino, podia-se dizer, cujas faces frescas e imberbes atraíam os olhares, e muito bom êle mesmo, ainda, para fazer a felicidade de um amante. Foi recebido com beijos, mostraram-lhe a ceia preparada e convidaram-no a pôr-se à mesa.

XXIII. Mas o rapaz mal roçara o primeiro copo com os lábios e mordiscara as primeiras petisqueiras, quando, muito mais depressa do que se esperava, eis o marido de volta. Sua virtuosa espôsa o recebeu com as piores imprecações, afirmando que bem gostaria que êle tivesse quebrado as duas pernas. Quanto ao amado, lívido de mêdo e tremendo, ela o escondeu numa caixa de madeira que servia para guardar o trigo moído e que lá se achava por acaso. Depois, dissimulando, com sua astúcia natural, a infâmia de sua conduta, e deixando transparecer na expressão uma fingida se-

gurança, perguntou ao marido por que deixara a mesa do amigo, com quem mantinha tão estreitas relações de amizade, e voltara tão cedo. Mas êle, cheio de dor, e suspirando sem cessar, disse:

"É que, não podendo suportar a ignomínia e a baixeza de uma mulher perdida, fugi. Ai de nós, deuses bons, como pode a mãe de família tão fiel, tão equilibrada, se macular com a vergonhosa desonra? Juro por esta divina Ceres que o que vi dessa mulher, com os meus olhos, não posso ainda acreditar."

Excitada pelas palavras do marido, a audaciosa se acendia no desejo de conhecer a aventura. Instava sem cessar para obrigá-lo a contar tôda a história, e não sossegou enquanto o marido, cedendo à sua vontade, não lhe narrou o infortúnio da casa do outro, inconsciente do que se passava na sua.

XXIV. "Meu amigo que tinge panos tem uma mulher cuja virtude parecia acima de qualquer suspeita. Gozava de uma reputação que fazia a sua glória, e governava como casta espôsa o lar conjugal, quando uma paixão secreta dela se apoderou por não sei que adúltero. Começaram os freqüentes encontros furtivos, a ponto de, no próprio momento em que, saídos do banho, íamos para a mesa, ela estar fazendo amor com o môço. Perturbada de súbito pela nossa presença, e apanhada desprevenida, ela o escondeu sob uma gaiola de caniço, feita de varinhas flexíveis, dispostas em círculo e ajuntando-se no alto, sôbre a qual se estendiam as peças de fazenda para clareá-las na fumaça do enxôfre. Estando o outro assim escondido em lugar seguro, como pensava, ela veio, sem preocupação, associar-se ao nosso repasto.

"Entretanto, o môço, impregnado do acre e penetrante odor sulfúrico, sufocava, desfalecia numa nuvem de vapor, e, conforme o efeito ordinário produzido por êsses corpos de virtudes ativas, foi sacudido de freqüentes espirros.

XXV. "Da primeira vez, ouvindo, ao lado da mulher, o ruído de um espirro que se produzia atrás, o marido acreditou que vinha dela e lhe disse a fórmula usual de saúde. Do mesmo modo, veio um segundo espirro, e diversos mais ainda, até o momento em que, intrigado pela repetição do mesmo fato, êle suspeitou, por fim, do que se tratava. Empurrando bruscamente a mesa, descobriu a gaiola e dela tirou um homem cuja precipitada respiração se processava com esforço. Ardendo de indigna-

ção com a afronta, pediu uma espada. Fazia já menção de degolar o moribundo, quando, ao pensamento do perigo em que nos meteria a todos, eu lhe contive com esforço o louco impulso, argumentando que, sem culpa nenhuma de nossa parte, seu inimigo não tardaria a sucumbir por si mesmo à violenta ação do enxôfre. Acalmado, por fim, menos pelos conselhos que pela força das circunstâncias (o homem, com efeito, não vivia mais senão a meio), foi depositá-lo na rua vizinha. Aconselhei em seguida, baixinho, a mulher, persuadindo-a a se afastar da loja por algum tempo, e retirar-se provisoriamente para casa de uma das amigas, até que o tempo serenasse a cólera fervilhante do marido, pois, a julgar pelo calor e raiva de que estava possuído, não era de duvidar que meditasse também contra si mesmo e contra a mulher algum sinistro projeto. O aborrecimento do tal banquete me afugentou da mesa do meu amigo e me trouxe para minha própria casa."

XXVI. Durante todo êsse relato, a mulher do moleiro, que tinha uma longa prática de impudência e de perfídia, amaldiçoava a mulher do lavador de panos e imprecava contra ela. Era, dizia, uma sem-vergonha, uma ordinária, a desonra e o opróbrio de todo o seu sexo. Pois quê! Sacrificar a honra, calcar aos pés o pacto do leito nupcial, emporcalhar o lar conjugal com a infâmia de um prostíbulo, perder a dignidade de espôsa, para ficar com o nome de prostituta! Era preciso queimar vivas tais mulheres, acrescentava. Entretanto, secretamente minada pelos remorsos de uma consciência sórdida, tinha pressa de livrar o cúmplice de um abrigo que o incomodava, e não cessava de dar a entender ao marido que era hora de ir dormir. Mas êle, que, da ceia interrompida por sua fuga, tinha voltado completamente em jejum, pediu com delicadeza que lhe dessem antes alguma coisa para comer. A mulher então diligenciou servi-lo, mas bem contra a vontade, e isso se compreende: o repasto era destinado a outro. Mas, profundamente golpeado em meu coração ao pensamento da criminosa conduta dessa mulher abominável e do seu cinismo nesse instante, eu me perguntava ansiosamente se poderia, de algum modo, descobrindo e revelando a fraude, auxiliar o meu dono e fazer aparecer a todos os olhos, revelando-lhe o abrigo, aquêle que, como uma tartaruga, se mantinha agachado na caixa.

XXVII. No tormento que eu experimentava com a injúria feita ao meu dono, a celeste providência afinal lançou os olhos para mim. Era a hora em que o velho coxo encarregado de nos tratar levava, para beber, as bēstas de carga, em grupo, ao bebedouro mais próximo. Tal circunstância forneceu à minha vingança a suspirada ocasião, pois, ao passar ao lado do nosso adúltero, vi a ponta de seus dedos, que ultrapassavam as bordas da caixa estreita demais: com um golpe do casco, dado de lado, eu os comprimi sem dó e os esmaguei até reduzi-los a pasta. A dor intolerável lhe arrancou um grito aflito. Ele abriu a caixa, repeliu-a para longe, e sua aparição à vista dos profanos revelou as manobras da despudorada mulher.

O moleiro, entretanto, não estava lá muito comovido com o mal causado à sua honra, e, enquanto o velhaco, pálido, tremia, êle, com a fronte serena, com expressão benévola, disse-lhe, acariciando-o: "Não temas nenhum ma' de minha parte, meu filho. Não sou bárbaro, e não tenho os modos grosseiros de um camponês. Também não sou um brutal lavador de panos, para te fazer morrer asfiziado com vapôres de enxôfre. Eu não recorrerei aos rigores do Direito, nem invocarei a lei sôbre o adultério, para intentar um processo capital contra jovem tão gracioso e bonito. Não. Tratarei com minha mulher sôbre o princípio da partilha. Não é a divisão dos bens da família que pretendo reclamar, mas o desfrute em comum, a fim de que, sem disputa e sem querelas, nos encontremos os três de acôrdo num único leito. Assim, vivi sempre com minha mulher em tão perfeita harmonia que, de acôrdo com o preceito dos sábios, sempre tivemos, um e outra, a mesma opinião em tudo. A equidade, de resto, não permite que a mulher tenha mais autoridade que o marido."

XXVIII. Conversando assim, com blandiciosas palavras, êle arrastava para o leito o rapaz, que, embora não quisesse, o seguia. Depois de ter fechado sua casta metade numa outra peça, deitou sòzinho com o jovem, e gozou plenamente a doçura de vingar o seu himeneu profanado. Mas antes que o disco luminoso do Sol tivesse feito nascer o dia, chamou dois dos seus mais robustos escravos, fê-los segurarem o juvenzinho tão alto quanto possível e, fustigando-o com uma férula, observava: "Ah! Tão tenro e delicado, e tão menino, tu frustra os amorosos da flor da tua

juventude, para correres atrás de mulheres, de mulheres de condição livre e das que estão sob as leis do matrimônio. Fazes-te de sedutor e reivindicas antes da idade a fama de adúltero!"

Depois desta apóstrofe e de outras do mesmo gênero, acompanhadas de um corretivo cuidadoso, lançou-o porta afora. O rei dos sedutores, fora do negócio, sem esperança, com as brancas nádegas magoadas do tratamento suportado durante a noite, e depois de dia, fugiu acabrunhado. O padeiro impôs logo o divórcio à mulher e expulsou-a imediatamente de casa.

XXIX. Porém, ela, com sua natural malícia, ressentia-se profundamente da afronta que a exasperava, por justa que fôsse. Voltando às suas práticas antigas, exercitou-se nos artifícios familiares ao seu sexo. Procurando bem, descobriu uma velha feiticeira que, com devoções e malefícios, podia conseguir fôsse o que fôsse. Era o que se acreditava. À fôrça de súplicas e de presentes, assegurou-se do seu concurso, pedindo-lhe de duas coisas uma: ou apaziguar o marido e reconciliá-los, ou, se isso não fôsse possível, invocar ao menos algum espectro, algum nume infernal que tivesse pôsto fim à vida com morte violenta. Esta mulher, então, esta feiticeira, que tinha poder sôbre os deuses, tentou, para começar, as armas mais comuns de sua arte criminosa. Esforçou-se por abrandar o coração gravemente ultrajado do marido, impelindo-o de nôvo ao amor. Mas como o êxito não correspondesse à expectativa, indignada contra as potências divinas e estimulada tanto por seus desdêns como pelo lucro que esperava da recompensa prometida, foi a própria vida do desgraçado que ela ameaçou, incitando a perdê-lo a sombra de uma mulher que perecera de morte violenta.

XXX. Mas talvez, leitor escrupuloso, procures censurar minha narrativa argumentando assim: "E como, então, astuto burro, fechado como estavas entre os muros de um moinho, pudeste saber o que as duas mulheres faziam em segredo?" Fica sabendo, pois, como o homem curioso que eu era, sob a figura de uma bêsta, teve conhecimento de tudo o que se tramava contra a vida do meu moleiro.

Pelo meio do dia, apareceu de repente, no interior do moinho, uma mulher vestida como uma acusada, desfigurada por uma

indizível tristeza. Vestida de trapos lamentáveis, pés nus e sem proteção, estava pálida como o buxo e era de horrível magreza. Sua cabeleira grisalha, espalhada e suja de cinza, caía para a frente e lhe escondia a maior parte do rosto. Assim, pousou docemente a mão sobre o moleiro, e, a pretexto de uma conversa em particular, arrastou-o para o quarto dêle, onde, a portas fechadas, demorou-se por muito tempo. Mas como o trigo que os obreiros tinham recebido para manipular estava inteiramente acabado, e era preciso pedir outro, os escravos, diante do quarto, puseram-se a chamar o dono, reclamando suprimento para o trabalho. Por duas vezes, sem resultado, gritaram com tôda a fôrça; do dono, nem sinal. Deram então grandes golpes na porta, e, presentindo, ao encontrá-la aferrolhada com cuidado, algum funesto acidente, com um forte tranco a arrombaram, ou fizeram saltar os gonzos, e abriram por fim um acesso. Não descobriram em parte alguma a mulher, mas viram o amo pendurado a uma viga, estrangulado. Já não respirava mais. Depois de terem desfeito o nó que lhe apertava a garganta, e de o descerem, procederam, com barulhentas queixas e veementes lamentos, às derradeiras abluções, providenciaram os deveres fúnebres, e o levaram ao túmulo seguido de numeroso cortejo.

XXXI. No dia seguinte, a filha casada, que vivia num povoado vizinho, acudiu chorando, agitando os cabelos desnastrados e batendo no peito a intervalos, com o punho fechado. Ninguém lhe tinha levado a notícia do infortúnio que atingira sua casa; porém, ela o soubera, pois, durante o sono, a lastimosa imagem do pai lhe aparecera, com o pescoço ainda no laço, e lhe revelara a criminosa conduta da madrasta, suas infidelidades, seus malefícios, e como' êle próprio, vítima de um fantasma, tinha descido aos infernos. Durante longo tempo, ela se abandonou a torturantes lamentos. Acalmada, enfim, pelos amigos que acudiram e a cercaram, pôs têrmo ao luto. No nono dia, uma vez acabados os ritos solenes ao pé do túmulo, vendeu tudo que fazia parte da herança, escravos, móveis, animais. Foi assim que todo o patrimônio foi dispersado aqui e ali, ao capricho e ao acaso de uma venda cheia de imprevistos. Foi comprado por um pobre jardineiro por cinqüenta sestércios: era caro, dizia êle, mas esperava, por meio do nosso comum trabalho, conseguir com que viver.

XXXII. Parece-me indicado expor aqui como eram, hora por hora, os deveres do meu nôvo serviço. Pela manhã, depois de ter pôsto sôbre mim uma pesada carga de legumes, meu dono me conduzia, de costume, à cidade vizinha. Entregava sua mercadoria aos revendedores; depois, montado no meu lombo, voltava para sua horta. Então, enquanto êle capinava e regava, e, curvado para a terra, desincumbia-se dos seus outros trabalhos, eu, durante todo o tempo, não tendo mais nada que fazer, desfrutava de um sereno repouso. Mas os astros cumpriam a ordem imutável de suas revoluções. O ano percorreu o ciclo de seus dias e de seus meses, deixando para trás os doces prazeres das vindimas de outono e se inclinou para o Capricórnio. Veio o inverno com suas nevasdas, suas chuvas contínuas. Encerrado ao ar livre, num estábulo sem teto, eu sofria horrivelmente de frio, e não tinha alívio, pois meu dono, em sua extrema pobreza, não podia conceder nem a si mesmo, e muito menos a mim, um colchão de palha, ou uma exígua coberta, e se contentava com uma cabana de folhagem. Acrescentai que era um suplício pôr os pés de manhã na lama fria e sôbre pontas de gêlo. Eu não tinha nem para encher a pança a minha razão costumeira. Meu cardápio era em tudo semelhante ao do meu dono, mas não deixava de ser, por minha fé, muito magro. Constava de velhas chicórias que, crescidas e brotadas, pareciam grandes vassouras, ásperas, podres, produto do lôdo.

XXXIII. Certa noite, um proprietário do pago mais próximo, levado pela escuridão de um céu sem luar, e enganado pela chuva torrencial, tendo por isso se distanciado do caminho, naufragou diante de nossa horta com um cavalo aguado. Acolhido com a solicitude que as circunstâncias exigiam, desfrutou, apesar da falta de confôrto, o bem-estar de um repouso necessário, e, desejando recompensar a boa vontade do hospedeiro, prometeu dar-lhe algumas medidas de trigo e de óleo, das suas terras, e seis urnas de vinho. Sem mais esperar, meu patrão, munido de um saco e de odres vazios, instalou-se sôbre o meu lombo em pêlo e se pôs a caminho, para um trajeto de sessenta estádios⁸⁷. Franqueada essa distância, chegamos ao domínio indicado. Ali, o anfitrião solícito ofereceu ao meu dono uma opípara refeição. Enquanto os dois homens conversavam, de copo na mão, deu-se um acontecimento prodigioso. Uma galinha da fazenda se pôs a correr

em todos os sentidos, no quintal, soltando o seu cacarejo costumeiro, como se quisesse botar. "Boa criada", disse o dono, olhando para ela, "e fecunda quanto se deseja. Há muito tempo que, cotidianamente, nos sustentas com teus ovos. E agora ainda vejo que pensas em nos proporcionar um bom petisco." E depois: "Eh, menino!", gritou, "pega o cêsto das galinhas poedeiras e põe no canto do costume." O escravo executou as ordens do dono, mas a galinha, desdenhando o ninho sôbre o qual se instalava sempre, depôs aos pés do amo um fruto que veio a térmo tarde demais, e que era muito próprio, de resto, para enchê-lo de inquietação. Não foi, com efeito, um ôvo como nós os conhecemos, mas um franguinho completamente formado, com suas penas, unhas, olhos e mesmo voz, e que se pôs imediatamente a seguir a mãe.

XXXIV. Como se não bastasse, aconteceu outro fato, bem mais prodigioso ainda e de natureza a inspirar justo sentimento de horror. Sob a própria mesa, sôbre a qual se achavam os restos do almôço, abriu-se uma profunda fenda no chão, de onde surgiu uma abundante fonte de sangue, e largas golfadas inundaram o móvel. E, no mesmo momento em que, estarecidas, interrogavam-se ansiosamente as pessoas sôbre êsses divinos presságios, eis que chegou um homem correndo, da adega, para anunciar que todo o vinho, havia muito tempo repartido nos tonéis, fermentava e esquentava e fervia, como se o tivessem pôsto sôbre um vasto braseiro. Enquanto essas coisas aconteciam, viu-se ainda uma doninha com uma serpente morta entre os dentes. Da goela de um cão de pastor, saltou uma rãzinha verde, e o próprio cão foi estrangulado, com uma única mordida, por um carneiro que lhe estava ao lado. A repetição de tais fatos apavorara o patrão e tôda a família e mergulhara os ânimos em completo abatimento; indagavam-se todos que fazer primeiro, que fazer depois, de mais ou de menos importante, para apaziguar as ameaças dos podêres celestes, qual a espécie, qual o número das vítimas a imolar como expiação.

XXXV. Estavam ainda estatelados, na expectativa e na apreensão de algum desastre, quando chegou um pequeno escravo, que vinha anunciar ao dono as enormidades, sem igual no mundo, acontecidas no seu domínio. Aquêle homem, com efeito, tinha três filhos já crescidos, instruídos e de bom caráter, que eram o

orgulho de sua vida. Esses adolescentes estavam unidos, por antiga amizade, com um pobre homem possuidor de modesta cabana. Ora, a casinhola estava nos limites de terras vastas e opulentas, propriedade de um vizinho poderoso, rico, ainda jovem, de alto nascimento, mas que abusava da glória dos antepassados; tinha êle o gênio da intriga, e, na cidade, fazia tudo quanto queria. Como o fazia com um inimigo de guerra, invadia a mísera terra do humilde vizinho, massacrava os rebanhos, levava os bois, pisoteava as searas, que mal começavam a amadurecer. Não contente ainda de o ter espoliado do fruto de seu trabalho, pretendia expulsá-lo de seus pobres campos e, levantando uma vã questão de limites, reivindicava para si todo o domínio. Então o camponês, que, despojado já pela cupidez do rico, pedia na sua modéstia, a fim de conservá-lo ao menos para sua própria sepultura, o solo herdado dos pais, convocou, numa inquietação extrema, numerosos amigos, para estabelecer quais eram os seus limites. No número destes se encontravam os três irmãos, que desejavam auxiliar quanto pudessem o amigo oprimido.

XXXVI. Mas o celerado não se deixou atemorizar, nem mesmo perturbar, pela presença de tantos cidadãos, e não quis atenuar em nada, nem as suas ladroerias, nem ao menos a maneira de falar. Como os outros faziam valer seus direitos com brandura e procuravam apaziguá-lo com linguagem conciliante, no seu humor efervescente declarou, cara a cara, e jurou por sua vida e pela dos sêres que lhe eram caros, que não se importava com a presença de tantos mediadores; quanto ao vizinho, o seu pessoal o tomaria pelas orelhas e o atiraria imediatamente para bem longe da sua barraca. Essas palavras excitaram em todos que as ouviram veemente indignação. Um dos três irmãos lhe respondeu, sem hesitar e com alguma vivacidade, que êle se baseava em vão nas suas riquezas para proferir ameaças com a arrogância de um tirano, pois que também os pobres tinham, sob a proteção das leis, um recurso garantido contra a insolência dos ricos. Como o óleo no fogo, o sôpro no incêndio, e o chicote nas mãos da Fúria, êsse discurso foi um alimento à sua truculência. Na mais extrema insânia, e completamente fora de si, gritou que podiam enforcar-se — êles e tôdas as suas leis. E como tinha cães de pastor, êsses cães de fazenda, animais selvagens, enormes, que estão habituados a se nutrir de carniça abandonada nos campos, e orientados para morderem indistintamente qualquer viajante que passe

pela estrada, mandou que os libertassem e os soltassem sobre os que ali estavam, excitando-os ao ataque. Ao costumeiro sinal dos pastôres, inflamaram-se os cães, de súbito, de ardente raiva, e precipitaram-se para a frente, espalhando o terror por sua fúria, por seus latidos dissonantes. Cobriram de ferimentos os circunstantes, rasgaram-lhes as roupas e despedaçaram-nas, e, em vez de pouparem ao menos os fugitivos, perseguiram-nos com maior encarniçamento.

XXXVII. Essa carnificina foi causa, na multidão, de uma debandada, no curso da qual o mais jovem dos três irmãos machucou os dedos, batendo contra uma pedra, e foi lançado por terra, oferecendo à cruel rapacidade dos cães um pasto atroz. Foi bastante perceberem a presa jacente, com efeito, para despedaçarem o desgraçado adolescente. Reconhecendo seus uivos de agonia, os irmãos, cheios de dor, correram em seu auxílio, e, com a mão esquerda envolvida num pano de suas vestes, pararam, lançando uma saraivada de pedras para defender o irmão e espantar os cães. Não conseguiram, contudo, nem detê-los, nem vencê-los, nem conter-lhes a ferocidade. O mísero jovem pediu aos irmãos, e foram suas derradeiras palavras, que vingassem no rico, poluído de crimes, a morte do caçula. Depois, todo em frangalhos, expirou. Então os dois sobreviventes, não em desespero de causa, mas porque em verdade nada mais lhes importava, marcharam contra o rico. Na sua cólera ardente, no seu cego impulso, atiravam pedras à distância. Mas o sanguinário homem, exercitado anteriormente no ofício de assassino por numerosas malvezas semelhantes, lançou sua lança e atravessou de lado a lado, em pleno peito, um dos dois moços. Se bem que ferido de morte, o moço, no entanto, não caiu por terra. A arma que o tinha atravessado, tendo saído pelas costas, no seu maior comprimento, fixou-se ao solo pela violência do golpe. O corpo, sustido por êsse apoio muito rígido, ficou em equilíbrio. Lá de cima um escravo, grande e forte latagão, indo em socorro do matador, arremessou uma pedra que visava de longe o braço direito do último dos três irmãos. Mas a pedra não acertou o alvo, e, não tendo senão aflorado de passagem a ponta dos dedos, caiu, contra a expectativa geral, sem causar mal algum.

XXXVIII. Com muita sagacidade, o moço soube pelo menos tirar da relativa clemência da sorte uma ligeira esperança de vin-

gança. Fingindo ter a mão inutilizada, interpelou assim o cruel adversário: "Goza a destruição de tôda a nossa família, repasta a tua crueldade insaciável no sangue de três irmãos, e triunfa gloriosamente dos teus concidadãos abatidos. No entanto, fica sabendo que foi em vão que privaste um pobre dos seus bens, para estender indefinidamente os limites das tuas terras. Sempre terás um vizinho. Com esta mão, ter-te-ia eu cortado a cabeça, porém ela está inerte pela iniquidade do destino."

Esse discurso exasperou ao máximo o ladrão. Em seu furor, agarrou o gládio e se atirou avidamente sôbre o infeliz rapaz para matá-lo. Mas desafiara um homem tão firme quanto êle, e ficou surpreso com uma resistência que estava longe de esperar. O môço, num robusto abraço, apoderou-se da mão direita do adversário e, balançando o ferro com um impulso enérgico, bateu no rico grandes golpes e o fêz entregar a alma impura. Depois, para se livrar das mãos dos servidores que acudiram, prontamente, voltou a ponta da arma, ainda úmida do sangue do inimigo, contra a própria garganta, e cortou firme.

Os prodígios pressagiavam essas coisas — eis a desgraça de que o pai de família recebera o anúncio. Assaltado por tantas calamidades, o ancião não pôde proferir uma palavra, nem mesmo derramar o silencioso pranto. Agarrando a faca, com a qual acabava de repartir o queijo e outros pratos do almôço entre os conviças, a exemplo do seu desgraçado filho, feriu com ela a garganta com diversos golpes e, dobrando-se por fim sôbre a mesa, onde a cabeça bateu primeiro, banhou com um nôvo rio de sangue as manchas do sangue profético.

XXXIX. Foi assim que, num espaço brevíssimo, tôda a casa se acabou. O hortelão, chorando tanto infortúnio, e gemendo doloridamente sôbre a sua própria desgraça, derramou lágrimas para pagar o almôço e bateu muitas vêzes uma contra a outra as mãos vazias; depois, montando em meu lombo, tomou, em sentido inverso, o caminho pelo qual tínhamos vindo. Mas mesmo a sua volta não se realizou sem embaraços, pois um corpulento indivíduo, soldado da legião, como indicavam seu porte e atitude, encontrando-se em nossa estrada, perguntou ao hortelão, em tom soberbo e arrogante, para onde conduzia êle aquêle animal sem carregamento. Meu dono, que não se recobrava ainda do desgosto, e que de resto ignorava o Latim, passou pelo outro sem

dizer nada. O soldado não pôde conter a sua insolência natural. Ultrajado com êsse silêncio, como por uma afronta, bateu-lhe com uma cêpa de vinha que tinha na mão, e o atirou para debaixo do meu dorso. Então o hortelão respondeu, humildemente, que ignorava a língua do soldado e não podia compreender o que êle dizia. O legionário retomou a palavra em Grego: "Para onde levas êsse burro?", perguntou. O hortelão respondeu que ia à cidade vizinha. "Mas eu", foi a réplica, "preciso dêle, pois é necessário que, com outras bêstas de carga, êle transporte as bagagens do nosso comandante de um castelo fortificado que fica não longe daqui." E, pondo logo a mão sôbre mim, pegou a brida que servia para me conduzir, e se pôs a me puxar para o seu lado. O hortelão, enxugando o sangue que lhe corria da ferida recebida há pouco na cabeça, suplicou de nôvo ao camarada que se conduzisse de maneira mais civil e mais humana. Conjurou-o em nome de suas mais caras esperanças. "E depois", argumentou, "êsse burro é um velhaco que não presta para nada, o que não o impede de morder. Sofre de uma doença de sinistro agouro. Mal e mal transporta da hortinha próxima, fungando e desfalecendo, alguns molhos de legumes. Não está em condições de levar fardos pesados."

XL. Mas quando viu que o soldado, longe de se deixar enternecer pelas súplicas, excitava-se ainda mais contra êle, e, com a intenção de lhe pregar uma peça, preparava-se para lhe rachar a cabeça com o nó mais grosso da cêpa dobrada, recorreu a um meio extremo. Fingindo querer tocar-lhe os joelhos, para movê-lo à comiseração, abaixou-se, agarrou-lhe os dois pés, levantou-o da terra e o fêz recair pesadamente. Depois, a murros, a cotoveladas, a dentadas, e mesmo com uma pedra das que se amontoavam pelo caminho, machucou-o na face, nas mãos, nos flancos. Seu adversário, uma vez por terra, e deitado de costas, não podia nem reagir, nem se defender de maneira nenhuma. Mas não deixava de ameaçar o hortelão de, se por acaso se levantasse, o retalhar em pedacinhos com o sabre. Esta palavra foi um aviso: o hortelão apanhou a arma, jogou-a longe, e se pôs a golpear com dobrada fúria. O soldado, estendido de todo o comprimento, imobilizado pelos ferimentos e não encontrando nenhum meio de se salvar, lançou mão do único expediente ao seu alcance: fingiu-se de morto. Então o hortelão, levando o sabre consigo, montou em meu

lombo e dirigiu-se à cidade. Sem se preocupar de rever a sua hortinha, tocou-se para a casa de um dos amigos, contou-lhe tudo, suplicou-lhe que o auxiliasse nesse perigo, e que escondesse, a êle e seu burro, por uns dois ou três dias, o tempo de êle poder escapar, pela fuga, a uma perseguição capital. O outro, lembrando-se da velha amizade, recolheu-o sollicitamente. Içaram-me por uma escada, introduzindo-me as pernas no pavimento superior. Quanto ao hortelão, ficou embaixo, na loja; deslizou para dentro de um cofre e ali se agachou, depois do que puxaram sôbre êle uma tampa.

XLI. Entrementes o soldado, soube-o eu depois, tinha enfim des-pertado, como quem sai de profunda bebedeira, e se bem que cambaleando, enfraquecido pelo sofrimento de todos os golpes recebidos, e sustendo-se em pé apenas com o auxílio de um cajado, chegou enfim à cidade. Humilhado demais para contar a qual-quer cidadão o seu acesso de cólera e a sua derrota, devorou a injúria em silêncio, até que, encontrando alguns camaradas, con-tou-lhes, e unicamente a êles, sua desastrosa aventura. Combina-ram que êle permaneceria algum tempo no acantonamento, sem se mostrar, pois, abstraindo-se sua ofensa pessoal, êle temia, por ter perdido a espada, o gênio protetor do juramento militar. En-quanto isso, os outros procuravam-nos o rastro, diligenciando des-cobrir-nos para vingarem-se. Encontraram um vizinho pérfido, que lhes revelou o lugar exato em que estávamos escondidos. Os companheiros do soldado procuraram os magistrados, sob o falso pretexto de terem perdido na estrada um vasinho de prata, muito valioso, pertencente ao seu comandante. Diziam que um hortelão o tinha encontrado e que se recusava a restituí-lo. Que estava escondido na casa de seus amigos. Os magistrados, cientes do caso e do nome do comandante, se apresentaram à porta do nosso abrigo. Citaram em alta voz nosso hospedeiro, e, uma vez que ter-nos êle escondido era fato certo e seguro, argumentaram que era melhor entregar-nos do que pôr a própria cabeça em perigo. Sem se deixar intimidar nem um pouco, e não pensando senão na salvação daquele que recebera sob sua proteção, o hospedeiro confessou nada quanto ao que nos concernia, e afirmou que havia diversos dias não via o hortelão. Os soldados, por seu lado, declararam e juraram, pelo gênio do príncipe, que êle estava es-condido ali e não em outra parte. Por fim, decidiram os magis-

trados acabar com essas negativas obstinadas, dando uma busca. Fizeram então entrar os litores e os outros oficiais de justiça, com ordem de rebuscarem cuidadosamente até os menores recantos. Nenhum ser humano foi visto no interior da casa, e um burro muito menos.

XLII. A discussão recomeçou de parte a parte, com mais violência; afirmavam os militares que sabiam o que diziam e não cessavam de invocar o nome de César. O outro persistia em negar, tomando por testemunha os deuses numes. Ouvindo os gritos e o ruído da disputa, com uma curiosidade natural e o descaramento indiscreto de um burro, alonguei o pescoço obliquamente por uma janelinha e esforcei-me para ver o que significava aquêlê tumulto. O acaso quis que um dos soldados nesse instante voltasse os olhos para a minha sombra. Tomou por testemunhas todos os presentes. Uma grande grita se elevou. Pegaram logo uma escada, agarraram-me e desceram-me cativo. Nenhuma hesitação era possível mais: investigaram tudo escrupulosamente, e, levantando a tampa do cofre, tiraram de seu esconderijo e apresentaram aos magistrados o desgraçado hortelão, que, destinado aparentemente à pena capital, foi conduzido à cadeia pública. Entretanto, à lembrança do meu pescoço espichado para ver, estavam os risos barulhentos, as brincadeiras sem fim. Para mim, foi êsse fato a origem do provérbio, freqüentemente citado, do burro que estendeu o pescoço para ver, e da sua sombra.

LIVRO X

I. No dia seguinte, não sei o que aconteceu ao hortelão meu dono. Quanto a mim, o soldado a quem o excesso de cólera tinha valido magistral corretivo, tirou-me da manjedoura e me levou, sem provocar, em verdade, nenhum protesto. Depois, carregando-me com a sua bagagem pessoal, fêz-me sair do que me pareceu o acantonamento e me conduziu para a estrada. Equipado e armado militarmente, eu levava um capacete de brilho fulgurante, um escudo que faiscava de longe, sem falar de uma lança, notável pelo comprimento de sua haste. Todo êsse equipamento era

cuidadosamente pôsto em evidência, e, como se usa no campo, em cima dos fardos. Não, vós pensais bem, não para se conformar com os regulamentos, mas para amedrontar os desgraçados viandantes. No fim de um caminho na planície, que não era muito penoso, chegamos a uma cidadezinha, onde descemos, não no albergue, mas em casa de um decurião. Entregando-me logo aos cuidados de um pequeno escravo, êle foi, muito atarefado, para junto do chefe, que tinha o comando de mil homens armados.

II. Lembro-me de que, havia alguns dias, tinha sido cometido nesse mesmo lugar um crime particularmente nefando. Conto aqui o caso, para que vós o possais ler.

O dono da casa tinha um filho ainda jovem, educado na literatura e, em conseqüência, modelo de piedade e modéstia, um môço, enfim, que todos sonham ter por filho, ou ter um semelhante. A mãe do rapaz morrera havia muito tempo, e o pai reconstruíra o lar com um nôvo matrimônio. Nascera um segundo filho, que atingira a idade de doze anos. Reinava a madrasta em casa do marido, mais pela beleza que pelos bons costumes. Seja por um impudor natural, seja pela vontade do destino, lançou os olhos indignamente para o enteado. Isto que lêis, excelente leitor, é uma tragédia, e não fábula ligeira; dos socos subimos para o coturno.

Esta mulher, quando o pequeno Cupido estava no comêço de seu crescimento, resistiu-lhe silenciosamente aos assaltos, ainda fracos, dissimulando sem esforço o tênue rubor. Mas quando o seu coração, invadido completamente pelo fogo da vesânia, foi agitado como uma onda que se sacode pelos transportes imoderados do Amor, succumbiu à violência do deus, e, simulando langor, escondeu os ferimentos da alma sob a aparência enganadora de uma moléstia do corpo. Já a debilidade geral e a alteração do rosto têm exatamente as mesmas formas nos enfermos e nos amorosos. Qualquer um sabe disso. A feição devastada, os olhos molhados, os joelhos lassos, o sono inquieto, suspiros tanto mais profundos quanto mais longo é o tormento. Dir-se-ia que ela flutuava sômente nos vapôres da febre, se não tivesse também chorado. Pobres médicos, quanta ignorância a vossa! Que significam êste pulso rápido e esta côr viva, e essa respiração ofegante, e êsses estremecimentos que alquebram os flancos? Bons deuses, quão fácil de compreender, mesmo desconhecendo os arti-

fícios do médico, e por pouco que se seja douto nas artes de Cupido e Vênus, quando se vê uma pessoa que queima sem que seu corpo tenha sido aquecido!

III. Logo, incapaz de dominar a louca impaciência que a agitava até o fundo do ser, a madrastra rompeu um longo silêncio e mandou chamar o filho — que nome, êsse; se pudesse apagá-lo, para não lhe gritar a sua vergonha! Depressa obedeceu o môço às ordens da mãe enfêrma, e, com a fronte estriada de sombrias rugas, com senil tristeza, como se fôsse um velho, foi encontrá-la em seu pequeno quarto, com o respeito devido à mulher de seu pai e à mãe de seu irmão. Porém ela, crucificada pelo longo silêncio, permanecia irresoluta nos abismos da dúvida, pois a palavra que lhe parecia convir melhor à presente conversa, ela a detestava, e, estando seu pudor ainda vacilante, hesitava, sem poder decidir-se por nenhuma entrada na matéria. O môço, sem ter concebido ainda nenhuma feia suspeita, perguntou-lhe primeiro, com deferência, as causas de seu mal. Então, com danosa solicitude, agarrou ela a ocasião. Prorrompeu num abundante chôro, mas deu livre curso à sua audácia. Cobrindo o rosto com a ponta do vestido, endereçou ao môço estas palavras, com voz precipitada:

“A causa e origem do meu mal presente, e, ao mesmo tempo, o único remédio que me pode salvar, és tu, és tu mesmo. Foram os teus olhos que, passando por meus olhos, penetraram até o fundo do meu coração e ali acenderam a chama que me devora até a medula. Tem piedade desta que morre por ti, e que nenhum escrúpulo te detenha, pelo direito de teu pai, pois a espôsa que êle ia perder, tu lha conservarás. É a sua imagem que encontro nos teus traços; muito natural é que eu te ame. Esta solidão em que estamos te dá plena segurança, facilidade de consumir o que é necessário. E o que ninguém sabe, não existe.”

IV. Perturbado por essa confissão inesperada, o adolescente, apesar do horror que tal crime lhe inspirava desde o primeiro momento, imaginou que uma recusa intempestiva a exasperaria, mas cautas promessas dilatórias seriam lenientes. Então acalmou-a, exortou-a tanto quanto pôde a recobrar o ânimo, a fazer quanto pudesse para voltar à saúde e à vida, até que uma ausência do espôso lhe deixasse o campo livre às volúpias. E, logo que pôde,

furtou-se à vista culposa da madrastra. Achando que êsse incidente doméstico exigia ampla reflexão, contou logo o caso a um velho experiente, grave, que tinha como educador. Depois de longa deliberação, pareceu que o mais salutar seria fugir rãpidamente, para escapar à procêla desencadeada pela crueldade da Fortuna. Porém, impaciente, não podendo suportar a menor dilação, a mulher, sob não sei que pretexto, persuadiu o marido, com maravilhosa habilidade, a ir apressadamente ver uma casinha de campo, muito longe. Essa partida, que antecipava a realização de suas esperanças, lançou-a em tal frenesi, que ela reclamava sem reserva o encontro prometido à sua paixão. Mas o môço, ora sob um pretexto, ora sob outro, frustrava a execrável entrevista, e, com a variedade das respostas, ela compreendeu claramente, enfim, que êle se lhe recusava, e sua inconstância passou de um amor nefando a um ódio ainda pior. Mandou chamar imediatamente um dos seus escravos dotais, criatura abjeta, com inteira liberdade para o crime, e lhe comunicou os planos concebidos por sua perfidia. O que de melhor lhe acudira fôra tirar a vida ao mísero rapaz. Enviou então o celerado, para que procurasse um veneno violentíssimo. Ela o dissolveu cuidadosamente no vinho e preparou assim uma beberagem que devia resultar na morte do enteado inocente.

V. Enquanto deliberavam, entre si, as sinistras personagens a respeito da melhor ocasião para a apresentação da beberagem, quis a Fortuna que o mais nôvo dos dois irmãos, o próprio filho da péssima mulher, entrasse em casa, depois das lições matutinas. Acabara de almoçar. Sentindo sêde, e encontrando o copo de vinho onde fôra dissolvido o veneno, sem suspeitar da armadilha escondida, esvaziou-o de um trago. Bebeu a morte preparada para o irmão e tombou inanimado. Imediatamente, o seu pedagogo, assustado com o mal súbito que vitimara a criança, com gritos de angústia fêz acorrer a mãe e tôda a criadagem. Conheceu-se logo o acidente provocado pela pernicioso beberagem, e eis que os presentes põem-se a acusar a êste e a aquêle, como autores do monstruoso atentado. Mas a mulher, exemplo execrável, sem precedente, da malvadez de madrastra, insensível à morte prematura do filho, ao remorso do ímpio assassínio, à desgraça de sua casa, ao luto do marido, à tristeza dos fúnebres ritos, não quis ver nessa tragédia da família senão o proveito

que poderia tirar para a vingança. Imediatamente mandou um mensageiro anunciar ao marido em viagem a catástrofe familiar. Tendo êle voltado, ela acusou o enteado, com a maior desfaçatez, de ter, com o veneno, truncado os dias do menino. Em verdade, não mentia senão por metade, pois que a morte já deliberada do mais velho, o mais nôvo tinha voltado contra si mesmo. Ela, porém, pretendia que o criminoso enteado suprimira o jovem irmão porque ela se recusara a prestar-se aos seus vergonhosos desejos, quando êle tentara violentá-la. Não contente de falsidade tão monstruosa, ajuntou que a ela própria o môço ameaçara com seu gládio, porque ela havia denunciado o escândalo. Então, o infeliz pai foi duplamente ferido na pessoa de seus filhos, e assaltado pela desgraça, como as ondas pela tempestade. Via o mais jovem dos filhos amortalhado diante de seus olhos, e o outro, sabia-o, seria certamente condenado à morte, como incestuoso e parricida. Demais, as lamentações mendazes da espôsa dileta impeliavam-no a um ódio extremo por sua descendência.

VI. Mal terminaram as pompas fúnebres e o sepultamento do filho, do próprio túmulo o infortunado velho, ainda com o rosto inundado de lágrimas recentes, e arrancando os cabelos brancos, maculados de cinza, precipitou-se para o forum. Sem suspeitar das astúcias da mulher infame, com seus pedidos, entre prantos, chegando até a tocar os joelhos dos decuriões, êle trabalhou com ardor apaixonado para a perdição do filho que lhe restava. Tinha êste praticado incesto no tálamo paterno, tinha matado o irmão, tinha ameaçado com o ferro a madrasta. E tanta foi a compaixão, tanta foi a indignação com que sua mágoa inflamou o senado e o povo, que, sem quererem esperar a lentidão importuna de um processo, a demonstração do fato pela acusação, e as voltas calculadas da refutação, gritaram todos, em uníssonos, que era preciso vingar públicamente aquêlê mal, lapidando o assassino.

Entretanto, os magistrados inquietavam-se com o perigo que êles próprios correriam se a efervescência popular ainda em germe crescesse, resolvendo-se em revolta e comprometendo a ordem pública e a legalidade. Uns, então, intercediam junto aos decuriões, outros procuravam acalmar a plebe, para obterem, com um julgamento regular conforme a tradição, uma sentença fundada no exame imparcial das razões alegadas pelas partes. Não era preciso, imitando os selvagens costumes dos bárbaros, ou a arbi-

trariedade dos regimes despóticos, condenar um homem sem ouvi-lo, e lançar sôbre o século, em plena paz e em plena tranqüilidade, a tristeza do sombrio exemplo.

VII. Prevaleram essas opiniões salutares, e o arauto logo recebeu ordem de convocar os senadores para se reunirem na cúria. Cada um dêles correu a ocupar o lugar costumeiro, ao qual sua classe lhe dava direito. Depois, nôvo aviso do arauto: que o acusador avançasse primeiro e só então se chamasse o acusado, que seria introduzido por seu turno. A exemplo da lei ateniense, e seguindo a prática do tribunal de Marte, o arauto proibiu aos advogados da causa recorrerem aos exórdios e moverem à comiseiração.

Que tudo se passou dessa maneira, eu o soube por numerosas conversas ouvidas a respeito. Porém, os têrmos nos quais o acusador fêz o requisitório, os argumentos que lhe opôs o acusado, e, de maneira geral, os discursos e as réplicas, não pude tomar conhecimento dêles, da minha cocheira, e não iria contar-vos o que ignoro. Mas o que soube de fonte segura, consignarei neste relato.

Terminados os debates oratórios, para estabelecer os fatos e fundamentar a convicção, decidiu-se recorrer a provas certas, pois não se podia deixar uma sentença tão grave depender de suspeitas e conjecturas. Era preciso, antes de tudo, e não importa como, fazer comparecer o escravo, que era o único a saber, diziam, como os fatos ocorreram. Sem se desconcertar pelo aparato de um processo tão considerável, pelo senado reunido, ou, ao menos, pela consciência do seu crime, o celerado começou declarando e afirmando uma história de sua invenção. Contou que, indignado com o desdém da madrasta, o môço o tinha chamado. Para vingar o ultraje recebido, encarregara-o de matar o filho daquela mulher, prometendo-lhe forte soma em dinheiro como preço do seu silêncio. Ante sua recusa, ameaçara-o de morte. O môço lhe havia entregue, disse, um veneno misturado com as suas mãos, para ser dado ao irmão; no entanto, suspeito de que êle, iludindo-lhe as ordens, guardasse o copo como peça de convicção, tinha finalmente êle próprio envenenado o menino.

Este discurso, produzido pelo velhaco com simulada veracidade e fingida agitação, acabou com os debates.

VIII. Nenhum dos decuriões apoiou o jovem. Reconhecido culpado com evidência, foi condenado a ser costurado num saco ^{III}. Já as tabuinhas, tôdas semelhantes, sôbre as quais se inscrevera uma fórmula idêntica, resultante de um juízo unânime, iam ser lançadas, de acôrdo com o uso imemorial, numa urna de bronze. Uma vez depositadas as tábuas da sentença, a sorte do acusado estaria fixada em definitivo; não seria permitido, dali em diante, alterar fôsse o que fôsse. Sua cabeça estaria entregue ao braço do carrasco. Nesse momento, um dos senadores, ancião conhecido por sua integridade, médico, e que exercia, como tal, particular autoridade, pousou a mão espalmada sôbre o orifício da urna, para impedir qualquer voto precipitado, e dirigiu estas palavras à ordem:

“Alegro-me, na idade em que estou, de haver merecido vossa estima durante tôda a vida, e não consentirei que se perpetre um homicídio certo, deixando um réu sob falsas acusações; nem que, exercendo a justiça sob juramento, a falsidade de um vil escravo vos induza ao perjúrio. Eu próprio não poderia calcar aos pés o respeito aos deuses e mentir à minha consciência com uma sentença iníqua. Logo, tomai conhecimento, por meu intermédio, destas coisas:

IX. “Este miserável, preocupado em encontrar um veneno fulminante, veio há muito tempo procurar-me para tal fim, oferecendo-me em pagamento cem peças de ouro. Precisava dêle, dizia, para um enfêrmo que, gravemente atingido por moléstia antiga e incurável, desejava ardentemente subtrair-se aos tormentos da existência. Mas eu percebi logo o mal sob as palavras do sinistro velhaco, sob suas enganosas explicações. Convencido de que êle maquinava algum crime, bem que lhe dei a poção, mas, para tomar precauções, na eventualidade de um futuro inquérito, não aceitei imediatamente a soma que me oferecia. De mêdo, disse-lhe eu, de que uma das moedas de ouro que me oferecia fôsse falsa, ou de baixa liga, íamos encerrá-las neste saco: “Tu o marcarás com teu anel, e amarrã, em presença do cambista, nós as experimentaremos.” Assim êle foi induzido e apôs seu sinêto. No instante em que o fizeram comparecer diante dêste tribunal, dei ordem a um criado meu para que fôsse buscar êsse dinheiro no meu gabinete e mo trouxesse a tôda pressa. Ei-lo aqui: eu o exhibo diante de vós. Que êle o veja; que reconheça o seu

sinal. Como imputar o veneno à conta do irmão, se foi esse escravo que o comprou?"

X. O abjeto ser foi presa de extrema agitação, e sua tez se coloriu de um palor do inferno, enquanto seus membros se orvalhavam de suor frio. Avançou um pé, depois outro, com um movimento incerto; moveu a cabeça para um e outro lado; balbuciou, mal abrindo a bôca, não sei que fúteis alegações; vendo-o, ninguém poderia razoavelmente acreditar na sua inocência. Mas logo prevaleceu a astúcia, e êle negou perseverantemente, não cessando de acusar o médico de mentiroso. Vendo-se publicamente difamado na sua consciência de juiz e na sua honra de homem, redobrou o médico de esforços para confundir o malandro. Afinal, por ordem dos magistrados, os agentes da cidade deitaram a mão no malvado escravo, tiraram-lhe do dedo um anel de ferro, e o confrontaram com o sinal no saco. A comparação confirmou as suspeitas. A roda e o cavalete, como é o costume dos gregos, foram logo trazidos, mas êle opôs aos tormentos uma prodigiosa resistência e firmeza, e não sucumbiu nem às vêrgas nem ao fogo.

XI. Tornou o médico: "Eu não suportarei, por Hércules, não suportarei que ordeneis o suplício de um jovem inocente, contra a equidade, nem que outro zombe da nossa justiça e escape ao castigo do seu crime. Darei uma prova irrefutável da realidade dos fatos. Eu via, com efeito, que o celerado queria obter um veneno mortal, e julgava não convir à minha profissão dar a ninguém um instrumento de morte. Aprendi, ao contrário, que a Medicina foi instituída para salvar e não para matar. Todavia, temia que, se respondesse negativamente, minha intempestiva recusa abrisse a porta ao crime, e que esse escravo fôsse comprar alhures a beberagem de morte, ou que acabasse com o gládio ou qualquer outra arma sua abominável empresa. Dei-lhe então um soporífero, a mandrágora, narcótico muito conhecido por sua virtude letárgica e que engendra um sono em tudo semelhante à morte. Não é de admirar que esse malfeitor, não tendo mais nada a esperar, e seguro do suplício que lhe reserva o costume herdado de nossos pais, suporte facilmente os tormentos que, em comparação com o que lhe poderá advir, parecer-lhe-ão ligeiros. Mas se é verdade que o menino tomou a poção preparada por minhas mãos, êle vive, repousa, dorme. Não está longe o mo-

mento em que sacudirá o langor do sono e voltará à luz do dia. No entanto, se a morte consumou sua obra, podeis procurar-lhe outras causas.”

XII. A eloqüência do ancião ganhou a causa. Dirigiram-se todos, com grande pressa, ao túmulo, onde, tal como fôra ali deposto, jazia o corpo do menino. Cúria, plebe, aristocracia, não houve ninguém que a curiosidade não levasse para lá. Foi o pai quem levantou, com suas próprias mãos, a tampa do esquife. Encontrou o filho que, nesse mesmo instante, saía do seu sono de morte e ressurgia para a vida. Apertou-o entre os braços, incapaz, na alegria do momento, de pronunciar uma única palavra, e o apresentou ao povo. Depois, envolto ainda nos lençóis fúnebres, levaram o pequeno para o tribunal. E então plena luz se fêz sobre os crimes de um escravo celerado e da mulher mais celerada ainda, aparecendo a verdade nua. A madrasta foi condenada ao banimento perpétuo, o escravo crucificado. Com o consentimento geral, ficaram para o bom médico as moedas de ouro, preço de um sono tão oportuno, e o velho pai viu sua aventura tão célebre quão fabulosa acabar com um desfecho digno da divina providência, pois que num curto lapso de tempo, ou melhor, de um momento para outro, depois de ter ficado sem os filhos, tornou-se, de repente, o pai de dois jovens.

XIII. Quanto a mim, eis em que redemoinhos girava agora o meu destino. O soldado que me comprou sem vendedor e me fêz propriedade sua sem desamarrar a bolsa, obedecendo, como devia, a uma ordem do seu tribuno, ia levar uma carta para o soberano em Roma. Vendeu-me por onze denários a dois irmãos, seus vizinhos. Eram dois escravos, pertencentes a um dono muito rico. Um dêles, pasteleiro e confeitoiro, fabricava pãezinhos e bolos de mel. O outro, que era cozinheiro, preparava carnes suculentas, temperadas com mólhos saborosos. Viviam juntos, com despesas em comum, e tinham-me comprado para transporte de utensílios diversos, necessários ao seu dono, que viajava então de uma região para outra. Assim, constituímos um trio, eu, em companhia dos dois irmãos, e nunca tive tanto que bendizer a benevolência da Fortuna. À noite, depois de um jantar opíparo, servido com todo o aparato, meus donos tinham o costume de levar para o seu quarto porções de petisqueiras. Um, os restos

abundantes de porco, de galinha, de peixe, de caças de tãda espécie. O outro, pães, bolos, canudos recheados, anzóis, lagartos⁸⁹, e muitos outros doces. Quando, para se restaurarem, fechavam o quarto e iam ao banho, eu me empanturrava a mais não poder dessas iguarias oferecidas pelos deuses, pois não era nem tão tolo nem tão burro, por manso que fõsse, para deixar de lado todos êsses petiscos e cear o áspero feno.

XIV. Tal bellissimo sistema de furtos prosseguiu por muito tempo com êxito completo, pois eu não avançava nas coisas senão timidamente, levando minha discrição ao ponto de roubar uma pequena parte de cada coisa boa, e êles não suspeitariam de nenhuma fraude da parte de um burro. Porém, à medida que crescia minha confiança de não ser descoberto, pus-me a devorar os mais belos pedaços e, escolhendo o que havia de mais delicado, regalava-me de guloseimas. Uma suspeita, que não era destituída de consistência, começou a aflorar no espírito dos dois irmãos; sem acreditar ainda fõsse eu capaz de semelhante proeza, esforçavam-se êles por descobrir o autor do prejuízo cotidiano.

Com a repetição do fato, vieram a atribuir-se mutuamente os vergonhosos roubos, e tomaram, desde então, diligentes precauções, vigiando ativamente e fazendo a conta dos bocados. Por fim, um dêles, deixando de lado tãda a reserva, interpelou assim o outro:

"Em verdade, não é justo nem humano surripiares todos os dias os pedaços mais escolhidos, para vendê-los a retalho e aumentar secretamente o teu pecúlio, reclamando, no entanto, parte igual do resto. Se é assim, se a nossa sociedade te pesa, podemos, sem deixar de ser irmãos, romper o laço de comunidade, pois vejo que a amargura causada pelo prejuízo toma tais proporções que está a ponto de nascer entre nós uma discórdia contra a natureza."

"Por Hércules", respondeu o outro, "tenho de admirar o teu descaramento. Dia após dia, és tu quem furtas às escondidas partes que me pertencem; e vens com queixas que eu há muito venho sopitando, gemendo baixinho, para não ter de acusar meu próprio irmão de sórdidos roubos! Mas tanto melhor se esta explicação nos leva a procurar, juntos, um remédio para êsses sumiços, antes que o inimigo, progredindo em silêncio, suscite entre nós os conflitos eteocleanos."⁹⁰

XV. Depois de terem trocado, dessa maneira, muitas recriminações, juraram um e outro que não tinham cometido a menor fraude, nem furtado nada. Concordaram então que era preciso, por todos os meios, procurar o malfeitor, causa de seu comum prejuízo, pois o burro, o único que ali assistia além dêles, era insensível a iguarias daquele gênero. Entretanto, todos os dias desapareciam bons bocados, e não seriam môscas monstruosas que ao seu quartinho viriam roubar, como as Harpias que outrora pilhavam o repasto de Finéia ⁹¹.

Todavia, por me tratar assim liberalmente e me estufar até à saciedade com iguarias feitas para homens, meu corpo foi-se tornando redondo, obeso, estourando de gordura; meu couro estava esticado por efeito do rico passadio; e meu pêlo, bem nutrito, tinha tomado um brilho de nobre aparência. Mas essas vantagens exteriores se transformaram em desvantagens e em confusão para o meu amor-próprio. Espantados, com efeito, com a minha corpulência inexplicável, e vendo que minha ração cotidiana de feno permanecia intacta, os dois irmãos concentraram em mim sua atenção. Na hora do costume, fecharam a porta, conforme o hábito, como se fôsem para o banho, e, espiando por uma fenda, viram-me muito ocupado com as vidualhas espalhadas por ali. Sem mais se preocuparem com o prejuízo sofrido, e maravilhados com o inacreditável regalo com que se comprazia o seu burro, ci-los que estalaram num riso enorme. Chamando um amigo, depois dois, depois diversos, deleitavam-se com o espectáculo de uma gula sem exemplo numa pesada bêsta de carga. Por fim, riram tanto, com um riso tão barulhento e exagerado, que chegou até os ouvidos do dono que passava por lá.

XVI. Perguntou êle que alegre aventura fazia rir assim a sua gente. Tendo sabido, encostou um ôlho à mesma abertura. O que viu o divertiu extraordinariamente e êle foi tomado, por sua vez, de um tão largo riso, que lhe doía a barriga. Mandou abrir o quarto e manteve-se ao meu lado, para verificar a coisa de perto. Vendo, afinal, a Fortuna mais indulgente a meu respeito, de algum modo, e mostrando-me um rosto sorridente, continuei tranqüilamente a comer. Surpreendido com a novidade do espectáculo, o dono da casa me fêz conduzir, ou mais exatamente, me levou com suas próprias mãos, para a sala de jantar. Mandou

estender uma mesa onde fôsem servidas peças inteiras de tôdas as espécies e pratos ainda intatos. Eu já estava belamente empanurrado, mas desejando agradá-lo e conquistar-lhe as boas graças, lancei-me como um faminto sôbre os petiscos que me foram apresentados. Quebravam a cabeça para imaginar coisas de que um burro tivesse mais horror, a fim de experimentarem até que ponto eu estava civilizado, e ofereceram-me carnes condimentadas com plantas de gôsto forte, aves salpicadas com pimenta, peixes num mólho exótico de salsa. Entrementes, a mesa estremecia com as gargalhadas. Por fim, um rústico do grupo exclamou: "Dai ao camarada um pouco de vinho puro."

O dono replicou: "A brincadeira não é tão tôla, velhaco, pois é bem possível que nosso companheiro de mesa sinta prazer igualmente com um copo de vinho com mel." Dirigiu-se a um escravo: "Enxágua diligentemente aquêlo cântaro de ouro que ali está. Derrama nêle vinho temperado com mel e oferece ao meu parasita. Ao mesmo tempo, avisa-o de que eu bebi à sua saúde."

Houve logo entre os convivas um vivo movimento de curiosidade. Mas eu, sem o menor embaraço, tranqüilamente e com graça, arredondei o beijo inferior, a modo de língua, e esvaziei de um trago o cálice de grandes dimensões. Com um uníssonos clamor, todos me saudaram.

XVII. O dono não cabia em si de alegria; mandou vir os escravos que me haviam comprado, ordenou que lhes restituíssem o preço pago por mim, e me confiou a um dos libertos preferidos, provendo-o de um bom pecúlio e recomendando-lhe que velasse por mim cuidadosamente.

Esse homem me tratava com muita humanidade e doçura, e para cair nas boas graças do patrão, imaginava fazer das minhas habilidades uma fonte de divertimento. Primeiro me ensinou a me pôr perfeitamente à mesa, apoiando-me sôbre o cotovêlo; depois, a lutar e dançar, levantando no ar as patas da frente; e, prodígio feito entre todos para espantar, a responder à palavra com gestos apropriados: puxar a cabeça para trás significava recusa; incliná-la para a frente, aquiescência. Quando eu tinha sêde, olhava para o lado do escanção e piscava os olhos, alternativamente, para pedir bebida. Aprendizagem muito fácil para mim, como sabeis. Eu o teria feito, mesmo sem que me mostrassem,

mas temia que, se acontecesse comportar-me como homem, sem as lições de um mestre, vissem em mim um presságio de desgraça, e que, tratando-me como um prodígio ou um ser sobrenatural, me cortassem o pescoço e me atirassem como pasto succulento aos abutres. Espalhava-se já por todos a notícia dos meus maravilhosos talentos, e isso valia ao meu dono as honras da celebridade. "Ali está", diziam, "aquêlê que tem como companheiro e comensal um burro que luta, um burro que dança, um burro que compreende a palavra humana e exprime seu pensamento por sinais."

XVIII. Porém, antes de ir além, e por aí deveria eu ter começado, é preciso que vos apresente essa pessoa e suas origens: Tiaso — tal era o nome do meu dono — viera de Corinto, capital da Acaia. Depois de desfrutar tôdas as honrarias, como lhe facultavam o nascimento e o mérito, fôra elevado à magistratura quinquenal. Para dar à tomada de posse dos feixes um brilho correspondente às circunstâncias, prometera oferecer durante o espetáculo um combate de gladiadores. Não havia nenhum limite à sua munificência, a ponto de, em seu desejo de popularidade, ter ido à Tessália procurar as mais nobres feras e os famosos gladiadores. Depois de ter feito suas aquisições à vontade, e arrumado tudo, preparava-se para voltar para casa. Mas desdenhava as equipagens de luxo e fazia pouco do rico aparato das carruagens para viagem, que se arrastavam inúteis, de cortina abaixada ou levantada, seguindo o comboio, assim como dos cavalos tessalianos e seus aperos gauleses, animais de nobre raça e alto preço. Todavia, eu tinha como ornamentos baixeiros coloridos, mantas de púrpura, freios de prata, arnêses bordados, campainhas de claro tintinar, e êle me cavalgava amorosamente, dirigindo-me de vez em quando afetuosos discursos e declarando que, entre tantos motivos de alegria, o que o encantava mais era ter em mim ao mesmo tempo um comensal e uma montaria.

XIX. Foi assim que, viajando metade por terra, metade por mar, chegamos por fim a Corinto. O povo acorria em multidão, penso que menos para prestar honras a Tiaso que pelo desejo de me ver, pois lá também minha fama se espalhara tão largamente que fui para o meu guardião oportunidade para proveitos não medíocres. Vendo as pessoas, num açodamento sem limites, se apertarem para assistir aos meus feitos, fechou a porta e os deixou

entrar um a um. As gorjetas que recolhia, em geral constituíam frutíferas diárias.

Encontrava-se nesse pequeno círculo certa matrona nobre e opulenta. Pagou como os outros para me ver, ficou encantada com as minhas graças variadas, e por mim caiu num contínuo encantamento, em tão maravilhosa paixão que, sem conseguir remédio para a perturbação dos seus sentidos, nova Pasífaa, mas queimando por um burro⁹², vivia do anelo dos meus abraços. Propôs por fim, àquele que me tratava, uma forte soma para se unir comigo só uma noite, e êle, sem se preocupar, absolutamente, se a aventura resultaria bem para mim, mas tendo em vista apenas seu próprio lucro, aceitou.

XX. Tínhamos jantado e acabávamos de deixar a sala do patrão, quando encontramos em meu quarto a dama que esperava há muito tempo. E que aparatos, deuses bondosos, que esplendor! Quatro solícitos eunucos, com uma enorme quantidade de almofadas molemente cheias de penugem delicada, arrumaram um leito no chão, recobrando-o cuidadosamente com uma coberta bordada de ouro e de púrpura de Tiro⁹³, e amontoaram outras almofadas ainda por cima, pequenas mas numerosas, dêsses travesseirinhos nos quais as mulheres que procuram comodidades costumam apoiar as faces e a nuca. Depois, sem retardar inútilmente com sua presença os prazeres da senhora, fecharam a porta do quarto e se retiraram. No interior, a chama muito clara das velas de cêra dissipavam aos nossos olhos, com sua alva luz, as trevas da noite.

XXI. Então, depois de ter-se inteiramente desnudado, desatando mesmo a faixa que lhe comprimia os belos seios, ela, em pé, diante da luz, tirou, de um frasco de estanho, um óleo perfumado com que abundantemente se untou. Esfregou-me longamente também, pondo um cuidado particular em me umedecer com êle as ventas. Cobriu-me em seguida de beijos ternos, não como nos lupanares as meretrizes que mendigam níqueis aos clientes que as recusam, mas beijos francos e verdadeiros, entremeados de palavras de carinho: "Eu te amo", "Eu te desejo", "Só a ti é que amo", "Sem ti não posso mais viver", tôdas essas coisas que as mulheres dizem aos homens, para seduzi-los e para lhes testemunhar seus próprios sentimentos. Depois, tomando-me pelo freio, atraiu-me para si, e não lhe foi difícil fazer-me deitar

da maneira pela qual me haviam ensinado, pois o que eu tinha a fazer não me parecia nôvo nem difficil, sobretudo agora que me esperavam os abraços ávidos de mulher tão formosa, depois de um longo intervalo. Demais, o fino vinho, de que eu bebêra copiosas rações, e o fragrante unguento tinham estimulado o ardor da minha libido.

XXII. Vinha-me, entretanto, uma inquietação que não era pequeno tormento: com tantas e tão grandes pernas, como subir em mulher assim delicada? A êsses membros translúcidos e macios, de leite e mel cristalizados, como apertá-los entre os meus duros cascos? Êsses lábios finos e vermelhos, úmidos do orvalho ce-leste, como beijá-los com esta larga bôca informe, plantada de horríveis dentes, semelhantes a ladrilhos? E, mesmo excitada até as pontas das unhas, como faria para receber os meus vastos órgãos genitais? "Que eu tenha a desgraça de fender em dois esta nobre dama, serei entregue às feras, e figurarei no combate oferecido por meu dono." Entrementes, eram de sua parte os ternos chamados, os beijos contínuos, doces sussurros acompanhados de olhadelas provocantes. "Eu te contenho", repetia ela, "vamos meu pombinho, meu pardal." Enquanto falava, mostrou que minhas cogitações eram vãs, e sem fundamento os meus temores, pois, enlaçando-me com arte, ela me recebeu inteiro, mas todo inteiro. E de cada vez que, para poupá-la, eu esboçava um movimento de recuo, ela se aproximava com um impulso frenético e, agarrando a minha espinha, apertava o seu abraço e se aplastrava contra mim, a ponto de eu temer, em verdade, não ter tudo o que era preciso para saciar-lhe os apetites, e não era sem razão, dizia comigo, que a mãe do Minotauro tinha-se deleitado com um adúltero que mugia. Depois de uma noite laboriosa e sem sono, para fugir à luz, a mulher se foi, combinando o mesmo preço para uma futura noite.

XXIII. De resto, meu instrutor não se fazia de rogado para prover aos seus prazeres, tanto quanto ela quisesse: via nisso um meio de auferir bons lucros e ao mesmo tempo de preparar para o seu dono um espetáculo inédito. Não hesitou, pois, em revelar-lhe tôda a cena dos nossos amôres. O patrão, depois de ter recompensado magnificamente o liberto, resolveu me apresentar num espetáculo público. Mas não se podia cogitar de minha egrégia

espôsa por causa da sua dignidade, e não se encontrava nenhuma outra mulher, mesmo instituindo um prêmio. Então foram procurar uma vil criatura, destinada às feras por sentença do governador, para fazê-la descer comigo ao anfiteatro e expor aos olhos do povo o sacrifício de seu pudor. E aqui está, como a ouvi, a história da sua condenação:

Muitos anos atrás, seu futuro pai, partindo em viagem, recomendara à mulher (que já era mãe de um menino) que, se o nôvo fruto de suas entranhas pertencesse ao sexo frágil, pois a deixara carregando o fardo de uma gravidez, matasse imediatamente a que viesse ao mundo. Durante a ausência do marido, nasceu-lhe uma menina, mas a piedade natural às mães foi mais forte que a obediência ao espôso. Confiou a menina a vizinhos e encarregou-os de a criarem; na volta do marido, anunciou-lhe o nascimento da filha e a sua morte. Mas quando, para a virgenzinha na flor da idade, chegou a hora das núpcias, não podendo dar-lhe um dote de acôrdo com o seu nascimento, sem o conhecimento do marido, não teve outro remédio senão pôr o filho a par do segrêdo. Tinha também grande mêdo de que êle, por infelicidade, num encontro de acaso ou num impulso devido ao calor da juventude, se lançasse sôbre ela, sem saber que era sua irmã e sem que ela própria soubesse. O môço, de uma piedade notável, conciliou escrupulosamente a obediência devida à mãe e o devotamento para com a irmã. Colocou os arcanos domésticos sob a custódia do venerável silêncio, mantendo exteriormente apenas um sentimento de humanidade, e assim se desincumbiu dos deveres que lhe impunham os laços de sangue, a ponto de oferecer um asilo, na sua própria casa, à jovem vizinha abandonada e sem a assistência dos pais. Dotou-a generosamente com seus próprios recursos, e deu-a em casamento a um dileto companheiro.

XXIV. Mas estas medidas tão felizes e de intenção tão pura, não deviam escapar às funestas vontades da Fortuna. Por sua instigação, foi direito para a casa do môço a cruel Rivalidade. E logo a espôsa dêste, aquela mesma que, por tal feito, estava presentemente condenada a ser lançada às feras, começou a suspeitar da irmã do marido, considerando-a rival e usurpadora do seu leito. Pôs-se depois a detestá-la, a ponto de desejar atirá-la às garras da morte mais desumana. Foi êste o crime que imaginou:

Tendo furtado um anel do marido, partiu para o campo e, como possuía um pequeno escravo que a servia tão fielmente que, por ela, ultrajaria a própria Boa Fé, encarregou-o de anunciar à môça que o rapaz fôra para sua casa de campo e a chamava para junto dêle. Ela devia, acrescentava, juntar-se-lhe o mais breve possível, sôzinha, sem nenhuma companhia. E, para prevenir qualquer hesitação de parte da môça, confiou ao escravo o anel que subtraía ao marido, e que, ao ser exibido, seria uma garantia da sinceridade de suas palavras. Dócil ao mandado do irmão, que só ela conhecia sob êsse nome fraterno, vendo o sinal que lhe era apresentado, apressou-se a môça a partir, como fôra convidada a fazer, sem companhia. Mas quando caiu no laço da abominável armadilha, a virtuosa espôsa, fora de si, sob o estímulo de um furioso acesso contra a irmã do marido, primeiro desnudou-a, fustigando-a com o chicote, e depois, como a desgraçada gritasse a verdade, repetindo que não houvera nenhum comércio adúltero que justificasse a selvagem fúria, pois que se tratava de um irmão, ela pretendeu que tudo isso era mentira e impostura, e, enfiando-lhe entre as coxas um tição ardente, fê-la crudelíssimamente perecer.

XXV. Cientes da acerba morte, o irmão e o marido acorreram, e, depois de terem chorado a môça, lastimosamente entregaram-na à sepultura. Mas o môço, muito atingido para resistir ao pensamento da morte lamentável e do injustificado suplício da irmã, comovido de dor até a medula, e prêsa de funesto delírio resultante da acérrima bile, ardia em febre, a ponto de que parecia indispensável prestar-lhe também cuidados. A mulher, que havia muito perdera o título de espôsa, procurou um médico, notável por sua ausência de escrúpulos, freqüentemente citado por suas gloriosas explorações, e que contava amplos troféus devidos ao vigor do seu braço. Ofereceu-lhe logo cinqüenta mil sestércios, mediante os quais êle lhe venderia um veneno fulminante. Estava assim comprando a morte do marido. Concluído o negócio, fingiram preparar o específico destinado a evacuar a bile e serenar o coração do môço, essa excelente poção a que os sábios chamam sagrada e que substitui uma outra consagrada à Proserpina Salus. E em presença da família e de numerosos amigos, estendeu o médico, com a sua mão, ao doente, a beberagem honestamente misturada.

XXVI. Porém, a audaciosa mulher, querendo se desembaraçar do cúmplice do seu crime, e ao mesmo tempo guardar o dinheiro prometido, pegou o cálice, diante de todos, e disse: "Não, excelente médico, não darás esta poção ao meu caríssimo espôso, sem bebêres tu mesmo uma boa parte. Pois quem me diz que não se esconde nela algum pernicioso veneno? Um homem douto e prudente como tu não poderá se ofender por ver uma espôsa devotada até o escrúpulo, cuidosa da saúde do marido e solícitamente piedosa a seu respeito."

A desesperada truculência da mulher perturbou o médico; completamente desprevenido, sem encontrar, na precipitação do momento, tempo para reflexão, e antes mesmo que um sinal de perplexidade ou de hesitação deixasse entrever a confusão de sua consciência, tomou daquele copo uma forte porção da bebida. Serenado por êsse exemplo, o adolescente recebeu por sua vez o cálice e bebeu o que lhe ofereciam. Com sacrílega obstinação, a megera não permitiu ao médico afastar-se nem à distância de uma unha: "Espera", disse-lhe ela, "que a bebida, espalhando-se pelo corpo do meu espôso, faça o devido efeito." Foi com grande esforço, a poder de súplicas e rogos, que o médico obteve enfim permissão para se ir. Entrementes, a surda virulência do veneno letal tinha-se espalhado por tôdas as suas fibras e caminhado até a medula. Profundamente atingido, e mergulhado já num pesado torpor, chegou a casa com dificuldade. Contou tudo à mulher, dificultosamente, e recomendou-lhe que reclamasse pelo menos, por essa dupla morte, a recompensa prometida. Depois, presa de asfixia brutal, entregou a alma.

XXVII. Não demorou com vida o môço: em meio às lágrimas fingidas e mentirosas da mulher, sucumbiu à sorte fatal. Já estava sepultado quando a viúva do médico, tendo deixado transcorrer alguns dias, para que prestassem ao defunto as honras fúnebres, apresentou-se para reclamar o preço da dupla morte. A outra, sem desmentir o seu caráter até o fim, e dissimulando a verdade sob a aparência de boa fé, com uma acolhida cordial fêz muitas promessas e comprometeu-se a pagar sem demora a soma combinada; porém, queria que ela lhe desse ainda um pouco daquela mesma poção, para acabar o que tinha começado. Que direi mais? Apanhada nas malhas da nova perfídia, a viúva do médico fâcilmente consentiu, e, para fazer jus à gratidão de uma

peessoa rica, apressou-se a ir buscar em casa uma caixinha com veneno. A criminosa, provida de amplos meios de ação, estendeu sôbre tudo que a cercava as mãos cruentas.

XXVIII. Tinha ela uma filhinha do marido que acabara de matar. A lei fazia dessa criança a herdeira natural do pai, o que ela não podia suportar; cobiçando todo o patrimônio da filha, atacou também os seus dias. Sabedora de que as mães condenadas a sobreviverem aos filhos recolhem a herança dos mortos, mostrou-se, como mãe, igual ao que se mostrara como espôsa. Imaginando um almôço para a circunstância, feriu ao mesmo tempo, e com o mesmo veneno, a mulher do médico e a própria filha. A menina, cuja ténue vida era mais frágil, e que tinha as entranhas delicadas e tenras, bem depressa foi morta pelo veneno. Mas a mulher do médico, sentindo a detestável poção se expandir através dos seus pulmões como um furacão devastador, suspeitou da verdade. O embaraço crescente da respiração dissipou-lhe tôda a incerteza, e ela foi direito à própria residência do governador, onde invocou com grandes clamores a sua proteção, suscitou um tumulto entre o povo e fêz tantas que, ao anúncio dos monstruosos crimes que dizia ter para revelar, o magistrado depressa lhe abriu a porta da casa e ao mesmo tempo os ouvidos. Ela mal conseguiu expor, ponto por ponto, desde a origem, as atrocidades da mulher crudelíssima, pois, de súbito, um nevoeiro de vertigem se lhe apoderou do espirito, seus lábios entreabertos se crismaram, os dentes cerraram-se com um prolongado rangido, e ela tombou por fim aos pés mesmo do governador. Homem de experiência, não quis êle deixar cair na pasmaceira dos processos que se arrastam os múltiplos crimes da venenosa serpente. Mandou buscar imediatamente o pessoal da casa da acusada, e, pela tortura, arrancou-lhes a verdade. Quanto a ela, — era o menos que merecia, mas não podia imaginar nenhum outro suplício proporcional ao crime — condenou-a a ser exposta às feras.

XXIX. Era com essa mulher que eu devia, pública e solenemente, contrair casamento, e assim, no cúmulo da angústia e da incerteza, esperava eu o dia do espetáculo. Por mais de uma vez quis me matar, para não ser maculado com o contato de uma mulher criminosa, ou desonrado com a infâmia de uma vergonhosa representação pública. Mas, privado de mão humana, sem dedos,

reduzido a um casco redondo e gasto, era-me completamente impossível desembainhar uma espada. Só um tênue clarão de esperança me consolava nesse desastre extremo: acabava de surgir a primavera; pintalgava tudo já o tenro botão das flôres e tudo se revestia do brilho da púrpura; e eis que, rompendo o manto de espinhos, exalando o embalsamado perfume, desabrochavam rosas que me devolveriam ao Lúcio que eu era.

E então chegou o dia fixado para o espetáculo. Fui conduzido até o muro que cerca os teatros, seguido de um pomposo cortejo de povo. Durante o prelúdio da representação, consagrado aos bailados dançados por profissionais, eu me deleitava, parado por um momento diante da porta, alongando o pescoço para o capim opulento que crescia justamente à entrada, e lançando de vez em quando um olhar curioso pela porta aberta; divertia-me contemplando, de longe, um aprazível espetáculo.

Moços e môças, na flor da juventude, de belas formas, elegantemente vestidos, avançavam com gestos expressivos para dançar a pírrica dos gregos; dispostos em boa ordem, e descrevendo com graça figurados cambiantes, ora víamos voltearem numa ronda ligeira, ora desdobrarem-se obliquamente em linha, como os anéis de uma cadeia, ora juntarem-se para formar os lados de um quadrado e dividirem-se depois em dois grupos. Soou, por fim, uma trombeta, anunciando a deslocação, os movimentos alternados e suas complexas evoluções. Levantou-se o pano, afastaram-se as cortinas e a cena apareceu em todo o seu esplendor.

XXX. Uma montanha de madeira se erguia, construída à semelhança daquela montanha famosa que o poeta Homero cantou sob o nome de Ida. Estava plantada com verdes arbustos e árvores vivas. Do alto cume, donde a mão do arquiteto tinha feito jorrar uma fonte, corriam águas fluviais. Algumas cabras pastavam a erva tenra, e, sob os traços de Páris, o pastor frígio, um jovem vestido com uma bela túnica feminina, as pregas de um manto oriental caindo-lhe das espáduas, a cabeça coberta por uma tiara de ouro, fazia de dono do rebanho. A um lado estava um rapaz de surpreendente beleza, de corpo nu, o ombro esquerdo somente coberto com uma clâmide de efebo. Seus louros cabelos atraíam de todos os lados os olhares, e entre os seus cabelos se erguiam pequenas asas de ouro, fixadas simètricamente. Por sua varinha, reconhecia-se Mercúrio⁹⁴. Avançou dançando, es-

tendendo ao adolescente que representava Páris uma maçã recoberta de fôlhas de ouro, que mantinha na mão direita; fê-lo compreender, com um sinal de cabeça, a incumbência que lhe dera Júpiter, e, dando com graça um passo para trás, desapareceu.

Veio em seguida uma môça de honesta expressão, feita à semelhança da deusa Juno. Sua cabeça era cingida por um diadema branco, e ela segurava um cetro. Uma outra môça surgiu, que não se podia tomar senão por Minerva. Usava um capacete faiscante e, sôbre o capacte, uma coroa de oliveira. Erguia o escudo e brandia a lança, na conhecida atitude de Minerva em combate.

XXXI. Atrás dela, entrou uma terceira: deleite dos olhos, sua graça soberana, o brilho imortal de sua pele mostravam que era Vênus, quando, virgem ainda, na nudez do corpo expunha a perfeição das formas, e sômente um delicado tecido de sêda lhe velava o adorável púbis. De resto, êsse pedacinho de pano, o vento curioso, no seu amoroso sôpro, ora o erguia, gaiatamente, e o afastava para deixar ver a tenra flor dos jovens anos, ora o empurrava com impertinência e o colava estreitamente aos membros, dos quais desenhava os volutuosos contornos. Havia um contraste de côres entre o corpo da deusa, que era branco, pois que viera do céu, e seu manto azul, nascido do mar.

Cada uma dessas virgens que faziam o papel de deusas tinha sua guarda de honra. A de Juno representava Castor e Pólux. Levavam êstes sôbre a cabeça um capacete em forma de ôvo, em cuja ponta brilhava uma estrêla⁹⁵. Quanto à mocinha, cuja marcha era acompanhada por modulações variadas da flauta jônia, e com gestos sóbrios e honestos, com mímica cheia de dignidade, prometia ao pastor, se lhe outorgasse o prêmio da beleza, dar-lhe o império de tôda a Ásia. Mas aquela de quem o equipamento guerreiro fazia uma Minerva, era flanqueada por dois adolescentes, escudeiros servidores da deusa dos combates, o Espanto e o Terror⁹⁶, que pulavam com espadas nuas. Atrás dela, um flautista tocava uma ária belicosa, à moda dória, e, pela mistura de tons graves e agudos, como por meio de uma trombeta, sustentava a energia da animada dança. Ela própria, cheia de vivacidade, agitava a cabeça e lançava olhares ameaçadores. Com uma rápida e complicada mímica, fazia Páris compreender que, se lhe

concedesse a palma da beleza, se tornaria um ínclito guerreiro, distinguido com gloriosos troféus.

XXXII. Mas eis que Vênus, com aplausos do público, encantadora e com um doce sorriso, deteve-se no meio da cena. Estava cercada de um alegre povinho de meninos, dessas crianças gordinhas, de corpo branco leitoso. Tê-los-íeis tomado por verdadeiros Cupidos, acabando de chegar da terra ou do mar. Suas asinhas, suas pequenas flechas, o conjunto de suas vestes tornavam a semelhança perfeita, e, como se sua senhora voltasse de um festim de núpcias, iluminavam-lhe o caminho com tochas de flama dançarina. Via-se, em seguida, ondular um harmonioso enxame de virgenzinhas, aqui as Graças, cheias de graça, ali as Horas belíssimas, que atiravam flôres, em grinaldas e despencadas, em homenagem à deusa. Seu côro, composto com arte, oferecia encantadoramente à rainha das volúpias todos os enfeites da primavera. Mas já as flautas, em diversos tons, fizeram docemente ressoar melodias lídicas, carícia para a alma dos espectadores; porém, sua suavidade foi ainda ultrapassada quando se viu Vênus animar-se lentamente e deslizar um pé ainda indeciso, fazendo ondular o talhe flexível com um movimento ao qual a cabeça insensivelmente se associava. Com a blandiciosa música das flautas se harmonizavam seus gestos sensuais. As móveis pupilas se voltavam langorosamente ou dardejavam olhares provocantes. Por momentos, ela dançava apenas com os olhos. Na presença de Páris, pela sua maneira de estender os braços, via-se que ela lhe prometia, se êle a preferisse às outras deusas, dar-lhe uma mulher cuja rara beleza igualaria a dela, Vênus. Desde então, a decisão do jovem frígio estava tomada: entregou à môça, como penhor de vitória, a maçã de ouro que tinha na mão.

XXXIII. Vós vos espantais ainda, vis criaturas, brutas bêstas fofrenses, ou, para dizer melhor, abutres togados, de todos os juízes de hoje venderem suas sentenças a pêso de dinheiro, quando, desde a origem do mundo, a solução de uma causa entre deuses e mortais foi falseada pelo empenho? Quando a mais antiga das sentenças, um camponês, um pastor escolhido para ser juiz pela prudência do grande Júpiter, a vendeu em proveito de um capricho amoroso e, o que é pior, para a ruína de tôda a sua raça? E foi assim, por Hércules, com tais processos, que se acabaram

os ínclitos chefes aqueus. Sob falsas acusações, Palamedes, sem igual pelo saber e pela prudência, foi condenado por traição. Ao grande Ajax, grande em valor guerreiro, preferiu-se o medíocre Ulisses. E que dizer do julgamento entre os atenienses, legisladores sutis, mestres de tóda ciência? O ancião da divina prudência⁹⁷, que o Deus de Delfos proclamara o mais sábio de todos os mortais, não sucumbiu às intrigas ciumentas de uma abominável facção? Acusado de corromper a juventude, que êle moderava e refreava, pereceu pelo suco mortal de uma erva venenosa, deixando para sempre aos seus concidadãos uma perpétua mácula de ignomínia. Pois até nossos dias ainda, eminentes filósofos se baseiam em sua doutrina, que julgam pura entre tódas, e na férvida procura da felicidade juram pelo seu nome. Mas, para que nenhuma censura me venha por êste acesso de indignação, e não diga alguém consigo mesmo, ao ler-me: "Será preciso agora suportar um burro filosofando?", eu retomo a minha narração onde a deixei.

XXXIV. Uma vez acabado, como contei, o julgamento de Páris, Juno e Minerva deixaram a cena tristes e iradas, manifestando, por seus gestos de cólera, essa derrota. Vênus, ao contrário, alegre e sorridente, exprimia seu contentamento dançando com todo o côro. Depois, do cimo da montanha, por um conduto escondido, um jato de vinho misturado com açafrão jorrou a uma grande altura e, quando tornou a cair, se esparramando, orvalhou com uma chuva odorante as cabras que pastavam em tórno, de maneira que, embelezadas pelas manchas, destacavam sua brancura natural contra o amarelo do açafrão. Por fim, quando todo o teatro ficou embalsamado de suave odor, a montanha de madeira desapareceu no fundo do chão.

E eis que um soldado atravessou a rua correndo para ir, a pedido do povo, tirar da cadeia pública a mulher condenada às feras, como eu disse, por seus múltiplos crimes e destinada a se unir comigo em brilhantes núpcias. Para nos servir de leito nupcial, dispunha-se, com grande cuidado, um leito ornado das escamas translúcidas da Índia, maciamente preparado com plumas e florido com um estôfo de sêda. Eu, entretanto, sem falar da vergonha de um himeneu consumado em público, nem do contato de uma mulher poluída de crimes, estava estranhamente temeroso por minha vida, e assim raciocinava comigo mesmo: "Va-

mos que, durante o nosso conúbio amoroso, soltem uma fera para devorá-la. Jamais será um animal avisado nos seus julgamentos, ou tão sãbiamente orientado, e bastante dono dos seus apetites, para despedaçar a mulher deitada ao meu lado, e me poupar a mim, que não sou nem condenado nem culpado.”

XXXV. Assim, já não se tratava mais do meu pudor, mas da minha vida, e eu estava preocupado. Enquanto meu instrutor, distraído pelo cuidado de arrumar a cama; enquanto os escravos, todos no serviço da casa ou absorvidos pelo prazer do espetáculo, deixavam curso livre às minhas reflexões, sem que ninguém julgasse necessário vigiar um burro tão bem aquinhoado, devagariño, com pé furtivo, ganhei a porta mais próxima. Uma vez lá fora, desatei a todo o galope, e, depois de ter ràpidamente franqueado seis milhas inteiras, cheguei a Concréias, cidade que faz parte da illustre colônia de Corinto, banhada pelo Mar Egeu e o Gôlfo Sarônico. O pôrto que lá se encontra, seguro abrigo para os navios, é muito freqüentado. Evitei então a multidão e, escolhendo um lugar afastado, estendi-me para repousar os fatigados membros, bem perto da borda em que arrebetavam as vagas, num buraco de areia macia. O carro do Sol tinha já dobrado o limite extremo do dia e a noite me convidava a dormir. E logo mergulhei num doce sono.

LIVRO XI

I. Foi por volta da primeira vigília da noite. Despertado por um súbito pavor, vi o disco da lua cheia, que nesse momento emergia das ondas do mar, tudo iluminando com uma viva claridade. Com a cumplicidade da sombra da noite silenciosa e secreta, sabendo também que a augusta deusa exerce um poder soberano; que as coisas humanas estão inteiramente governadas por sua providência; que não sòmente os animais domésticos e as feras selvagens, mas também os sêres inanimados são vivificados pela divina influência de sua luz e do seu poder tutelar; que os próprios indivíduos, na terra, no céu, no mar, crescem com os seus lucros e a seguem dôcilmente em suas perdas; vendo que

o destino, por fim saciado dos meus numerosos e cruéis infortúnios, me oferecia, embora tarde, uma esperança de salvação — resolvi implorar socorro à imagem veneranda da deusa presente aos meus olhos. Sacudindo logo o torpor do sono, levantei-me cheio de alegre entusiasmo. Apressei-me a me purificar, indo banhar-me no oceano. Mergulhando por sete vêzes a cabeça nas ondas, pois êste é o número que convém aos atos religiosos, conforme o divino Pitágoras, com o rosto inundado de lágrimas dirigi esta prece à todo-poderosa deusa:

II. "Rainha do céu, quer sejas Ceres nutriz, mãe e criadora das messes que, na alegria de tua filha reencontrada, fizeste desaparecer o uso da bolota de carvalho de antigamente, alimento selvagem, ensinando-nos como obter um alimento melhor, oh! tu que visitas agora os campos de Elêusis; quer sejas Vênus celeste, a que, depois de ter, nos primeiros dias do mundo, unido os sexos contrários, gerando o Amor e perpetuando o gênero humano por uma constante renovação, recebe agora um culto no santuário de Pafos, cercado pelas vagas; quer sejas a irmã de Febo, que, acudindo com cuidados apaziguantes as mulheres em trabalho, orientaste povos inteiros, e és venerada hoje no templo ilustre de Éfeso; quer sejas a terrível Proserpina, de uivos noturnos e rosto tríplice, que reprimes os assaltos das larvas, manténs fechadas as prisões subterrâneas, erras de um para outro lado nos bosques sagrados, tornados propícios para os ritos piedosos — tu que expandes a luz feminina por tôda parte, nutres com teus raios úmidos as sementes fecundas, e dispensas em tuas evoluções solitárias uma incerta claridade; sob qualquer nome, por meio de qualquer rito, sob qualquer aspecto pelo qual seja legítimo te invocar — assiste-me em minha desgraça, que agora atingiu o cúmulo; afirma a minha fortuna periclitante. Depois de tantas e tão cruéis passagens, concede-me paz e tréguas. Basta de trabalhos. Basta de perigos. Despoja-me desta maldita figura de quadrúpede. Devolve-me à vista dos meus, devolve Lúcio a Lúcio. Ou, se alguma divindade ofendida me persegue com uma vingança inexorável, que me seja ao menos permitido morrer, se não me permitem viver."

III. Foi assim que me expandi em preces e chorosas lamentações, até que o sono, invadindo de nôvo meu espírito enlanguescido, pesou sôbre mim no mesmo lugar que já me servira de leito. Mal fechara eu os olhos, quando, do seio do mar, elevou-se

acima das ondas um rosto divino, que pareceria adorável aos próprios deuses. Depois, pouco a pouco, o corpo inteiro se mostrou, e eu tive a visão da radiosa imagem parada diante de mim, aos embalos da onda amarga. Maravilhosa aparição, dela me esforçaria por dar-vos uma idéia, se a pobreza da linguagem humana me concedesse os meios, ou se a própria divindade me fornecesse os recursos da abundância oratória e da facilidade.

Primeiro, sua rica e longa cabeleira, ligeiramente ondulada e largamente espalhada sobre a nuca divina, flutuava com um mole abandono. Uma coroa, irregularmente trançada com várias flôres, cingia-lhe o cimo da cabeça. No meio, acima da fronte, um disco em forma de espelho, ou antes, imitando a lua, lançava um alvo clarão. À direita e à esquerda estava flanqueado pelas roscas de duas víboras de cabeças levantadas, e, mais para cima, inclinavam-se para o lado as espigas de Ceres. Sua túnica de côr cambiante, tecida do linho mais fino, era branca como dia, amarela como a flor do açafreão, vermelha como a chama. Porém, o que acima de tudo maravilhava os meus olhos era um manto de um negro intenso, resplandecente, de brilho sombrio. Fazendo tôda a volta do corpo, passava sob o braço direito para tornar a subir até o ombro esquerdo, de onde a extremidade livre caía para a frente, formando um nó, pendendo em pregas até a barra, e terminando por uma ordem de franjas que flutuavam com graça.

IV. A barra bordada, assim como o fundo do tecido, eram semeados de estrélas faiscantes, no meio das quais uma lua, na sua plenitude, expedia ígneas flamas. Ao longo da curva descrita por êsse manto magnífico, corria, sem interrupção, uma grinalda composta inteiramente de flôres e de frutas. Quanto aos atributos da deusa, eram muito variados. Sua mão direita levava um sistro de bronze, cuja lâmina estreita, recurva em forma de cinturão, estava atravessada por algumas pequenas campainhas. Ao tríplice movimento dos braços, tintinavam com um som claro. Da sua mão esquerda pendia uma lâmpada de ouro em forma de barca, cuja asa, parte mais saliente, era encimada por uma áspide, que erguia a cabeça, inflando largamente o colo. Seus pés divinos estavam calçados em sandálias trançadas com as fôlhas da palmeira, a árvore da vitória. Foi sob êste imponente aspecto que a deusa, envôlta em caros perfumes da Arábia, se dignou dirigir-me a palavra:

V. "Venho a ti, Lúcio, comovida por tuas preces, eu, mãe da Natureza inteira, dirigente de todos os elementos, origem e princípio dos séculos, divindade suprema, rainha dos Manes, primeira entre os habitantes do céu, modêlo uniforme dos deuses e das deusas. Os cimos luminosos do céu, os sopros salutareos do mar, os silêncios desolados dos infernos, sou eu quem governa tudo isso, à minha vontade. Potência única, o mundo inteiro me venera sob formas numerosas, com ritos diversos, sob múltiplos nomes. Os frígios, primogênitos dos homens, me chamam deusa-mater, e deusa do Pessinúncio; os atenienses autóctones, Minerva Cecropiana; os cipriotas banhados pelas ondas, Vênus Pafiana; os cretenses portadores de flechas, Diana Ditina; os sicilianos trilíngües, Proserpina Estígia; os habitantes da antiga Elêusis, Ceres Acteana; uns Juno, outros Belona; êstes Hécate, aquêles Ramnúsia. Mas os que o Sol ilumina com seus raios nascentes, quando se levanta, e com seus últimos raios, quando se inclina para o horizonte, os povos das duas Etiópias e os egípcios poderosos por seu antigo saber, honram-me com o culto que me é próprio, chamando-me pelo meu verdadeiro nome: Rainha Ísis. Venho movida de piedade por tuas desgraças. Venho a ti, favorável e propícia. Seca, pois, as tuas lágrimas, deixa-te de lamentos, expulsa o desgosto. Por minha providência, desponta para ti agora o dia da salvação. Então, presta às ordens que vais receber de mim uma atenção religiosa.

"O dia que nascerá desta noite foi sempre, em todos os tempos, por um piedoso costume, colocado sob a invocação do meu nome. Nesse dia, acalmam-se as tempestades de inverno, não têm mais vagalhões o mar, nem tempestades, torna-se o oceano navegável. Meus sacerdotes, pela dedicação de uma nave ainda virgem, oferecem-me as primícias do tráfico. Deves esperar a festa, sem apreensões nem pensamentos profanos.

VI. "Porque, advertido por mim, o sacerdote, na própria procissão, levará na mão direita uma coroa de rosas amarrada ao seu sistro. Então não hesites: atravessa a multidão a passo decidido, junta-te ao cortejo, conta com a minha benevolência. Quando estiveres bem perto, docemente, como que para beijar a mão do sacerdote, colhe as rosas e, de repente, te verás despojado do couro dessa bêsta maldita que há muito me é odiosa. Não temas que seja difícil nada do que dispus, porquanto, neste mesmo mo-

mento em que venho a ti, apareço por outro lado ao meu sacerdote para instruí-lo durante o sono sôbre o que é preciso fazer em seguida. Por minha ordem, as apertadas fileiras do povo se abrirão diante de ti. Ninguém, nessa alegre solenidade e nesse espetáculo de festa, testemunhará horror pela fealdade da tua figura de empréstimo, e tua súbita metamorfose não provocará da parte de ninguém horríveis interpretações ou insinuações malignas.

"Mas, acima de tôdas estas coisas, lembra-te, e guarda sempre gravado no fundo do teu coração, que tôda a tua carreira, até o fim da tua vida, e até o teu derradeiro suspiro, me foi penhorada. É de justiça que àquela que te restituiu o teu lugar entre os homens devas tudo o que ainda te resta para viver. Ademais, viverás feliz, viverás cheio de glória sob a minha proteção; e quando se acabar tua trajetória terrestre e desceres aos infernos, lá ainda, nesse hemisfério subterrâneo, a mim, que estás vendo aqui, encontrarás brilhando entre as trevas do Aqueronte e reinando sôbre as moradas profundas do Estige. Tu mesmo, habitando os Campos Elíseos, prestarás assídua homenagem à minha divindade propícia. E se, por uma obediência escrupulosa, uma piedosa atenção em meu serviço, uma pureza perseverante, tu te tornares digno de minha proteção divina, conhecerás que só eu tenho o poder de prolongar também tua vida para além dos limites fixados por teu destino."

VII. Aqui terminou o oráculo venerável e o nume invicto se retirou. Arrancado ao sono, levantei-me, cheio ao mesmo tempo de temor e de alegria, e banhado de suor. Admirando a presença tão manifesta da poderosa deusa, aspergi-me com a onda marinha, e, não tendo pensamento senão para suas ordens augustas, repassei-lhe ponto por ponto as advertências. Bem depressa, espantando as sombras espessas da noite, levantou-se o Sol de ouro, e eis que, de todos os lados, como num dia de festa, e mais pròpriamente de triunfo, grupos animados encheram as ruas. Tudo parecia se associar ao meu júbilo e respirar alegria; os animais de tôda espécie, as casas, o próprio ar, tudo estava radiante, aos meus olhos, de serenidade e ventura. À bruma gelada da véspera sucedera brusca-mente um dia claro e aprazível. Os pássaros cantores, ao convite do quente alento da primavera, davam suaves concertos, e elevavam para a mãe dos astros, para o princípio inicial dos séculos, para a soberana do Universo, a carícia de seus acentos. As pró-

prias árvores, tanto as que produziam frutos, testemunhas de sua fecundidade, como as que na sua esterilidade se contentam de dar sombra, abriam, espanejavam ao sôpro do Austro os brotos de suas fôlhas nascentes, e o doce frêmito dos galhos se acompanhava de um harmonioso e ligeiro murmúrio. O vasto ruído das tempestades havia-se apaziguado; o mar acalmara o balouço de suas ondas tumultuosas e vinha expirar molemente sôbre a areia. O céu, por fim desembaraçado do seu véu de neblina, brilhava imaculado com o brilho que lhe é próprio.

VIII. Eis que, pouco a pouco, desfilam os primeiros grupos da procissão solene, paramentados muito agradavelmente, de acôrdo com a inspiração e o gôsto de cada um. Um cingia um cinturão e representava um soldado. Outro, com sua clâmide curta, suas botas, seu aparelhamento venatório, tinha-se transformado em caçador. Este levava sandálias douradas, vestido de sêda, adornos preciosos nos cabelos. A cabeleira postiça que tinha sôbre a cabeça e sua marcha ondulante lhe davam aparência de mulher. Aquêle, reconhecível por suas pernas, seu escudo, seu capacete, e sua espada, parecia sair da escola de gladiadores. Outro, precedido de feixes e vestido de púrpura, representava um magistrado. E mais outro, com seu pálio, seu cajado, suas sandálias de fibra vegetal e sua barba de bode representava o filósofo. Dois que se haviam munido de caniços diferentes, mantinham a figuração, um de passarinho com seus visgos, outro de pescador com seus anzóis. Vi também um urso domesticado, que passava em liteira, vestido como uma senhora. Um macaco penteado, com boné trançado e vestido com túnica amarela à moda frígia, com o aspecto do pastor Ganimedes, levava um copo de ouro. Um burro, ao qual tinham colado asas, perambulava ao lado de um velho alquebrado pela idade: dupla cômica, em que reconheciam, e entre risos, de uma parte Belerofonte e de outra Pégaso.

IX. Enquanto se expandiam livremente, aqui e ali, divertimentos e jogos populares, a pomposa procissão prôpriamente dita da deusa da salvação se punha a caminho. Mulheres resplandecentes, em suas vestes brancas alegremente enfeitadas de atributos variados e floridos, e com coroas primaveris, tiravam pétalas do seio e jucavam com elas o solo, no percurso do cortejo sagrado. Outros mantinham voltados, atrás do seu dorso, espelhos brilhantes em que a deusa, à medida que avançava, podia contemplar diante de

si a homenagem dos fiéis. Alguns, levando pentes de marfim, moviam os braços e fletiam os dedos como que para pentear e fazer o toucado da rainha. Ou ainda derramavam gôta a gôta, com outros perfumes, um bálsamo divino, orvalhando as ruas. Havia mais: uma numerosa multidão de um e de outro sexo levava lâmpadas, tochas, círios e outras luminárias, para atrair as bênçãos daquela de quem se originam os astros do céu. Depois vinham gaitas e flautas de melodias suaves, em harmoniosa sinfonia. Um côro encantador aparecia em seguida, formado de uma elite de moços deslumbrantes na brancura de neve de suas roupas de festa. Cantavam juntos um belo hino que um poeta de talento havia composto, com música, pela graça das Musas, e cujo texto aludiam aos rogos atendidos. Vinham mais atrás os flautistas devotados ao grande Serapis⁹⁸ que, com o seu instrumento oblíquo alongado para a orelha direita, tocavam a ária tradicional do deus em seu templo. Não conto todos aquêles que gritavam que se deixasse passagem livre ao piedoso cortejo.

X. Então chegaram, em ondas cerradas, os iniciados nos divinos mistérios, homens e mulheres de tôdas as classes e de tôdas as idades, resplandecentes na brancura imaculada de suas vestes de linho. As mulheres traziam os cabelos úmidos de perfume, envolvidos num véu transparente. Os homens, a cabeça completamente raspada, tinham o crânio luzidio. Eram os astros terrestres da augusta religião. Dos seus sistros de bronze, de prata, e mesmo de ouro, tiravam um som claro e agudo. Quanto aos ministros do culto, êsses altos personagens estavam cingidos apertadamente numa vestimenta de linho branco que, modelando o corpo, lhes descia até os pés. Levavam os atributos distintivos dos deuses todopoderosos. O primeiro apresentava uma lâmpada que espalhava viva claridade. Porém, ela não parecia em nada com aquela que iluminava nossos repastos à noite: era como um barquinho de ouro que, por seu orifício central, lançava uma larga flama. O segundo estava vestido do mesmo modo, mas sustinha com as duas mãos um dêsses altares que se chamam "socorro" e devem o nome à providência misericordiosa da deusa soberana. O terceiro, caminhando, erguia uma palma feita de uma fôlha de ouro delicadamente trabalhada, assim como o caduceu de Mercúrio. O quarto mostrava o emblema da justiça — a mão esquerda com a palma aberta. Naturalmente lenta, despojada de agilidade e se-

gurança, a esquerda parecia, mais que a direita, convir à justiça. Levava êle, na outra mão, um vasinho de ouro arredondado em forma de mama, com o qual fazia libações de leite. Um quinto tinha uma caixa de ouro carregada de raminhos de ouro, e o sexto uma ânfora.

XI. Não demoraram a aparecer os deuses, dignando-se, para avançar, a se servirem de pés humanos. Primeiro, o deus de horrendo aspecto, mediano entre o mundo superior e o inferno, rosto meio negro e meio dourado, a cabeça alta mantendo altivamente a sua aparência de cão: Anúbis, que, na mão esquerda tinha um caduceu, e com a direita agitava uma palma viridente. Depois, imediatamente sôbre os seus passos, vinha uma vaca, símbolo da fecundidade, imagem da deusa mãe de tôdas as coisas. Repousava sôbre os ombros dos seus bem-aventurados ministros, que conservavam ao sustê-la, uma atitude cheia de dignidade. Levava um outro uma cesta, que encerrava o que se dissimula aos olhares: escondia, no bôjo, os mistérios da sublime religião. Um terceiro mantinha, aconchegada ao peito, a imagem da deusa soberana. Ela não era feita à semelhança de um animal doméstico, nem de um pássaro, nem de bicho selvagem, nem mesmo do ser humano, mas, por um engenhoso achado cuja novidade a tornava respeitável, símbolo infável da religião que deverá permanecer com os seus segredos cercados do mais profundo silêncio, ela se apresentava feita de ouro fulgente, sob o aspecto material de uma pequena urna torneada com arte, de fundo arredondado, ornamentada com maravilhosos simulacros próprios do Egito. Seu orifício, não muito alto, se prolongava por uma canaleta que se projetava em forma de bico. Do outro lado, estava fixada uma asa de largo contôrno, que se alargava e descrevia uma ampla curva, no cimo da qual uma âspide de anéis tortuosos erguia o túrgido colo estriado de escamas.

XII. E eis que veio a mim o benfazejo destino prometido pela deusa misericordiosa, pois, como portador da minha salvação, o grão-sacerdote avançava, no mesmo aparato em que mo havia descrito a divina promessa, segurando na mão direita, para a deusa um sistro, e para mim uma coroa, por Hércules, uma coroa, ah! era bem o que faltava nesse dia! Depois de tantas duras provas, depois de tantos perigos atravessados, a providência da grande deusa me tornava vencedor dos cruéis assaltos da Fortuna.

Todavia, eu evitava entregar-me aos transportes de uma alegria súbita, e não queria lançar-me bruscamente para diante, no temor bem natural de que a irrupção súbita de um quadrúpede perturbasse a ordem e a tranqüilidade da cerimônia. E foi com passo calmo, medido, como o teria feito um homem, e movendo-me com precaução, que deslizei através da multidão, a qual, de resto, abria-me caminho por uma inspiração divina.

XIII. O sacerdote, já advertido, como o desenrolar dos acontecimentos demonstrou, pelo oráculo da noite, e maravilhado de ver como tudo se harmonizava com a missão recebida, parou logo, estendeu por si mesmo a mão, e pôs a coroa à altura de minha bôca. Então, palpitante, o coração batendo furiosamente, agarrei àvidamente aquela coroa, que fulgurava com as frescas rosas com que estava entrelaçada. Devorei-a, impaciente por ver-se cumprir a promessa. Ela não mentira, a celeste promessa: minha deformada aparência de bêsta se desfez imediatamente. Primeiro, foi-se o pêlo esquálido; depois, o couro espêsso se amaciou e o ventre obeso abaixou; na planta dos meus pés, os cascos deixaram emergir os dedos: minhas mãos não eram mais patas, e se prestavam às funções de membro superior; meu longo pescoço chegou aos seus justos limites; meu rosto e minha cabeça se arredondaram, minhas orelhas enormes voltaram à sua pequenez primeira; meus dentes, semelhantes a tijolos, reduziram-se às proporções humanas; e a cauda, sobretudo, que me cruciava, desapareceu! O povo se espantou, os fiéis adoraram a potência manifesta da grande divindade e a facilidade magnífica com a qual se cumprira, conforme as visões da noite, aquela metamorfose. Em voz alta e em unísono, com as mãos estendidas para o céu, testemunharam o espantoso favor da deusa.

XIV. Quanto a mim, o excesso do meu estupor me tinha pregado no lugar, incapaz de uma palavra, pois era demais para o meu ânimo uma alegria tão grande e tão súbita. Não sabia o que dizer de preferência, nem por onde começar. Como entrar na matéria, com a voz que me era devolvida. Com que palavras de feliz augúrio saudar o renascimento em mim da linguagem. Em que têrmos bastante expressivos exprimir gratidão à augusta deusa. O sacerdote, no entanto, instruído de tôdas as minhas desgraças, desde a origem, por alguma revelação divina, se bem que vivamente comovido êle próprio por êsse espantoso milagre, com um

sinal de cabeça ordenou que me dessem uma véstia de linho com que eu me cobrisse, pois, despojado do nefasto envoltório de asno, eu tinha apertado as coxas, fortemente, tapando conforme podia com as mãos, para me proteger decentemente, com um anteparo natural. Então, alguém do piedoso cortejo arrancou vivamente a sua túnica de cima e se apressou a me revestir com ela. Feito isso, o sacerdote, com ar inspirado e expressão verdadeiramente sôbre-humana, assim falou, com os olhos fascinados pregados em mim:

XV. "Depois de teres passado tantos e tão variados trabalhos, rudemente sacudido pelos assaltos da Fortuna, e pelas mais violentas tempestades, chegaste enfim, Lúcio, ao pôrto do Repouso e ao altar da Misericórdia. Nem teu nascimento, nem teu mérito, nem mesmo a ciência que floresce em ti te serviram. As tentações da verde juventude te fizeram escolher volúpias servis. Tua fatal curiosidade te valeu amarga recompensa. No entanto, a cegueira da Fortuna, expondo-te aos sustos mais angustiosos, te conduziu, apesar de tudo, na sua malícia imprevidente, a esta religiosa felicidade. Que ela vá então agora, que dê livre curso à sua fúria e procure alguém sôbre quem descarregar sua crueldade, pois não estão mais expostos aos rigores da sorte aquêles que a deusa majestosa reivindicou para os conservar ao seu serviço. Ladrões, feras, servidão, marchas e contramarchas sôbre caminhos aspérrimos, terror cotidiano da morte, de tudo isto que proveito tirou a nefanda Fortuna? Fôste recolhido agora sob a proteção de uma Fortuna clarividente e que ilumina até os outros deuses com os raios de sua luz. Alegra-te, sorri, em harmonia com a brancura das tuas vestes, e junta-te com passo álaçre ao cortejo da deusa misericordiosa. Que os ímpios vejam, que vejam e reconheçam seu êrro. Ei-lo, aí está, livre das antigas atribulações, pela providência da grande Isis, eis aí Lúcio, que triunfa alegremente da Fortuna. Entretanto, para estar mais seguro e garantido, engaja-te na santa milícia; fôste chamado para prestar juramento. Consagra-te desde já às observâncias da nossa religião e submete-te voluntariamente ao jugo do seu ministério. Quando entrares ao serviço da deusa, verás e sentirás, então, verdadeiramente, que comesas a desfrutar da tua liberdade."

XVI. Profetizou dêste modo, com voz ofegante, e aos arrancos, pelo esfôrço, o virtuoso sacerdote. Assim que cessou de falar,

misturei-me ao grupo dos fiéis e acompanhei a marcha do cortejo sagrado. Tôda a cidade me reconhecia, e reparava em mim. As pessoas me designavam com a cabeça e com o dedo, e eu era o objeto da conversa de todo o povo. "É aquêlé ali", diziam. "A augusta vontade da deusa todo-poderosa devolveu-o hoje à sua forma e condição de homem. Mortal feliz, felicíssimo, por Hércules, que, por sua inocência certamente, e pela fidelidade de sua vida anterior, mereceu do Céu uma proteção tão evidente, e assim que renasceu, pois de qualquer maneira é um renascimento, foi consagrado ao santo serviço."

Entrementes, em meio ao alegre tumulto de festa, avançávamos paulatinamente e nos aproximávamos da praia. Chegamos afinal ao lugar que, na véspera, servira de abrigo ao burro que eu era. As imagens divinas ali foram dispostas, segundo os ritos. Estava lá um navio, feito por mão operária e inteiramente recoberto de pinturas egípcias. O grão-sacerdote, depois de ter pronunciado as preces mais solenes com sua casta bôca, e depois de ter santamente purificado com uma tocha ardente um ôvo e enxôfre, consagrou-os à deusa, pondo-os sob a sua invocação. A vela brilhante dessa nave afortunada levava em evidência letras bordadas a ouro, e essas letras eram a expressão dos desejos de feliz reinício da navegação. De um alto pinheiro torneado era feito o mastro, que se atirava radioso para o espaço, e a sua ponta atraía todos os olhares. Um pescoço de cisne se infletia na pôpa revestida de faiscantes placas de ouro. A carena de cedro era lisa e lustrosa. Então, o povo inteiro, tanto fiéis como profanos (e cada qual trazia caixas cheias de substâncias aromáticas e outras oferendas), derramou sôbre as ondas libações de papas feitas com leite. Por fim, transbordando de presentes e de objetos votivos de feliz presságio, o navio foi libertado dos seus cabos e da âncora, e, com o favor de uma brisa propícia, que soprava justamente nessa hora, foi confiado ao pélagos. Afastou-se. E, quando o espaço percorrido não nos deixou ter dêle senão uma visão indistinta, os carregadores do andor, retomando seu fardo, voltaram cheios de alegria para o templo, novamente em formação de cortejo, e numa pomposa ordem.

XVII. Quando chegamos à soleira do templo, o grão-sacerdote, com aquêles que levavam diante dêle as imagens divinas, e os

iniciados já admitidos no venerável santuário, penetraram também no cubículo da deusa, e dispuseram conforme os ritos os simulacros viventes. E então, um dêles, que todos chamavam de Gramático, em pé, diante da porta, convocou, como em assembléia, o grupo dos pastóforos, que é o nome do sacrossanto colégio, e lá mesmo, do alto do estrado, de acôrdo com um texto escrito, pronunciou primeiro os votos de prosperidade para o príncipe soberano, o senado, a ordem eqüestre, todo o povo romano, os navegadores e os navios que, no mundo inteiro, estão sob a lei do nosso império. Depois, proclamou em idioma e rito gregos a abertura da navegação. Um clamor geral saudou esta palavra como uma mensagem de bom agouro. Transbordando de alegria, as pessoas levavam brotos, ramos, e guirlandas e beijavam os pés da deusa. Sua estátua de prata havia sido colocada no alto dos degraus, antes de os fiéis voltarem para seus lares. Quanto a mim, em meu estado de espírito, não me animava a afastar-me uma unha que fôsse da presença da deusa. Tinha os olhos presos à sua imagem, e recordava as passadas aventuras.

XVIII. Entrementes, a Fama de asas velozes não deixara a preguiça deter ou tornar mais lento o seu vôo, mas, indo direito até minha pátria, espalhara o rumor do adorável benefício que me concedera providencialmente a deusa, assim como a minha própria fortuna memorável. Imediatamente, os meus amigos, meus escravos, e todos os que tinham comigo laços de sangue deixaram o luto tomado à falsa notícia de minha morte, e acorreram com a alegria da imprevista felicidade, carregados de presentes diversos, para ver com seus próprios olhos minha volta do inferno para a luz do dia. Reconfortado eu também ao vê-los, do que já abandonara a esperança, acolhi com gratidão seus generosos oferecimentos, pois meus amigos, com previdente cuidado, tinham trazido de que prover largamente meu sustento e minhas despesas.

XIX. Depois de ter-me dirigido a cada um com o respeito que lhe era devido, e após ter feito um rápido relato das minhas desgraças passadas e da felicidade presente, fui-me a fruir de nôvo a doce presença da deusa. Arranjei um alojamento no próprio pátio do templo e ali constituí um lar temporário, participando ainda, como leigo, do serviço da deusa, na qualidade de companheiro e comensal dos sacerdotes e de perpétuo adorador da au-

gusta divindade. Não se passava noite, nem momento de sono, em que eu não fôsse agraciado com sua vista e suas advertências. Suas ordens, no entanto, muitas vêzes repetidas, insistiam para que eu não adiasse por mais tempo a iniciação à qual estava desde havia muito tempo destinado. Mas eu, por fervoroso que fôsse o meu desejo, estava inibido por um temor religioso. Tinha tido o cuidado de me informar das dificuldades do santo ministério, do rigor de suas castas abstinências, do conjunto de precauções de que se deve cercar uma vida exposta a muitos incidentes, e, refletindo sem cessar a respeito dessas coisas, não sei como, apesar da minha pressa, diferia.

XX. Uma noite, vi em sonho o sumo-sacerdote que me apresentava, cheio de alguma coisa, o pano de suas vestes. Perguntei-lhe o que era aquilo; respondeu que eram remessas para mim, feitas da Tessália, e que chegara, ao mesmo tempo, daquele país, um meu servidor chamado Cândido. Ao despertar, perdi-me em conjecturas sôbre esta visão, e sôbre o seu significado, tanto mais que tinha certeza de não ter jamais possuído servo com tal nome. Qualquer que fôsse o presságio a tirar dêsse sonho, a alusão às coisas trazidas era sinal certo de proveito, eu sabia. Foi assim que, na ansiosa expectativa de felizes proventos, aguardei a abertura matinal das portas do templo. Afastadas as cortinas brancas para os lados, adoramos a imagem venerável da deusa. O sacerdote fazia a volta aos altares dispostos aqui e ali, desincumbindo-se do serviço divino, e, pronunciando as preces consagradas, derramava com um vaso para libações a água apanhada no fundo do santuário, quando, cumpridos êsses piedosos atos, ressoou, anunciando a primeira hora do dia, a voz dos fiéis que saudavam a volta da luz. Nesse momento, chegaram, vindo de Hípata, os servidores que eu deixara lá, no tempo em que fui logrado com o funesto engano de Fótis. Tinham, como imaginais, ouvido contar minha história, e até me traziam o cavalo que sabeis. Passara êle de um para outro dono, mas, reconhecido pela marca num dos flancos, tinham-se apossado dêle. E eu não me cansava de admirar-me do feliz acôrdo entre a realidade e o sonho, que não sòmente anunciara um proveito, como fizera alusão, na pessoa de um servidor chamado Cândido, à côr do cavalo que me seria entregue.

XXI. Esta circunstância dobrou meu zêlo e meu fervor no desempenho dos deveres religiosos; ao mesmo tempo, eu encontrava nos

benefícios presentes o peior de futuras esperanças. Do mesmo modo, crescia cada vez mais em mim o desejo de receber a consagração. Procurava freqüentemente o sumo-sacerdote para suplicar-lhe instantemente que me iniciasse, afinal, nos arcanos da noite santa. Ele, como varão grave e conhecido pelo exato cumprimento da sóbria religião, me atendia com doçura e bondade. Mas, como fazem os pais, quando moderam os desejos prematuros dos filhos, opunha adiamentos à minha insistência, e, com os consolos da esperança, serenava a minha aflição. Pois, explicava, a deusa marca com um sinal da sua vontade o dia em que cada um pode ser iniciado. O sacerdote que deve proceder à consagração é, do mesmo modo, escolhido por sua providência. Enfim, as despesas necessárias à cerimônia são fixadas, com instruções semelhantes. Era preciso então, dizia ele, submetemo-nos pacientemente às suas regras, pois eu devia me guardar com cuidado tanto da precipitação como da desobediência, e evitar a dupla falta de me mostrar lento, uma vez chamado, ou apressado, sem ter recebido nenhuma ordem. Demais, nenhum dos membros do seu clero seria bastante louco, ou bastante imprudente, ou mais exatamente, não estaria disposto a morrer para, sem ter recebido êle também ordem expressa da soberana, afrontar temerariamente os riscos de um ministério sacrílego, e incidir num pecado que o condenaria à morte. Em verdade, as chaves do inferno e a garantia da salvação estão nas mãos da deusa. O próprio ato da iniciação representa uma morte voluntária e uma salvação obtida pela graça. O poder da deusa atrai para si os mortais que, chegados ao fim da existência, pisam a soleira onde se acaba a luz; devem êles, porém, saber guardar os augustos segredos da religião. De algum modo, ela os faz renascer por sua providência. Abre-lhes, devolvendo-os à vida, uma carreira nova. Devia então eu também me conformar com sua celeste vontade, ainda que, havia muito tempo, o evidente favor da grande divindade me houvesse designado e marcado para seu bem-aventurado serviço. Do mesmo modo que os outros fiéis, então, era de minha obrigação abster-me de alimentos profanos e proibidos, a fim de mais seguramente obter acesso aos mistérios da mais pura de tôdas as religiões.

XXII. Assim falou o sacerdote, e a impaciência não mais alterou minha docilidade. Mantive a serenidade pacífica, a reserva de um

silêncio exemplar, e uma aplicação constante; dedicava-me, dia após dia, à celebração do serviço divino. A bondade salutar da poderosa deusa não me ludibriou a esperança, nem me atormentou com um prazo longo demais. Numa noite escura, suas ordens, sem nada de obscuro, me advertiram, sem possibilidade de engano, que tinha chegado o dia, sempre anelantemente desejado, em que ela ia responder ao meu voto mais ardente. Fixou-me também quanto eu iria gastar com os arranjos da cerimônia, e Mitra, sumo-sacerdote em pessoa, ao qual me ligava uma divina conjunção de estrélas, dizia ela, fôra designado para o sagrado ofício.

Foram essas, entre outras, as instruções que me deu a bondade da soberana deusa. Reconfortado espiritualmente, e sem esperar que amanhecesse, corri, completamente desperto, à residência do sumo-sacerdote. Ele saía do quarto quando o encontrei e o saudei. Eu estava mais do que nunca resolvido a reclamar, dessa vez como algo que me era devido, a admissão ao santo ministério. Mas êle, assim que me viu, se antecipou: "Lúcio feliz, oh! afortunado, que a augusta divindade julga digno de favor e benevolência." E disse: "Então, que esperas? Ficas ocioso, e é de ti agora que vem a demora? É hoje o dia que não cessavas de reclamar em teus pedidos, o dia em que, sob o divino império da deusa dos múltiplos nomes, estas mãos te introduzirão nos retiros piedosos dos nossos arcanos." Pousando afetuosamente a mão direita sôbre o meu ombro, o ancião me conduziu logo até a porta do imponente edifício, onde, depois de ter celebrado, na forma consagrada, o rito de abertura do templo, cumpriu o sacrifício matinal. Tirou de um recesso do fundo do santuário livros em que estavam traçados caracteres desconhecidos. Alguns eram figuras de animais de tôda a espécie, expressão abreviada de fórmulas litúrgicas. Outros, de traços nodosos, ou arredondados, ou enrolados sôbre si mesmos como as gavinhas de parreira, subtraíam a leitura do texto à curiosidade dos profanos. De acôrdo com êsses livros, instruiu-me êle a respeito dos preparativos exigidos para a iniciação.

XXIII. Sem perder tempo nem discutir sôbre as despesas, fiz, eu próprio ou por intermédio dos companheiros, as necessárias compras. Veio então o sacerdote avisar que chegara o momento. Conduziu-me à piscina mais próxima, cercado pela religiosa coorte. Tendo eu tomado o banho costumeiro, invocou êle a divina graça,

e me purificou aspergindo-me água lustral. Levou-me depois ao templo. Dois terços do dia haviam-se escoado. Deteve-me aos pés da deusa, deu-me em segrêdo certas instruções, melhores do que é possível exprimir. Em seguida, e dessa vez diante de tôda a gente, recomendou-me que me abstivesse durante dez dias seguidos dos prazeres da mesa, que não comesse carne de nenhum animal nem bebesse vinho, abstinências que observei com religioso respeito. Enfim, chegou o dia marcado para o encontro divino. Já o sol, declinando, dava lugar à noite, quando afluíu de todos os lados grande cópia de pessoas. Segundo a lei antiga dos mistérios, honraram-me com presentes diversos. Depois, todos os profanos se afastaram; fui vestido com uma roupa de linho que jamais tinha sido usada, e o sacerdote, tomando-me pela mão, me conduziu para a parte mais retirada do santuário.

Talvez, estudioso leitor, te perguntes com alguma ansiedade o que foi dito, o que foi feito, em seguida. Eu o diria se me fôsse permitido. Tu o saberias, se te fôsse permitido ouvi-lo. Mas teus ouvidos e minha língua sofreriam igualmente o castigo ou de uma indiscrição ímpia ou de uma curiosidade temerária. Todavia, eu não infligirei ao teu piedoso desejo, que possivelmente te mantém em suspenso, o martírio de um tormento longo. Escuta, então, e crê: tudo que vou dizer é verdade. Aproximei-me dos limites da morte. Pisei o portal de Proserpina, e voltei, trazido através de todos os elementos. Em plena noite, vi brilhar o sol, com uma luz que cegava. Aproximei-me dos deuses dos infernos, dos deuses do alto: vi-os face a face e os adorei de perto. Eis aí a minha narração, e o que não ouviste, estás condenado a ignorar. Limitar-me-ei a relatar o que fôr permitido, sem sacrilégio, revelar à inteligência dos profanos.

XXIV. Veio a manhã e, acabados todos os ritos, apareci, tendo sôbre mim doze roupas de consagração. Dessa roupa, apesar do seu caráter místico, nenhuma obrigação me proibia de falar, pois tudo se passou então diante de numerosas testemunhas. No meio da casa sagrada, diante da imagem da deusa, um estrado de madeira foi erguido. Fui convidado a subir. Em pé, e revestido de um tecido de fino linho, bordado de vivas côres, eu atraía os olhares. Dos meus ombros caía para trás, até os calcanhares, uma clâmide valiosa. E de todos os lados eu estava enfeitado com figuras de animais multicores. Eram dragões da Índia aqui, grifos

hiperbóreos ali, engendrados por um outro mundo, dotados de asas como pássaros. Os iniciados dão a essa roupa o nome de estola olímpica. Eu segurava com a mão direita uma tocha acesa e minha cabeça estava cingida por uma nobre coroa de palmas, cujas fôlhas brilhantes se projetavam para a frente como raios. Assim paramentado, à imagem do Sol, expuseram-me como uma estátua e, quando as cortinas foram afastadas bruscamente, houve um desfile de povo, desejoso de me ver. Celebrei, em seguida, o dia feliz de meu nascimento para a vida religiosa com um repasto de festa, e outros alegres banquetes. No terceiro dia, foram renovadas as mesmas cerimônias, e um almôço sacramental encerrou a iniciação, conforme a ordem estabelecida.

Fiquei ali alguns dias ainda, todo embebido no prazer inefável de contemplar a imagem da deusa, à qual estava ligado por um bem de que jamais poderia me desobrigar. Enfim, com suas próprias advertências, e depois de ter, insuficientemente sem dúvida, mas na medida dos meus meios, pago meu humilde tributo de ação de graças, dispus-me a alcançar novamente os meus pagos, há tanto tempo abandonados, rompendo com desgosto os liames de uma ardente ligação. Prostrado diante da deusa, enxuguei longamente, com meu rosto, os seus pés molhados pelas minhas lágrimas. Sacudido pelos soluços, que me interrompiam as palavras e me sufocavam, disse-lhe:

XXV. "Oh! santa que velas sem cansaço pela salvação do gênero humano; oh! tu, sempre pródiga, para com os mortais, de cuidados que os reanimam; tu que dispensas ao infortúnio a doce ternura de uma mãe. Não há dia nem noite, nenhum fugitivo instante, que deixes passar sem marcá-lo com tuas benesses, sem proteger os homens na terra e no mar, sem afugentar para longe deles as tempestades da vida, sem que a tua terna mão misericordiosa, que desfaz as malhas mais inextricáveis da fatalidade, acalme as tempestades da Fortuna e coíba o curso funesto das estrêlas. Os deuses do céu te rendem homenagem, os do inferno te respeitam. Moves o mundo no seu eixo, acendes os fogos do Sol, reges o Universo, calcas aos pés o Tártaro. São dóceis à tua voz os astros; obedecem-te os tempos; estão às tuas ordens os elementos; rejubilam-se os deuses à tua vista. Fazes um gesto, e animam-se os ventos, movem-se as nuvens, germinam as sementes, crescem os renovos. Tua majestade enche de santo terror os pás-

saros que percorrem os céus, as feras errantes dos montes, as serpentes sob o solo, os monstros que nadam no oceano. Porém, para cantar os teus louvores, pobre demais é o meu espírito. Para te oferecer sacrifícios, pequeno demais é o meu patrimônio. Falta-me voz para exprimir os sentimentos que me inspira tua grandeza. Mil bôcas não são suficientes, nem mil línguas, nem sermões mantidos sem desfalecimento pela eternidade. Pelo menos, tudo que puder fazer, na sua pobreza, um fiel piedoso, eu terei o cuidado de fazer. Teus traços divinos, teu nume santíssimo, eu os guardarei no segrêdo do meu peito para sempre, e em espírito os contemplarei.”

Assim rezei à poderosa deusa; abracei em seguida o sumo sacerdote Mitra, e agora meu pai. Abracei-o, cobri-o de beijos, pedi-lhe que me perdoasse não retribuir dignamente tantos benefícios que me fizera.

XXVI. Por fim, depois de ter-me demorado falando-lhe longamente de minha gratidão, separei-me dêle, e, ao cabo de longa ausência, em linha reta resolvi voltar para Madaura. Poucos dias depois, por inspiração da poderosa deusa, emalei às pressas minha pequena bagagem, embarquei num navio, e parti com destino a Roma. Graças aos ventos favoráveis, cheguei rapidamente ao pôrto de Augusta. De lá, um carro ligeiro me conduziu e, ao cair da noite, na véspera dos idos de dezembro, eu entrava na cidade sacrossanta. Desde êsse momento, não tive preocupação mais urgente que oferecer todos os dias minhas preces à divina majestade da Rainha Ísis, que do templo em que está instalada tira o nome de Campense e é objeto de grande veneração. Era eu seu adorador fiel, recém-vindo à sua casa, mas estava em minha casa na sua religião.

Ora, o grande Sol, percorrendo o círculo do Zodíaco, completara mais um ano, quando interveio de nôvo no meu sono a solicitude vigilante do nume benéfico, e ela veio conversar comigo ainda a respeito de iniciação e de consagração. Intrigava-me saber qual era seu plano e o que tinha em vista, tanto mais que eu me acreditava havia muito tempo plenamente iniciado.

XXVII. No entanto, submetendo êsse escrúpulo ao exame do meu próprio entendimento, e ao julgamento de pessoas consagradas, fiz uma surpreendente descoberta: estava eu bem iniciado nos mis-

térios de Ísis, mas faltava-me ainda a luz que vem do grande deus, o invencível Osiris. Apesar dos estreitos laços, apesar da unidade essencial das duas divindades e das duas religiões, discriminavam-se as cerimônias de iniciação. Devia eu então me sentir reclamado também para o serviço do grande deus.

A situação ambígua durou pouco. Na noite seguinte, vi em sonho um dos fiéis consagrados, vestido de linho, que levava tirso, ramos de trepadeira, e mais certos objetos que é proibido nomear, e que os depositou diante do meu lar. Depois, instalando-se sobre a minha cadeira, anunciou um banquete em honra da augusta religião. E, sinal inequívoco pelo qual sem dúvida se tornava reconhecível, êle tinha o calcanhar do pé esquerdo um pouco desviado, e caminhava de manso, com passo mal seguro. A manifestação assim clara da vontade divina dissipava tôda incerteza e tôda ambigüidade. Logo que terminou a saudação matinal à deusa, examinei com atenção se alguém, entre aquêles que via, tinha o mesmo defeito, ao caminhar, do que o homem do meu sonho. Não foi vã minha esperança. Reparei logo que um dos pastóforos tinha não só o sinal particular no pé, mas a estatura e o todo correspondiam exatamente à visão noturna. Soube mais tarde que se chamava Asínio Marcelo, nome que não deixava de ter ligação com a minha metamorfose. Fui-me direito a êle, sem demora, e êle, da sua parte, não ignorava o que eu lhe diria, tendo sido avisado anteriormente por uma ordem semelhante, que deveria me conferir o sacramento. Na noite precedente também tivera um sonho: enquanto dispunha coroas para o grande deus, êste, com a sua própria bôca, que dita a cada um o seu destino, informara-o de que um cidadão de Madaura lhe seria enviado, homem muito pobre, em verdade, e que êle deveria, sem tardança, iniciá-lo em seu culto, pois sua providência reservava àquele homem uma gloriosa fama literária, e um lucro considerável a êle próprio.

XXVIII. Dêsse modo, prometido ao sacramento, a exigüidade dos meus recursos me retardou muito além do meu desejo. Minhas despesas com a peregrinação tinham feito derreter-se o meu modesto patrimônio, e o custo de vida em Roma era muito mais elevado que nas províncias, onde eu estagiara anteriormente. As duras exigências da pobreza, contendo-me assim, como diz um velho provérbio, entre a vítima e a pedra, me torturavam. E não

eram menos prementes as instâncias do deus. Não foi sem uma extrema perturbação que o ouvi multiplicar primeiro suas objurgatórias, depois suas ordens. Enfim, vendendo até a roupa de corpo, por modesta que fôsse, reuni mal e mal a pequena soma necessária. De resto, isto se deu por fôrça de uma injunção especial. "Pois quê!", dissera-me o deus. "Se tivesses planejado conseguir algum prazer, não te importarias com a venda de tuas roupas, e quando se trata de um ato solene, hesitas em te expor a uma pobreza que não terás que lamentar?"

Logo que acabei todos os preparativos, uma vez mais, durante dez dias, contentei-me com alimentos que tivessem pertencido a coisas inanimadas; mandei raspar a cabeça e, iluminado pelos mistérios noturnos do deus soberano, foi com inteira segurança que observei as práticas da religião irmã. Que consolos, todavia, encontrava em meu exílio? Encontrei meios de existência mais abundantes, e, levado pelo vento do êxito, consegui proventos, advogando no forum na língua dos romanos.

XXIX. E eis que, pouco tempo depois, inopinadamente, e perfeitamente miríficas, novas ordens dos deuses impeliram-me a submeter-me a uma terceira iniciação. No cúmulo da perplexidade, e extraordinariamente inquieto, perdi-me em reflexões. Que visaria essa insólita insistência da vontade celeste? Que faltava ainda para que fôsse completa uma iniciação já repetida? "Talvez um ou outro dos sacerdotes tenha cometido algum engano ou omissão, no exercício de seu ministério a meu respeito." Por Hércules, eu concebia dúvidas até sôbre a sua boa fé. O turbilhão dos meus pensamentos, a agitação do meu espírito, confinavam com a demência, quando uma aparição noturna me trouxe com bondade esta revelação:

"Na série das tuas consagrações sucessivas, nada houve de omisso. Não te espantes, nem penses nessas coisas. O deuses, ao contrário, não deixaram de conceder-te o seu favor. Rejubila-te, pois, e alegra-te. O que outros obtêm apenas uma vez, tu terás três vêzes, e êsse número te dá direito a uma felicidade duradoura. Quanto à iniciação que te espera, compreenderás sua absoluta necessidade, se agora pelo menos quiseses refletir no seguinte: os ornamentos da deusa de que fôste revestido na província devem permanecer no templo, onde os depuseste. Não podes, então, em Roma, usá-los nos dias de festa, durante as cerimônias, nem, se

te fôr dada a ordem, mostrares-te no esplendor dêsse bem-aventurado aparato. Assim, para tua felicidade, prosperidade e salvação, aceita de coração alegre uma nova iniciação: os grandes deuses te convidam.”

XXX. Foi assim que a soberana conselheira me revelou em sonho o que a circunstância reclamava. Sem procrastinar, por preguiça, o que era mister fazer, fui contar ao sacerdote o que tinha visto. Depois me submeti, a partir dêsse instante, à interdição de alimento animal. Observei-os, ultrapassando-os mesmo, voluntariamente, os dez dias de abstinência estatuídos por uma lei imemorial. Providenciei por fim, generosamente, os aprontos materiais da cerimônia de iniciação, consultando para isso o ardor de minha piedade e não o estado de minha fortuna. Não lamentei, por Hércules, nem trabalhos nem despesas, porquanto a providência dos deuses me procurou de modo assaz liberal, pelos ganhos por meio dos estipêndios forenses. Daí a três dias, o deus que dos grandes deuses é o melhor, dos melhores o mais augusto, dos mais augustos o maior, dos maiores o mestre soberano, Osíris, me apareceu em sonho, não sob qualquer figura, de empréstimo, mas mostrando-se face a face, e se dignou fazer ouvir o seu verbo venerando. Incitou-me então, sob o seu patrocínio, a continuar resolutamente no forum minha gloriosa carreira de advogado. Que não temesse as maledicências invejosas, provocadas naquele meio por meu trabalho erudito e minha cultura. Por fim, não me quis mais ver misturado ao comum dos mortais, no exercício de seu culto. Fêz-me entrar para o colégio dos seus pastóforos, e me elevou até a classe de decurião quinquenal. Mandeí raspar a cabeça completamente, então, e, nesse vetustíssimo colégio, fundado desde os tempos de Sila, sem velar nem proteger a calva, mas ao contrário, expondo-a a todos os olhares, das minhas honrosas funções me desincumbi com alegria.

NOTAS DA TRADUTORA

- (1) Pórtico ornado de pinturas na antiga Atenas. Foi atribuído a Polígnoto, que existiu no V século a. C.
- (2) Esculápio. O da Ilha Tiberina, em Roma, segurava um cajado nodoso. Ovídio, nas *Metamorfozes*, mostra Esculápio tendo na mão um grosseiro cajado — *baculum agreste* — em tórno do qual se enrola uma serpente.
- (3) A *conclamatio* (apêlo) era um dos ritos funerários. Antes de conduzir o morto à sua tumba, os parentes o chamavam diversas vezes pelo nome. Chamava-se ao morto *conclamato*.
- (4) Importante cidade da Tessália, situada sôbre o Rio Peneu, na rota da Macedônia para o sul.
- (5) Parte dos infernos reservada aos criminosos.
- (6) Meia-noite.
- (7) Jovem caçador grego, amado por Selene, a Lua. Concedeu-lhe Zeus o dom de um sono eterno e de uma juventude perene. Apaixonada por êle, vinha a Lua, à noite, beijá-lo na gruta onde dormia.
- (8) Nome dado a Ganimedes, escanção de Júpter, aquêle que lhe dava de beber. "Catâmito" se tornou nome comum, no sentido de belo rapaz, querido, favorito, menino bonito.
- (9) Na *Odisséia*, canto V, conta-se que Ulisses abandonou, por ordem dos deuses, a enamorada ninfa Calipso.
- (10) Sêres meio mulheres, meio pássaros, como as Estriges e como as Harpias. Transformavam-se em animais para mutilar os cadáveres.
- (11) Divindades infernais, filhas do Inferno e da Noite, que castigavam no Tártaro os que haviam vivido mal.
- (12) Hecaléia foi uma velha mulher que recebeu maternalmente Teseu quando êle ia combater o touro de Maratona.
- (13) O prefeito da anona, em Roma, encarregava-se do aprovisionamento dos víveres, sobretudo de cereais.

(14) Ilha do arquipélago da Grécia, de onde os gregos retiravam mármore bellissimo para escultura.

(15) Acteão, caçador, foi espiar a Deusa Diana que se banhava. Ela o transformou em veado, e, nessa forma, o caçador foi devorado por seus próprios cães.

(16) O cinto ou fita que, na *Ilíada*, Hera empresta a Afrodite, contém todos os encantos. Nêle residem a ternura, o desejo, os atractivos, e as palavras sedutoras que enganam o coração dos mais prudentes.

(17) Vulcano, o mais feio dos deuses, côxo além do mais, conforme a tradição registrada por Homero e por Virgílio, desposou Vênus, a mais bela das deusas.

(18) O Lago Averno (*a* — alfa privativo; *vernos* — pássaros), lago sem pássaros, cheio de emanções mefíticas, sulfurosas, lugar onde nem as aves sobreviviam, foi considerado, na Roma antiga, como sendo a entrada do Inferno.

(19) A Caldéia foi o país de origem da ciência astrológica. Então, o nome de caldeu se applicava não só aos nascidos na Caldéia, mas aos astrólogos em geral, aos adivinhos, e àqueles que sabiam dizer a sorte.

(20) Os feciais eram geralmente quatro, chefiados pelo *pater patratus*. Quando os romanos se julgavam lesados por um outro povo, os feciais serviam como árbitros, para julgarem se era caso de guerra. Em caso afirmativo, iam pedir satisfações ao outro povo, tomando os deuses como testemunhas de seu direito, com uma fórmula solene. Depois de um armistício de trinta e três dias, se não lhes fôsse dada satisfação, e o povo e senado romanos concordassem em fazer guerra, o *pater patratus* declarava-a, lançando no território inimigo um dardo acerado, guarnecido de madeira ensangüentada ou de ferro. Esse rito visava sobretudo a voltar contra o inimigo os males da guerra e a tornar impotentes os seres infernais, pela virtude profilática e apotropaica do ferro e do sangue.

(21) Os escanções, belos meninos vestidos luxuosamente e carregados de acolher os convivas de um festim, ou de servir à mesa, eram, na época republicana, um dos ornamentos das grandes mansões.

(22) A Tessália fêz parte da Acaia, depois de Augusto, e da Macedônia, à qual foi anexada pelos Antoninos.

(23) Apuleio se dirige aos gregos chamando-os *quirites*, isto é, cidadãos votantes, nome especificamente romano.

(24) Apolo.

(25) Monstro de três cabeças, aniquilado por Hércules.

(26) Faleras eram ornamentos de forma variável, consistindo ordinariamente de rodinhas ou placas de metal, applicadas nos aperos

dos cavalos. Os soldados usavam faleras nas roupas ou sôbre a cou-raça, como insígnias ou enfeites.

(27) Lugar no antigo teatro grego onde se colocava o côro.

(28) O ramo de oliveira era a insígnia dos suplicantes e dos embaixadores. Quase o mesmo que hoje a bandeira branca.

(29) Orco é o outro nome de Plutão, rei dos infernos.

(30) Almas dos mortos.

(31) As tranças e os nós têm o poder de ligar. Usam-se prin-cipalmente na magia amorosa.

(32) Ajax julgava ter direito às armas de Aquiles; no entanto, o conselho dos chefes aqueus decidiu que as armas daquele seriam entregues a Ulisses. Num acesso de loucura, por isso, o filho de Telamon degolou um rebanho de carneiros, acreditando pelear com os seus inimigos.

(33) Cão de três cabeças, que guarda a porta do Inferno.

(34) Naturalmente, o burro tentaria gritar em grego *ô kaisar*.

(35) Lápitas: povo lendário da antiga Grécia. Nas núpcias do lápita Pirítoos com Hipodâmia, o centauro Eurícion tentou raptar a recém-casada, e os outros centauros tentaram raptar as mulheres lápitas. O tipo do centauro metade cavalo, metade homem, é bem conhecido. A antítese de Apuleio, aludindo aos lápitas — *semiferi* —, meio animais, não pode ser tomada ao pé da letra.

(36) Críseros: aquêle que ama o ouro.

(37) Sacerdotes de Marte.

(38) O índice sôbre o polegar erguido: gesto de adoração. A êsse gesto alude Plínio na sua *História Natural*.

(39) Os santuários mais célebres de Vênus na antiguidade eram em Pafos, cidade de Chipre, em Cnido, sôbre a costa da Ásia Me-nor, e na ilha de Citera, ao sul do Peloponeso.

(40) Páris, filho de Príamo, Rei de Tróia, e de Hécuba, foi criado entre pastôres do Monte Ida, pois que um adivinho predissera, antes do seu nascimento, que a criança esperada causaria um dia o incêndio de Tróia. Nas núpcias de Tétis e de Peleu, tendo a Dis-córdia atirado sôbre a mesa um pomo de ouro, com a inscrição: "À mais bela", disputaram-no Juno, Minerva e Vênus, e pediram juizes para a contenda. Júpiter, não querendo se comprometer, mandou-as ao Monte Ida, em companhia de Mercúrio, para que fôsem jul-gadas pelo jovem pastor. Vênus foi a escolhida.

(41) Cupido.

(42) As filhas de Nereu, o velho do mar, são as chamadas nereí-das. Sua mãe era a oceânide Dóris; Portuno era o deus dos por-tos; Salácia e Tritões, antigas divindades marinhas.

(43) Deus de Mileto: Apolo Didimeu. No segundo século, era um dos mais florescentes santuários de Apolo o de Dídimo, nos arredores de Mileto.

(44) Sêres fantásticos, que habitavam as margens do mar, entre a Ilha de Capri e a costa da Itália. Com sua voz sedutora, encantavam os navegantes que por ali passavam. Os antigos as representavam com cabeça de mulher e corpo de pássaro, empunhando liras, e flautas campestras. Jamais, na Antiguidade, foram apresentadas como mulheres-peixes.

(45) Sagitário: Cupido, o arqueiro, o que maneja o arco e as flechas.

(46) Divindade agreste, era principalmente venerado na Arcádia, região de mantanhas, onde proferia oráculos. Ofereciam-lhe em sacrifício mel e leite de cabra. Representavam-no muito feio, com chifres, corpo de bode da cintura para baixo, e barbas compridas.

(47) "Toma quanto te pertence (e deixa-me)", *tibi res tuas habeto*, é a fórmula do divórcio romano.

(48) Matrimônio por confarreácio era o antigo casamento religioso, contraído diante do sumo pontífice, flamínio de Júpiter, e dez testemunhas.

(49) As ninfas presidiam à vida da Natureza sob seus múltiplos aspectos. Eram chamadas de náíades as que viviam nas fontes e nos rios; de oréades, as das montanhas, rochas e escarpas; de napéias, as dos vales e campinas; de driades, as das florestas e bosques. As hamadriades eram ninfas de cujo destino dependia o de certas árvores com as quais nasciam e morriam, sendo principalmente com os carvalhos essa união. As graças eram três: Aglaia (brilhante), Talia (verdejante) e Eufrosina (alegria da alma). Dispensavam aos homens não somente a boa vontade, a alegria, a igualdade de humor, a delicadeza de maneiras, mas ainda a liberalidade, a eloquência e a prudência. Delas dependiam os benefícios e a gratidão. Representavam-nas jovens e virgens, esbeltas, dando-se as mãos, numa atitude de dança, ora nuas, ora vestidas com gazes transparentes.

Eram três também as Horas: Eunômia, Dice e Irene, isto é, a Boa Ordem, a Justiça e a Paz. Correspondiam às três estações: primavera, verão e inverno. Mais tarde, criaram-se mais duas, às quais foi confiada a guarda dos frutos e das flôres: Carpo e Talo. Por fim, quando os gregos dividiram o dia em doze partes iguais, os poetas multiplicaram o número das Horas até doze, chamando-as de doze irmãs.

(50) Vênus alude a Marte, é evidente, como padraço de Cupido. Não se sabe de quem Cupido é filho, não o sendo de Vulcano, marido de Vênus, nem de Marte, o seu amante mais famoso.

(51) Cêstos cilíndricos que continham os objetos sagrados apresentados aos iniciados, como um ato essencial nos mistérios de Elêusis.

(52) Júpiter.

(53) Juno preside aos nascimentos sob o nome de Zígia, entre os gregos, e Lucina entre os romanos.

(54) Mercúrio nasceu no Monte Cileno, na Arcádia.

(55) Consuetude, ou o Hábito.

(56) Ganimedes, filho de Ilos, o mais belo dos mortais, e justamente por sua beleza, foi raptado pela águia de Júpiter para servir de escanção ao pai dos deuses, e viver entre os imortais.

(57) *Dis (Dives)*, acusativo *Ditem*, é a tradução latina do nome de Plutão, rei dos infernos.

(58) A Lei Júlia, contra o adultério, foi proposta por Augusto em 17 a. C.

(59) Paródia aos discursos no senado, que usualmente começavam com o vocativo: "Pais conscritos!"

(60) Outro nome de Baco.

(61) Sátiros e Panisco são gênios agrestes, originários provavelmente da Arcádia, do mesmo modo que Pã; como Pã, têm pés de bode e cornos.

(62) Dirce casou-se com um príncipe, perseguindo-lhe sem piedade a primeira mulher, Antíope. Conseguindo fugir, Antíope reuniu-se a dois filhos que tivera de Júpiter, Anfião e Zeto, inflamando-os de cólera e desejo de vingança. Os dois irmãos mataram o soberano Lico, e amarraram Dirce à cauda de um touro bravo, que a arrebatou contra os rochedos.

(63) Frixo, da mitologia tessaliana, desdenhando o amor criminoso de sua madrasta Ino, foi por ela perseguido. Influuiu a madrasta na decisão do marido de sacrificar o Príncipe Frixo e a Princesa Hele a Júpiter. No momento do sacrifício, Néfele, a mãe de ambos, metamorfoseada em nevoeiro, raptou-os, e deu aos dois irmãos um carneiro de toção de ouro, que os transportou até a Ásia.

(64) O poeta lírico Ario, no século VII a. C., passou parte de sua vida junto de Periandro, tirano de Corinto. Conta-se que, certa vez, depois de uma excursão pela Itália, os marinheiros do seu navio quiseram matá-lo, depois de o despojarem de seu dinheiro. Êle pediu para cantar uma derradeira vez, acompanhando-se com a cítara. Depois, lançou-se ao mar. Um delfim, encantado com sua música, recolheu-o e o transportou ao Cabo Tenaro.

(65) Europa, filha de Fênix, Rei de Tiro, foi raptada por Júpiter, que se metamorfoseou em touro, e a transportou para Creta.

(66) Lúcio seria parricida devido aos liames da hospitalidade, que criavam relações de pai para filho entre hospedeiro e hóspede.

(67) Os ladrões tinham uma organização militarizada, e cantavam hinos em louvor do Deus Marte, seu protetor e patrono.

- (68) Os procuradores imperiais estavam hieràrquicamente repartidos em quatro classes, de acòrdo com o seu tratamento, que podia ser de sessenta, cem, duzentos e trezentos mil sestércios: *sexagenarii*, *centenarii*, *ducenarii* e *tricenarii*.
- (69) Ilha do Jônio, hoje Zante, a oeste da costa do Peloponeso.
- (70) Sicofanta, na origem, designa um delator e caluniador hipócrita.
- (71) Vasta região da antiga Ásia, hoje Turquestão, a leste da Pérsia, de onde saem os camelos mais belos e mais resistentes.
- (72) Diomedes, rei dos bístones, na Trácia, dava como alimento aos cavalos os corpos dos náufragos. Foi vencido por Hércules e devorado por seus próprios cavalos.
- (73) Na lenda argiva consta a história de Belerofonte, a quem Minerva, deusa da sabedoria, deu o cavalo alado Pégaso, para combater a Quimera. Vencido o monstro, quis Belerofonte subir até os céus, impellido por um insensato orgulho, mas, picado por um moscardo enviado por Júpiter, Pégaso corcoveou e derrubou o cavaleiro, que morreu na queda.
- (74) Pertencia ao ritual do luto cobrir os cabelos com cinza.
- (75) Meleagro tinha matado os tios numa briga. Altéia, sua mãe, para vingar os irmãos, lançou ao fogo um tição, à conservação do qual estava ligada a vida daquele filho. Meleagro morreu logo.
- (76) Trasilos, do grego Trasis, significa temerário, presunçoso.
- (77) "Quietude do sono inquieto" é o jôgo de palavras que traduz ao pé da letra a expressão *inquieta quiete* do original. Apuleio se compraz nesses torneios verbais, de que há mais de um exemplo neste livro.
- (78) A antiga lei romana impunha à mulher um prazo de dez meses, o tempo necessário para o terno de uma gravidez, para evitar a *turbatio sanguinis*, antes de contrair nôvo casamento. Tal prazo se estendeu depois a doze meses.
- (79) Vingadoras do crime: Eumênides, ou Fúrias, consideradas por vêzes justiceiras.
- (80) Os escravos — não os burros — da Capadócia eram famosos por seu vigor.
- (81) Tuliano era uma prisão subterrânea existente em Roma. Formava a parte mais baixa da cadeia pública. Foram ali estrangulados os cúmplices de Catilina. Chamar à prisão de Tuliano é uma simples maneira apuleiana de indicar o cárcere local.
- (82) *Loca lautia praebuilt*, no original. *Loca lautia* é o tratamento devido a hóspedes de distinção, como embaixadores estrangeiros e senadores.
- (83) Homero.

(84) Dava-se o título de decurião, nas cidades, aos membros do conselho.

(85) O banho, no fim da tarde, tinha um valor quase de ritual.

(86) Os lavadores de toga, chamados *nacca*, que clareavam as vestes de lã, formavam uma corporação muito importante em Roma e nas cidades onde se usava a toga.

(87) O estádio ático tem 177,06 m. de comprimento; o estádio romano, 185 m.

(88) O suplício reservado pela lei romana ao parricídio, ou seja, ao assassinio de qualquer pessoa ligada ao matador por laços de sangue ou laços piedosos, era o açoite com varas. Em seguida, costumavam o criminoso num saco de couro, e o lançavam ao mar, ou a um rio.

(89) Traduziram-se literalmente os nomes dos doces, que talvez sejam devidos aos seus formatos.

(90) Etéocles e Polinice, filhos de Édipo, rei, empenharam-se em luta fratricida, tornando-se tipos eternos das inimizades entre irmãos.

(91) As Harpias eram demônios espantosos, virgens aladas com cabeça e braços humanos, cauda e patas de pássaros. O divino Fineu, que fôra punido com a cegueira pelos deuses, por ter desvendado o futuro dos homens, era vítima das Harpias, que lhe furtavam os alimentos, e os que não podiam furtar, emporcalhavam.

(92) Pasífaa, espôsa do Rei Minos, de Creta, tomou-se de amôres por um touro. Dêsses amôres monstruosos nasceu um ser meio homem, meio animal, o Minotauro.

(93) O mureide é um molusco muito abundante nas costas do Mediterrâneo, e particularmente nas alturas da Fenícia. Com êle se faz uma tinta que tinge fortemente, em côres variadas, entre o vermelho vivo e o violeta, numa gradação riquíssima. Chama-se púrpura. Havia em Tiro e Sido, cidades fenícias, grandes oficinas para o preparo dessa tinta, e principalmente a púrpura de Tiro, usada pelos reis, ficou famosa.

(94) Mercúrio, deus dos comerciantes, dos viajantes e dos ladrões, era o mensageiro dos deuses. Um de seus atributos era o caduceu, isto é, uma vara com duas serpentes entrelaçadas.

(95) O capacete em forma de casca de ôvo é alusão ao ôvo de Leda, do qual nasceram os dióscuros, filhos de Zeus, transformados em cisnes. Os gêmeos Castor e Pólux são deuses da luz, de onde a estrêla.

(96) O Espanto e o Terror são personificações homéricas.

(97) Referência a Sócrates, condenado em Atenas a beber cicuta, sob a acusação de corromper a mocidade.

(98) O grande Serapis, deus egípcio de tipo helenizante, teve seu culto instituído pouco tempo depois da fundação de Alexandria. É identificado com Osíris.